

Donna Leon

VESTIDO
PARA
MORRER



COMPANHIA DAS LETRAS

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

DONNA LEON

VESTIDO PARA MORRER

Tradução:
LUIZ A. DE ARAÚJO



*À memória de Arleen Auger
Um sol que se apagou*

*Ah forse adesso
Sul morir mio delusa
Priva d'ogni speranza e di consiglio
Lagrime di dolor versa dal ciglio.*

Ah, talvez já
Com o meu morrer desiludida
Privada de toda esperança e companhia
Lágrimas de dor lhe caíam dos olhos.

Mozart, *Lucio Silla*

1

Era vermelho o sapato, vermelho como as cabines telefônicas de Londres, vermelho como os hidrantes de Nova York, posto que não tenham sido essas as imagens que ocorreram ao homem que o avistou. Veio-lhe o encarnado da Ferrari Testarossa da folhinha no vestiário dos abatedores, aquela com a loira nua deitada no capô, como se estivesse transando, fogosa, com o farol esquerdo. Ele viu o sapato caído, largado, o bico quase a roçar a borda de uma das poças de óleo que se espalhavam como uma sórdida maldição no terreno atrás do matadouro. Viu-o e, naturalmente, também pensou em sangue.

Anos atrás, haviam autorizado a instalação do matadouro naquele lugar, muito antes que em Marghera florescesse (se bem que a palavra talvez não seja a mais adequada) um dos principais centros industriais da Itália e que brotassem refinarias de petróleo e petroquímicas nas terras pantanosas que se estendiam do outro lado da *laguna* de Veneza, a pérola do Adriático. Baixo e lúgubre, o prédio de concreto era circundado por um alto alambrado. Por acaso a cerca tinha sido construída nos velhos tempos, quando os carneiros e os bois ainda vinham pelas estradas poeirentas? Seu objetivo original seria impedir os animais de fugir antes que fossem tangidos, empurrados, espancados na subida da rampa da sua fatalidade? Agora eles chegavam em caminhões que encostavam a carroceria diretamente nas rampas muradas, sem lhes deixar a menor possibilidade de escapar. E, por certo, não havia quem quisesse se aproximar daquele prédio, de modo que a cerca

difícilmente teria a função de barrar intrusos. Talvez por isso ninguém se desse ao trabalho de consertar os grandes rombos no arame, pelos quais os vira-latas, atraídos pelo cheiro do matadouro, às vezes entravam durante a noite e se punham a uivar de cobiça.

Os terrenos ao redor do matadouro eram baldios. Como que obedecendo a um tabu tão arraigado quanto o próprio sangue, as fábricas ficavam longe do prédio baixo de concreto. Mantinham a distância, mas o lodo e os seus resíduos e fluidos mortais lançados no solo não davam a mínima para os tabus, e ano após ano iam se infiltrando e chegando cada vez mais perto do matadouro. Um lodo preto borbulhava em meio à vegetação do brejo, e um brilho iridescente e oleoso boiava na superfície das poças que nunca desapareciam, por mais rigorosa que fosse a estiagem. Lá fora, a natureza estava envenenada, mas era o trabalho executado do lado de dentro que horrorizava as pessoas.

O sapato, o sapato vermelho, estava jogado a cerca de cem metros do fundo do matadouro, do outro lado do alambrado, à esquerda de um denso aglomerado de plantas marinhas que pareciam grassar nos venenos que lhes penetravam as raízes. Às onze e meia de uma tórrida manhã de segunda-feira, mês de agosto, um homem corpulento, com um avental de couro empapado de sangue, abriu a porta metálica do fundo do matadouro e saiu ao sol escaldante. Atrás dele, ondas de calor, fedor e berros. O sol tornava difícil sentir que estava mais fresco lá fora, mas pelo menos o cheiro das entranhas tornava-se quase suportável, e o ruído não era o dos urros e balidos que inundavam o ar, e sim o rumor do trânsito, a um quilômetro de distância: o assédio dos turistas que invadem Veneza no feriado de Ferragosto.

Depois de procurar um lugar seco na barra do avental, ele enxugou a mão ensangüentada, e então tirou um maço de Nazionale do bolso da camisa. Com um isqueiro de plástico, acendeu um cigarro e deu uma tragada voluptuosa, satisfeito com o cheiro e o gosto forte do fumo ordinário. Um grito de dor veio da porta, obrigando-o a se afastar do prédio e empurrando-o em direção a uma cerca, e também à sombra das folhas mirradas da acácia de quatro sofridos metros de altura que ali estava.

Detendo-se na cerca, virou as costas para o prédio e contemplou a selva de chaminés industriais que se estendia até Mestre. Algumas lançavam chamas, outras, nuvens verde-acinzentadas. Uma leve brisa, fraca demais para que fosse possível senti-la na pele, empurrou a fumaça até ele. O homem deu uma tragada e baixou a vista, sempre tomando o cuidado de olhar onde pisava naquele terreno ermo. Foi quando avistou o sapato jogado do outro lado da cerca.

O sapato era de pano, não de couro. De seda? De cetim? Bettino Cola não entendia dessas coisas, mas sabia que sua mulher possuía um par feito de um material parecido, que custara mais de cem mil liras. Ele tinha de matar cinquenta cordeiros ou vinte novilhos para ganhar esse dinheiro; no entanto ela era capaz de torr -lo num par de sapatos, que usava uma única vez e depois enfurnava no armário para nunca mais se lembrar da sua existência.

Como nada mais merecia a sua aten o naquela paisagem agreste, Cola, fumando, examinou o sapato. Deslocou-se para a esquerda a fim de vê-lo de outro  ngulo. Embora estivesse perto de uma grande poça de óleo, o sapato parecia caído num trecho de terra seca. Ele deu mais um passo   esquerda, ficando totalmente exposto ao furor do sol, e estudou a área ao redor do sapato,   procura do outro p . Mais adiante, debaixo de um tufo de mato, viu uma forma oblonga que parecia ser a sola de um calçado, igualmente tombado de lado.

Cola jogou o cigarro no chão, esmagou-o na terra fofa, caminhou alguns metros ao longo da cerca e, curvando-se, passou por uma brecha larga, tomando cuidado para não se machucar nas pontas de arame enferrujado que o rodeavam. Endireitando o corpo, retornou na dire o do sapato, que agora formava par com o outro e, por isso, talvez ainda pudesse ser aproveitado.

“Roba di puttana”, murmurou ao ver o salto do primeiro sapato, mais alto do que o maço de cigarros em seu bolso: só uma puta cal aria uma coisa dessas. Inclinando-se, pegou-o, tomando o cuidado de segurá-lo por fora. Estava limpo, como ele esperava, não tinha caído na poça oleosa. Cola avançou alguns passos   direita, curvou-se e, com a ponta dos dedos, tentou pegar o salto

do outro sapato, mas teve a impressão de que ele estava preso na moita. Agachando-se mais, apoiou o joelho no chão e puxou com força. O sapato se soltou, mas, ao notar que ele tinha se desprendido de um pé humano, Bettino Cola recuou bruscamente, já largando o primeiro pé do calçado, que mergulhou na poça negra da qual conseguira passar a noite inteira a salvo.

A polícia chegou vinte minutos depois, duas radiopatrulhas azuis e brancas da Squadra Mobile de Mestre. A essa altura, o terreno atrás do matadouro já estava cheio de homens que tinham saído do prédio, curiosos por aquele outro tipo de matança. Cola correu de forma destrambelhada para dentro do prédio ao encontrar o pé e a perna correspondente e, invadindo o escritório do gerente, contou-lhe que havia uma mulher morta no mato do outro lado da cerca.

Ele era um bom trabalhador, um homem sério; por isso o gerente não duvidou de suas palavras e chamou a polícia imediatamente, sem sair para verificar se a história era verdadeira. Mas outros funcionários o viram entrar e foram perguntar o que era, o que tinha acontecido. O gerente se pôs a resmungar, mandando-os de volta ao trabalho; os caminhões-frigoríficos aguardavam nas plataformas de carga, e eles não podiam passar o resto do dia lá fora, especulando sobre a puta que tinha levado uma navalhada na garganta.

Não disse isso literalmente, é claro, pois Cola só havia mencionado o sapato e o pé, mas os terrenos baldios entre as fábricas eram território bem conhecido dos homens que nelas trabalhavam — e das mulheres que ganhavam o pão de cada dia por lá. A que apareceu assassinada só podia ser uma das vagabundas supermaquiadas que, à tardinha, rodavam a bolsa no acostamento da rodovia que ligava a zona industrial a Mestre. Fim de expediente, hora de ir para casa, mas por que não dar uma paradinha na beira da estrada e fazer uma breve caminhada até o

lençol estendido atrás da moita? Era coisa rápida, afora as dez mil liras elas não esperavam nada do freguês, e agora, cada vez mais, eram loiras da Europa Oriental, tão pobres que não podiam obrigar ninguém a pôr camisinha, ao contrário das italianas da Via Cappuccina; e desde quando puta mandava um homem pôr camisinha? Com certeza era o que ela fizera, talvez tivesse ficado agressiva, e o cara pagou na mesma moeda. Já havia tantas por lá, e tantas outras continuavam entrando no país todo mês.

As radiopatrulhas estacionaram e de cada uma delas saiu um policial fardado. Dirigiram-se à entrada do prédio, mas o gerente foi ao seu encontro antes que chegassem à porta. Cola se postou atrás dele, sentindo-se importante por ser o centro das atenções, mas ainda um pouco nauseado com a lembrança daquele pé.

“Foi você que telefonou?”, perguntou o primeiro policial. Tinha o rosto redondo, brilhante de suor, e encarou o gerente por trás dos óculos escuros.

“Fui. É que apareceu uma mulher morta no terreno lá atrás.”

“Você a encontrou?”

“Não”, disse o gerente, dando um passo para o lado e fazendo sinal para que Cola se adiantasse. “Foi ele.”

Depois de um gesto do primeiro, o policial da segunda radiopatrulha tirou um bloco de anotações do bolso do paletó, abriu-o, destampou a caneta e a pousou no papel.

“Nome?”, perguntou o primeiro, os óculos escuros agora voltados para o funcionário.

“Bettino Cola.”

“Endereço?”

“Pra que vocês querem o endereço dele?”, interferiu o gerente. “Tem uma mulher morta lá no mato.”

O guarda desviou a vista de Cola e inclinou ligeiramente a cabeça, apenas o suficiente para observar o gerente por cima dos óculos. “Ela não vai fugir.” Tornou a se dirigir a Cola. “Endereço?”

“Castello, 3453.”

“Há quanto tempo você trabalha aqui?”, indagou, apontando com o beijo para o prédio.

“Há quinze anos.”

“A que horas chegou hoje?”

“Às sete e meia. Como sempre.”

“O que estava fazendo lá no terreno?” Pelo seu modo de perguntar e pelo jeito como o outro anotava as respostas, Cola teve a impressão de que suspeitavam dele.

“Saí para fumar um cigarro.”

“Em pleno agosto, e você vai fumar neste sol?”, disparou o primeiro policial num tom que fez com que aquilo parecesse um despropósito. Ou uma mentira.

“Era o meu intervalo”, explicou Cola com ressentimento na voz. “Eu sempre saio. Para ficar longe desse cheiro.” A palavra tornou-o subitamente real para os policiais, que então olharam para o prédio, e o que tomava nota não conseguiu dissimular a contração das narinas ao senti-lo.

“Onde ela está?”

“Lá, do outro lado da cerca. Estava escondida no mato, por isso eu demorei a vê-la.”

“O que você foi fazer lá?”

“É que eu vi um sapato.”

“Viu o quê?”

“Um sapato. Estava jogado lá no terreno, e depois eu vi o outro. Achei que ainda podiam estar bons, e então atravessei a cerca para pegá-los. Podiam servir na minha mulher.” Era mentira, ele pretendia vendê-los, mas não queria contar isso à polícia. Uma mentirinha à toa, não inteiramente inocente, mas apenas a primeira das muitas que a polícia ainda ia ouvir com relação ao sapato e à pessoa que o calçava.

“E aí?”, insistiu o primeiro policial, já que Cola permanecia calado.

“Aí eu vim pra cá.”

“Não, antes disso”, corrigiu o guarda, sacudindo a cabeça com irritação. “Quando você viu o sapato. Quando você viu a mulher. O que aconteceu?”

Cola falou depressa, na esperança de terminar logo e se livrar daquilo. “Eu peguei um sapato e depois vi o outro. Perto de uma moita. Aí puxei. Pensei que estivesse preso. Tornei a puxar, e então

ele saiu.” Engoliu em seco uma, duas vezes. “Estava preso, sim, mas no pé dela. Por isso não queria sair.”

“Você ficou muito tempo lá?”

“Não, não. De jeito nenhum, eu vim correndo avisar Banditelli, e ele chamou vocês.”

O gerente confirmou com um gesto.

“Você andou por lá?”, quis saber o guarda.

“Se eu andei por lá?”

“É. Ficou lá? Fumou? Derrubou alguma coisa no chão?”

Cola balançou a cabeça com veemência.

O outro policial folheou o bloco de anotações, e o primeiro disse: “Eu lhe fiz uma pergunta”.

“Não, nada. Quando eu vi a mulher, larguei o sapato lá mesmo e vim correndo pra cá.”

“Você a tocou?”

Cola esbugalhou os olhos com assombro. “A mulher está morta. É claro que eu não mexi nela.”

“Mas mexeu no pé dela”, proferiu o segundo guarda, examinando as anotações.

“Eu não mexi no pé de ninguém”, defendeu-se Cola, embora já não soubesse ao certo se o tinha feito ou não. “Peguei foi no sapato, e ele escapou do pé.” Não conseguia parar de exclamar: “Imagine se eu ia pôr a mão nela!”.

Nenhum dos policiais deu atenção a esse protesto. O primeiro se voltou e fez um sinal para o segundo, que fechou o bloco de anotações. “Tudo bem, mostre onde é.”

Plantado no lugar, Cola balançou a cabeça. O sol havia secado o sangue que lhe salpicava o avental, e as moscas zumbiam ao seu redor. Ele não olhou para o guarda. “É lá no fundo, um pouco adiante do buraco no alambrado.”

“Eu quero que você me mostre o lugar.”

“Eu já disse onde é”, retrucou Cola, erguendo a voz.

Os dois policiais se entreolharam como se a relutância do rapaz fosse significativa, digna de nota. Mas, sem nada dizer, deram meia-volta e, afastando-se dele e do gerente, contornaram o prédio.

Era meio-dia, o sol incidia verticalmente nos quepes. Sob eles, os dois policiais estavam com o cabelo ensopado, o suor a escorrer-lhes pelo pescoço. Atrás da construção, avistaram um rombo grande na cerca e foram para lá. Às suas costas, em meio aos berros agonizantes que vinham de dentro do matadouro, ouviram vozes humanas e se viraram. Cinco ou seis homens se acotovelavam à porta do fundo, os aventais tão vermelhos de coágulos quanto o de Cola. Acostumados a essa curiosidade, os policiais tornaram a se voltar para o alambrado e se aproximaram da abertura. Curvando-se, passaram devagar, viraram à esquerda e se dirigiram a um agrupamento de plantas espinhosas bem atrás da cerca.

Detiveram-se a alguns metros do lugar. Sabendo o que procuravam, não tardaram a localizar o pé, cuja sola se projetava sob os ramos mais baixos de um arbusto. Os dois sapatos estavam bem à frente dele.

Então os dois se aproximaram sem pressa, os olhos grudados no chão, tomando o cuidado de evitar as poças maléficas e procurando não pisar numa eventual pegada. Junto aos sapatos, o primeiro policial se ajoelhou e empurrou o mato que lhe chegava até a cintura.

O cadáver estava estendido de costas, a parte externa dos tornozelos comprimida na terra. O policial afastou o mato, deixando exposto um pedaço de panturrilha sem pêlos. Tirando os óculos escuros, examinou as sombras, acompanhando com o olhar o contorno das pernas compridas e musculosas, do joelho ossudo, até chegar à calcinha de renda vermelha que aparecia sob o vestido também vermelho, erguido até o rosto. Passou mais algum tempo olhando o corpo.

“*Cazzo*”, exclamou, soltando o mato, que voltou à posição anterior.

“O que houve?”, perguntou o outro.

“É um homem.”

Normalmente, a notícia de um travesti encontrado morto em Marghera, com lesões na cabeça e no rosto, teria causado furor até mesmo na indiferente equipe da *questura* de Veneza, sobretudo no longo feriado de Ferragosto, ocasião em que a criminalidade costumava diminuir muito ou adquirir a tediosa previsibilidade dos furtos e pequenos roubos. Mas, naquele dia, seria necessário algo bem mais chocante para esmorecer a notícia espetacular que se espalhava como fogo nos corredores da *questura*: no fim de semana, Maria Lucrezia Patta, esposa do *vice-questore* Giuseppe Patta, abandonara o marido, depois de vinte e sete anos de casamento, para ir morar em Milão, no apartamento de — e aqui cada narrador da história fazia uma pausa, preparando o ouvinte para a bomba — Tito Burrasca, o grande pioneiro e principal expoente da indústria cinematográfica pornô.

A história da traição tinha caído do céu naquela mesma manhã, levada por uma secretária do Ufficio Stranieri, cujo tio, que morava num pequeno apartamento um andar acima do de Patta, afirmava ter passado pela porta do *vice-questore* justo no momento em que eclodiram as hostilidades terminais do casal. Patta, revelou o tio, teria gritado várias vezes o nome de Burrasca, ameaçando mandar prendê-lo se ele se atrevesse a pôr os pés em Veneza; a *signora* Patta revidou ameaçando não só ir morar com Burrasca como também ser a estrela de seu próximo filme. O tio voltou a subir a escada e passou meia hora tentando abrir a porta do seu apartamento e os Patta continuaram trocando ameaças e

recriminações. A agressão só cessou com a chegada de um táxi aquático e com a partida da *signora* Patta, que desceu acompanhada de seis malas carregadas pelo taxista e dos insultos de Patta, que, graças à acústica afunilada da escadaria, também chegaram aos ouvidos do tio da secretária.

A notícia do rompimento do casal chegou às oito horas da manhã de segunda-feira; Patta apareceu na *questura* às onze. À uma e meia, um telefonema notificou o caso do travesti, mas a essa hora a maior parte do pessoal já tinha saído para o almoço, durante o qual alguns funcionários se entregaram a uma feroz especulação sobre a futura carreira cinematográfica da *signora* Patta. Um indicativo da popularidade do *vice-questore* foi a aposta feita à mesa, oferecendo cem mil liras ao primeiro que tivesse a coragem de lhe perguntar como ia sua esposa.

Chamado ao gabinete às duas e meia, Guido Brunetti soube do assassinato do travesti pelo próprio Patta.

“Eu acabo de receber um telefonema de Mestre”, disse o *vice-questore* logo depois de convidá-lo a se sentar.

“De Mestre, doutor?”

“É, de Mestre, aquela cidade no fim da Ponte della Libertà”, disparou Patta. “Você já deve ter ouvido falar nela.”

Brunetti pensou no que lhe haviam contado acerca do drama conjugal do seu superior e achou melhor não fazer caso da observação. “Telefonaram por quê?”

“Porque ocorreu um homicídio e eles não têm quem o investigue.”

“Mas a equipe deles é maior do que a nossa, doutor”, argumentou Brunetti, sem saber ao certo até que ponto o *vice-questore* estava informado da estrutura interna da polícia de cada cidade.

“Eu sei disso, Brunetti. Mas dois investigadores deles estão de férias. O outro quebrou a perna num acidente de carro no fim de semana, de modo que só resta um, ou melhor, uma, e ela” — Patta soltou uma rosnadela de contrariedade ante semelhante possibilidade — “sai de licença-maternidade no próximo sábado e só volta no fim de fevereiro.”

“E os dois que estão de férias? Não podem ser convocados?”

“Um está no Brasil, e parece que ninguém consegue localizar o outro.”

Brunetti ia dizer que todo policial era obrigado a informar onde podia ser encontrado, mesmo quando saía de férias, mas, olhando para a cara do chefe, mudou de idéia e perguntou: “O que eles contaram sobre o homicídio, doutor?”

“É um michê. Um travesti. Deram-lhe uma pancada na cabeça e jogaram o corpo num terreno baldio em Marghera.” Antes que Brunetti articulasse uma objeção, Patta acrescentou: “Não precisa perguntar. O terreno baldio fica em Marghera, mas o matadouro a que ele pertence fica em Mestre, ainda que só uns poucos metros, portanto a jurisdição é de Mestre”.

Sem querer perder tempo com picuinhas sobre direito de propriedade ou de limites urbanos, Brunetti perguntou: “E como eles sabem que é um michê, doutor?”

“Sei lá como eles sabem que é um michê, Brunetti”, disse Patta, esganiçando um pouco a voz. “Eu estou lhe contando o que me contaram. Um michê travesti, de vestido, calcinha rendada, com pancadas na cabeça e no rosto.”

“Quando o encontraram?”

Patta não tinha o costume de anotar nada, de modo que não se dera ao trabalho de registrar o telefonema que havia recebido. Os fatos não lhe interessavam — um travesti a mais, um a menos —, no entanto, estava incomodado porque sua equipe teria de trabalhar para o município de Mestre. Isso significava que o sucesso que ela porventura tivesse seria creditado à outra cidade. Mas, pensando uma vez mais nos acontecimentos recentes em sua vida pessoal, chegou à conclusão de que, num caso daqueles, mais valia deixar que Mestre ficasse com o crédito — e com a publicidade.

“O *questore* de lá me telefonou hoje, perguntando se nós podíamos assumir a coisa. O que vocês três estão fazendo?”

“Mariani tirou férias, e Rossi continua às voltas com a papelada do caso Bortolozzi”, explicou Brunetti.

“E você?”

“Eu entro em férias neste fim de semana, *vice-questore*.”

“Isso pode esperar”, decidiu Patta com uma certeza que pairava acima de bagatelas como reservas de hotel ou passagens de avião. “Além disso, é coisa simples. Basta encontrar o cafetão e fazer uma lista dos clientes. Só pode ser um deles.”

“Eles têm cafetão, doutor?”

“Os michês? É claro que têm cafetão.”

“Mesmo os michês masculinos, doutor? Os travestis? Claro, supondo que se trate mesmo de um michê.”

“Como você quer que eu saiba uma coisa dessas, Brunetti?”, perguntou o *vice-questore*, desconfiado e mais irritado que de costume, o que levou o subalterno a considerar, mais uma vez, a notícia daquela manhã e a tratar de mudar de assunto.

“Quando eles telefonaram?”

“Há algumas horas. Por quê?”

“Será que já removeram o corpo?”

“Com este calor?”

“Pois é, esse é o problema. Para onde o levaram?”

“Não tenho a menor idéia. A um hospital. Provavelmente ao Umberto Primo. Acho que é lá que fazem autópsia. Por quê?”

“Eu queria dar uma olhada”, respondeu Brunetti. “E também no lugar em que aconteceu.”

Patta não era homem de perder tempo com minúcias. “Como o caso é de Mestre, use os motoristas deles, não os nossos.”

“Mais alguma coisa, doutor?”

“Não. Tenho certeza de que é um caso simples. Até o fim da semana você resolve tudo e fica livre para viajar.” Era típico de Patta não perguntar aonde o subalterno pretendia ir ou que tipo de reservas talvez tivesse de cancelar. Meros detalhes.

Ao sair do gabinete do *vice-questore*, Brunetti reparou que, enquanto ele estava lá dentro, tinham aparecido móveis na pequena ante-sala. Uma escrivaninha de madeira bem grande de um lado, e uma mesinha posta sob a janela. Sem ligar para isso, desceu ao escritório em que trabalhavam os policiais fardados. O sargento Vianello ergueu os olhos da papelada que estava na mesa e sorriu. “Antes que o senhor pergunte, *commissario*, é ele mesmo: Tito Burrasca.”

Ouvindo a confirmação, Brunetti não ficou menos assombrado do que horas antes, quando recebeu a notícia. Burrasca era uma lenda na Itália, caso “lenda” fosse a palavra apropriada. Começara a fazer filmes na década de 1960, filmes de terror com sangue e tripas tão acintosamente artificiais que acabaram se transformando em paródias inconscientes do gênero. Burrasca, que nada tinha de bobo, por mais incompetente que fosse para dirigir filmes de terror, respondeu à reação popular às suas obras tornando-as ainda mais falsas: vampiros de relógio no pulso que os atores pareciam ter esquecido de tirar; telefones que davam a notícia da fuga de Drácula; atores da pior escola de arte dramática. Em pouquíssimo tempo, transformou-se num *cult*, e as multidões iam assistir aos seus filmes, ávidas por detectar o artifício, ver a chanchada.

Nos anos setenta, Burrasca reuniu todos esses mestres da expressão mambembe e passou a dirigi-los em filmes pornográficos, nos quais eles se revelaram bem mais talentosos. Sem problemas de figurino, não tardou a perceber que tampouco o enredo apresentava obstáculos à sua mente criativa: bastava reaproveitar os enredos dos seus velhos filmes de terror, transformando zumbis, vampiros e lobisomens em estupradores e maníacos sexuais; e lotou os cinemas, se bem que cinemas menores dessa vez, com uma platéia diferente, que não parecia nada interessada em detectar anacronismos.

A década de 1980 presenteou a Itália com pencas de novas estações de televisão privadas, e Burrasca brindou essas estações com seus filmes mais recentes, um pouco amenizados em deferência aos supostos melindres do público telespectador. E então descobriu o videocassete. Seu nome passou rapidamente a fazer parte daquele novo cotidiano italiano; era tema de piadas nos concursos de televisão, personagem em tiras de jornal. Mas uma avaliação mais demorada do seu sucesso levou-o a se mudar para Mônaco e a tornar-se cidadão daquele principado tão sensível em matéria tributária. Ele declarou às autoridades fiscais italianas que seu apartamento de doze cômodos em Milão era usado apenas para hospedar parceiros de negócios. E agora ia entrar em cena Maria Lucrezia Patta.

“Tito Burrasca em pessoa”, repetiu o sargento, fazendo um incalculável esforço para não rir. “Sorte sua passar alguns dias em Mestre.”

Brunetti não pôde deixar de perguntar: “Ninguém sabia de nada?”.

Vianello balançou a cabeça. “Não. Ninguém. Nenhuma palavra.”

“Nem o tio de Anita?”, insistiu ele, revelando que até mesmo os mais altos escalões conheciam a sua fonte de informação.

O sargento começou a responder, mas foi interrompido pelo toque do telefone. Tirou o fone do gancho, apertou uma tecla e disse: “Pois não, *vice-questore*?”.

Passou algum tempo ouvindo, então respondeu: “Claro, *vice-questore*”, e desligou.

Brunetti lhe endereçou um olhar interrogativo. “O pessoal da imigração. Eles querem saber quanto tempo Burrasca pode ficar no país agora que mudou de nacionalidade.”

Brunetti balançou a cabeça. “Você devia ter pena desse pobre-diabo.”

Vianello ergueu a cabeça. Não pôde ou não quis dissimular o assombro. “Pena? Dele?” Com um esforço evidente, conteve-se para não dizer mais nada e tornou a se ocupar da pasta de arquivo que estava na mesa.

Brunetti se despediu e voltou ao seu escritório. Telefonou para a *questura* de Mestre, identificou-se e pediu para entrar em contato com o encarregado do caso do travesti assassinado. Minutos depois, a ligação foi transferida para o sargento Gallo, que explicou que só estava cuidando do caso até que uma pessoa de patente superior o assumisse. Brunetti tornou a se identificar e informou que era ele a tal pessoa; a seguir, pediu-lhe que mandasse um carro ir buscá-lo na Piazzale Roma em meia hora.

Quando ele saiu da pequena entrada da *questura*, o sol o atingiu com violência. Momentaneamente ofuscado pela luz e pelo seu reflexo no canal, tirou um par de óculos escuros do bolso do paletó. Antes de dar cinco passos, sentiu o suor embeber-lhe a camisa, escorrendo-lhe pelas costas. Virou à direita, decidindo subitamente ir até San Zaccaria e pegar o número 82, muito embora isso

significasse expor-se ao sol durante boa parte da caminhada. Ainda que os *calli* que davam no Rialto estivessem protegidos do sol pelas casas altas, o percurso seria duas vezes mais longo, e ele não estava disposto a passar um minuto a mais ao ar livre.

Ao chegar à Riva degli Schiavoni, olhou para a esquerda e avistou os passageiros desembarcando do *vaporetto* atracado junto à plataforma. Teve de enfrentar uma daquelas decisões tipicamente venezianas: correr e tentar embarcar, ou deixar o barco partir e passar dez minutos esperando pelo seguinte, à mercê do calor do oscilante *embarcadero*. Preferiu correr. Ao pisar nas tábuas da plataforma de embarque, teve de tomar outra decisão: parar para carimbar a passagem na máquina amarela à entrada, arriscando perder a condução, ou embarcar de uma vez e pagar as quinhentas liras suplementares por não ter chancelado a passagem? Lembrou, então, que estava a serviço da polícia e, conseqüentemente, podia viajar às custas da municipalidade.

A corrida, embora breve, inundou-lhe o rosto e o peito de suor, por isso ele achou mais conveniente ficar no convés, aproveitando a levíssima brisa provocada pelo avanço solene da embarcação no Gran Canal. Olhando à sua volta, viu um bando de turistas seminus, homens e mulheres em traje de banho, *short* e camiseta regata, e por um momento invejou-os, mesmo sabendo da impossibilidade de se apresentar assim em qualquer lugar que não fosse uma praia.

À medida que seu corpo secava, a inveja foi se dissipando, e Brunetti não tardou a voltar ao seu estado normal de irritação por vê-los vestidos daquele jeito. Se tivessem o corpo perfeito e as roupas perfeitas, talvez os achasse menos intoleráveis. Mas aquilo, o material ordinário das roupas e o estado ainda mais deplorável de boa parte dos corpos, levava-o a pensar com certa nostalgia no compulsório recato das sociedades islâmicas. Ele não era o que Paola chamava de "dândi", mas achava melhor ter boa aparência do que má. Esquecendo as pessoas no barco, voltou a atenção para os *palazzi* que orlavam o canal e sentiu a irritação se dissipar no mesmo instante. Muitos deles também estavam em péssimo estado, mas era uma decadência devida a séculos de uso, não à

preguiça ou à roupa ordinária. A cidade envelhecera, mas Brunetti amava as dores desse rosto que se altera.

Embora não tivesse especificado onde o automóvel devia apanhá-lo, foi até o posto dos Carabinieri da Piazzale Roma e viu ali parado, com o motor ligado, um dos sedãs azuis e brancos da Squadra Mobile de Mestre. Bateu na janela do motorista. O rapaz baixou o vidro, e uma onda de ar frio soprou no peito de Brunetti.

“*Commissario?*”, perguntou o rapaz. E, vendo o gesto afirmativo de Brunetti, saiu do carro, dizendo: “O sargento Gallo me mandou”, e abriu a porta traseira para que ele entrasse. Brunetti entrou e encostou a cabeça no respaldo do banco por um momento. O suor em seu peito e em seus ombros começou a esfriar, mas ele não soube dizer se aquela evaporação lhe dava prazer ou dor.

“Aonde o senhor quer ir, *commissario?*”, perguntou o jovem policial ao engatar a primeira marcha.

“Sair de férias. No sábado”, respondeu ele, mas só mentalmente, para si mesmo. E para Patta. “Leve-me para o lugar onde vocês o encontraram”, ordenou.

Chegando à outra extremidade do elevador que ligava Veneza ao continente, o rapaz tomou a direção de Marghera. A *laguna* desapareceu e, pouco depois, eles estavam percorrendo uma estrada reta, muito movimentada e com semáforos em todos os cruzamentos. O progresso era lento. “Você esteve lá hoje de manhã?” O policial se virou, olhou de relance para Brunetti e então voltou a olhar para a estrada. A parte de trás de seu colarinho estava seca e limpa. Talvez ele tivesse passado o dia inteiro naquele carro com ar-condicionado.

“Não, senhor. Foram Buffo e Rubelli.”

“O relatório que eu recebi diz que era um michê. Já o identificaram?”

“Isso eu não sei, senhor. Mas faz sentido, não?”

“Como assim?”

“Ora, *commissario*, é lá que ficam as prostitutas, pelo menos as prostitutas baratas. Perto das fábricas. Sempre há umas dez no acostamento, caso alguém queira dar uma rapidinha antes de ir para casa.”

“Mesmo os homens?”

“Como, senhor? Quem mais ia querer uma prostituta?”

“Eu quis dizer mesmo os prostitutas homens? Você acha que eles ficam lá, onde os caras que os usam podem ser vistos na companhia deles quando saem do trabalho? Duvido que seja uma coisa que os operários queiram que os colegas fiquem sabendo.”

O motorista ficou pensativo.

“Onde eles costumam trabalhar?”, quis saber Brunetti.

“Quem?”, perguntou o rapaz com cautela. Não queria cair em outra pergunta espertinha.

“Os travestis.”

“Em geral, na Via Cappuccina, senhor. Às vezes na estação de trem, mas a gente tenta tirá-los de lá no verão, quando a estação fica cheia de turistas.”

“E esse era um *habitué*?”

“Não sei dizer, *commissario*.”

O carro dobrou à esquerda, desceu por uma estrada estreita, depois virou à direita e entrou em outra, bem larga, cercada de prédios baixos. Brunetti consultou o relógio. Eram quase cinco horas.

De ambos os lados, as construções iam ficando cada vez mais distantes umas das outras, os espaços que as separavam estavam cobertos de mato rasteiro e, ocasionalmente, surgia um ou outro arbusto. De vez em quando aparecia um automóvel abandonado, na posição mais inesperada, os vidros quebrados e os bancos arrancados e jogados no chão. Os prédios pareciam ter tido cercas, mas agora quase todos os alambrados pendiam flácidos dos mourões, que já não se lembravam de segurá-los no lugar.

Havia mulheres na beira da estrada, duas delas à sombra de um guarda-sol fincado na terra.

“Será que elas já sabem o que aconteceu hoje?”, perguntou Brunetti.

“Com certeza, *commissario*. Quando essas coisas acontecem, todo o mundo fica logo sabendo.”

“E continuam aí?”, disse Brunetti, incapaz de dissimular a surpresa.

“Precisam ganhar a vida, não é, *commissario*? Além disso, a pessoa que morreu era homem; dessa forma, elas não se sentem tão ameaçadas, pelo menos é isso que eu imagino.” O motorista diminuiu a velocidade e estacionou no acostamento. “É aqui, senhor.”

Brunetti abriu a porta e saiu. O calor e a umidade subiram e o envolveram. Diante dele, havia uma construção baixa e comprida; de um lado, quatro rampas de concreto subiam até umas portas duplas de metal. Uma radiopatrulha azul e branca estava estacionada junto a uma delas. Não se via nenhum nome no prédio, nenhuma placa que o identificasse. O cheiro que ele exalava tornava isso desnecessário.

“Acho que foi lá no fundo, senhor”, informou o motorista.

Brunetti avançou pelo lado direito da construção, rumo aos terrenos baldios que se estendiam atrás dela. Ao chegar ao fundo, viu uma acácia que só podia ter sobrevivido por milagre e, à sua sombra, um policial cochilando numa cadeira de madeira, o queixo cravado no peito.

“Scarpa”, gritou o motorista, sem dar tempo a Brunetti de dizer alguma coisa. “O *commissario* chegou.”

Despertando no mesmo instante, o policial ergueu a cabeça e se levantou com igual rapidez. Olhou para o recém-chegado e bateu continência. “Boa tarde, senhor.”

Brunetti reparou no paletó pendurado no respaldo da cadeira e na camisa do homem, grudada no corpo úmido de suor, que já não parecia tão branca, e sim ligeiramente rosada. “Há quanto tempo você está aqui, soldado Scarpa?”, perguntou, aproximando-se.

“Desde que o pessoal do laboratório foi embora, *commissario*.”

“Quando foi isso?”

“Mais ou menos às três.”

“Por que você ainda está aqui?”

“O sargento me mandou esperar até a equipe acabar de conversar com os operários.”

“Mas por que aqui fora, no sol?”

O policial não tentou fugir à pergunta nem amenizar a resposta. “Eu não agüento ficar lá dentro, senhor. É o cheiro. Vim para cá e

vomitei, então percebi que não dava para voltar. Tentei passar a primeira hora de pé, mas este é o único lugar com um pouco de sombra, por isso fui até lá e peguei uma cadeira.”

Instintivamente, Brunetti e o motorista também se abrigaram no pequeno trecho de sombra enquanto o policial falava. “Você sabe se a equipe já chegou para interrogá-los?”

“Sim, senhor. Eles chegaram há mais ou menos uma hora.”

“Então por que você continua aqui?”

O policial lançou a Brunetti um olhar inexpressivo. “Perguntei ao sargento se podia voltar para a cidade, mas ele disse para eu ajudar no interrogatório. Eu disse que não conseguia, a não ser que os operários viessem falar comigo aqui fora. Ele não gostou, mas eu não agüento ficar lá dentro.”

Uma brisa confirmou a verdade dessa afirmação.

“Mas o que você está fazendo aqui? Por que não fica no carro?”

“Ele me mandou esperar aqui fora, *commissario*.” A expressão do homem não se alterou enquanto ele falava. “Eu perguntei se podia ir para o carro — tem ar-condicionado —, mas ele me mandou ficar aqui mesmo, já que não ia ajudar no interrogatório.” Como que antecipando a pergunta seguinte de Brunetti, acrescentou: “O próximo ônibus só passa às oito e quinze para levar o pessoal à cidade depois do trabalho.”

Brunetti refletiu um pouco e então indagou: “Onde o encontraram?”

O policial se virou e apontou para o mato alto do outro lado da cerca. “Ali embaixo, senhor.”

“Quem o encontrou?”

“Um dos operários. Saiu para fumar e viu um dos sapatos do cara jogado no chão — parece que era vermelho —, então resolveu dar uma olhada.”

“Você estava aqui quando o pessoal do laboratório fez a perícia?”

“Sim, senhor. Eles foram para lá, tiraram fotografias e recolheram tudo que estava no chão num raio de quatrocentos metros ao redor da moita.”

“Pegadas?”

“Acho que sim, *commissario*, mas não tenho certeza. O homem que o encontrou deixou algumas, mas acho que eles acharam outras.” O policial se calou um momento, enxugou o suor da testa e acrescentou: “Os primeiros colegas que estiveram no local também deixaram pegadas.”

“Foi o sargento?”

“Sim, senhor.”

Brunetti olhou rapidamente para a moita, depois tornou a examinar a camisa suada do policial. “Volte para o carro, soldado Scarpa. Tem ar-condicionado.” Virou-se para o motorista. “Vá com ele. Podem ficar me esperando lá, os dois.”

“Obrigado, *commissario*”, sorriu com alívio o policial, que se virou para apanhar o paletó no encosto da cadeira.

“Não há de quê”, disse Brunetti, ao vê-lo enfiar o braço na manga.

“Obrigado, *commissario*”, repetiu o guarda, inclinando-se para pegar a cadeira. Os dois homens foram para o prédio. O policial deixou a cadeira no trecho cimentado, perto da porta do fundo, e voltou para junto do motorista. Os dois contornaram a construção e desapareceram, e Brunetti foi para a abertura no alambrado.

Curvando-se, passou para o outro lado e foi em direção da moita. Os vestígios deixados pela polícia técnica estavam em toda parte: buracos no chão onde haviam fincado estacas para medir as distâncias, montículos de terra formados por passos arrastados e, mais perto da moita, cuidadosamente colocada ao lado, uma pequena pilha de mato cortado; ao que tudo indicava, tinham podado a vegetação para remover o cadáver sem que as bordas cortantes das folhas o arranhassem.

Uma porta bateu ruidosamente atrás de Brunetti, e logo um homem gritou: “Ei, você, o que está fazendo? Saia já daí!”.

Brunetti se virou e, como esperava, viu um sujeito com a farda da polícia que, acabando de sair do prédio, vinha apressadamente em sua direção. Como ele o observava sem sair do lugar, o outro tirou o revólver do coldre e ordenou: “Levante as mãos e venha para perto da cerca”.

Brunetti deu meia-volta e foi para o alambrado; ia como se estivesse pisando uma superfície pedregosa, as mãos semi-erguidas para não perder o equilíbrio.

“Eu mandei levantar as mãos”, rosnou o policial quando Brunetti chegou à cerca.

O sujeito estava empunhando uma arma, e Brunetti achou melhor não dizer que já estava com as mãos erguidas, só que não acima da cabeça. Em vez disso, preferiu cumprimentar o outro: “Boa tarde, sargento. Eu sou o *commissario* Brunetti, de Veneza. Já terminou de colher o depoimento do pessoal lá dentro?”

Os olhinhos miúdos do homem não denotavam excesso de inteligência, apenas massa cinzenta suficiente para que percebesse a arapuca que se abria sob seus pés. Podia exigir provas, exigir que Brunetti lhe mostrasse as credenciais, ou simplesmente deixar passar impunemente o estranho que afirmava ser da polícia.

“Desculpe, *commissario*, com o sol batendo nos olhos, eu não o reconheci”, justificou-se, muito embora o sol estivesse incidindo em seu ombro esquerdo. Podia se safar dessa e, ao mesmo tempo, granjear o relutante respeito de Brunetti se não tivesse acrescentado: “É fogo sair do escuro lá de dentro e topar com um sol destes. Além disso, eu não esperava encontrar ninguém aqui fora.”

O crachá em seu peito dizia “Buffo”.

“Parece que Mestre terá falta de comissários de polícia nas próximas semanas, por isso fui designado para chefiar a investigação.” Brunetti se curvou e passou pelo rombo no alambrado. Quando tornou a endireitar o corpo do outro lado, Buffo já havia recolocado o revólver no coldre e fechado a alça de segurança.

Brunetti rumou para a porta do matadouro, Buffo o seguiu. “Conseguiu tirar alguma coisa do pessoal lá dentro?”

“Só o que a gente ficou sabendo quando veio atender a ocorrência de manhã, senhor. Um carniceiro, Bettino Cola, encontrou o corpo pouco depois das onze horas. Saiu para fumar e foi até lá dar uma olhada nuns sapatos que ele diz ter visto jogados no chão.”

“E não havia nenhum sapato?”

“Havia. Estavam lá quando a gente chegou.” Pelo seu modo de falar, quem o ouvisse seria levado a acreditar que Cola os plantara no local para afastar de si as suspeitas. Assim como qualquer civil ou criminoso, Brunetti tinha horror aos “tiras truculentos”.

“O cara que telefonou disse que era uma puta que estava lá no terreno, uma mulher. Eu vim para cá, olhei e vi que era homem.” Buffo escarrou.

“Segundo o relatório que eu recebi, era um michê”, disse Brunetti com voz pausada. “Já foi identificado?”

“Não, ainda não. O pessoal do necrotério está tirando fotografias, mas, como ele ficou muito deformado com as pancadas, vamos mandar um artista fazer o retrato de como ele era antes. É espalhar o retrato e, cedo ou tarde, alguém acaba reconhecendo a figura. Esses caras são muito manjados”, falou Buffo, com um misto de sorriso e careta, e prosseguiu: “Se ele for daqui, não vai ser difícil identificá-lo.”

“E se não for?”

“Bom, aí demora mais, imagino. E pode ser que a gente nem descubra quem ele é. Mas isso não faz a menor diferença.”

“Como não, sargento?”, perguntou Brunetti em voz baixa, mas Buffo ouviu apenas as palavras, não o tom.

“Quem precisa dessa gente? São todos uns aidéticos que não estão nem aí pra passar a doença para trabalhadores honestos.” Tornou a escarrar.

Brunetti parou, voltou-se e encarou o policial. “Pelo que me consta, sargento Buffo, esses trabalhadores honestos, com os quais você está tão preocupado, pegam aids porque pagam para enrubar esses ‘pervertidos’. É bom não se esquecer disso. E também é bom não esquecer que, seja ele quem for, esse homem foi assassinado, e nós temos o dever de prender o assassino. Mesmo que seja um trabalhador honesto.” E com essas palavras abriu a porta e entrou no matadouro, preferindo o fedor de dentro ao de fora.

Lá dentro, Brunetti descobriu pouca coisa; Cola repetiu a história, e o gerente a confirmou. Mal-humorado, Buffo contou que nenhum empregado da fábrica tinha visto algo estranho, nem naquela manhã nem no dia anterior. As meretrizes faziam parte da paisagem, tanto que já não havia quem desse atenção à sua atividade. Ninguém se lembrava de tê-las visto naquela área específica do matadouro — coisa que o cheiro ruim do lugar explicava perfeitamente. Caso uma prostituta andasse por ali, era improvável que um operário reparasse.

Depois de colher essas informações, Brunetti voltou para o automóvel e mandou que o motorista o levasse à *questura* de Mestre. O policial Scarpa, que nesse meio tempo vestira o paletó, saiu da radiopatrulha e foi para a outra, onde o sargento Buffo o esperava. Quando os dois automóveis estavam a caminho de Mestre, Brunetti abriu parcialmente a janela para que entrasse um pouco de ar, mesmo quente, a fim de diluir o odor de carniça que ainda lhe impregnava a roupa. Como a maior parte dos italianos, costumava fazer troça do vegetarianismo que, para ele, não passava de um luxo dos bem-nutridos, mas, naquele dia, a idéia lhe pareceu bastante sensata.

Na *questura*, o motorista conduziu-o ao segundo andar e o apresentou ao sargento Gallo, um homem cadavérico, de olhos fundos, que dava a impressão de que os anos passados no encalço de delinqüentes o haviam corroído por dentro. Quando Brunetti se sentou em frente à sua escrivaninha, o sargento confessou que

havia pouco a acrescentar ao que lhe fora relatado, embora já tivesse recebido o laudo inicial do legista: a morte resultara de uma série de pancadas na cabeça e no rosto, e ocorrera de doze a dezoito horas antes que o corpo fosse encontrado. Com o calor excessivo, era difícil precisar. Devido aos fragmentos de ferrugem encontrados em alguns ferimentos, assim como pela forma das lesões, o legista presumia que a arma era de metal, possivelmente um pedaço de cano, mas com toda certeza um objeto cilíndrico. O laudo de sangue e do conteúdo do estômago do travesti só ficaria pronto na manhã de quarta-feira, de modo que ainda não se sabia se ele estava sob efeito de entorpecentes ou álcool quando o mataram. Como boa parte das prostitutas da cidade e quase todos os travestis costumavam se drogar, era bem provável que estivesse, embora o cadáver não apresentasse sinais de uso de substâncias injetáveis. O estômago estava vazio, mas havia indícios de que a vítima tinha se alimentado cerca de seis horas antes de ser assassinada.

“E a roupa?”, indagou Brunetti.

“Vestido vermelho de material sintético ordinário. Sapatos vermelhos quase novos, número 41. Mandei examiná-los para ver se localizamos o fabricante.”

“Posso ver as fotografias?”

“Só ficam prontas amanhã cedo, *commissario*, mas pe-lo que dizem os homens que o removeram, talvez o senhor prefira não vê-las.”

“Coisa feia, hein?”

“Quem o matou devia ter muito ódio dele ou estar completamente fora de si. Não sobrou nada do nariz.”

“Você já mandou um artista fazer o retrato?”

“Sim, senhor. Mas vai ser quase um exercício de adivinhação. Não sobrou quase nada, só a forma do rosto, a cor dos olhos. E o cabelo.” Gallo se calou um instante e acrescentou: “Ele era muito magro e bem careca, por isso eu acho que usava peruca para... ahn... para trabalhar”.

“Acharam a peruca?”

“Não, senhor, não a acharam. Ele deve ter sido assassinado em outro lugar e depois levado para lá.”

“Pegadas?”

“Sim. Os peritos dizem ter encontrado algumas que iam em direção à moita e dela se afastavam.”

“Mais profundas na ida?”

“Exatamente.”

“Então o carregaram até lá e o jogaram no mato. De onde vinham as pegadas?”

“Há uma estradinha asfaltada que passa no limite do terreno do matadouro. Parece que vinham de lá.”

“E na estrada?”

“Nada, *commissario*. Faz muito tempo que não chove, portanto um carro ou mesmo um caminhão pode ter parado lá sem deixar o menor vestígio. A única coisa que a gente tem são essas pegadas. De homem. Tamanho 43.” O mesmo número de Brunetti.

“Você tem uma lista dos travestis que costumam atuar por aqui?”

“Só dos que se metem em confusão, senhor.”

“Em que tipo de confusão eles se metem?”

“O de sempre. Drogas. Brigas entre eles mesmos. Vez por outra, alguém acaba se pegando a tapa com um freguês. Geralmente por causa de dinheiro. Mas nenhum nunca se envolveu com coisa séria.”

“E as brigas? São violentas?”

“Não a esse ponto, *commissario*. Nunca houve nada parecido.”

“Quantos travestis há por aqui?”

“Fichados, nós temos uns trinta, mas acho que isso é só uma pequena fração. Muitos vêm de Pordenone ou de Pádua, parece que o negócio aqui é muito bom para eles.” O primeiro lugar mencionado era a cidade grande mais próxima de instalações militares, tanto as norte-americanas quanto as italianas; isso explica Pordenone. Mas Pádua? A universidade? Se assim fosse, as coisas tinham mudado muito desde o tempo em que Brunetti se formou em direito.

“Eu queria dar uma olhada nessas fichas hoje à noite. Você me arranja uma cópia?”

“Já mandei providenciar, *commissario*”, disse Gallo, entregando-lhe uma grossa pasta azul que estava na mesa.

Ao pegá-la, Brunetti se deu conta de que, mesmo em Mestre, a menos de vinte quilômetros de Veneza, o mais provável era que o tratassem como forasteiro, portanto, convinha buscar um terreno comum que o caracterizasse como um colega de trabalho, não como um comissário de fora. “Sargento, você é veneziano, não?” Gallo fez que sim, e Brunetti acrescentou: “De Castello?” O outro tornou a balançar a cabeça, mas dessa vez com um sorriso nos lábios, como se soubesse que o sotaque o acompanharia até o fim do mundo.

“O que está fazendo aqui em Mestre?”

“O senhor sabe como é, *commissario*. Cansei de procurar apartamento em Veneza. A minha mulher e eu passamos dois anos tentando, mas é impossível. Ninguém aluga imóvel para um veneziano, todo proprietário tem medo de que o inquilino entre e nunca mais saia. E o preço, se for para comprar: cinco milhões o metro quadrado. Quem pode pagar? Então viemos para cá.”

“Mas você não parece muito contente, sargento.”

Gallo deu de ombros. Era destino dos venezianos ser expulsos da cidade pelos aluguéis e pelos preços exorbitantes. “É difícil conseguir morar na terra da gente, *commissario*”, reclamou, mas Brunetti sentiu que sua voz estava mais cordial.

Retomando o fio da meada, ele tamborilou os dedos na pasta. “Vocês têm alguém com quem eles conversem, em quem tenham um pouco de confiança?”

“Nós tínhamos um policial, Benvenuti, mas ele se aposentou no ano passado.”

“Mais ninguém?”

“Não, senhor.” Gallo fez uma breve pausa, como que avaliando se podia arriscar a afirmação seguinte. “É que a maioria dos policiais mais jovens, bom, eu acho que eles tratam esses caras como se fossem um bando de palhaços.”

“Como assim, sargento Gallo?”

“Quando um deles apresenta uma queixa, sabe, porque foram agredidos por um cliente — não quando não os pagam, entende,

isso não é coisa que a gente possa controlar —, mas quando são espancados, bem, ninguém quer ser escalado para investigar, mesmo tendo o nome do agressor. E, quando os policiais vão interrogar o agressor, geralmente não dá em nada.”

“Foi essa a impressão que eu tive ao conversar com o sargento Buffo”, comentou Brunetti.

Ao ouvir o nome, Gallo comprimiu os lábios, mas não disse nada.

“E as mulheres?”

“As prostitutas?”

“É. Elas têm contato com os travestis?”

“Nunca houve problemas, pelo menos não tomei conhecimento, mas não sei se eles se dão bem. Não creio que disputem os clientes, se é a isso que o senhor está se referindo.”

Nem Brunetti sabia ao certo a que estava se referindo; o fato era que suas indagações não tomariam um rumo definido enquanto não tivesse lido as fichas da pasta azul ou enquanto a vítima não fosse identificada. Sem esses dados, era impossível falar em motivo e, portanto, entender o que havia acontecido.

Ele se levantou e consultou o relógio. “Queria que o motorista fosse me buscar amanhã cedo, às oito. E é bom que, até lá, o artista já tenha terminado o retrato. Assim que ele ficar pronto, mesmo que seja durante a noite, mande pelo menos dois policiais sondarem os outros travestis para ver se algum deles conhece a vítima ou sabe do desaparecimento de alguém de Pordenone ou Pádua. Também quero que seus homens interroguem as prostitutas — as mulheres —, para saber se os travestis usam o terreno em que o corpo foi encontrado ou se sabem de alguém que o tenha usado.” Pegou a pasta. “Vou ler isto hoje à noite.”

Terminando de anotar as instruções de Brunetti, Gallo se levantou e o acompanhou até a porta.

“Até amanhã então, *commissario*.” Retornando à escrivaninha, pegou o telefone. “O motorista já está esperando lá embaixo, para levá-lo de volta à Piazzale Roma.”

Quando o carro da polícia estava percorrendo o elevado a caminho de Veneza, Brunetti olhou para a direita e viu as nuvens cinzentas, brancas, verdes, amarelas que subiam em colunas da

selva de chaminés de Marghera. Até onde a vista podia alcançar, a fumaça amortalhava totalmente o vasto complexo industrial, e os raios do poente transformavam tudo numa visão radiante do futuro século. Aborrecido com a idéia, ele se voltou e olhou para Murano e, mais além, para a distante torre da basílica de Torcello, onde, segundo certos historiadores, se iniciara a própria idéia de Veneza, mais de mil anos antes, quando o povo do litoral teve de se refugiar nos pântanos para escapar aos invasores hunos.

O motorista desviou bruscamente de um enorme trailer com chapa alemã que, de uma hora para outra, cortou-lhe o caminho a fim de mudar de pista e ir ao estacionamento da ilha de Tronchetto, manobra que devolveu Brunetti ao presente. Outra vez os hunos, só que agora já não havia onde se refugiar.

Da Piazzale Roma, ele foi a pé para casa, sem prestar atenção nas coisas e nas pessoas pelas quais passava, com o pensamento ainda preso àquele terreno ermo, vendo as moscas que enxameavam no trecho do matagal em que o corpo permanecera. No dia seguinte, ia examinar o cadáver, conversar com o legista e se inteirar dos segredos que ele tinha a revelar.

Chegou em casa pouco antes das oito, cedo o bastante para dar a impressão de que retornava de uma jornada corriqueira. Paola estava na cozinha quando ele entrou no apartamento, mas não havia o menor vestígio dos aromas e ruídos do jantar sendo preparado. Intrigado, Brunetti seguiu pelo corredor e pôs a cabeça no vão da porta; ela estava ao balcão, fatiando tomates.

“*Ciao, Guido*”, disse, erguendo os olhos e sorrindo.

Ele jogou a pasta azul no balcão, aproximou-se da esposa e lhe beijou a nuca.

“Com este calor?”, perguntou ela, mas, ao mesmo tempo, inclinou-se para trás, achegando-se.

Brunetti lambeu com delicadeza a pele do seu pescoço. “Carência de sal”, declarou, lambendo-a novamente.

“Acho melhor comprar pastilhas de sal na farmácia. É mais higiênico.” — Paola se afastou para apanhar outro tomate na pia. Cortou-o em rodelas grossas e acrescentou-as às que já estavam dispostas em círculo na borda de uma travessa grande de cerâmica.

Brunetti abriu a geladeira e pegou uma garrafa de *acqua minerale*, escolheu um copo no armário na parede. Encheu-o, bebeu a água, tomou mais um copo, depois tampou a garrafa e a recolocou na geladeira. Tirou uma garrafa de Prosecco da última prateleira. Rasgou a cápsula prateada do gargalo e, muito devagar, empurrou a rolha com os polegares, movendo-a aos poucos e forçando-a delicadamente para a frente e para trás. Assim que a rolha saltou, ele inclinou a garrafa para não entornar a espuma. “Como você sabia evitar que o champanhe caísse, quando nos casamos, e eu não?”, perguntou enquanto servia uma taça do vinho espumante.

“Mario me ensinou”, explicou Paola, e Brunetti compreendeu imediatamente que, dentre os vinte e tantos Marios que conheciam, ela estava se referindo ao primo vinheiro.

“Quer um pouco?”

“Só um golinho do seu. Não gosto de beber com esse calor; sobe muito depressa.” Envolvendo-a com o braço, Brunetti levou a taça aos seus lábios, e ela sorveu um gole. “*Basta*”, exclamou. Aproximando a taça dos próprios lábios, ele também bebeu.

“Que delícia”, murmurou. “E as crianças?”

“Chiara está no terraço. Lendo.” Por acaso Chiara fazia outra coisa, salvo resolver problemas de matemática e pedir que lhe dessem um computador?

“E Raffi?” Só podia estar na casa de Sara, mas Brunetti sempre perguntava.

“Com Sara. Vai jantar lá, e depois eles vão ao cinema.” Paola riu, achando graça da devoção canina de Raffi por Sara Paganuzzi, a garota que morava dois andares abaixo, mas também aliviada com o fato de o rapazinho tê-la encontrado. “Só espero que ele agüente ficar quinze dias separado da amada para ir às montanhas conosco”, disse, muito embora soubesse que quinze dias nas montanhas de Bolzano, longe do calor insuportável da cidade, era um programa capaz de convencer até mesmo Raffi a renunciar aos prazeres do primeiro amor. Mesmo porque os pais de Sara haviam prometido deixá-la passar um fim de semana com a família Brunetti nas férias. Paola, por sua vez, pretendia dedicar boa parte dos dois

meses seguintes à leitura, já que estava livre na universidade em que dava aula.

Evitando fazer comentários, Brunetti se serviu de mais meia taça de espumante. “*Caprese?*”, perguntou, apontando para o círculo de rodelas de tomate na travessa diante da esposa.

“Oh, meu Sherlock”, debochou Paola, pegando outro tomate. “Basta ele ver uma travessa com rodelas de tomate separadas por espaços que permitem encaixar um pedaço de *mozzarella* e ver manjeriço fresco num copo à esquerda da sua fiel esposa, pertinho de um prato com uma *mozzarella* mais fresca ainda, para juntar tudo isso e deduzir, com a rapidez de um raio, que o jantar hoje é *insalata caprese*. Não admira que esse detetive inspire tanto pavor nos criminosos da cidade.” Voltou-se para ele e sorriu, atenta à sua reação para ver se não tinha exagerado no sarcasmo. Percebendo que o humor do marido não estava dos melhores, tirou a taça de sua mão e tomou outro gole. “O que aconteceu?”, perguntou ao lhe devolver a bebida.

“Fui designado para um caso em Mestre.” E prosseguiu sem dar tempo para que Paola o interrompesse. “Eles estão com dois investigadores de férias, um com a perna quebrada no hospital e uma em licença-maternidade.”

“E Patta o emprestou a Mestre?”

“Não havia mais ninguém.”

“Guido, sempre há alguém. Para começar, há o próprio Patta. Ele pode muito bem fazer alguma coisa além de assinar papéis e bolinar as secretárias no gabinete.”

Brunetti achava difícil imaginar alguém se deixando bolinar por Patta, mas preferiu guardar essa opinião para si.

“E?”, perguntou Paola, já que não obtinha resposta.

“Ele está com problemas.”

“Então é verdade mesmo? Puxa, eu passei o dia todo com vontade de lhe telefonar para saber. Tito Burrasca?”

Quando Brunetti confirmou com um gesto, ela inclinou a cabeça para trás e emitiu um som indelicado que talvez valha mais a pena chamar de gargalhada. “Tito Burrasca”, repetiu e, voltando-se para a pia, pegou mais um tomate. “Tito Burrasca.”

“Ora, Paola, isso não tem graça.”

Ela se virou bruscamente, a faca ainda na mão. “Como não tem graça? Patta é um filho-da-puta de um arrogante, um moralista hipócrita, e eu não consigo imaginar ninguém que mereça uma coisa dessas mais do que ele.”

Brunetti deu de ombros e se serviu de mais vinho. Enquanto estivesse soltando impropérios contra Patta, Paola não pensaria em Mestre, se bem que aquilo não passasse de uma distração momentânea.

“Eu não acredito”, disse ela, voltando-se e, aparentemente, dirigindo a observação ao último tomate que restava na pia. “Há anos que ele o persegue, sabotando o seu trabalho, e agora você resolve defendê-lo.”

“Eu não estou defendendo ninguém.”

“Pois para mim está!”, retrucou Paola, dessa vez dirigindo-se à redonda *mozzarella* que estava segurando com a mão esquerda.

“Só disse que ninguém merece isso. Burrasca é um sujeito sórdido.”

“E por acaso Patta não é?”

“Quer que eu vá chamar Chiara?”, perguntou ele, vendo que a salada estava quase pronta.

“Só se você me contar quanto tempo vai durar essa história de Mestre.”

“Não tenho idéia.”

“Do que se trata?”

“Homicídio. Encontraram um travesti num terreno baldio em Mestre. Bateram muito nele, principalmente no rosto, acho que com um cano, depois o levaram para lá.” Tentou imaginar se outras famílias tinham conversas tão edificantes antes do jantar.

“Por que no rosto?”, quis saber Paola, tocando justamente no ponto que o havia intrigado a tarde toda.

“Ódio?”

“Hum”, fez ela, separando as fatias de *mozzarella* e intercalando-as com as de tomate. “E por que num terreno baldio?”

“Porque quem o matou queria botar o cadáver bem longe.”

“Mas você tem certeza de que não o mataram lá mesmo?”

“Tudo indica que não. Descobriram pegadas que iam até o lugar em que jogaram o corpo, depois outras, mais leves, afastando-se de lá.”

“Um travesti?”

“É a única coisa que eu sei. Não me disseram a idade dele, mas todo mundo tem certeza de que era um michê.”

“Você duvida disso?”

“Eu não tenho por que duvidar. Mas também não tenho por que acreditar.”

Paola apanhou algumas folhas de manjeriço, lavou-as na água fria e as picou. Salpicou a erva no tomate e na *mozzarella*, acrescentou sal e regou tudo com uma generosa quantidade de azeite.

“Nós combinamos de jantar no terraço”, disse. “Chiara ficou de pôr a mesa. Você dá uma olhada para mim?” Ao sair da cozinha, Brunetti levou consigo a garrafa e a taça. Paola recolocou a faca na pia. “Isso não termina até o fim de semana, termina?”

Ele balançou a cabeça. “Acho que não.”

“O que você quer que eu faça?”

“O hotel já está reservado. As crianças estão prontas para ir. Sonham com essa viagem desde que entraram em férias.”

“O que você quer que eu faça?”, repetiu Paola. Uma vez, cerca de oito anos antes, Brunetti conseguira safar-se dela com evasivas por causa de alguma coisa de que já não se lembrava. Coisa que não durou mais que um dia.

“Quero que você vá para as montanhas com os meninos. Se eu terminar a tempo, também vou. Em todo caso passo lá o próximo fim de semana.”

“Eu preferia que você ficasse com a gente, Guido. Não quero passar as férias sozinha.”

“Você vai com as crianças.”

Paola não se dignou a responder àquela oposição racional. Pegou a salada e se aproximou dele. “Vá ver se Chiara já pôs a mesa.”

Naquela noite, Brunetti leu todas as fichas antes de dormir e encontrou vestígios de um mundo que ele talvez soubesse que existia, mas do qual não conhecia praticamente nada. Acreditava que em Veneza não havia travestis dedicados à prostituição. Mas havia pelo menos um transexual, e Brunetti só sabia da existência dele porque certa vez assinara uma carta atestando que Emilio Marcato não tinha antecedentes criminais, isso antes que o sexo que figurava na *carta d'identità* de Emilia fosse alterado de acordo com as mudanças já ocorridas em seu corpo. Brunetti não conseguia imaginar que necessidades ou paixões levavam um homem a fazer uma opção tão absolutamente definitiva, mas recordava que havia ficado perturbadíssimo, à mercê de uma emoção que ele preferiu não analisar, com a troca de uma única letra no documento oficial: Emilio — Emilia.

Os homens das fichas não tinham ido tão longe, optaram por transformar somente a aparência: o rosto, a roupa, a maquiagem, o andar, os gestos. As fotografias anexas comprovavam a habilidade com que alguns o faziam. A metade deles nada tinha que os denunciasse como homens, por mais que Brunetti soubesse que eram. Havia uma generalizada maciez na face e uma delicadeza na conformação óssea que não podiam ser masculinas. Apesar da inclemência da iluminação e das lentes da câmera da polícia, muitos saíam bonitos, e foi em vão que ele procurou uma sombra, uma projeção do queixo, qualquer coisa que os denunciasse como homens, não como mulheres.

Sentada ao seu lado na cama, Paola examinou as fichas que ele lhe passou, observou algumas fotos, chegou a ler um boletim de ocorrência, um caso de tráfico de drogas, e as devolveu sem comentários.

“O que você acha?”, perguntou Brunetti.

“Do quê?”

“Disso tudo.” Ele ergueu a pasta. “Não acha esses homens esquisitos?”

Paola pousou no marido um olhar demorado e — pensou ele — repleto de censura. “Mais esquisitos são os homens que solicitam os serviços deles.”

“Por quê?”

Apontando para a pasta, ela disse: “Pelo menos esses caras não têm nenhuma ilusão quanto ao que fazem. Ao contrário dos homens que os usam”.

“Como assim?”

“Ora, Guido. Pense um pouco. Esses caras são pagos para ser enrabados ou para enrabar, dependendo do gosto do freguês. Mas precisam se vestir de mulher para que os outros os paguem ou os usem. Pense nisso só um minuto. Pense na hipocrisia envolvida, na necessidade de auto-engano. Para poder dizer no dia seguinte, *‘Oh, Gesù Bambino, eu não sabia que era homem, quando percebi já era tarde’*, ou então *‘Bom, mesmo ele sendo homem, quem passou a vara fui eu’*. Portanto, eles se sentem másculos, verdadeiros machões, e não precisam lidar com o fato de que preferem transar com homens, pois isso comprometeria a sua masculinidade.” Paola tornou a fitá-lo demoradamente. “Às vezes, Guido, eu tenho a impressão de que há um monte de coisas em que você simplesmente não se dá ao trabalho de pensar.”

Em tradução livre, isso geralmente queria dizer que Brunetti não pensava do mesmo modo que ela. Mas, dessa vez, Paola tinha razão: aquela era uma coisa em que ele nunca havia pensado. No dia em que descobriu as mulheres, Brunetti se apaixonou de vez por elas e nunca foi capaz de conceber a atração sexual por nenhum — bem, só havia um — outro sexo. Cresceu imaginando que todos os homens eram iguais a ele; quando descobriu que não

eram, já estava convencido do seu próprio prazer para fazer mais do que um registro intelectual da existência dessa alternativa.

Recordou, então, uma coisa que Paola lhe dissera pouco depois de se conhecerem, e em que Brunetti nunca havia reparado: os italianos viviam tocando, apalpando, quase acariciando a própria genitália. Lembrou-se de que tinha rido com incredulidade e desdém quando ela lhe chamou a atenção para isso, mas, no dia seguinte, começou a observar e, em uma semana, concluiu que Paola tinha razão. Passada uma semana mais, ele estava fascinado, assombrado, com a freqüência com que os homens, na rua, levavam a mão àquele lugar para dar uma palmadinha inquisitiva, uma apalpada tranqüilizadora, como se quisessem constatar que o coitadinho não havia caído. Certa vez, quando estavam passeando, Paola parou e lhe perguntou no que estava pensando, e o fato de ela ser a única pessoa no mundo a quem Brunetti não tinha o menor constrangimento de contar no que estava pensando convenceu-o, embora mil outras coisas já tivessem se encarregado disso, de que aquela era a mulher com quem ele queria casar, tinha de casar com ela, ia casar com ela.

Na ocasião, amar e querer uma mulher parecia-lhe absolutamente natural, e continuava parecendo agora. No entanto, por motivos que ele podia estudar e saber, mas que nunca chegaria a entender, os homens ali fichados rejeitavam as mulheres e desejavam o corpo de outros homens. Faziam-no em troca de dinheiro ou drogas, ou, sem dúvida, às vezes em nome do amor. E um deles... em que abraço cheio de ódio brutal havia encontrado morte tão violenta? E por que razão?

Paola adormeceu tranqüilamente ao seu lado, um volume cheio de curvas no qual morava o prazer do seu coração. Brunetti pôs a pasta no criado-mudo, apagou a luz, abraçou-a, beijou-lhe a nuca — ainda salgada — e não tardou a pegar no sono.

Na manhã seguinte, ao chegar à *questura* de Mestre, encontrou o sargento Gallo à escrivaninha, outra pasta azul na mão. Sentando-se diante do policial, abriu-a e viu pela primeira vez o homem assassinado. Lá estava a reconstituição artística da sua possível

fisionomia e, abaixo, as fotografias da desfigurada realidade a partir da qual o desenhista fizera o retrato.

Era impossível calcular o número de pancadas que aquele rosto havia recebido. Como dissera Gallo na noite anterior, o nariz tinha desaparecido, afundado no crânio com um golpe particularmente violento. Um dos pômulos estava totalmente esmagado, não restava senão uma depressão funda e irregular naquele lado do rosto. As fotos da parte posterior da cabeça mostravam idêntica violência, mas aquelas tinham sido pancadas mais mortais que deformadoras.

Ele fechou a pasta e a devolveu ao sargento. "Você mandou tirar cópia do desenho?"

"Sim, senhor, estou com uma pilha, mas só ficaram prontas há meia hora, de modo que os homens ainda não foram para a rua com elas."

"Impressões digitais?"

"Conseguimos um conjunto perfeito e o enviamos a Roma e à Interpol em Genebra, mas o senhor sabe como eles são." Brunetti sabia. Roma podia demorar semanas; a Interpol era um pouco mais rápida.

Ele tamborilou os dedos na pasta. "O rosto ficou terrivelmente desfigurado, não?"

Gallo fez que sim, mas não disse nada. No passado, tivera contato com o *vice-questore* Patta, ainda que só por telefone, de modo que preferia ser cauteloso com o enviado de Veneza.

"Dá a impressão de que o assassino não queria que o reconhecessem", acrescentou Brunetti.

O sargento lhe endereçou um olhar rápido, por baixo das sobrelhas grossas, e tornou a balançar a cabeça.

"Você tem algum amigo em Roma que possa apressar as coisas?"

"Eu já tentei, *commissario*, mas ele está de férias. E o senhor?"

Brunetti fez um breve gesto negativo. "A pessoa que eu conhecia foi transferida para Bruxelas, está na Interpol."

"Então acho que nós vamos ter de esperar", deduziu Gallo num tom que deixou claro que a idéia não lhe agradava.

"Onde ele está?"

“O morto?”

“É.”

“No necrotério do Umberto Primo. Por quê?”

“Eu quero vê-lo.”

Se a idéia lhe pareceu esquisita, Gallo não deixou transparecer.
“O motorista pode levá-lo.”

“Não é muito longe, é?”

“Não, fica a alguns minutos daqui”, respondeu o sargento. “Pode ser que demore um pouco mais por causa do trânsito.”

Brunetti se perguntou se aquela gente nunca andava a pé, mas logo se lembrou da onda de calor tropical que envolvia feito uma mortalha toda a região de Veneto. Talvez fosse mais sensato circular de automóvel com ar-condicionado entre prédios com ar-condicionado, mas ele dificilmente se sentiria bem vivendo assim. Concluiu que era melhor não dizer nada sobre isso e tratou de descer e pedir ao motorista — àquela altura considerava seus tanto o carro quanto o motorista — que o levasse ao Hospital Umberto Primo, o mais importante dos muitos que havia em Mestre.

No necrotério, encontrou um funcionário sentado a uma escrivaninha baixa, com um exemplar do *Gazzettino* aberto à sua frente. Identificou-se, mostrou-lhe as credenciais e pediu para ver a vítima de homicídio que tinha sido encontrada num terreno baldio no dia anterior.

O funcionário, um baixinho barrigudo e de pernas arqueadas, fechou o jornal e se levantou. “Ah, ele, eu o levei para o outro lado, senhor. O único que veio vê-lo foi o artista e, assim mesmo, só para dar uma olhadinha no cabelo e nos olhos. Havia muito *flash* nas fotografias, não dava para ver direito. Foi rápido, ele só abriu as pálpebras para espiar os olhos. Parece que não gostou muito do que viu, mas imagine se tivesse sido antes da autópsia, com toda aquela maquiagem misturada com sangue. Eu levei uma eternidade para limpá-lo. Ele estava que parecia um palhaço, palavra. Com aquele negócio de passar nos olhos todo espalhado na cara. Quer dizer, no que restou do rosto. Engraçado, como esse material é difícil de limpar. As mulheres devem sofrer como o diabo para tirar essa porcaria da cara, não acha?”

O homem disse tudo isso enquanto conduzia Brunetti a uma sala gelada, detendo-se às vezes para encará-lo. Enfim, parou em frente a uma das muitas portinholas de metal que constituíam as paredes da sala, curvou-se, girou a maçaneta e puxou a gaveta baixa na qual estava o cadáver. “Está bom assim mesmo ou prefere que eu o levante um pouco? Não custa nada. Só um minuto.”

“Não, está bem assim”, respondeu Brunetti, olhando para baixo. Sem que lhe pedissem, o funcionário ergueu o lençol branco que cobria o rosto do cadáver e, em seguida, consultou o comissário com o olhar para saber se podia prosseguir. Este fez que sim, e o homem retirou todo o lençol e o dobrou rapidamente num caprichado retângulo.

Mesmo já tendo examinado as fotografias, Brunetti não estava preparado para ver tanto estrago. Interessado unicamente em explorar o cadáver, o legista nada fizera para restaurá-lo; se fosse localizada, a família que pagasse para que cuidassem disso.

Ninguém havia tentado restaurar o nariz, de modo que ele viu uma superfície côncava com quatro saliências rasas, como se uma criança retardada tivesse moldado um rosto humano na argila, contentando-se em simplesmente fazer um buraco no lugar do nariz. Sem este, nada restava de humanidade reconhecível.

Ele examinou o cadáver na esperança de ter uma idéia da idade e do estado físico do morto. E respirou fundo ao notar que o corpo era assustadoramente parecido com o seu: a mesma constituição física, um pequeno acúmulo de gordura na cintura e a cicatriz de uma apendicectomia realizada na infância. A única diferença parecia ser a total falta de pêlos, e Brunetti se inclinou para ver o peito mais de perto, brutalmente bissectado pela longa incisão da autópsia. No lugar do pêlo cerdoso e grisalho que crescia em seu próprio peito, viu um leve restolho. “O legista raspou o tórax dele antes da autópsia?”, perguntou ao funcionário.

“Não, senhor. Não fizemos nenhuma cirurgia cardíaca, só uma autópsia mesmo.”

“Mas o peito foi raspado.”

“As pernas também, se o senhor olhar.”

Ele olhou. Estavam raspadas.

“O legista fez algum comentário sobre isso?”

“Não quando eu estava aqui, senhor. Pode ser que tenha escrito alguma coisa no laudo. Terminou?”

Brunetti fez que sim, afastando-se do cadáver. O funcionário desdobrou o lençol, balançou-o no ar como se fosse uma toalha de mesa, fazendo com que descesse perfeitamente sobre o morto. Tornou a empurrar a gaveta, fechou a portinhola e girou tranqüilamente a maçaneta.

Quando estavam retornando à escrivaninha, disse: “Ele não merecia isso, apesar de tudo. Dizem que era um desses caras que andam por aí vestidos de mulher. Coitado, aposto que não enganava ninguém, pois está na cara que não sabia se maquiar, pelo menos foi o que eu vi quando o trouxeram para cá.”

Brunetti chegou a pensar que o sujeito estava sendo sarcástico, mas então registrou o tom das palavras e percebeu que falava a sério.

“É o senhor que vai tentar descobrir quem o matou, *commissario*?”

“Sou.”

“Bom, tomara que descubra. Eu acho que entendo que uma pessoa queira matar outra, mas não consigo entender por que a mataria desse jeito.” Detendo-se, olhou inquisitivamente para Brunetti. “O senhor consegue?”

“Não, eu não.”

“Como eu disse, *commissario*, tomara que o senhor pegue o sujeito que fez isso. Travesti ou não, ninguém merece morrer assim.”

“O senhor o viu?”, perguntou Gallo quando Brunetti retornou à *questura*.

“Vi.”

“Coisa feia, não?”

“Você também viu?”

“Eu sempre faço questão de vê-los”, respondeu Gallo sem alterar a voz. “Isso me dá mais vontade de pegar a pessoa que os matou.”

“O que você acha, sargento?”, indagou Brunetti, sentando-se numa cadeira junto à escrivaninha e nela colocando a pasta azul, como se quisesse transformá-la numa evidência material do homicídio.

Gallo passou quase um minuto pensando antes de responder. “Acho que pode ter acontecido em virtude de um ódio tremendo.” Brunetti concordou com um gesto. “Ou, como o senhor mesmo sugeriu, *dottore*, é uma tentativa de encobrir a identidade da vítima.” Passado um segundo, corrigiu o que acabara de dizer, talvez lembrando do que tinha visto no necrotério. “Ou de destruí-la.”

“Isso é praticamente impossível no mundo de hoje, não acha, sargento?”

“Impossível?”

“A não ser que a pessoa seja inteiramente estranha ao lugar ou não tenha parentes nem amigos, o seu desaparecimento é notado em questão de dias — em questão de horas, na maioria dos casos. Hoje em dia, ninguém mais consegue desaparecer.”

“Neste caso, talvez o ódio seja mais plausível”, disse Gallo. “Ele pode ter dito alguma coisa a um cliente, feito alguma coisa que o enfureceu. Eu não sei quase nada sobre os homens das fichas que lhe entreguei ontem. Não sou psicólogo nem coisa parecida, portanto não sei o que os move, mas acho que quem, ahn, paga esses travestis é muito menos estável do que eles. Então foi ódio?”

“O fato de terem levado o corpo para uma zona da cidade que todos sabem que é ponto de prostitutas?”, perguntou Brunetti. “Isso sugere inteligência e planejamento, não fúria.”

Gallo reagiu rapidamente ao teste a que o novo comissário o estava submetendo. “Bom, pode ser que ele tenha recobrado a calma depois de cometer o crime. Vai ver que o matou em sua própria casa ou num lugar em que um dos dois era conhecido, por isso precisou se livrar do cadáver. E se ele for um homem do tipo — estou me referindo ao assassino —, se for um homem do tipo que procura travestis, decerto sabe onde ficam as prostitutas. Portanto, concluiu que aquele era o lugar mais apropriado para deixá-lo, para que a suspeita recaísse sobre todos os que o freqüentam.”

“Sim”, concordou Brunetti pausadamente, e Gallo ficou esperando o “mas” que seu tom de voz tornara inevitável. “Mas isso sugere que michê e prostituta são a mesma coisa.”

“Como, *commissario*?”

“Que os michês homens são a mesma coisa que as prostitutas mulheres ou, pelo menos, que trabalham no mesmo lugar. Pelo que eu ouvi e vi ontem, parece que a região do matadouro é ponto de prostitutas.” O sargento ficou pensativo, e Brunetti acrescentou, provocando: “Mas esta é a sua cidade, você deve saber melhor do que eu, um mero recém-chegado”.

Gallo fez uma breve careta ao ouvir o elogio e balançou a cabeça. “Geralmente são as moças que trabalham naqueles terrenos perto das fábricas. Mas estão chegando cada vez mais rapazes — muitos eslavos e norte-africanos —, é possível que eles tenham sido obrigados a ocupar um novo território.”

“Você ouviu algum boato nesse sentido?”

“Eu pessoalmente não, senhor. Mas não tenho muito contato com as prostitutas, só quando elas se envolvem em crimes violentos.”

“Isso acontece com frequência?”

Gallo balançou a cabeça. “Geralmente, quando acontece, as mulheres ficam com medo de nos contar, com receio de ir parar na cadeia, seja quem for o responsável pela violência. Muitas são imigrantes ilegais, por isso têm medo de nos procurar, medo de ser expulsas do país caso se metam nesse tipo de encrenca. E há muitos homens que gostam de espancá-las. Acho que elas aprendem a reconhecê-los, ou então umas avisam as outras e todas tratam de evitá-los. Já os homens, os michês, têm mais condições de se proteger. Lendo aquelas fichas, a gente vê que há uns grandalhões entre eles. Bonitos, alguns chegam a ser lindos, mas nem por isso deixam de ser homens. Imagino que não têm esse tipo de problema. Ou, quando têm, pelo menos são capazes de se defender.”

“Você já recebeu o laudo da autópsia?”

Gallo pegou umas folhas de papel e as entregou ao detetive. “Chegou quando o senhor estava no hospital.”

Brunetti começou a ler rapidamente, íntimo que era do jargão e dos termos técnicos. Nenhuma picada de agulha no cadáver, portanto a vítima não era usuária de drogas injetáveis. Altura, peso, estado físico geral; tudo quanto ele tinha visto no necrotério figurava ali, mas em pormenores exatos. O laudo mencionava a maquiagem de que o funcionário falara, mas apenas para dizer que havia vestígios significativos de batom e delineador. Nenhuma evidência de relação sexual recente, nem ativa nem passiva. O exame das mãos indicava uma ocupação sedentária: unhas cortadas rentes e ausência de calos nas palmas. O padrão dos ferimentos confirmava a hipótese de que ele tinha sido assassinado em outro lugar e levado ao local em que fora encontrado, porém o calor intenso a que ficara exposto impedia que se determinasse quanto tempo havia decorrido entre o óbito e a descoberta do cadáver; o máximo que se podia dizer era que o período variava de doze a vinte horas.

Brunetti olhou para Gallo e perguntou: “Você já leu o laudo?”

“Sim, senhor.”

“E o que achou?”

“Acho que continuamos tendo de decidir entre ódio e premeditação.”

“Mas primeiro precisamos descobrir quem ele é”, disse Brunetti. “Quantos homens foram designados para isso?”

“Scarpa.”

“Aquele que ficou no sol ontem?”

O calmo “Sim, senhor” de Gallo denunciou que ele sabia do incidente, e o seu modo de dizê-lo sugeriu que não tinha gostado. “É o único policial designado. A morte de um michê não é prioridade, principalmente no verão, quando há falta de pessoal.”

“Mais ninguém?”

“Eu fui designado interinamente para o caso porque estava aqui quando telefonaram, e mandei a *Squadra Mobile* ao local. A *vice-questora* aqui de Mestre recomendou que eu o passasse para o sargento Buffo, já que foi ele quem atendeu a ocorrência.”

“Entendo”, admitiu Brunetti, pensativo. “Há alguma alternativa?”

“Alguma alternativa para o sargento Buffo?”

“Sim.”

“O senhor pode solicitar, já que o seu primeiro contato foi comigo e já que nós discutimos o caso longamente...” Aqui o sargento fez uma pausa, como se quisesse alongar ainda mais a discussão, e então prosseguiu: “Pode ser que a gente ganhe tempo se eu continuar trabalhando no caso”.

“Quem é a *vice-questora* responsável?”

“Nasci.”

“Ela se disporia a... quer dizer, ela vai gostar da idéia?”

“Tenho certeza de que, se a solicitação for de um *com-missario*, ela concordará. Principalmente porque o senhor veio de fora para nos dar uma mão.”

“Ótimo. Mande alguém redigir a solicitação, e eu a assino antes do almoço.” Gallo fez que sim, anotou alguma coisa numa folha de papel, olhou para Brunetti e tornou a balançar a cabeça. “E mande o seu pessoal trabalhar na roupa e nos sapatos que ele estava usando.” Gallo repetiu o gesto afirmativo e fez mais uma anotação.

Brunetti abriu a pasta azul que havia estudado na noite anterior e apontou para a lista de nomes e endereços grampeada na capa

interna. "É melhor começar a interrogar estes homens sobre a vítima, se sabem quem é, se a reconhecem ou sabem quem a conhecia. O legista disse que o morto aparentava quarenta e poucos anos. Nenhum dos homens fichados é tão velho, poucos têm mais de trinta, portanto, se ele era daqui, devia se destacar por causa da idade, e as pessoas certamente vão conhecê-lo."

"Como o senhor quer que a gente faça isso, *commissario*?"

"Vamos dividir a lista em três, e então você, eu e Scarpa mostraremos o retrato a eles e perguntaremos o que eles sabem."

"Essa gente não gosta muito de falar com a polícia."

"Então eu proponho que a gente leve um segundo retrato, uma das fotos que mostram como ele estava quando nós o encontramos no terreno baldio. Acho que, se convenceremos esses caras de que a mesma coisa pode lhes acontecer, eles vão ficar menos relutantes em conversar conosco."

"Vou mandar Scarpa subir", anunciou Gallo, pegando o telefone.

Embora fosse cedo — talvez de madrugada para os homens da lista —, eles decidiram entrevistá-los imediatamente. Brunetti pediu aos outros dois que dispusessem os endereços numa espécie de ordem geográfica para que não tivessem de atravessar a cidade repetidas vezes para visitar os travestis.

Feito isso, pegou a lista que lhe coube e desceu à procura do motorista. Não lhe parecia muito sensato chegar de radiopatrulha azul e branca, com um policial fardado ao volante, para interrogar homens fichados na polícia, mas bastou-lhe sair um instante ao ar matinal de Mestre para decidir que a mera sobrevivência prevalecia sobre qualquer consideração de cautela.

O calor o envolveu por completo, e o ar parecia mordiscar-lhe os olhos. Não havia brisa, nem o mais tênue sopro; o dia pesava como um cobertor imundo sobre a cidade. Os automóveis passavam arrastadamente pela *questura*, buzinando num protesto inútil contra o semáforo ou contra os pedestres que atravessavam a rua. Na pista, os redemoinhos de poeira e maços de cigarros, voando de um lado para o outro, marcavam a sua passagem. Ao ver, ouvir e respirar aquilo, Brunetti sentiu como se um par de braços o tivesse agarrado por trás, comprimindo-lhe fortemente o peito. Como seres humanos conseguiam viver daquele jeito?

Ele se refugiou no frio casulo do carro da polícia para desembarcar, quinze minutos depois, em frente a um prédio de apartamentos de oito andares na zona oeste da cidade. Erguendo os olhos, avistou as cordas de varal que se estendiam até o edifício

do outro lado da rua. Lá soprava uma leve aragem, de modo que as multicoloridas camadas de lençóis, toalhas e roupa íntima ondulavam no alto e, durante um breve momento, alegraram-lhe o espírito.

O zelador estava enfurnado num escritório que mais parecia uma gaiola, arrumando papéis e envelopes na escrivaninha, separando a correspondência que acabara de chegar para ser entregue aos condôminos. Era um velho de barba rala e com óculos de leitura de aro prateado pousados na ponta do nariz. Erguendo os olhos por cima das lentes, deu bom-dia. A umidade intensificava o cheiro azedo do cubículo, e o ventilador no chão, abanando as pernas do velhote, não fazia senão espalhar ainda mais o odor.

Brunetti o cumprimentou e perguntou onde morava Giovanni Feltrinelli.

Ao ouvir o nome, o zelador empurrou a cadeira para trás e se levantou. “Eu já avisei que não quero nenhum de vocês aqui no prédio. Se ele quiser trabalhar, que trabalhe no carro de vocês ou no meio da rua com os outros animais, mas aqui ele não faz essa imundície. Se for preciso, eu chamo a polícia.” E, ao dizer essas palavras, aproximou a mão direita do telefone na parede às suas costas, os olhinhos faiscantes a medir Brunetti dos pés à cabeça, com um asco que ele nada fazia para dissimular.

“Eu sou da polícia”, disse Brunetti em voz baixa, tirando o documento da carteira. O homem o arrebatou bruscamente de sua mão, sugerindo que sabia perfeitamente onde falsificavam aquelas coisas, e aproximou os óculos dos olhos para lê-lo.

“Parece autêntico”, admitiu enfim, devolvendo-o a Brunetti. Tirou um lenço sujo do bolso, pegou os óculos e se pôs a limpar as lentes, primeiro uma, depois a outra, com cautela, como se tivesse passado a vida fazendo aquilo. Voltou a colocá-los, tomando o cuidado de enganchar as hastes atrás de cada orelha; guardou o lenço e, alterando um pouco a voz, perguntou: “O que ele aprontou desta vez?”

“Nada. Nós queremos lhe fazer umas perguntas sobre outra pessoa.”

“Um dos seus amigos veados?”, perguntou o velho, retomando o tom agressivo.

Brunetti não se dignou a responder. “Nós queremos falar com o *signor* Feltrinelli. Talvez ele possa nos dar uma informação.”

“O *signor* Feltrinelli? *Signor?*”, indignou-se o velho, repetindo as palavras de Brunetti, mas transformando a formalidade num insulto. “Está se referindo ao Nino Bonitinho, ao Nino Boquete?”

Brunetti suspirou com desânimo. Por que as pessoas não aprendiam a ser um pouco mais discriminativas ao escolher a quem odiar, um pouco mais seletivas? Talvez um pouco mais inteligentes? Por que não odiar os democratas cristãos? Ou os socialistas? Ou por que não odiar as pessoas que odiavam os homossexuais?

“Quer fazer o favor de me dizer qual é o número do apartamento do *signor* Feltrinelli?”

O velho voltou para trás da escrivaninha e, sentando-se, reiniciou a tarefa de separar a correspondência. “Quinto andar. O nome está na porta.”

Brunetti deu meia-volta e se afastou sem dizer mais nenhuma palavra. À porta, teve a impressão de que ouvira o velho resmungar, “*Signor*”, mas podia ser um engano. No outro lado do piso de mármore do saguão, apertou o botão do elevador e ficou aguardando. Passaram-se alguns minutos, e o elevador não chegou, mas ele se recusou a voltar e perguntar ao zelador se estava funcionando. Preferiu ir para a esquerda, abrir a porta do corredor da escada e subir a pé. Ao chegar ao quinto andar, teve de afrouxar a gravata e puxar a calça grudada nas coxas úmidas. Por último, tirou o lenço do bolso e enxugou o rosto.

Como dissera o velho, o nome estava na porta: Giovanni Feltrinelli — *Architetto*.

Brunetti consultou o relógio: onze e trinta e cinco. Tocou a campainha. Imediatamente, ouviu passos apressados lá dentro. O rapaz que abriu a porta tinha uma leve semelhança com o da fotografia da polícia que ele havia examinado na noite anterior: cabelo loiro e curto, maxilar delicado e feminino, olhos grandes e escuros.

“*Si?*”, disse, encarando Brunetti com um sorriso simpático e interrogativo.

“*Signor Giovanni Feltrinelli?*”, perguntou Brunetti, apresentando as credenciais.

Quase sem olhar para o documento, o jovem pareceu reconhecê-lo de pronto, o que lhe apagou o sorriso.

“Eu mesmo. O que você quer?”, indagou com frieza na voz.

“Quero conversar com o senhor. Posso entrar?”

“Para que se dar ao trabalho de perguntar?”, indagou o rapaz com irritação, escancarando a porta e afastando-se para lhe dar passagem.

“*Permesso*”, pediu Brunetti. Talvez a placa na porta não mentisse quanto à profissão de Feltrinelli; o apartamento tinha a aparência simétrica de uma moradia planejada com habilidade e precisão. A sala de estar era toda pintada de branco; o assoalho, de tacos claros dispostos em ziguezague. No chão, alguns tapetes *kilim* desbotados pelo tempo, e, na parede, duas outras peças de tecelagem — que Brunetti julgou serem persas. O sofá comprido e baixo ficava encostado na parede oposta e parecia forrado de seda bege. Diante dele, uma longa mesa de tampo de vidro com um prato grande de cerâmica numa das extremidades. Uma estante de livros cobria uma das paredes, a outra ostentava projetos arquitetônicos emoldurados e fotografias de edifícios já prontos, todos eles baixos, espaçosos e cercados de vastos terrenos incultos. Num canto afastado, uma prancheta com a superfície inclinada de modo a ficar de frente para a sala e repleta de enormes folhas de papel vegetal. Havia um cigarro aceso num cinzeiro precariamente equilibrado no enviesado tampo da prancheta.

Tanta simetria atraía o olhar permanente do observador para o centro da sala, para aquele simples prato de cerâmica. Brunetti sentiu que aquilo era proposital, mas não conseguiu entender como tinha sido feito.

“*Signor Feltrinelli*”, disse, “eu venho lhe pedir que nos ajude numa investigação, se for possível.”

Feltrinelli permaneceu calado.

“Quero que o senhor veja o retrato de um homem e me diga se o conhece ou o reconhece.”

O rapaz foi até a prancheta e pegou o cigarro. Deu uma tragada ávida e, em seguida, esmagou-o no cinzeiro com um gesto nervoso. “Eu não dou nomes”, avisou.

“Como?”, perguntou Brunetti, sem querer mostrar que o havia compreendido.

“Não dou o nome de nenhum cliente. Pode me mostrar as fotografias que quiser, mas eu não vou reconhecer ninguém e não sei nome nenhum.”

“Não se trata de um cliente seu, *signor* Feltrinelli. E eu não estou interessado neles. Nós temos motivos para acreditar que o senhor talvez saiba alguma coisa a respeito deste homem e queríamos que desse uma olhada no desenho e dissesse se o reconhece.”

Feltrinelli se afastou da mesa e se aproximou de uma janelinha na parede da esquerda; nesse instante, Brunetti entendeu por que a sala tinha sido montada daquele modo: tudo visava a desviar a atenção da janela e da triste parede de tijolo que se erguia a apenas dois metros dela. “E se a resposta for não?”

“Não o quê? Não reconhecer a pessoa?”

“Não. Se eu me recusar a olhar para o retrato?”

Não havia ar-condicionado nem ventilador na sala, que fedia a cigarro ordinário, um cheiro que Brunetti imaginou impregnando a sua roupa úmida, o seu cabelo. “*Signor* Feltrinelli, eu lhe peço que cumpra o seu dever de cidadão, que ajude a polícia a investigar um homicídio. Nós só estamos tentando identificar este homem. Sem isso, não podemos iniciar a investigação.”

“É o tal que foi encontrado no terreno baldio ontem?”

“É.”

“E você acha que ele era um de nós?” Feltrinelli não teve necessidade de explicar quem era esse “nós”.

“Acho.”

“Por quê?”

“Disso o senhor não precisa saber.”

“Mas você acha que ele era travesti?”

“Sim.”

“E michê?”

“Talvez”, respondeu Brunetti.

Afastando-se da janela, Feltrinelli atravessou a sala, aproximando-se. Estendeu a mão. “Mostre-me o retrato.”

Brunetti abriu a pasta que levava consigo e tirou uma cópia xérox do desenho. Notou que sua mão suada estava manchada do azul da tinta da capa da pasta. Entregou o retrato ao rapaz, que ficou algum tempo examinando o papel com atenção, depois, cobrindo a linha do couro cabeludo do morto com a outra mão, tornou a estudá-lo. Devolveu-o e balançou a cabeça. “Não, eu nunca vi esse cara.”

Brunetti acreditou. Tornou a guardar o desenho na pasta. “O senhor sabe de alguém que possa nos ajudar a descobrir quem ele é?”

“Imagino que vocês estejam verificando a lista de quem tem ficha na polícia”, disse o rapaz com menos hostilidade na voz.

“É verdade. Não temos como mostrar o retrato para os outros.”

“Está se referindo aos que nunca foram presos?”, perguntou Feltrinelli. “Você teria mais uma cópia do desenho?”

Brunetti tirou uma da pasta e a entregou juntamente com um cartão de visita. “O senhor teria de telefonar para a *questura* de Mestre, mas pode mandar me chamar ou ao sargento Gallo.”

“Como foi que o mataram?”

“Vai dar no jornal de hoje.”

“Eu não leio jornal.”

“Foi espancado até a morte.”

“No terreno baldio?”

“Eu não estou autorizado a lhe dar essa informação, *signore*.”

Feltrinelli guardou o retrato na prancheta e acendeu outro cigarro.

“Tudo bem”, concordou, voltando-se para Brunetti. “Eu estou com o desenho. Vou mostrá-lo por aí. Se descobrir alguma coisa, aviso.”

“O senhor é arquiteto?”

“Sou. Quer dizer, eu tenho a *laurea d’architettura*. Mas não pratico a profissão. Quer dizer, não tenho emprego.”

Apontando para o papel vegetal na prancheta, Brunetti perguntou: "Mas está trabalhando num projeto?"

"Só para me distrair, *commissario*. Eu perdi o emprego."

"Lamento muito, *signore*."

Feltrinelli enfiou as duas mãos nos bolsos e o encarou. Com voz absolutamente neutra, falou: "Eu trabalhava no Egito, para o governo, fazendo projetos de casas populares. Mas resolveram submeter todos os estrangeiros a um teste de aids anual. No ano passado, o meu deu positivo, e eles me demitiram e me mandaram de volta".

Brunetti ficou em silêncio, então o rapaz prosseguiu: "Quando cheguei, tentei arranjar emprego, mas, como você deve saber, o que não falta aqui é arquiteto. Então", fez uma pausa, escolhendo as palavras. "Então eu resolvi mudar de profissão."

"O senhor está se referindo à prostituição?"

"Exatamente."

"Não fica preocupado com o risco?"

"Risco?", perguntou o rapaz, quase repetindo o sorriso que lhe havia endereçado ao abrir a porta. Brunetti não disse nada. "Está falando na aids?"

"Estou."

"Para mim, não há risco", pronunciou Feltrinelli, afastando-se. Foi até a prancheta e pegou o cigarro. "Pode ir embora, *commissario*." E, sentando-se à prancheta, retomou o seu projeto.

Brunetti saiu ao sol, à rua, ao barulho e entrou no bar que ficava à direita do prédio. Pediu um copo de água mineral, depois mais um. Quando estava quase terminando o segundo, molhou o lenço com o que restava da água e tentou inutilmente limpar a mão manchada de tinta azul.

Não era crime um michê com aids ter relações sexuais? Relações sexuais sem proteção? Fazia tanto tempo que a polícia não tratava a prostituição como delito que ele achava difícil dizer se aquilo podia ser considerado um. Mas, com certeza, era crime um soropositivo ter, deliberadamente, relações sexuais sem proteção, embora fosse bem possível que a lei tivesse uma lacuna e tal coisa não fosse propriamente ilegal. Vendo o brejo moral que a distinção criava, Brunetti pediu um terceiro copo de água mineral e leu o próximo nome da lista.

Francesco Crespo morava a apenas quatro quadras do prédio de Feltrinelli, mas era como se vivesse num outro mundo. O prédio reluzia; um alto retângulo de fachada de vidro que, quando inaugurado, dez anos antes, devia ser o supra-sumo do avanço em termos de *design* urbano. Mas a Itália era um país em que ninguém apreciava as novas idéias em *design* por muito mais tempo do que o necessário para executá-las. Então os sempre ávidos por novidade tratavam de abandoná-las e prosseguir na busca de novas bandeiras espalhafatosas, tal como as almas condenadas, no vestíbulo do *Inferno* de Dante, passavam a eternidade andando em

círculos atrás de uma bandeira que não podiam identificar nem nomear.

A década transcorrida após a construção daquele edifício arrastara consigo a moda, e agora ele mais parecia uma caixa de *spaghettini* colocada de pé. O vidro das janelas brilhava, e o pequeno jardim entre o prédio e a rua era tratado com esmero, mas nada disso o impedia de ficar inteiramente deslocado entre as construções mais baixas e modestas em meio às quais havia sido erigido com tanta confiança.

Brunetti tinha o número do apartamento, e o elevador com ar-condicionado transportou-o velozmente ao sétimo andar. Quando a porta se abriu, ele saiu num corredor de mármore igualmente refrigerado. Virou à direita e tocou a campainha do apartamento D.

Ouviu barulho lá dentro, mas ninguém atendeu. Ele tornou a tocar. O ruído não se repetiu, mas ninguém abriu a porta. Brunetti tocou pela terceira vez, mantendo o dedo no botão. Pela porta, ouviu o gemido agudo da campainha e, pouco depois, uma voz gritar: "*Basta. Vengo*".

Tirou o dedo do botão, e, um instante depois, um homem alto, corpulento, de calça de linho e o que parecia ser um pulôver de *cashmere* de gola rulê abriu a porta. Brunetti o observou um instante, viu dois olhos escuros, furiosos, e um nariz que tinha sido quebrado mais de uma vez, mas tornou a olhar para a gola do pulôver e ficou pasmo. Em pleno agosto, as pessoas na rua desmaiando de calor, e aquele maluco com um pulôver de *cashmere* de gola alta. Voltando a encarar o sujeito, perguntou: "*Signor Crespo?*".

"Quem deseja?", quis saber o grandalhão, sem disfarçar a cólera nem o tom ameaçador.

"*Commissario* Guido Brunetti", respondeu ele, mostrando mais uma vez as credenciais. Tal como a Feltrinelli, a esse homem bastou uma rápida olhadela para reconhecer o documento. De súbito, ele avançou um passo na direção do comissário, talvez na esperança de obrigá-lo a recuar ao corredor com a presença ofensiva do seu corpo. Mas Brunetti não se mexeu, e o Gola Rulê foi obrigado a retroceder. "Ele não está."

No outro cômodo, os dois ouviram o baque de algum objeto pesado caindo no chão.

Dessa vez, foi Brunetti quem avançou um passo, arredando o homem da porta. Entrou na sala e se aproximou de uma cadeira de couro que mais parecia um trono, ao lado de uma mesa com um ramo enorme de gladiólos num vaso de cristal. Sentou-se e cruzou as pernas, dizendo: "Então eu acho que vou esperar o *signor* Crespo". Abriu um sorriso. "Caso isso não o incomode, *signor*...?"

O grandalhão bateu a porta da rua com violência, girou na direção de outra, que ficava no lado oposto da sala, e disse: "Vou chamar".

Abriu a porta e, fechando-a atrás de si, desapareceu no cômodo contíguo. Sua voz grossa e zangada chegou até Brunetti. Outra pessoa respondeu, com uma voz de tenor em comparação com o timbre grave da primeira. Mas eis que uma terceira voz interferiu, também de tenor, só que pelo menos uma oitava mais alta que a segunda. A conversa lá dentro demorou alguns minutos, durante os quais Brunetti pensou que jamais ia querer aquela mobília, nem o sofá de couro cinza-aperolado nem a lustrosa mesa de mogno instalada ao seu lado.

A porta finalmente se abriu, e o Gola Rulê saiu seguido de perto por outro homem dez anos mais moço e usando um manequim pelo menos três números menor.

"É esse aí", disse, apontando para Brunetti.

O rapaz estava de calça azul-clara e camisa de seda branca desabotoada no peito. Atravessou a sala em direção a Brunetti, que, levantando-se, perguntou: "*Signore* Francesco Crespo?"

O outro se aproximou, parou à sua frente, mas então o instinto ou a tarimba profissional se fizeram sentir na presença de um homem da idade e da aparência de Brunetti. Avançou mais um passo e, num gesto delicadíssimo, ergueu a mão espalmada e pousou-a na garganta. "Pois não, o que deseja?" Era a voz aguda de tenor que atravessara a porta, se bem que Crespo tentou engrossá-la, como se isso a tornasse mais interessante ou sedutora.

Um pouco mais baixo que Brunetti, devia pesar dez quilos a menos. Por coincidência ou não, seus olhos tinham o mesmo tom

acinzentado do sofá; destacavam-se no bronzeado profundo da sua cútis. Numa mulher, aquelas feições não seriam consideradas mais do que convencionalmente bonitas; a acentuada angulosidade conferida por sua masculinidade tornava-as belíssimas.

Dessa vez, foi Brunetti que retrocedeu um passo, afastando-se do rapaz. Ouviu o grandalhão bufar, e se virou para apanhar a pasta na mesa ao lado.

“*Signor Crespo*, eu quero lhe mostrar o retrato de uma pessoa para ver se o senhor a reconhece.”

“Será um prazer olhar para qualquer coisa que você me mostrar”, retrucou o rapaz, enfatizando muito o “você” e deslizando a mão por baixo do colarinho para acariciar o próprio pescoço.

Brunetti abriu a pasta e lhe entregou o desenho representando o morto. Crespo demorou nem um segundo examinando-o; tornou a olhar para o comissário, sorriu e disse: “Nunca vi mais gordo”. Tentou devolvê-lo, mas Brunetti se recusou a aceitá-lo.

“Por favor, olhe bem para o retrato, *signor Crespo*.”

“Ele já disse que não conhece o cara”, interferiu o grandalhão do outro lado da sala.

Brunetti não fez caso. “Esse homem foi espancado até morrer, e nós precisamos descobrir quem ele era; dessa forma, ficarei muito agradecido se o senhor der mais uma olhada, *signor Crespo*.”

Fechando os olhos um instante, o moço prendeu uma mecha de cabelo atrás da orelha. “Já que você insiste”, falou, tornando a examinar o retrato. Inclinou a cabeça sobre o papel e, dessa vez, olhou para o rosto desenhado. Brunetti não pôde ver seu olhar, mas observou quando ele afastou subitamente a mão da orelha e tornou a aproximá-la da garganta, dessa vez sem tanta afetação.

Um segundo depois, ergueu os olhos, sorriu com doçura e disse: “Eu nunca vi esse homem, *commissario*”.

“Satisfeito agora?”, perguntou o Gola Rulê, dando um passo em direção à porta.

Brunetti tirou o desenho das mãos do rapaz e guardou-o na pasta. “Esta é apenas a versão de um artista, *signor Crespo*. O senhor se importa de dar uma olhada numa fotografia dele?” Brunetti abriu o sorriso mais sedutor de que era capaz, e Crespo,

num movimento parecido com o adejar de um pombo, levou a mão à depressão entre as clavículas. “Claro, *commissario*. O que você quiser. Qualquer coisa.”

Sorrindo, Brunetti tirou da pasta a pequena pilha de fotografias. Pegou uma ao acaso e a examinou brevemente. Qualquer uma servia. Olhou para Crespo, que, uma vez mais, diminuía a distância entre eles. “É possível que a vítima tenha sido assassinada por um homem que pagou pelos seus serviços. Isso significa que muita gente como ela pode estar correndo perigo com a mesma pessoa.” Entregou-lhe a foto.

Ao segurá-la, o rapaz aproveitou para roçar os dedos nos de Brunetti. Depois de lhe endereçar um largo sorriso, baixou o rosto sorridente para ver a fotografia. Logo em seguida, tirou a mão da garganta e tapou a boca escancarada. “Não, não”, exclamou sem tirar os olhos da foto. “Não, não”, repetiu, os olhos esbugalhados de pavor. Apartando-a de si, pressionou-a no peito de Brunetti e se afastou como se fugisse de um homem disposto a poluir a sala. A fotografia caiu no chão. “Não podem fazer uma coisa dessas comigo. Comigo isso não vai acontecer”, gritou, afastando-se cada vez mais. Sua voz subia de tom a cada palavra, trêmula, entrecortada, à beira da histeria. E na histeria mergulhou. “Não, comigo isso não acontece. Não vai acontecer nada comigo.” Seus gritos eram um estridente desafio ao mundo em que ele vivia. “Comigo não, comigo não”, repetiu, distanciando-se mais e mais. Esbarrou na mesa no centro da sala e, apavorado por ver obstruída a sua tentativa de fugir da fotografia e do homem que a havia mostrado, empurrou-a com o braço. Um vaso idêntico ao que estava perto de Brunetti espatifou-se no chão.

A porta do cômodo contíguo se abriu, e outro homem entrou correndo na sala. “O que houve?”, perguntou. “O que está acontecendo?”

Olhou para Brunetti, e os dois se reconheceram no mesmo instante. Giancarlo Santomauro era não só um dos advogados mais famosos de Veneza, que prestava assessoria jurídica gratuita ao próprio patriarca, como também presidente e iluminado guia da

Lega della Moralità, uma sociedade cristã laica dedicada à “preservação e perpetuação da fé, da família e da castidade”.

Brunetti se limitou a um breve movimento de cabeça. Se acaso aqueles homens não conhecessem a identidade do cliente de Crespo, era melhor para o jurista que continuassem a ignorá-la.

“O que você está fazendo aqui?”, inquiriu Santomauro com irritação. Voltou-se para o Gola Rulê, que estava acudindo Crespo, agora prostrado no sofá, as mãos no rosto, em prantos. “Não dá para você calar a boca dele?”, exigiu. Brunetti ficou observando o outro debruçar-se sobre o rapaz, dizer-lhe alguma coisa e, então, agarrar-lhe os ombros e sacudi-lo com força, chacoalhando-lhe a cabeça para todos os lados. Crespo parou de chorar, mas conservou as mãos no rosto.

“O que o senhor está fazendo aqui, *commissario*? Eu sou o advogado do *signor* Crespo e não vou permitir que a polícia o maltrate.”

Sem lhe dar resposta, Brunetti continuou observando os dois no sofá. O grandalhão sentou-se ao lado de Crespo e lhe envolveu os ombros com um braço protetor; o rapaz foi se acalmando aos poucos.

“Eu lhe fiz uma pergunta, *commissario*”, insistiu Santomauro.

“Eu vim perguntar se o *signor* Crespo pode nos ajudar a identificar a vítima de um crime. Mostrei-lhe uma fotografia. O senhor está vendo a sua reação. Uma reação um tanto exagerada à morte de um homem que ele diz não reconhecer, não acha?”

Ao ouvir essas palavras, o grandalhão de pulôver olhou para Brunetti, mas foi Santomauro quem falou. “Se o *signor* Crespo disse que não o reconhece, o senhor já obteve a resposta e pode se retirar.”

“Sem dúvida”, concordou Brunetti, prendendo a pasta debaixo do braço e dando um passo rumo à porta. Virando-se novamente para Santomauro, observou com voz serena e coloquial: “O senhor esqueceu de amarrar os sapatos, *avvocato*”.

O homem olhou para os próprios pés e viu que ambos os cadarços estavam bem atados. Endereçou a Brunetti um olhar capaz de corroer vidro, mas permaneceu calado.

Este se deteve diante do sofá e se dirigiu a Crespo. “O meu nome é Brunetti. Se o senhor se lembrar de alguma coisa, pode me telefonar na *questura* de Veneza.”

Santomauro fez menção de dizer alguma coisa, mas desistiu. Brunetti saiu do apartamento.

O resto do dia não foi mais produtivo, nem para Brunetti nem para os outros dois policiais com as respectivas listas. No fim da tarde, quando eles se encontraram na *questura*, Gallo contou que, dentre os homens que lhe coube interrogar, três declararam não ter idéia de quem era a pessoa do retrato; nada indicava que fosse mentira. Dois outros não estavam em casa, e o último acreditava que já tinha visto aquele rosto, mas não recordava onde nem quando. A incursão de Scarpa surtiu resultado parecido; todos os entrevistados juravam nunca ter visto o morto.

Os três decidiram continuar a investigação no dia seguinte, até esgotar os nomes da lista. Brunetti pediu a Gallo que preparasse uma segunda lista de prostitutas que faziam ponto perto das fábricas e na Via Cappuccina. Embora não esperasse grande ajuda delas, sempre havia a possibilidade de que o concorrente lhes tivesse chamado a atenção, e talvez algumas o reconhecessem.

Ao subir as escadas do seu prédio, ele se pôs a imaginar o que aconteceria quando abrisse a porta. Magicamente, uma legião de elfos teria visitado o apartamento durante o dia para refrigerá-lo de ponta a ponta; outros teriam se encarregado de instalar um daqueles banheiros que Brunetti só via em prospectos de spas e em seriados norte-americanos: vinte chuveirinhos lhe crivariam o corpo de finíssimos jatos de água perfumada, e, quando terminasse o banho, ele se enrolaria numa fofa toalha de dimensões imperiais. E então haveria um bar, talvez daqueles de beira de piscina, e um *barman* de paletó branco lhe serviria um aperitivo geladíssimo, em

copo alto, com um hibisco boiando na superfície. Uma vez satisfeitas as necessidades físicas imediatas, Brunetti enveredou pela ficção científica, imaginando dois filhinhos dóceis e obedientes e uma dedicadíssima esposa que lhe contaria, no instante em que ele abrisse a porta, que o caso tinha sido solucionado e todos estavam livres para viajar na manhã seguinte.

Mas, como sói acontecer, a realidade se mostrou um tanto diferente. A família estava toda reunida no terraço, aproveitando o primeiro frescor do cair da noite. Chiara tirou os olhos do livro, disse “*Ciao, papà*”, ofereceu-lhe a bochecha para ganhar um beijo e tornou a mergulhar nas páginas. Raffi interrompeu a leitura do exemplar daquele mês de *Gente Uomo*, repetiu o cumprimento de Chiara e, tal como esta, voltou a se entreter com uma consideração sobre a premente necessidade de roupas de linho. Paola, vendo o seu estado, levantou-se, abraçou-o e lhe beijou os lábios.

“Guido, vá para o chuveiro enquanto eu preparo uma bebida.” Um sino tocou em algum lugar à esquerda deles, Raffi virou a página, Brunetti começou a soltar o nó da gravata.

“Ponha um hibisco no meu drinque”, pediu e, dando meia-volta, foi para o banheiro.

Vinte minutos depois, vestindo uma calça larga de algodão e uma camisa de linho, sentou-se e, apoiando os pés descalços no parapeito do terraço, contou a Paola como tinha sido seu dia. As crianças haviam desaparecido, sem dúvida entregues a alguma atividade dócil e obediente.

“Santomauro? Não! Giancarlo Santomauro?”

“O próprio.”

“Que maravilha”, disse ela com deleite. “Pena que eu prometi nunca falar nas coisas que você me conta; essa, sim, é ótima.” E repetiu o nome de Santomauro.

“Você nunca fala nada mesmo, Paola?”, perguntou Brunetti, embora soubesse que não.

Reprimindo o impulso de replicar com zanga, ela se inclinou e pôs a mão no joelho do marido. “Não, Guido. Eu nunca conto nada a ninguém. E nunca vou contar.”

“Desculpe ter perguntado”, pediu ele, baixando os olhos e tomando o seu campari com soda.

“Você conhece a mulher dele?”, perguntou Paola, tratando de mudar de assunto.

“Acho que nós fomos apresentados num concerto, sei lá onde, há dois ou três anos. Mas eu não a reconheceria se a visse de novo. Como ela é?”

Paola tomou um gole do aperitivo e pôs o copo no parapeito, coisa que vivia proibindo os meninos de fazer. “Bom”, pronunciou, preparando a resposta mais peçonhenta possível. “Se eu fosse o *signor*, não, o *avvocato* Santomauro e pudesse escolher entre a minha esposa alta, magra, impecavelmente bem vestida, com penteado de Margaret Thatcher e temperamento idem, e um rapazinho, fosse qual fosse a sua altura, o seu penteado ou o seu temperamento, não tenha dúvida, ficava com o rapazinho.”

“Como você a conheceu?”, quis saber Brunetti, sempre alheio à retórica e atento à substância.

“Ela é cliente do Biba”, explicou Paola, aludindo a um amigo joalheiro. “Eu a vi algumas vezes na joalheria e, depois, estive com os dois na casa dos meus pais, num desses jantares a que você se nega a ir.” Imaginando que a esposa estivesse lançando uma farpa por conta da pergunta que ele fizera no começo da conversa, Brunetti preferiu não fazer comentários.

“Como eles são quando estão juntos?”

“Ela é a única que fala, e ele fica por perto, olhando feio, como se não houvesse nada nem ninguém, num raio de dez quilômetros, capaz de subir ao seu nível. Eu sempre os achei um par de santarrões prepotentes e intolerantes. Basta ouvi-la falar por cinco minutos para saber: a *signora* Santomauro parece aquelas personagens secundárias dos romances de Dickens, carola e malevolente. Como é a única que fala, nunca tive uma opinião clara sobre ele, guiava-me pela intuição, mas adoro saber que eu estava coberta de razão.”

“Paola”, alertou Brunetti, “eu não tenho nenhum motivo para duvidar que ele estivesse lá na qualidade de advogado de Crespo.”

“E precisava tirar os sapatos para isso?”, perguntou ela com um bufido de incredulidade. “Guido, ponha os pés no chão, sim? O *avvocato* Santomauro estava lá por um único motivo, que não tinha nada a ver com a sua profissão, a menos que ele estivesse montando uma previdência privada interessantíssima para o *signor* Crespo.”

No decurso de mais de dois decênios, Brunetti compreendera que Paola tinha uma forte tendência a Ir Longe Demais. Mesmo depois de todo esse tempo, ele não sabia ao certo se era um vício ou uma virtude, mas, sem dúvida, era um traço de caráter irremovível. O seu olhar chegava a adquirir um brilho selvagem quando ela se preparava para Ir Longe Demais, brilho esse que ele viu naquele exato momento. Não tinha idéia da forma que tomaria, mas sabia que estava prestes a acontecer.

“Será que Santomauro também montou uma previdência privada para o patriarca?”

Nessas mesmas décadas, Brunetti havia aprendido que o único modo de lidar com aquela tendência de Paola consistia em desconsiderá-la totalmente. “Como eu ia dizendo”, prosseguiu, “o fato de ele estar no apartamento não prova nada.”

“Tomara que você tenha razão, do contrário, eu vou ficar com a pulga atrás da orelha toda vez que o vir saindo do Palácio Patriarcal ou da Basílica.”

Ele se limitou a fitá-la.

“Tudo bem, Guido, Santomauro estava lá a trabalho, trabalho de advogado.” Paola deixou escoarem alguns segundos e, então, acrescentou num tom de voz completamente diferente, como que para lhe comunicar o fato de que agora ia se comportar e tratar a coisa com seriedade. “Mas você disse que Crespo reconheceu o homem na fotografia.”

“No primeiro momento, achei que sim, mas, quando ele voltou a olhar para mim, tinha tido tempo de se recuperar, de modo que a sua expressão estava perfeitamente natural.”

“Então o homem da fotografia pode ser qualquer um, não? Um dos travestis, mas também um cliente deles? Você já pensou nisso,

Guido, já imaginou que ele pode ser um cliente que gosta de se vestir de mulher para, ahn, para transar com esses caras?”

No supermercado sexual em que se transformara a sociedade moderna, Brunetti sabia que, a julgar pela idade, o homem era provavelmente um comprador e não um vendedor. “Você está querendo dizer que a gente devia procurar não um michê, e sim um de seus clientes?”, perguntou.

Paola pegou o copo, girou-o algumas vezes entre os dedos e terminou o aperitivo. “Bom, com certeza, vai ser uma lista muito maior. E, considerando o que você acaba de me contar sobre *l'avvocato del patriarcato*, muito mais interessante também.”

“Lá vem você com suas teorias de conspiração, Paola. Quer dizer que a cidade está lotada de homens aparentemente bem casados, mas que andam loucos para dar uma escapadinha e rolar atrás das moitas com um traveco?”

“Ora, tenha a santa paciência, Guido, sobre o que vocês homens conversam quando estão juntos? Sobre futebol? Sobre política? Por acaso não fazem fofoca?”

“Que fofoca? Sobre os garotos da Via Cappuccina?” Brunetti pôs o copo na mesa com uma força desnecessária e coçou o tornozelo, que acabava de ser picado por um dos primeiros mosquitos da noite.

“É que você não tem amigos *gays*”, disse Paola com voz uniforme.

“Nós temos um monte de amigos *gays*”, contrapôs ele, consciente do fato de que só numa discussão com a esposa era capaz de declarar semelhante coisa como se fosse um ponto de honra.

“Claro que temos, mas o único problema é que você não fala com eles, Guido, simplesmente não lhes dirige a palavra.”

“O que você quer que eu faça, que troque receitas com eles ou revele os meus segredos de beleza?”

Ela começou a falar, interrompeu-se, endereçou-lhe um olhar significativo e então disse com voz absolutamente neutra: “Não sei dizer se essa observação foi mais ofensiva do que idiota”.

Brunetti coçou o tornozelo, pensou no que acabava de dizer. “Acho que foi mais idiota, mas também foi muito ofensiva.” Ela o

fitou com desconfiança. “Desculpe”, acrescentou ele. Paola sorriu.

“Tudo bem, então diga o que eu já devia saber sobre isso.” Brunetti coçou uma vez mais o tornozelo.

“O que eu queria dizer é que os *gays* que eu conheço dizem que há uma multidão de homens dispostos a fazer sexo com eles — pais de família, homens casados, médicos, advogados, padres. Imagino que haja um bocado de exagero e vaidade no que eles dizem, mas também imagino que uma boa dose seja verdade.” Brunetti pensou que Paola tivesse terminado, mas ela acrescentou: “Sendo policial, é bem provável que você tenha ouvido falar nisso, mas eu desconfio que a maior parte dos homens não quer ouvir nenhuma palavra sobre essas coisas. Ou, quando ouve, não acredita”. Ela parecia não o incluir na lista, mas naturalmente era impossível ter certeza disso.

“Quem é a sua principal fonte de informação sobre isso tudo?”

“Ettore e Basilio”, respondeu ela, mencionando dois colegas da universidade. “E os amigos de Raffi dizem a mesma coisa.”

“O quê?”

“Dois colegas de Raffi no *liceo*. Não fique tão surpreso, Guido. Os dois já têm dezessete anos.”

“Os dois têm dezessete anos e *o quê?*”

“E são *gays*, Guido. *Gays*.”

“E são amigos íntimos de Raffi?”, indagou Brunetti, mas logo se arrependeu.

Paola se levantou bruscamente. “Eu vou pôr água no fogo para a *pasta*. Acho melhor a gente deixar a discussão para depois do jantar. Talvez isso lhe dê tempo para pensar um pouco no que disse e nas suposições que parece estar fazendo.” Pegou o copo, tirou o dele de sua mão e voltou para dentro, deixando-o às voltas com suas suposições.

O jantar foi bem mais pacífico do que ele esperava, dada a brusquidão com que Paola havia saído para prepará-lo. Fez um molho de atum fresco, tomate e pimenta, coisa que Brunetti tinha certeza de que ela nunca tinha feito, tudo isso com o grosso espaguete Martelli que ele adorava. Depois, serviu salada, um

pedaço de *pecorino*, que os pais da namorada de Raffi haviam trazido da Sardenha, e pêssegos frescos. Fiéis às fantasias paternas, os meninos se ofereceram para lavar os pratos, certamente já preparando o assalto à sua carteira para a viagem de férias.

Brunetti foi para o terraço, um copinho de vodca gelada na mão, e se sentou no mesmo lugar. No alto e à sua volta, os morcegos giravam, riscando o céu com seu vôo entrecortado. Gostava dos morcegos; alimentavam-se de mosquitos. Alguns minutos depois, Paola foi para lá. Ele lhe ofereceu o copo, e ela sorveu um pequeno trago. “É da garrafa que está no *freezer*?”, perguntou.

Brunetti fez que sim.

“Onde você a arranjou?”

“Foi uma espécie de suborno.”

“Quem o subornou?”

“Donzelli. Pediu para organizar a escala das férias de modo que ele pudesse passar as dele na Rússia — ex-Rússia. E me trouxe a garrafa quando voltou.”

“Continua sendo Rússia.”

“Hein?”

“Ex-União Soviética, mas continua sendo Rússia.”

“Ah, é. Tem razão.”

Paola balançou a cabeça.

“Será que eles comem alguma outra coisa?”, perguntou Brunetti.

“Quem?”, indagou ela, pela primeira vez confusa.

“Os morcegos.”

“Sei lá. Pergunte a Chiara. Ela é que sabe dessas coisas.”

“Eu fiquei pensando na nossa conversa de antes do jantar”, disse Brunetti, tomando mais um trago.

Já estava contando com uma severa censura, mas Paola apenas falou: “E?”.

“Acho que você tem razão.”

“Razão em quê?”

“Pode ser que ele seja mesmo um cliente, não um michê. Eu vi o corpo. Não era um corpo capaz de despertar o desejo de um homem.”

“Como era?”

Brunetti tomou mais um trago. “Pode parecer estranho, mas, quando eu o vi, pensei no quanto era parecido comigo. Mais ou menos da mesma altura, com a mesma constituição física, provavelmente da mesma idade. Foi muito esquisito, Paola, ver aquele cara estendido ali, morto.”

“Sim, eu imagino”, disse ela, mas não acrescentou nenhuma palavra.

“Esses garotos são muito amigos de Raffi?”

“Um deles é. Sempre ajuda na lição de italiano.”

“Que bom.”

“Que bom o quê? Ele ajudá-lo na lição de italiano?”

“Não, que bom que ele é amigo de Raffi, ou Raffi é amigo dele.”

Paola soltou uma gargalhada, balançou a cabeça. “Eu nunca vou entender você, Guido. Nunca mesmo.” Pondo a mão em sua nuca, inclinou-se e lhe tirou o copo da mão. Tomou mais um trago e devolveu-o. “Quando a gente terminar a vodca, será que eu posso desejar o seu corpo? Se for preciso, eu pago.”

Os dois dias seguintes foram muito parecidos, só que mais quentes. Quatro homens da lista de Brunetti não estavam nos endereços a eles atribuídos, e os vizinhos ignoravam seus paradeiros. Os outros dois entrevistados nada sabiam. Gallo e Scarpa não tiveram mais sorte que ele, embora um dos entrevistados por Gallo tivesse dito que o homem do retrato lhe parecia vagamente familiar, mas ele não lembrava nem onde nem por que o tinha visto.

Os três almoçaram juntos numa *trattoria* próxima da *questura* e discutiram as informações que haviam conseguido.

“Bom, as pernas ele não sabia raspar”, disse Gallo quando chegaram ao fim do rol de itens da lista. Brunetti ficou na dúvida se o sargento estava brincando ou simplesmente falando por falar.

“Como assim?”, indagou, terminando o vinho e procurando o garçom com os olhos para pedir a conta.

“O cadáver. Estava cheio de tufinhos de pêlo nas pernas, como se não tivesse o costume de raspá-las.”

“E algum de nós teria?”, perguntou Brunetti, tratando logo de esclarecer o pronome. “Nós homens.”

Scarpa sorriu com o copo na boca. “Eu ficaria todo machucado. Não sei como elas conseguem”, disse, e balançou a cabeça, pensando em mais esse milagre das mulheres.

O garçom chegou com a conta e os interrompeu. Adiantando-se a pegá-la, o sargento Gallo tirou a carteira e colocou algumas notas na mesa. Antes que Brunetti pudesse protestar, explicou: “Pelo que

me consta, o senhor é um convidado aqui na cidade". Brunetti se perguntou o que Patta acharia disso, embora acreditasse que ele merecia tanta deferência.

"Já esgotamos os nomes da lista", disse. "Acho que só nos resta conversar com os que não figuram nela."

Scarpa observou: "Mas não temos o nome e o endereço de quase nenhum deles".

"Então vamos visitá-los no trabalho."

Larga e arborizada, a Via Cappuccina começava nas imediações da estação ferroviária de Mestre e ia até o centro comercial da cidade. Repleta de butiques e pequenas lojas, escritórios e alguns quarteirões de prédios de apartamentos, durante o dia era uma rua normal numa cidadezinha italiana inteiramente normal. As crianças brincavam sob as árvores e nos parquinhos espalhados em toda sua extensão. As mães geralmente ficavam por perto para protegê-las dos carros, mas também para mantê-las a salvo de certos freqüentadores da Via Cappuccina. As lojas fechavam ao meio-dia e meia, e a rua passava as primeiras horas da tarde cochilando. O trânsito diminuía, as crianças iam para casa almoçar e fazer a sesta. Era bem menor o número das que voltavam para brincar à tarde, pois o trânsito aumentava, e a Via Cappuccina se enchia de vida e movimento quando as lojas e os escritórios reabriam.

Entre as sete e meia e as oito horas da noite, o comércio encerrava o expediente; os lojistas e proprietários fechavam as portas metálicas, trancavam-nas bem e iam para casa jantar, deixando a Via Cappuccina entregue aos que nela trabalhavam depois disso.

À noite, os carros continuavam trafegando, mas sem nenhuma pressa. Passavam devagar, não que tivessem dificuldade para estacionar, pois não era de vagas de estacionamento que os motoristas estavam à procura. A Itália se tornara um país rico, e a maioria dos automóveis tinha ar-condicionado, coisa que retardava ainda mais o trânsito, pois era preciso baixar o vidro das janelas para negociar os preços, e, assim, tudo demorava mais.

Alguns carros eram novos e reluzentes: BMWs, Mercedes, ocasionalmente uma Ferrari, embora estas fossem raridade na Via Cappuccina. Em sua maioria, tratava-se de sedãs sóbrios e bem cuidados, veículos de família, os mesmos que levavam os filhos ao colégio de manhã, os mesmos que levavam a família à igreja no domingo e depois à casa dos avós para o jantar. Geralmente eram dirigidos por homens que se sentiam mais à vontade de terno e gravata do que com qualquer outra roupa, homens que viviam bem em consequência do *boom* econômico tão generoso com a Itália nas últimas décadas.

Com frequência cada vez maior, os obstetras dos hospitais e clínicas particulares da Itália, utilizados por gente suficientemente abastada para se permitir o luxo do atendimento médico privado, tinham de contar às mães que tanto elas quanto seus recém-nascidos estavam infectados com o vírus da aids. A maioria dessas mulheres reagia com estupefação, pois sempre tinham sido esposas fiéis. A explicação, acreditavam, devia estar em algum erro fatídico no tratamento médico que haviam recebido. Mas a resposta talvez se encontrasse mais facilmente na Via Cappuccina e nas transações entre os motoristas daqueles carros sóbrios e os homens e mulheres que lotavam as calçadas.

Brunetti entrou na Via Cappuccina às onze e meia daquela noite, vindo da estação ferroviária à qual chegara minutos antes. Tinha ido jantar em casa, dormiu um pouco e escolheu uma roupa que, em sua opinião, dava-lhe uma aparência menos policial. Scarpa havia mandado fazer cópias menores tanto do desenho quanto das fotografias do morto, e ele levava algumas nos bolsos internos do paletó de linho azul.

Às suas costas e à direita, ouviu o leve rumor do trânsito, os carros que continuavam passando pela *tangenziale* da auto-estrada. Mesmo sabendo que era improvável, teve a impressão de que toda a fumaça dos escapamentos era lançada bem ali, tão denso e sufocante estava o ar sem brisa. Atravessou uma rua, outra, outra mais, e então começou a reparar no tráfego. Os carros deslizavam lentamente, janelas fechadas, os motoristas virando a cabeça para o meio-fio, inspecionando a mercadoria exposta.

Brunetti viu que, mesmo não sendo o único pedestre, ele era um dos poucos de paletó e gravata e teve a impressão de ser o único que não estava parado.

“*Ciao, bello.*”

“*Cosa vuoi, amore?*”

“*Ti faccio tutto che vuoi, caro.*”

De quase todos os vultos pelos quais passava, chegavam-lhe ofertas de prazer, alegria, gozo. As vozes sugeriam deleites inimagináveis, prometiam-lhe a realização de todas as fantasias. Ele parou junto a um poste e foi imediatamente abordado por uma loira alta de minissaia branca e com o corpo quase nu.

“Cinqüenta mil”, anunciou. Sorriu como se isso fosse um grande incentivo. O sorriso mostrou-lhe os dentes.

“Eu quero um homem”, disse Brunetti.

Ela soltou um palavrão e, dando-lhe as costas, foi para o meio-fio. Inclinou-se na direção de um Audi que ia passando e tornou a gritar o preço. O automóvel não parou. Brunetti ficou onde estava, e ela se virou para ele. “Quarenta”, propôs.

“Eu quero um homem.”

“Eles são muito mais caros, e não fazem nada que eu não possa fazer, *bello.*” Tornou a lhe mostrar os dentes.

“Eu quero mostrar um retrato.”

“*Gesù Bambino*”, resmungou a loira entre os dentes, “não é um daqueles, é?” Então ergueu a voz. “Vai ficar muito mais caro. Com eles. Eu faço tudo pelo mesmo preço.”

“Eu quero que eles dêem uma olhada no retrato de um homem e digam se o conhecem.”

“Polícia?”

Ele fez que sim.

“Eu devia ter imaginado. Eles ficam mais adiante, os garotos, do outro lado da Piazzale Leonardo da Vinci.”

“Obrigado”, disse Brunetti, e continuou seu caminho. Na esquina seguinte, olhou para trás bem no momento em que a loira entrava num Volvo azul-marinho.

Minutos depois, estava na *piazzale* aberta. Atravessou-a entre os carros vagarosos sem dificuldade, e viu um aglomerado de vultos

encostados num muro baixo do outro lado.

Ao chegar mais perto, ouviu outras vozes, vozes de tenor, alardeando as mesmas ofertas e prometendo os mesmos prazeres. Quanto gozo se podia comprar ali!

Ele se aproximou de um grupo e viu o que já tinha visto no caminho desde a estação: bocas ampliadas pelo batom vermelho, todas arreganhadas num sorriso que pretendia ser convidativo; nuvens de cabelo platinado; pernas, coxas e peitos que pareciam tão reais quanto quaisquer outros.

Dois deles vieram esvoaçando na sua direção, mariposas atraídas pela luz do seu poder de compra.

“O que você pedir, meu bem. Sem camisinha. Tudo na real.”

“O meu carro está ali na esquina, *caro*. Eu faço o que você quiser.”

No grupo encostado na mureta que formava um lado da *piazzale*, alguém gritou para o segundo travesti: “Pergunte se ele não quer ir com as duas, Paolina”. E então, dirigindo-se a Brunetti: “Não tem nada melhor do que transar com as duas ao mesmo tempo, *amore*; elas fazem um sanduíche que você nunca vai esquecer.” Isso bastou para que os outros caíssem na gargalhada, risos graves que nada tinham de feminino.

Brunetti falou com o que se chamava Paolina. “Eu quero que você veja o retrato de um homem e me diga se o conhece.”

Paolina se virou para o grupo e gritou: “É um tira, meninas. E quer me mostrar umas fotos”.

Um coro de berros respondeu: “Diga que ao vivo é muito melhor do que nessas fotografias imundas, Paolina”. “Os tiras nem sabem a diferença.” “Um tira? Então tem de pagar o dobro.”

Brunetti esperou que os michês esgotassem o que tinham a dizer e perguntou: “Você dá uma olhada no retrato?”.

“O que eu ganho com isso?”, quis saber Paolina, e seu colega achou graça na audácia com que ele tratava um policial.

“É o retrato do homem que nós encontramos num terreno baldio segunda-feira.” Antes que Paolina pudesse fingir ignorância, ele acrescentou: “Tenho certeza de que todos vocês sabem dele e do

que lhe aconteceu. Nós precisamos identificá-lo para encontrar a pessoa que o matou. Vocês entendem a importância disso”.

Percebeu que Paolina e seu colega estavam com roupas quase idênticas, ambos de blusa tomara-que-caia bem justa e saia curtíssima que lhes expunha as pernas finas e musculosas. Os dois usavam sapatos de salto agulha; nenhum deles tinha a menor chance de fugir de quem resolvesse persegui-los.

O amigo de Paolina, cuja peruca amarela cascadeava até os ombros, disse: “Tudo bem, vamos ver”, e estendeu a mão. Embora os sapatos dissimulassem os pés do travesti, nada lhe disfarçava as mãos grossas e largas.

Brunetti tirou o desenho do bolso e o entregou. “Obrigado, *signore*”, falou. O rapaz lhe endereçou um olhar intrigado, como se ele tivesse começado a falar uma língua estrangeira. Os dois examinaram o retrato, conversando num dialeto que Brunetti acreditou que fosse sardo.

O loiro lhe devolveu o desenho. “Não, eu nunca o vi. É o único retrato dele que você tem?”

“É”, respondeu ele, mas logo indagou: “Você me faz o favor de perguntar se algum dos seus amigos o reconhece?”. Fez um gesto na direção do grupo ainda encostado no muro, dirigindo observações ocasionais aos carros que passavam, mas sempre de olho em Brunetti e nos dois colegas.

“Claro. Como não?”, disse o amigo de Paolina, afastando-se. Paolina seguiu-o, talvez com medo de ficar sozinha com um tira.

Os dois foram em direção ao grupo, que, afastando-se da mureta, aproximou-se deles. O que estava com o desenho tropeçou e só não caiu porque se escorou no ombro de Paolina. Proferiu os piores palavrões. A turma de homens vivamente coloridos se aglomerou ao redor da dupla, e Brunetti viu o retrato passar de mão em mão. Um dos travestis, um rapaz alto e desengonçado de peruca vermelha, soltou o desenho, mas, repentinamente, pegou-o de volta e tornou a estudá-lo. Puxou outro homem para junto de si e apontou para o retrato. O segundo balançou a cabeça, e o ruivo tornou a bater o dedo no papel. O outro insistiu em não concordar, e o ruivo o dispensou com um irritado gesto de desdém. O desenho

passou por mais algumas mãos e, então, o amigo de Paolina, acompanhado do ruivo, voltou até o lugar em que estava Brunetti.

“*Buona sera*”, falou o comissário quando o outro se acercou. Estendendo a mão, apresentou-se: “Guido Brunetti”.

Os dois ficaram como que pregados no chão pelos saltos altos. O amigo de Paolina baixou os olhos e alisou a saia num gesto nervoso. O ruivo levou a mão à boca e só então apertou a do estranho policial. “Roberto Canale”, disse. “Muito prazer.” Sua mão era firme e quente.

Brunetti ofereceu a mão também ao outro, que, sempre nervoso, olhou para o grupo atrás dele e, como ninguém dissesse nada, aceitou-a. “Paolo Mazza.”

“O senhor reconhece o homem do retrato, *signor* Canale?”, perguntou Brunetti ao ruivo.

Desviando a vista, o travesti ficou olhando para o lado até que Mazza questionasse: “Ele está falando com você, Roberta, será que até o seu nome você esqueceu?”.

“Claro que eu não esqueci o meu nome”, respondeu o ruivo, olhando feio para o colega. Voltou-se para Brunetti: “Sim, eu já vi esse homem, mas não sei dizer quem ele é. Nem sei por que o reconheci. É parecido com uma pessoa que eu conheço”.

Percebendo o quanto aquilo era esquisito, Canale explicou: “Sabe, é como quando a gente dá de cara com o vendedor do mercadinho de queijos da esquina, mas ele está sem o avental; você o conhece, mas não lembra quem ele é. Tem certeza de que já viu o sujeito, mas ele está fora de lugar, e você não lembra quem ele é. É o que acontece com o homem do desenho. Eu sei que o conheço ou que já o vi, do mesmo jeito que a gente vê o cara dos queijos, mas não consigo lembrar de onde o conheço”.

“Não será daqui mesmo?”, quis saber Brunetti. E, vendo o olhar vazio de Canale, esclareceu: “Aqui da Via Cappuccina? Não é daqui que o senhor o conhece?”.

“Não, não. De jeito nenhum. Isso é que eu acho esquisito. O lugar onde eu o vi não tem relação com isto aqui.” Ele agitou a mão como que procurando a resposta no ar. “É como se eu tivesse visto um dos meus professores. Ou o médico. Não era para ele estar

aqui. É só uma impressão, mas muito forte." A seguir, buscando confirmação, perguntou: "Entende o que eu quero dizer?"

"Sim, entendo. Perfeitamente. Uma vez, em Roma, um sujeito me parou na rua e me cumprimentou. Eu sabia que o conhecia, mas não me lembrava de onde." Brunetti sorriu e arriscou: "Eu o tinha prendido dois anos antes. Só que em Nápoles".

Por sorte, os dois travestis acharam graça. Canale disse: "Posso ficar com o retrato? Talvez eu acabe me lembrando, sabe, se olhar para ele de vez em quando. Pode ser que me ocorra de uma hora para a outra".

"Claro que pode. Eu agradeço muito a sua boa vontade."

Foi a vez de Mazza arriscar uma pergunta: "Ele estava muito machucado? Quando vocês o encontraram?". Juntou as mãos, comprimindo-as no peito.

Brunetti fez que sim.

"Não basta eles quererem trepar com a gente?", exclamou Canale. "Por que também querem nos matar?"

Embora a pergunta fosse dirigida a poderes muito superiores àquele para o qual trabalhava, Brunetti respondeu: "Não tenho idéia".

No dia seguinte, sexta-feira, Brunetti resolveu passar pela *questura* de Veneza para ver a correspondência e o trabalho acumulados em sua mesa. Além disso, confessou a Paola no café-da-manhã, queria saber as novidades do “*Caso Patta*”.

“Não saiu nada na *Gente* nem na *Oggi*”, informou ela, citando as duas revistas de fofocas mais famosas, e acrescentou, “se bem que eu não sei se a *signora* Patta merece a atenção delas.”

“Ela que não te ouça dizer isso”, riu-se Brunetti.

“Se eu for uma mulher de sorte, a *signora* Patta nunca vai me ouvir dizer nada.” Abrandando a voz, Paola perguntou: “O que você acha que Patta vai fazer?”

Antes de responder, Brunetti terminou o café e pôs a xícara no pires. “A única coisa que ele pode fazer é esperar que Burrasca se canse dela ou que ela se canse de Burrasca e volte para casa.”

“Como ele é, esse Burrasca?” Paola não perdeu tempo perguntando se a polícia tinha a ficha do homem. Na Itália, bastava uma pessoa ganhar dinheiro para que já lavrassem sua ficha completa.

“Pelo que dizem por aí, é um sujeito sórdido. Anda metido com o mundo da cocaína em Milão, com carros de motor rápido e com garotas de cérebro lerdo.”

“Bom, dessa vez ele ficou só com a metade.”

“Como assim?”

“A *signora* Patta. Garota faz tempo que ela não é, mas com certeza tem cérebro lerdo.”

“Você a conhece tão bem assim?” Brunetti nunca sabia ao certo quem Paola conhecia. Ou o quê.

“Não, só estou concluindo isso por ela ter se casado com Patta e ter ficado tanto tempo com ele. Não deve ser fácil aturar um bundão metido a besta como aquele.”

“Você me atura”, sorriu Brunetti, querendo confete.

Ela o fitou sem mudar de expressão. “Você não é metido a besta, Guido. Às vezes, é um homem difícil, às vezes, insuportável, mas metido a besta não.” Nada de confete.

Ele se levantou, sentindo que talvez estivesse na hora de ir para a *questura*.

Ao chegar ao escritório, examinou os papéis que o esperavam na escrivaninha e ficou decepcionado por não encontrar nada sobre o homem assassinado em Mestre. Foi interrompido por uma batida na porta. “*Avanti!*”, gritou, pensando que era Vianello com alguma novidade. Em vez do sargento, entrou uma bela morena com uma pilha de pastas na mão. Com um lindo sorriso nos lábios, aproximou-se da mesa, folheando os papéis que trazia.

“*Commissario Brunetti?*”, perguntou.

“Às suas ordens.”

Ela tirou alguns papéis das pastas e os colocou na escrivaninha, diante dele. “Os homens lá embaixo disseram que talvez o senhor queira ver isto, *dottore!*”

“Obrigado, *signorina!*”, disse ele, examinando a papelada.

A moça continuou à sua frente, evidentemente esperando que Brunetti lhe perguntasse quem era, talvez acanhada demais para tomar a iniciativa de se apresentar. Ele ergueu os olhos e deu com os dela, grandes e castanhos, com um rosto bonito e redondo e com uma explosão de batom encarnado. “E a senhora é...?”, sorriu.

“Elettra Zorzi, *dottore*. Comecei a trabalhar na semana passada, sou secretária do *vice-questore!*” Estava explicada a escrivaninha nova na ante-sala de Patta. Fazia meses que ele reclamava do excesso de trabalho burocrático que tinha de fazer sozinho. E, qual um porco industrial, conseguira fuçar a dotação orçamentária até encontrar verba para contratar uma secretária.

“Muito prazer em conhecê-la, *signorina Zorzi*”, disse Brunetti. O nome lhe parecia familiar.

“Acho que também vou trabalhar para o senhor, *commissario*”, declarou ela, sorrindo.

Não. Se ele conhecia bem o *vice-questore* Patta, não ia. Mesmo assim, falou: “Sem dúvida, vai ser ótimo”, e tornou a estudar os papéis que ela acabara de deixar na mesa.

Ouvindo-a afastar-se, ergueu os olhos para observá-la. Usava uma saia, nem curta nem comprida, e tinha pernas muito bonitas. Ao chegar à porta, a moça se virou e, vendo-o olhar para ela, sorriu outra vez. Brunetti voltou a se ocupar da papelada. Quem daria o nome de Elettra à filha? Há quanto tempo? Vinte e cinco anos? E Zorzi; ele conhecia muitos Zorzi, mas nenhum se dignaria a batizar a filha Elettra. A porta se fechou atrás dela, e Brunetti leu todos os documentos, mas não viu nada interessante neles; em Veneza, o crime tinha tirado férias.

Desceu ao gabinete de Patta, mas ao entrar na ante-sala deteve-se, admirado. Aquele cômodo havia passado anos apenas com um porta-guarda-chuva de porcelana quebrado e uma escrivaninha forrada de revistas velhas, como na sala de espera de um dentista. Em frente à janela, no lugar do porta-guarda-chuva, haviam colocado uma mesinha de madeira, e nela descansava um vaso de vidro com um enorme buquê de gladiolos alaranjados e amarelos.

Ou Patta resolvera dar uma entrevista à *Architectural Digest*, ou a nova secretária determinara que a opulência que ele acreditava ser tão adequada ao seu gabinete devia respingar no local de trabalho dos funcionários mais modestos.

“Mas isto aqui está uma beleza”, disse ele, sorrindo e abrangendo com um gesto a pequena sala.

A secretária atravessou a sala e, depois de depositar uma pilha de pastas na escrivaninha, voltou-se para encará-lo. “Que bom que o senhor gostou, *commissario*. Era impossível trabalhar aqui do jeito que estava. Aquelas revistas...”, e ela completou a frase com um delicado dar de ombros.

“Que flores lindas. Estão aí para comemorar a sua chegada?”

“Oh, não”, respondeu a moça com doçura. “Eu dei ordem permanente à Fantin: daqui por diante, vão entregar flores frescas às segundas e às quintas-feiras.” A Fantin, a floricultura mais cara da cidade. Duas vezes por semana. Cem vezes por ano? A moça lhe interrompeu os cálculos, explicando: “Como sou eu que vou preparar a conta das despesas do *vice-questore*, pensei em incluí-las como gastos necessários”.

“E a Fantin também vai fornecer flores para o gabinete dele?”

A morena ficou genuinamente surpresa. “Pelo amor de Deus, não. É óbvio que o *vice-questore* tem condições de pagar a floricultura. Não é justo gastar o dinheiro do contribuinte com isso.” Contornando a escrivaninha, ligou o computador. “O senhor deseja alguma coisa, *commissario?*”, perguntou, uma vez encerrado o assunto flores.

“No momento, não, *signorina*”, respondeu Brunetti quando ela se debruçou sobre o teclado.

Bateu na porta de Patta e recebeu ordem de entrar. Embora o *vice-questore* estivesse sentado à escrivaninha como sempre, quase tudo havia mudado. O tampo da mesa, geralmente vazio de qualquer coisa que denotasse trabalho, estava coberto de pastas, relatórios e ofícios, havia até um jornal amassado num canto. Não era o costumeiro *L'Osservatore Romano*, Brunetti reparou, e sim o quase obscuro *La Nuova*, um jornal cujo grande número de leitores deve se basear na mútua proposição de que as pessoas não só fazem coisas degradantes e ignóbeis como também gostam de ler sobre elas. Nem mesmo o ar-condicionado daquela que era uma das poucas salas que contavam com o equipamento parecia estar funcionando.

“Sente-se, *commissario*”, convidou o *vice-questore*.

Como se o olhar de Brunetti fosse contagioso, Patta observou os papéis na escrivaninha e começou a juntá-los. Empilhou-os um a um, as bordas totalmente desalinhas, empurrou-os para o lado e neles pousou a mão distraída.

“Como vão as coisas em Mestre?”, perguntou enfim.

“Ainda não identificamos a vítima, senhor. Mostramos o retrato a muitos travestis que trabalham lá, mas ninguém a reconheceu.”

Patta não disse nada. “Dois rapazes que eu entrevistei disseram que o homem lhes era familiar, mas nenhum deu uma identificação definida, de modo que isso pode significar qualquer coisa. Ou não significar nada. Um outro deu a impressão de tê-lo reconhecido, mas insistiu em dizer que não. Eu queria voltar a conversar com ele, mas isso pode criar problemas.”

“Santomauro?”, disparou o *vice-questore* e, pela primeira vez nos muitos anos que trabalhavam juntos, conseguiu surpreender Brunetti.

“Como o senhor soube de Santomauro?”, indagou o comissário num ímpeto e, a seguir, como que para corrigir o tom de voz, acrescentou: “*dottore*”.

“Ele me telefonou três vezes”, respondeu Patta, e arrematou em voz baixa, mas não a ponto de não se fazer ouvir, “aquele canalha”.

Imediatamente prevenido contra a insólita e cuidadosamente planejada indiscrição do *vice-questore*, Brunetti, como uma aranha a tecer a teia, começou a vasculhar a memória em busca dos muitos fios que podiam ligar aqueles dois homens. Santomauro era um advogado famoso; seus clientes, empresários e políticos de toda a região de Veneto. Isso bastava para que Patta rastejasse aos seus pés. Mas então ele se lembrou: a Santa Madre Igreja e a Lega della Moralità de Santomauro, cujo setor feminino estava sob a patronagem e a direção de ninguém menos que a fujona Maria Lucrezia Patta. Quantos sermões sobre o matrimônio, a sua santidade e as obrigações que ele impunha não teriam acompanhado os três telefonemas de Santomauro?

“É verdade”, disse, decidindo admitir a metade do que sabia, “ele é advogado de Crespo”. Se Patta quisesse acreditar que um *commissario* de polícia não estranhava o fato de um jurista do prestígio de Giancarlo Santomauro ser advogado de um travesti que se prostituía na rua, que acreditasse. “O que ele disse, senhor?”

“Que você humilhou e intimidou o cliente dele, que foi, para usar as suas próprias palavras, ‘desnecessariamente brutal na tentativa de obrigá-lo a dar informações.’” O *vice-questore* passou a mão no queixo, e Brunetti percebeu que ele estava com a barba por fazer.

“É óbvio que eu respondi que não aceitava esse tipo de crítica a um *commissario* de polícia, ele que registre uma queixa oficial se quiser.” Normalmente, uma queixa dessas, vinda de um homem da importância de Santomauro, levaria Patta a punir implacavelmente o policial em questão, caso não o rebaixasse e ainda o transferisse para Palermo, onde o coitado ficaria mofando por uns três anos. E faria isso sem querer saber dos detalhes. Mas ele persistiu no papel de paladino do princípio de que todos os homens eram iguais perante a lei. “Eu não vou tolerar interferência civil no trabalho das instituições públicas.” Isso — Brunetti se convenceu imediatamente — só podia significar que o chefe tinha contas pessoais a ajustar com Santomauro, de modo que ele seria um bom aliado na hora de puxar o tapete do advogado.

“Então o senhor acredita que eu devo ir em frente e interrogar Crespo uma vez mais?”

Por maior que fosse sua implicância com Santomauro, era tolice esperar que o *vice-questore*, abandonando um hábito de décadas, mandasse um policial fazer alguma coisa capaz de contrariar um homem com importantes conexões políticas. “Faça o que achar necessário.”

“Mais alguma coisa, senhor?”

Não tendo obtido resposta, Brunetti se levantou para sair.

“Uma coisa, *commissario*”, disse Patta, detendo-o.

“Sim, senhor?”

“Você tem amigos na imprensa, não?” Oh, não, por acaso o homem ia lhe pedir ajuda? Brunetti o encarou e balançou a cabeça vagamente. “Não sei se você pode entrar em contato com eles.” Pigarreando, Brunetti olhou para o chão. “No momento, eu estou numa situação embaraçosa e prefiro que ela não piore ainda mais.” E se calou.

“Vou fazer o possível, senhor”, respondeu Brunetti com voz sumida, pensando nos seus “amigos na imprensa”, dois especialistas em finanças e um colunista político.

“Ótimo”, disse o outro, e se calou um instante. “Eu mandei a nova secretária colher informações sobre os impostos dele.” Não havia necessidade de explicar aos impostos de quem estava se referindo.

“Ela vai entregar a você tudo o que descobrir.” Brunetti ficou tão surpreso que não conseguiu senão fazer que sim.

Patta baixou a cabeça e se pôs a olhar para a papelada; Brunetti, interpretando o gesto como uma despedida, retirou-se. A *signorina* Elettra não estava na ante-sala, e então ele lhe deixou um bilhete na escrivaninha. “A senhora pode ver o que diz o seu computador sobre os negócios do *avvocato* Giancarlo Santomauro?”

Subiu novamente ao escritório, consciente do calor que, alheio às paredes grossas e ao piso de mármore, parecia se expandir, penetrando todos os cantos e frestas do prédio, trazendo consigo uma densa umidade que dobrava as bordas das folhas de papel e as fazia colarem-se a qualquer mão que as tocasse. Aproximou-se da janela aberta, mas por ela não entrava senão mais calor e umidade, e agora que a vazante estava no ponto mais baixo, o cheiro de podridão, sempre à espreita no fundo dos canais, conseguia chegar até lá, tão perto da vastidão das águas espraiadas em frente à basílica de San Marco. Parado junto à janela, com o suor a lhe umedecer a calça, a camisa e até o cinto, ele pensou nas montanhas de Bolzano e nos grossos edredons com que se cobria nas noites de agosto.

Foi até a escrivaninha, ligou para o escritório central e pediu ao telefonista que mandasse Vianello subir. Minutos depois, o sargento entrou no escritório. Geralmente bronzeado nessa época do ano, num tom parecido com o marrom avermelhado da *bresaola*, o presunto que Chiara tanto adorava, ele ainda conservava a palidez hibernal. Como a maioria dos italianos da sua idade, sempre se julgara imune à probabilidade estatística. Os outros morriam por fumar, os outros ficavam com altas taxas de colesterol por comer muita gordura, e só os outros morriam de infarto por isso. Fazia anos que lia toda segunda-feira o caderno “Saúde” do *Corriere della Sera*, muito embora soubesse que só o comportamento dos outros causava tais horrores.

Naquela primavera, porém, haviam extraído cinco melanomas pré-malignos de suas costas e ombros e mandaram-no ficar longe do sol. No entanto, como Saulo na estrada de Damasco, Vianello se converteu e, como Paulo, tratou de propagar o seu evangelho

particular. Mas se esqueceu de uma das qualidades básicas do caráter italiano: a onisciência. Todas as pessoas com quem conversava conheciam o tema mais do que ele, sabiam tudo sobre a camada de ozônio, os clorofluorcarbonetos e seus efeitos na atmosfera. E o pior era que também sabiam que essa história de perigo do sol não passava de uma *bidonata*, uma tapeação, uma lorota, embora ninguém soubesse ao certo a quem a tapeação beneficiava.

Quando Vianello, ainda imbuído de zelo paulino, recorria ao argumento das cicatrizes nas suas costas, diziam que seu caso particular nada provava, que todas as estatísticas eram falsas; ademais, isso nunca aconteceria com elas. E então ele se deu conta da mais notável das verdades acerca dos italianos: não existia nenhuma verdade à parte a experiência pessoal, e toda evidência que contrariasse a convicção pessoal merecia ser descartada. Assim, ao contrário de Paulo, Vianello desistiu da sua missão e se contentou em comprar um tubo de protetor solar 30, que passava no rosto o ano inteiro.

“Pois não, *dottore?*”, disse ao entrar. Tinha deixado a gravata e o paletó lá embaixo e estava com uma camisa branca de mangas curtas e a calça azul-marinho da farda. Havia emagrecido depois do nascimento do terceiro filho, no ano anterior, e explicou a Brunetti que estava tentando emagrecer ainda mais para ficar em boa forma. Um homem de quarenta e tantos anos com um filho recém-nascido tinha de ser cauteloso e cuidar mais de si. Naquele calor e naquela umidade, ainda pensando nos pesados edredons, Brunetti não queria saber de falar em saúde, nem na dele nem na do sargento.

“Sente-se”, convidou. Vianello se instalou na cadeira de sempre, e Brunetti deu a volta para se sentar do outro lado da escrivaninha. “O que você sabe sobre a Lega della Moralità?”, perguntou.

O outro o encarou, estreitou os olhos numa expressão inquisitiva e, como não obteve mais nenhuma informação, refletiu um pouco antes de responder.

“Não muita coisa. Acho que eles se reúnem numa igreja — na Santi Apostoli? Não, lá são os *catecumeni*, aquele pessoal que toca

violão e tem um monte de filhos. Acho que La Lega se reúne em residências particulares ou em algumas casas paroquiais e salas de reunião. Não são políticos, pelo que ouvi dizer. Não sei bem o que fazem, mas, a julgar pelo nome, é bem provável que fiquem falando no quanto eles são bons e no quanto o resto do mundo não presta." Falou num tom que denunciava seu desprezo por tamanha maluquice.

"Você conhece algum membro da Lega?"

"Eu? Deus me livre." O sargento sorriu, mas logo viu a expressão de Brunetti. "Oh, o senhor está falando a sério, hein? Bom, neste caso, deixe-me pensar um minuto." Ficou exatamente um minuto pensando, as mãos entrelaçadas no joelho e o rosto erguido para o teto. "Conheço uma pessoa, *commissario*, a moça do banco. Nádia a conhece mais do que eu. Quer dizer, tem mais contato com ela, já que cuida do nosso dinheiro. Lembro que, um dia, Nadia comentou que achava esquisito uma mulher tão boa andar metida com essas coisas."

"Por que você imagina que ela disse isso?"

"Isso o quê?"

"Que eles não são bons."

"Ora, basta ver o nome dessa gente, *commissario*. Lega della Moralità, como se eles tivessem inventado a coisa. Isso aí só pode ser um bando de *basibanchi*, se o senhor quer saber." Com essa palavra tipicamente veneziana, zombando dos carolas que se ajoelhavam na igreja e se curvavam até beijar o banco da frente, Vianello deu uma demonstração do gênio do seu dialeto e de muito bom senso.

"Você sabe há quanto tempo ela participa disso e como foi recrutada?"

"Não, senhor, mas posso perguntar a Nádia. Por quê?"

Brunetti lhe falou rapidamente na presença de Santomauro no apartamento de Crespo e nos subseqüentes telefonemas a Patta.

"Interessante, hein, *commissario*?"

"Você o conhece?"

"Santomauro?", foi a pergunta inútil do sargento, já que dificilmente conheceria Crespo.

Brunetti confirmou com um gesto.

“Foi advogado do meu primo antes de ficar famoso. E caro.”

“O que o seu primo diz?”

“Quase nada. Que ele era um bom advogado, mas vivia querendo manipular a lei, dar um jeito para que ela fizesse o que ele queria.” Um tipo bastante comum na Itália, pensou Brunetti, onde não faltavam leis escritas, mas quase todas ambíguas.

“O que mais?”

Vianello balançou a cabeça. “Mais nada que eu lembre. Isso foi há muitos anos.” E, sem esperar que Brunetti lhe pedisse, acrescentou: “Vou telefonar para o meu primo e perguntar. Pode ser que ele conheça outras pessoas para quem Santomauro trabalhava”.

Brunetti agradeceu com um gesto. “Também quero ver se a gente consegue descobrir alguma coisa sobre essa Lega: onde eles se reúnem, quantos membros são, quem participa e o que fazem.” Parando para pensar, achou curioso que uma organização conhecida a ponto de servir de tema de muitas piadas tivesse conseguido ser tão discreta com suas atividades. Todo mundo sabia da Lega, mas, pelo que dizia a experiência de Brunetti, ninguém tinha uma idéia clara do que ela fazia.

Já com o bloquinho na mão, Vianello tomou nota de tudo. “O senhor também quer que eu investigue a *signora* Santomauro?”

“Quero. Tudo o que você conseguir descobrir.”

“Parece que ela é de Verona. Família de banqueiros.” O sargento olhou para Brunetti. “Algo mais, *commissario*?”

“Sim, o travesti de Mestre, esse tal Francesco Crespo. Veja se alguém aqui o conhece ou se o nome significa alguma coisa.”

“O que Mestre sabe dele, senhor?”

“Quase nada, só que foi preso duas vezes por tráfico de drogas. Está na lista do pessoal da Entorpecentes, mas agora mora num apartamento da Viale Ronconi, alto padrão, e eu desconfio que saiu da Via Cappuccina e dos parques municipais. E veja se Gallo levantou os nomes dos fabricantes de vestidos e calçados.”

“Vou ver o que eu consigo descobrir”, disse Vianello, fazendo suas anotações. “Mais alguma coisa?”

“Sim. Quero que você fique de olho em toda e qualquer notificação de pessoa desaparecida de quarenta e poucos anos, sexo masculino, cuja descrição coincida com a do morto. Está no arquivo. Talvez a secretária nova encontre alguma coisa no computador.”

“De que região, senhor?”, perguntou o sargento, com a ponta da caneta no papel. O fato de ele não ter feito nenhuma pergunta sobre a secretária nova bastou para que Brunetti entendesse que todos já sabiam da sua chegada.

“Se der para averiguar, de todo o país. Inclusive os turistas desaparecidos.”

“O senhor não acredita que ele seja um michê, *commissario*?”

Brunetti se lembrou daquele corpo nu, tão terrivelmente parecido com o seu. “Não. Duvido que alguém pagasse para comer aquele cara.”

Na manhã de sábado, Brunetti acompanhou a família até a estação ferroviária. Mas foi um grupo bem desanimado que embarcou no *vaporetto* número um na parada de San Silvestro. Paola estava zangada porque ele se recusava a largar o que ela agora chamava de “os seus travecos” e a passar pelo menos o primeiro fim de semana de férias em Bolzano; Brunetti estava zangado porque se sentia incompreendido. Raffaele lamentava separar-se do charme virginal de Sara Paganuzzi, se bem que a perspectiva de se reencontrarem dali a uma semana o consolava um pouco — sem contar que, até lá, não faltariam cogumelos frescos para colher nos bosques. Como de costume, não havia egoísmo na tristeza de Chiara, ela apenas desejava que o pai, que trabalhava tanto, tivesse uma oportunidade de viajar e descansar de verdade.

A etiqueta da família determinava que cada um levasse a própria bagagem, mas, como Brunetti ia só até Mestre e, portanto, estava de mãos abanando, Paola aproveitou para lhe entregar sua mala enorme, reservando para si apenas o transporte da bolsa e de *The collected letters of Henry James*, um livro tão grosso que Brunetti se convenceu de que, fosse como fosse, ela dificilmente teria tempo para o marido. E, já que Paola dispunha de carregador, a teoria do dominó se manifestou de imediato, e Chiara enfiou alguns dos seus livros na mala da mãe, abrindo espaço na dela para o segundo par de botas de montanhismo de Raffi. Vendo isso, Paola insistiu para que o garoto aproveitasse o lugar agora vago para levar um

exemplar de *The sacred fount*, pois decidiu que naquele ano finalmente ia ter tempo para lê-lo.

Todos se instalaram no mesmo compartimento do trem das oito e trinta e cinco, que deixaria Brunetti em Mestre dali a dez minutos e devia chegar a Bolzano na hora do almoço. Ninguém teve muito que dizer durante a curta viagem ao outro lado da *laguna*; Paola fez questão de verificar se o marido estava com o número do telefone do hotel na carteira, e Raffaele lembrou-o de que era exatamente aquele o trem que Sara ia tomar no sábado seguinte, coisa que o levou a se perguntar se também teria de carregar a mala da "nora".

Em Mestre, Brunetti se despediu dos filhos com um beijo, e Paola foi com ele ao corredor e o acompanhou até a porta. "Tomara que você possa ir para lá no próximo fim de semana, Guido. Ou melhor, que resolva isso logo e vá antes."

Ele sorriu, mas preferiu não contar que isso era muito improvável; afinal, ainda nem se sabia quem era o morto. Beijou-lhe as bochechas, desembarcou e voltou em direção ao compartimento dos meninos. Chiara já estava comendo um pêsego. Enquanto aguardava a partida do trem na plataforma, observando-os pela janela, Brunetti viu Paola retornar ao compartimento e, num gesto quase automático, tirar um lenço da bolsa e entregá-lo a Chiara. O trem já estava partindo quando a menina se voltou para enxugar a boca e, nesse movimento, avistou o pai do lado de fora. Seu rosto, a metade do qual ainda brilhava com o suco do pêsego, iluminou-se de puro prazer, e ela se precipitou para a janela. "*Ciao, papà, ciao, ciao*", gritou em meio ao ruído da locomotiva. Subindo no banco, debruçou-se na parte superior da janela e se pôs a agitar vigorosamente o lenço de Paola. Brunetti continuou plantado no lugar em que estava e só parou de acenar ao ver a bandeirinha do amor sumir ao longe.

Quando chegou ao escritório de Gallo na *questura* de Mestre, ele o recebeu à porta. "Vem gente dar uma olhada no cadáver", anunciou sem preâmbulos.

"Quem? Por quê?"

"O seu pessoal recebeu um telefonema de manhã cedo. De uma", e aqui ele consultou o pedaço de papel que tinha na mão, "de uma

tal *signora* Mascari. O marido dela é diretor da sucursal de Veneza do Banco de Verona. Está desaparecido desde sábado.”

“Já faz uma semana”, observou Brunetti. “Por que ela demorou tanto para notar o sumiço do marido?”

“Ele estava em Messina, viagem de negócios. Partiu domingo à tarde, e esse foi o último contato que os dois tiveram.”

“Uma semana? A mulher esperou uma semana para nos telefonar?”

“Eu não falei com ela”, disse Gallo quase como se Brunetti o estivesse acusando de negligência.

“Quem falou?”

“Não sei. Só sei que deixaram um pedaço de papel na minha mesa, dizendo que hoje ela vai ao Umberto Primo para ver o corpo. Deve chegar lá pelas nove e meia.”

Os dois se entreolharam; Gallo puxou a manga e consultou o relógio.

“Tudo bem”, decidiu Brunetti. “Vamos.”

Seguiu-se uma trapalhada quase cinematográfica de tão absurda. Para escapar ao trânsito difícil do início da manhã, o motorista resolveu fazer um percurso alternativo e chegar ao hospital pelos fundos. A infeliz manobra deixou-os à mercê de um congestionamento ainda pior, e eles acabaram chegando depois da *signora* Mascari, que não só já havia identificado o corpo do marido como, aproveitando o táxi que a trouxera de Veneza, tinha ido para a *questura* de Mestre, onde, segundo lhe disseram, a polícia ia responder às suas perguntas.

Conseqüentemente, quando retornaram à *questura*, Brunetti e Gallo descobriram que fazia mais de quinze minutos que a *signora* Mascari estava à espera deles, sentada com o corpo muito ereto, totalmente sozinha, num banco de madeira no corredor em frente ao escritório de Gallo. Era uma mulher cuja indumentária e os modos sugeriam não que sua juventude passara, mas que nunca havia existido. O *tailleur* de seda crua azul-marinho tinha corte conservador; a saia, um pouco mais comprida do que recomendava a moda. A cor da roupa contrastava muito com a palidez da sua pele.

Ela ergueu os olhos quando os dois se aproximaram, e Brunetti notou que tingia o cabelo naquele tom arruivado tão ao gosto das mulheres da idade de Paola. A maquiagem escassa permitiu-lhe ver as rugas no canto dos olhos e nas comissuras da boca, e ele se perguntou se tinham sido traçadas pela idade ou pelo sofrimento. Parando diante dela, Brunetti estendeu a mão. “*Signora* Mascari, eu sou o *commissario* Brunetti, da polícia de Veneza.”

A mulher o cumprimentou frouxa e rapidamente. Ele reparou no brilho intenso de seus olhos, mas não soube dizer se era devido às lágrimas derramadas ou ao reflexo dos óculos que usava.

“Antes de mais nada, quero lhe apresentar os meus pêsames, *signora* Mascari. Entendo como isso deve ser doloroso e chocante para a senhora.” Ela não reagiu às suas palavras. “Quer que nós chamemos alguém para lhe fazer companhia?”

A sra. Mascari balançou a cabeça. “Eu quero saber o que aconteceu”, disse.

“Vamos entrar no escritório do sargento Gallo”, propôs Brunetti, estendendo a mão para abrir a porta. Deixou-a ir na frente. Olhou rapidamente para Gallo, que enrugou a testa numa expressão interrogativa; a um gesto afirmativo de Brunetti, também entrou. A mulher se instalou na cadeira que lhe ofereceram e os encarou.

“Quer tomar alguma coisa, *signora*? Um copo de água? Um chá?”

“Não. Nada. Conte o que aconteceu.”

O sargento Gallo sentou-se à escrivaninha. Brunetti se sentou numa cadeira não muito distante da dela.

“O corpo do seu marido foi encontrado em Mestre segunda-feira passada. Como a senhora conversou com o pessoal do hospital, já deve saber que a *causa mortis* foi uma pancada na cabeça.”

“Também havia marcas no rosto”, disse ela, e desviou o olhar para as próprias mãos.

“A senhora sabe de alguém que quisesse prejudicar o seu marido, *signora*? Por acaso alguém o ameaçou ou teve uma briga séria com ele?”

Ela negou imediatamente. “Leonardo não tinha inimigos.”

A experiência de Brunetti dizia que ninguém chegava a diretor de banco sem fazer inimigos, mas ele não disse nada.

“Alguma vez seu marido falou em problemas no trabalho? Quem sabe um empregado que ele precisou demitir. Um cliente a quem o banco recusou um empréstimo e que o considerou responsável?”

Ela tornou a balançar a cabeça. “Não, nada disso. Nunca houve problemas.”

“E a sua família, *signora*? O seu marido teve conflito com algum parente?”

“O que significa isso?”, indignou-se a mulher. “Por que o senhor está me perguntando uma coisa dessas?”

“*Signora*”, Brunetti esboçou um gesto para acalmá-la. “O modo como seu marido foi assassinado, a violência do crime, mostra que quem o matou tinha motivos para odiá-lo muito, e, para procurar o assassino, nós precisamos ter uma idéia de por que o criminoso fez o que fez. Portanto, sou obrigado a fazer essas perguntas, mesmo que sejam desagradáveis. E eu sei que são.”

“Mas eu não sei de nada. Leonardo não tinha inimigos.” Ao repetir isso, a sra. Mascari olhou para Gallo, como a lhe pedir apoio ou que o convencesse a acreditar nela.

“Domingo passado seu marido saiu de casa para ir a Messina, não?”, perguntou Brunetti. Ela fez que sim. “A senhora sabe qual era o objetivo da viagem?”

“Ele me disse que era para resolver assuntos do banco e que ia voltar na sexta-feira. Ontem.”

“Mas não lhe contou por que ia viajar?”

“Não, ele nunca contava. Dizia que seu trabalho era uma chatice e raramente conversava comigo sobre isso.”

“Não entrou em contato com a senhora depois de viajar?”

“Não. Foi para o aeroporto no domingo à tarde. Ia fazer escala em Roma.”

“E não telefonou depois disso, *signora*? Nem de Roma nem de Messina?”

“Não, mas ele não costumava telefonar. Quando viajava a negócios, simplesmente ia aonde tinha de ir e depois voltava para casa, ou então me ligava do escritório, caso fosse diretamente para o banco ao chegar a Veneza.”

“Isso era habitual?”

“Isso o quê?”

“Viajar a negócios e não entrar em contato com a senhora?”

“É o que eu acabo de dizer”, respondeu ela com exasperação na voz. “As viagens que fazia para o banco não eram tão freqüentes assim, seis ou sete vezes por ano. Ocasionalmente, ele enviava um cartão-postal ou me trazia um presente, mas telefonar, nunca telefonava.”

“Quando foi que a senhora começou a ficar preocupada?”

“Ontem à noite. Pensei que à tarde, ao chegar, Leonardo fosse primeiro para o banco e depois para casa. Às sete da noite, como ele não tinha aparecido, eu liguei para o banco, mas já estava fechado. Tentei falar com dois dos seus colegas de trabalho, em vão, eles não estavam em casa.” A mulher se calou, respirou fundo e então prosseguiu: “Imaginei que eu tivesse me enganado quanto à data ou ao horário, mas hoje de manhã achei que não, por isso tornei a ligar para um colega do meu marido no banco; ele telefonou para Messina e depois chamou de volta”.

“E o que foi que ele disse, *signora*?”

Ela levou o dedo à boca, como que para impedir as palavras de saírem, mas tinha visto o cadáver no necrotério, de modo que o gesto era inútil. “Disse que Leonardo não esteve em Messina. Então eu liguei para a polícia. Para vocês. Disseram... quando eu dei a descrição de Leonardo... mandaram-me vir para cá. E eu vim.” Sua voz foi ficando cada vez mais entrecortada e, ao terminar, ela estava com as mãos desesperadamente entrelaçadas no regaço.

“Tem certeza de que não quer que chamemos alguém para lhe fazer companhia? Não é bom ficar sozinha neste momento”, ofereceu Brunetti.

“Não. Não quero ninguém.” A sra. Mascari se levantou abruptamente. “Eu não sou obrigada a ficar aqui, sou? Posso ir embora?”

“Claro que pode. A senhora já fez muito em responder às minhas perguntas.”

Ela não fez caso dessas palavras.

Ao se levantar para acompanhá-la até a porta, Brunetti fez um breve sinal para Gallo. “Vamos providenciar um automóvel que a

leve de volta a Veneza, senhora.”

“Não quero ser vista chegando num carro da polícia.”

“É um carro descaracterizado, e o motorista está à paisana.”

A mulher não respondeu, mas como tampouco se opôs, ficou subentendido que aceitava a carona.

Brunetti abriu a porta e a acompanhou à escada no fim do corredor. Notou que ia segurando firmemente a bolsa na mão direita e levava a esquerda metida no bolso do casaco.

No térreo, desceu com ela os poucos degraus da entrada da *questura* e saiu ao calor, do qual se havia esquecido. Aguardava-os um sedã azul-marinho, o motor ligado. Curvando-se, Brunetti abriu a porta e a ajudou a entrar. Ao se sentar, ela virou imediatamente o rosto e ficou olhando pela janela do lado oposto, embora a paisagem se resumisse ao trânsito e à fachada de um prédio comercial. Brunetti fechou a porta com delicadeza e mandou o motorista levá-la à Piazzale Roma.

Quando o carro desapareceu no tráfego, ele voltou para o escritório de Gallo. Ao entrar, perguntou: “E então, o que você achou?”

“Eu não acredito em gente que não tem inimigos.”

“Ainda mais um diretor de banco de meia-idade.”

“E agora?”, quis saber o sargento.

“Vou voltar a Veneza e ver se consigo descobrir alguma coisa com o meu pessoal. Agora que sabemos o nome dele, pelo menos temos por onde começar a procurar.”

“Procurar o quê?”

A resposta de Brunetti foi imediata. “Primeiro, precisamos fazer o que já devíamos ter feito há muito tempo: determinar a origem da roupa e dos sapatos que ele estava usando.”

Tomando isso como uma censura, Gallo respondeu com a mesma rapidez: “Do vestido ainda não temos nada, mas já conseguimos o nome do sapateiro que fez os sapatos e, hoje à tarde, vamos receber uma lista das lojas às quais ele os forneceu”.

Embora não tivesse feito a observação para criticar a polícia de Mestre, Brunetti preferiu não dar explicações. Não havia nenhum inconveniente em estimular Gallo e seus homens a investigar a

origem da roupa de Mascari, pois aquele vestido e aqueles sapatos decerto não eram a indumentária que um banqueiro de meia-idade usava para ir ao escritório.

Se Brunetti achava que ia encontrar o pessoal trabalhando numa manhã de sábado em pleno mês de agosto, a equipe da *questura* tinha opinião bem diferente; havia sentinelas à porta e até uma faxineira limpando a escada, mas os escritórios estavam desertos, e ele entendeu que não havia a menor esperança de fazer alguma coisa antes de segunda-feira. Pensou mesmo em tomar o trem para Bolzano, mas sabia que só conseguiria chegar bem depois do jantar e que passaria o dia seguinte ansioso por voltar.

Foi para o escritório e abriu a janela, embora soubesse que era inútil. A sala ficou mais úmida, talvez um pouco mais quente. Nenhum documento novo na escrivaninha, nenhum ofício da srta. Elettra.

Ele abriu a última gaveta e pegou a lista telefônica. Folheou-a até chegar à letra L, mas não encontrou a Lega della Moralità, coisa que não o surpreendeu. Na letra S, achou Santomauro, Giancarlo, avv. e um endereço em San Marco. Uma nova consulta revelou que Leonardo Mascari morava em Castello. Isso o surpreendeu; Castello era o *sestiere* menos prestigioso da cidade, uma região habitada principalmente por sólidas famílias operárias, onde as crianças ainda eram criadas falando unicamente dialeto e só começavam a aprender italiano ao entrar na escola. Talvez fosse o bairro da família de Mascari. Ou talvez ele tivesse feito um bom negócio ao comprar uma casa ou um apartamento. Era muito difícil encontrar apartamento em Veneza, e os poucos disponíveis eram tão exageradamente caros, tanto para comprar quanto para alugar, que

até mesmo Castello estava ficando chique. Gastar um bom dinheiro na reforma talvez conferisse respeitabilidade, senão a todo o *quartiere*, pelo menos ao endereço individual.

Examinando a seção de bancos nas páginas amarelas, Brunetti constatou que o Banco de Verona ficava no Campo San Bartolomeo, o *campo* estreito junto à Rialto, onde se aglomeravam os bancos; isso o surpreendeu, pois ele não se lembrava de tê-lo visto. Mais por curiosidade que por outra coisa, discou o número. Uma voz de homem atendeu ao terceiro toque, dizendo “*Si?*”, como se estivesse aguardando o telefonema.

“É do Banco de Verona?”, perguntou Brunetti.

Depois de um breve silêncio, o homem respondeu: “Lamento, o senhor discou o número errado”.

“Desculpe pelo incômodo.”

O sujeito desligou sem dizer mais nenhuma palavra.

Tantas eram as extravagâncias do SIP, o serviço telefônico nacional, que ninguém estranhava uma ligação errada, mas Brunetti tinha certeza de que discara o número corretamente. Repetiu a operação, mas, dessa vez, o telefone tocou doze vezes sem que atendessem, e ele desligou. Voltando a consultar a lista, anotou o endereço. Depois, procurou o da farmácia de Morelli. Poucos números separavam os dois endereços. Brunetti tornou a guardar a lista telefônica na gaveta, que empurrou com o pé. Fechou a janela, desceu e foi para a rua.

Dez minutos depois, estava saindo do *sottoportico* do Calle della Bissa e entrando no Campo San Bartolomeo. Olhou para a estátua de Goldoni, que, embora não fosse o seu dramaturgo preferido, certamente lhe arrancava boas gargalhadas, sobretudo quando suas peças eram representadas no original dialeto veneziano, como sempre acontecia na cidade em que elas se ambientavam e que o adorava a ponto de homenageá-lo com aquele monumento. Goldoni parecia estar andando, coisa que tornava o *campo* um lugar perfeito para ele, pois lá todo mundo passava apressado, sempre a caminho de algum lugar: da feira do outro lado da Ponte de Rialto; ou de lá para a San Marco ou para o distrito de Cannaregio. A geografia de San Bartolomeo obrigava qualquer um que morasse

nas imediações do centro da cidade a passar por lá pelo menos uma vez por dia.

Quando Brunetti chegou, o movimento de pedestres estava no auge, as pessoas correndo ao mercado antes que fechasse ou ansiosas por voltar para casa após a jornada de trabalho, já que a semana finalmente terminara. Ele foi andando calmamente pelo lado leste do *campo*, olhando para os números pintados acima das portas. Como tinha previsto, o número que procurava ficava duas casas à direita da farmácia. Parando um momento em frente à porta, leu os nomes no painel de campainhas. Lá figurava o do Banco de Verona, assim como o de outras três pessoas, provavelmente moradoras de apartamentos residenciais.

Brunetti tocou a primeira campainha acima da do banco. Ninguém atendeu. O mesmo sucedeu quando apertou a segunda. Já estava disposto a tocar a de cima quando ouviu uma voz de mulher às suas costas, perguntando no mais puro veneziano: "Pois não? Está procurando alguém?".

Ele se virou e deu com uma velha baixinha com um enorme carrinho de compras encostado na perna. Recordando o nome escrito ao lado da primeira campainha, disse no mesmo dialeto: "Estou, eu queria falar com os Montini. Está na época de eles renovarem a apólice do seguro, e eu vim ver se querem fazer alguma alteração no valor".

"Eles não estão", disparou a mulher, enfiando a mão na bolsa também enorme, à procura da chave de casa. "Foram para as montanhas. Os Gaspari também viajaram, só que para Jesolo." Perdendo a esperança de encontrar o chaveiro com a mão ou com os olhos, a velha balançou vigorosamente a bolsa para localizá-lo pelo barulho. Deu certo, e ela tirou um molho do tamanho de sua mão.

"Por isso são tantas chaves", disse, mostrando-o a Brunetti. "Eles me pediram para regar as plantas e não deixar os apartamentos desmoronarem." Encarou-o. Tinha olhos azuis muito claros, sem brilho, e um rosto redondo coberto de rugas finíssimas. "O senhor tem filhos, *signore*?"

"Tenho", respondeu ele imediatamente.

“Como se chamam e que idade têm?”

“Raffaele tem dezesseis; e Chiara, treze, *signora*.”

“Muito bem”, aprovou a mulher como se acabasse de submetê-lo a uma espécie de teste. “O senhor é um homem forte. Será que consegue subir este carrinho até o terceiro andar para mim? Do contrário, vou ter de fazer pelo menos três viagens para levar tudo para cima. Amanhã o meu filho vem almoçar com a família, e eu tive de comprar muita coisa.”

“É um prazer ajudá-la, *signora*”, declarou ele, curvando-se para pegar o carrinho, que devia pesar uns quinze quilos. “A família é grande?”

“O meu filho, a mulher e os filhos. Mas dois deles vão trazer os bisnetos, de modo que vão ser, deixe-me ver, vão ser dez pessoas.”

Abriu a porta e a segurou para que Brunetti entrasse com o carrinho. Acendeu a luz e começou a subir a escada na frente dele. “O senhor sabe quanto custaram os pêssegos? Em pleno mês de agosto, e tiveram a coragem de me cobrar três mil liras o quilo. Mas eu os comprei assim mesmo; Marco gosta de deixar o dele de molho no vinho tinto antes do almoço para comê-lo na sobremesa. E o peixe, então. Eu ia comprar um *rombo*, mas estava os olhos da cara. Todo mundo gosta de uma boa *bosega* cozida, e foi isso que eu comprei, mas, mesmo assim, dez mil liras o quilo. Três peixes me custaram quase quarenta mil.” Parou no primeiro andar, bem em frente à porta do Banco de Verona, e olhou para Brunetti. “Quando eu era menina, a gente dava *bosega* para o gato, e agora custa dez mil liras o quilo.”

Virando-se, começou a subir o lance seguinte. “O senhor está carregando pela alça, não?”

“Sim, *signora*.”

“É melhor, porque os figos estão em cima e eu não quero que amassem.”

“Não, não tem perigo, *signora*.”

“Eu fui à *Casa del Parmigiana* e comprei um pouco de presunto para acompanhar os figos. Conheço Giuliano desde que ele era menino. Tem o melhor presunto de Veneza, não acha?”

“A minha mulher só compra lá, *signora*.”

“Custa *l’ira di dio*, mas vale a pena.”

“Sem dúvida, *signora*.”

Chegaram. Ela continuava com a chave na mão, portanto não precisou procurá-la novamente. Enfiou-a na única fechadura da porta e a abriu, convidando-o a entrar num apartamento amplo, com quatro janelas, agora com as venezianas e os vidros fechados, que davam para o *campo*.

Conduziu-o pela sala de estar, cômodo que lembrou a juventude de Brunetti: poltronas grandes e um sofá estofado com crina de cavalo que arranhava quem nele se sentasse; bufetes maciços de madeira escura, a superfície coberta de bomboneiras de prata e porta-retratos também de prata; o piso veneziano brilhava mesmo na penumbra. Ele se sentiu na casa dos avós.

Na cozinha, a mesma coisa. A pia era de pedra e, no canto, havia um imenso aquecedor de água cilíndrico. A mesa tinha tampo de mármore, e ele a imaginou abrindo a massa e passando roupa naquela superfície.

“Pode deixá-lo aí perto da porta”, disse a velha. “Quer tomar alguma coisa?”

“Um pouco de água, *signora*.”

Como Brunetti previra, ela pegou uma bandeja de prata em cima do armário, cobriu-a com uma toalhinha de renda e nela colocou uma taça de vidro de Murano. Tirou da geladeira uma garrafa de água mineral e o serviu.

“*Grazie infinite*”, disse ele antes de beber. Com cuidado, recolocou o copo no centro da toalhinha e recusou quando a mulher ofereceu mais. “Quer que eu a ajude a tirar as compras do carrinho, *signora*?”

“Não, eu sei onde está cada coisa e onde guardá-la. O senhor é muito amável, meu jovem. Qual é o seu nome?”

“Brunetti, Guido.”

“E é vendedor de seguros?”

“Sim, *signora*.”

“Bem, muito obrigada”, sorriu a mulher, colocando o copo na pia e virando-se para o carrinho.

Lembrando sua verdadeira profissão, Brunetti perguntou: "Diga uma coisa, a senhora sempre deixa as pessoas entrarem no seu apartamento assim? Sem saber quem são?".

"Não, eu não sou louca. Aqui não entra qualquer um", respondeu ela. "Sempre pergunto se a pessoa tem filhos. E, é claro, tem de ser veneziana."

Claro. Pensando bem, aquele sistema era melhor do que um detector de mentira ou um crachá. "Obrigado pela água, *signora*. Eu já vou indo."

"Obrigada", disse ela, curvando-se sobre o carrinho para pegar os figos.

Brunetti desceu os dois primeiros lances de escada e parou no patamar acima do andar do Banco de Verona. Não ouviu o menor ruído, embora, vez por outra, chegasse do *campo* uma voz ou um grito. À meia-luz filtrada pelas janelinhas da escada, ele consultou o relógio. Pouco mais de uma hora. Passou outros dez minutos ali, mas nada ouviu, a não ser os ruídos estranhos e descontraídos do *campo*.

Descendo a escada devagar, parou diante do banco. Sentindo-se um tanto ridículo, inclinou a cabeça e espiou pelo buraco da fechadura horizontal da *porta blindata* metálica. Notou uma suave claridade lá dentro, como se tivessem esquecido de apagar a luz ao fechar as venezianas na tarde de sexta-feira. Ou como se estivessem trabalhando naquela tarde de sábado.

Brunetti voltou a subir a escada e se encostou na parede. Uns dez minutos depois, tirou o lenço do bolso, estendeu-o dois degraus acima, ergueu as pernas da calça e se sentou. Inclinando-se, apoiou os cotovelos nos joelhos

e o queixo nos punhos. Depois do que lhe pareceu um bom tempo, levantou-se, deslocou o lenço e tornou a se sentar, agora encostado na parede. O ar estava parado, ele não tinha comido nada o dia todo e viu que passava das duas. Resolveu ficar lá só até as três, nenhum minuto a mais.

Às três e quarenta, continuava no mesmo lugar, mas agora decidido a ir embora às quatro. Foi quando ouviu um barulho lá embaixo. Levantando-se, recuou ao segundo degrau. Uma porta se

abriu no andar inferior, mas ele permaneceu onde estava. A porta se fechou, uma chave girou na fechadura, e ecoaram passos na escada. Brunetti esticou o pescoço à procura do vulto que se afastava. Na penumbra, só conseguiu distinguir um homem alto, de terno escuro, com uma pasta de documentos nas mãos. Tinha o cabelo escuro e curto, o colarinho branco e engomado apenas visível junto à nuca. O homem se virou e começou a descer o lance seguinte, mas a luz escassa da escadaria ocultou-lhe as feições. Brunetti desceu pé ante pé atrás dele. À porta do banco, olhou de relance para o buraco da fechadura, mas agora estava escuro lá dentro.

Ao ouvir a porta se abrir e bater lá embaixo, desceu correndo os últimos degraus. Parou à porta, abriu-a rapidamente e saiu ao *campo*. No primeiro momento, o sol forte o ofuscou, obrigando-o a esconder os olhos com a mão. Retirando-a pouco depois, ele esquadrinhou o *campo*, mas não viu senão roupas leves em tons pastel e camisas brancas. Foi para a direita e examinou o Calle della Bissa, mas não avistou nenhum terno escuro. Atravessou o *campo* e olhou para o *calle* estreito que dava na primeira ponte, mas nada do homem. Pelo menos cinco outros *calli* saíam do *campo*, e era óbvio que o homem já estaria longe antes que Brunetti pudesse procurá-lo em todos. Decidiu tentar o *embarcadero* da Rialto; talvez o sujeito fosse tomar o barco.

Desviando dos transeuntes e empurrando alguns, correu até a beira da água e então seguiu rumo ao *embarcadero* de número 82. Ao chegar, um barco acabava de partir para San Marcuola e para a estação ferroviária.

Abrindo caminho num grupo numeroso de turistas japoneses, chegou à beira do canal. O barco estava passando, e ele correu os olhos pelos passageiros de pé no deque e pelos que viajavam sentados do lado de dentro. A embarcação estava lotada, e a maioria das pessoas vestia roupa esporte. Por fim, Brunetti localizou um sujeito de terno escuro e camisa branca do outro lado do deque. Ele acabava de acender um cigarro e deu as costas para o *commissario* a fim de jogar o palito de fósforo no canal. Sua nuca parecia ser a mesma, mas Brunetti sabia que não podia ter certeza.

Quando o homem tornou a se virar, ele olhou bem para o seu perfil, tentando gravá-lo na memória. Então o barco passou por baixo da Ponte de Rialto e sumiu.

Brunetti fez o que todo homem sensível faz ao sofrer uma derrota: foi para casa e telefonou para a esposa. Quando transferiram a ligação para o quarto de Paola, Chiara atendeu.

"Oh, *ciao, papà*, pena que você não estava no trem. Ele parou na saída de Vicenza e a gente ficou mais de duas horas esperando. Ninguém sabia o que tinha acontecido, mas depois o condutor contou que uma mulher se jogou debaixo do trem entre Vicenza e Verona. E a gente lá, esperando, esperando. Deve ser porque precisaram limpar tudo, né? Quando o trem enfim continuou a viagem, eu fiquei grudada na janela até chegar a Verona, mas não vi nada. Você acha que eles conseguem limpar os trilhos tão depressa?"

"É bem possível, *cara*. A sua mãe está aí?"

"Está, *papà*. Mas pode ser que eu tenha ficado olhando para o lado errado do trem e a coisa toda estava do outro. Você acha possível?"

"Talvez, Chiara. Posso falar com a mamãe?"

"Oh, claro que pode, *papà*. Ela está aqui perto. Por que será que uma pessoa faz uma coisa dessas, pular na frente de um trem?"

"Com certeza, porque não a deixavam falar com quem ela queria, Chiara."

"Ora, *papà*, como você é chato, só diz besteira. Pode conversar com ela."

Besteira? Que besteira? Ele tinha falado a sério.

"*Ciao, Guido*", disse Paola. "Veja como a nossa filha é mórbida."

“Quando vocês chegaram?”

“Há mais ou menos meia hora. Tivemos de almoçar no trem. Um horror. O que você andou fazendo? Achou a *insalata di calamari*?”

“Não, eu cheguei neste instante.”

“De Mestre? Você não almoçou?”

“Ainda não, não deu tempo.”

“Bom, tem *insalata di calamari* na geladeira. Coma-a hoje ou, o mais tardar, amanhã; vai estragar com este calor.” Ele ouviu a voz de Chiara no fundo, e Paola perguntou: “Você vem amanhã?”

“Não, não posso. Nós identificamos o corpo.”

“Quem é?”

“Mascari, Leonardo. Diretor do Banco de Verona daqui. Você o conhece?”

“Não, nunca ouvi falar. Ele é veneziano?”

“Acho que sim. A mulher é.”

Brunetti ouviu uma vez mais a voz de Chiara. Paola demorou bastante e então voltou: “Desculpe, Guido. Chiara vai dar uma volta e não conseguia achar o pulôver”. Aquela mera palavra lhe deu mais consciência do calor que estava fazendo no apartamento, mesmo com as janelas abertas.

“Paola, você tem o número de Padovani? Eu procurei na lista telefônica, mas o nome dele não consta.” Brunetti sabia que ela não ia lhe perguntar por que queria o número, por isso explicou: “É a única pessoa que pode me dar informações sobre o mundo *gay* daqui”.

“Há anos que ele mora em Roma, Guido.”

“Eu sei, eu sei, mas vem para cá de dois em dois meses para fazer a crítica dos espetáculos, e sua família continua morando aqui.”

“É, talvez”, disse ela, procurando não ser nada convincente. “Espere um pouco, eu vou pegar a caderneta de endereços.” Afastou-se do telefone e demorou o suficiente para persuadi-lo de que a caderneta estava em outro quarto ou talvez em outro prédio. Enfim retornou. “Guido, é o 5224404. Acho que, na lista telefônica, ainda está no nome da pessoa que lhe vendeu a casa. Se falar com ele, por favor, mande lembranças.”

“Pode deixar. E o Raffi?”

“Oh, saiu assim que a gente entrou no quarto. Duvido que apareça na hora do jantar.”

“Dê um beijo nele. Eu telefono durante a semana.” Com mútuas promessas de telefonar e mais uma recomendação sobre a *insalata di calamari*, eles desligaram, e Brunetti pensou como era esquisito um homem passar uma semana viajando sem telefonar para a esposa. Talvez fosse diferente quando o casal não tinha filhos, mas ele duvidava.

Ligou para o número de Padovani e, como era cada vez mais comum na Itália, foi recebido por uma secretária eletrônica dizendo que o *professore* Padovani não estava no momento, mas retornaria a chamada assim que possível. Brunetti deixou recado, pedindo ao professor que telefonasse, e desligou.

Foi para a cozinha em busca da agora famosa *insalata*. Removendo o filme plástico que cobria a travessa, pegou um pedaço de lula com os dedos. Enquanto mastigava, tirou da geladeira uma garrafa de Soave e serviu um cálice. Vinho numa mão, salada na outra, foi para o terraço e colocou ambos na mesinha de vidro. Lembrando-se do pão, voltou à cozinha em busca de um *panino*; pensando na civilização, aproveitou para pegar um garfo na gaveta.

De volta ao terraço, partiu o pão, acrescentou-lhe um pedaço de lula e enfiou tudo na boca. Decerto os bancos tinham muito que fazer no sábado — o dinheiro não respeitava feriado. E decerto quem era obrigado a trabalhar no fim de semana não queria ser perturbado com telefonemas, por isso o homem preferiu dizer que o número estava errado e não atendeu a segunda chamada. Para não ser importunado.

A salada continha mais salsão do que lhe apetecia, então ele empurrou os cubinhos para a borda da travessa. Serviu-se de mais vinho e pensou na Bíblia. Havia uma passagem, talvez no evangelho de Marcos, sobre o desaparecimento do Menino Jesus ao regressar a Nazaré na ocasião em que foi levado a Jerusalém. Maria imaginou que ele estivesse na companhia de José, viajando com os homens, ao passo que este pensou que o menino estava com a

mãe e as mulheres. Só quando a caravana parou para pernoitar foi que o casal teve oportunidade de conversar e descobriu que Jesus desaparecera; havia retornado a Jerusalém e estava pregando no Templo. O Banco de Verona acreditava que Mascari tinha viajado a Messina; por conseguinte, a sede de Messina devia supor que ele estava em outro lugar, do contrário teria telefonado para averiguar.

Voltando para a sala de estar, Brunetti achou um dos cadernos de anotações de Chiara na mesa, em meio a um punhado de lápis e canetas. Folheou-o; vendo que estava em branco e achando graça da figura de Mickey Mouse na capa, levou-o com uma das canetas para o terraço.

Começou escrever a lista de coisas a fazer na manhã de segunda-feira. Averiguar, no Banco de Verona, aonde Mascari poderia ter ido e, a seguir, telefonar para Messina e verificar que justificativa fora dada para o fato de ele não ter chegado. Apurar por que ainda não haviam descoberto a origem dos sapatos e do vestido. Começar a esquadrihar o passado de Mascari, tanto o pessoal quanto o financeiro. E dar mais uma olhada no laudo da autópsia em busca de alguma referência às pernas raspadas. Também era preciso ver o que Vianello havia descoberto sobre a Lega e o *avvocato* Santomauro.

O telefone tocou, e Brunetti, esperando que fosse Paola e, ao mesmo tempo, sabendo que não podia ser ela, entrou para atender.

“*Ciao*, Guido, aqui é Damiano. Recebi sua mensagem.”

“O *professore?*”, perguntou Brunetti.

“Ah, sim, é mesmo”, respondeu o jornalista com certo desdém. “Eu gostei do título, por isso estou testando na secretária eletrônica esta semana. Por quê? Você não gosta?”

“Claro que gosto. Soa bem. Mas você é professor do quê?”

Fez-se um longo silêncio do outro lado da linha. “Uma vez, nos anos setenta, eu dei uma série de aulas sobre pintura num colégio de meninas. Você acha válido?”

“Imagino que sim”.

“Bom, talvez seja melhor modificar a mensagem. O que você acha de *commendatore*? *Commendatore* Padovani? É, acho que gostei. Quer que eu altere a mensagem, e aí você me telefona?”

“Não, é melhor não, Damiano. Preciso conversar com você sobre outra coisa.”

“Tem razão. Eu demoro uma eternidade para gravar a mensagem. São muitos botões para apertar. Na primeira vez que tentei, acabei gravando a minha voz xingando a secretária eletrônica. Ninguém deixou recado para mim durante uma semana, então eu pensei que o aparelho estivesse encrocado e liguei para cá de um telefone público. Era a secretária com a boca mais suja do mundo. Voltei correndo para casa e mudei a mensagem imediatamente. Mas continuo achando muito difícil. Não dá mesmo para você me telefonar daqui a uns vinte minutos?”

“Não, melhor não, Damiano. Você tem tempo para conversar agora?”

“Para você, Guido, eu estou, como diz um poeta inglês num contexto completamente diferente, ‘livre como a estrada, solto como o vento’.”

Brunetti sabia que devia perguntar, mas não perguntou. “Pode ser meio demorado. O que você acha de jantar comigo?”

“E Paola?”

“Viajou com os meninos.”

Padovani silenciou novamente, um silêncio que Brunetti não pôde senão interpretar como totalmente especulativo. “Eu estou com um caso de homicídio, e nós reservamos o hotel há meses, então Paola e os garotos foram para Bolzano. Se eu conseguir solucioná-lo a tempo, também vou para lá. Por isso estou telefonando. Talvez você possa me ajudar.”

“Num caso de homicídio? Oh, que empolgante. Desde que começou essa história de aids, eu quase não tenho contato com as classes criminosas.”

“Ah, sim”, disse Brunetti, momentaneamente sem saber o que dizer. “Vamos jantar juntos, você escolhe o restaurante.”

Padovani pensou um minuto e sugeriu: “Guido, eu volto para Roma amanhã e estou com a casa cheia de comida. Você não quer vir para cá me ajudar a dar cabo dela? Não vai ser nenhum jantar sofisticado, só *pasta* e o que eu achar na geladeira”.

“Para mim está ótimo. Onde você mora?”

“Aqui em Dorsoduro. Você conhece o Ramo dietro gl’Incurabili?”

Tratava-se de um pequeno *campo* com uma fonte, não longe do Zattere. “Conheço.”

“Se você ficar de costas para a fonte, olhando para o canal pequeno, é a primeira porta à direita.” Muito mais facilmente do que o nome da rua e o número da casa, essa informação levava qualquer veneziano ao endereço certo.

“Está bem, a que horas?”

“Às oito.”

“O que você quer que eu leve?”

“Nada. Qualquer coisa que você trazer nós vamos ter de comer, e a comida, aqui, dá para alimentar um time de futebol inteiro. Não traga nada, por favor.”

“Tudo bem. Até as oito então. E obrigado, Damiano.”

“Vai ser um prazer. Sobre o que você quer conversar? Ou será que é sobre ‘quem’? Assim eu já posso ir refrescando a memória ou talvez até tenha tempo para dar uns telefonemas.”

“Sobre dois homens. Leonardo Mascari...”

“Nunca ouvi falar”, atalhou Padovani.

“E Giancarlo Santomauro.”

O outro assobiou. “Quer dizer que vocês finalmente tropeçaram no sacrossanto *avvocato*, hem?”

“Eu estarei aí às oito”, cortou Brunetti.

“Provocador”, disse Padovani com uma gargalhada e desligou.

Às oito da noite, banhado e recém-barbeado, Brunetti tocou a campainha à direita da fontezinha do Ramo dietro gl’Incurabili. A fachada do prédio, que só tinha uma campainha e, portanto, representava o supra-sumo do lu-xo, uma casa de um único proprietário, estava coberta de jasmims que subiam de dois vasos de cerâmica, um de cada lado da porta, perfumando o ar em volta. Padovani atendeu quase imediatamente, já de mão estendida. Apertou a de Brunetti com firmeza e, sem soltá-la, puxou-o para dentro. “Saia do calor. Eu só posso estar louco para voltar a Roma

com um tempo destes, mas pelo menos a minha casa tem ar-condicionado.”

Soltou-lhe a mão e recuou um passo. Como era inevitável, a duas pessoas que não se encontravam havia muito tempo, cada um tentou avaliar, dissimuladamente, as mudanças ocorridas no outro: estava mais gordo, mais magro, mais grisalho, mais velho?

Constatando que Padovani continuava parecendo ser o mais obeso dos rufiões — coisa que ele obviamente não era —, Brunetti olhou para a sala em que acabava de entrar. A parte central se erguia à altura de dois andares até uma clarabóia no telhado. Três lados daquele espaço livre eram cercados por uma *loggia* aberta, à qual uma escada de madeira dava acesso. O último lado era fechado: devia ser o quarto.

“O que era isto aqui antigamente, um estaleiro?”, perguntou Brunetti, lembrando-se do canalzinho que passava quase na porta. Não devia ser difícil arrastar para dentro os barcos levados para conserto.

“Isso mesmo. Acertou. Quando eu o comprei, ainda consertavam barcos aqui. E o telhado tinha buracos do tamanho de uma melancia.”

“Há quanto tempo você está aqui?” Brunetti olhou à sua volta, tentando calcular a quantidade de trabalho e dinheiro empregada para que o lugar adquirisse a aparência atual.

“Há oito anos.”

“Deve ter dado um trabalhão. E você ainda tem a sorte de não ter vizinhos.” Entregou-lhe a garrafa embrulhada em papel de seda branco.

“Eu disse que não era para trazer nada”, protestou o outro.

“Isso não estraga.”

“Obrigado, mas não devia tê-lo trazido”, disse Padovani, embora soubesse que um convidado nunca aparecia sem um presente, assim como o anfitrião jamais o criticava, fosse qual fosse. “Fique à vontade e dê uma volta por aí enquanto eu vejo a quantas anda o jantar.” Dirigiu-se a uma porta com um painel de vidro colorido. “Se quiser tomar um drinque, eu já pus gelo no balde.”

Foi para a cozinha, e Brunetti ouviu o ruído familiar de panelas, tampas e água corrente. Baixando os olhos, notou que o assoalho era de carvalho escuro; o semicírculo chamuscado diante da lareira o incomodou, pois não conseguia decidir se aprovava a prevalência do conforto sobre a cautela ou se reprovava o estrago naquela superfície tão perfeita. Havia fixado uma longa viga de madeira no reboque acima da lareira, e nela bailava uma multicolorida procissão de figuras de cerâmica de *commedia dell'arte*. Duas paredes estavam cobertas de quadros; não se detectava nenhum empenho em ordená-los pelo estilo ou pela escola: eles simplesmente disputavam a atenção do observador. O acirramento da competição denunciava o gosto de quem os havia escolhido. Brunetti viu um Guttoso, pintor do qual não gostava, e um Morandi, do qual gostava muito. Havia três Ferruzzi, todos eles enaltecendo a beleza da cidade. A seguir, um pouco à esquerda da lareira, uma madona evidentemente florentina e provavelmente do século xv olhava com adoração para um bebê horroroso. Um dos segredos que Paola e Brunetti nunca revelavam a ninguém era a sua busca de décadas pelo Menino Jesus mais feio da arte ocidental. No momento, o título estava com uma criança particularmente biliosa na sala 13 da Pinacoteca di Siena. Como o bebê do quadro de Padovani estava longe de ser uma beldade, o de Siena não corria o menor risco de ser desbancado. Numa das paredes havia uma longa estante de madeira entalhada que devia ter sido parte de um guarda-roupa ou armário. No alto, uma fileira de potes de cerâmica de cores vivas, cuja decoração geométrica e a caligrafia espiralada eram caracteristicamente islâmicas.

A porta da cozinha se abriu e Padovani retornou à sala. "Não vai tomar nada?"

"Não, só um copo de vinho. Não dá vontade de beber com este calor."

"Entendo. Este é o primeiro verão que eu passo aqui em três anos, e tinha esquecido como é horrível. Quando estou do outro lado do canal, nas noites de maré baixa, fico com vontade de vomitar de tanto fedor."

"O cheiro não chega até aqui?"

“Não, o Canale della Giudecca deve ser mais profundo ou então tem mais correnteza, sei lá. O cheiro não chega até aqui. Pelo menos por enquanto. Se continuarem a cavar a calha dos canais para esses navios-tanques entrarem — como se chamam, supertanques? —, só Deus sabe o que vai acontecer com a *laguna*.”

Enquanto falava, Padovani se aproximou da longa mesa de madeira posta para dois e serviu dois cálices de Dolcetto, cuja garrafa já estava aberta. “As pessoas pensam que a cidade vai acabar numa grande enchente ou numa catástrofe natural. Pois eu acho que esse fim vai ser muito mais simples”, disse, voltando para junto de Brunetti e oferecendo-lhe um copo.

“E como vai ser?”, perguntou o comissário, provando o vinho e achando-o delicioso.

“Nós já matamos o mar, é só uma questão de tempo para que ele comece a feder. E, como a *laguna* não passa de um apêndice do Adriático, que, por sua vez, não passa de um apêndice do Mediterrâneo, que... bom, você entendeu. Acho que a água simplesmente vai morrer, e então nós vamos ser obrigados a abandonar a cidade ou a obturar os canais, e, neste caso, já não vai ter sentido continuar morando aqui.”

Era uma teoria nova e, decerto, não menos sinistra do que as tantas outras que ele tinha ouvido e nas quais acreditava em parte. Todo mundo falava o tempo inteiro na iminente destruição da cidade, e, no entanto, o preço dos apartamentos dobrava a cada três anos, e os aluguéis continuavam subindo muito além do alcance do bolso do trabalhador médio. Os venezianos compravam e vendiam imóveis desde o tempo das Cruzadas, da peste, e apesar das diversas invasões de exércitos estrangeiros, portanto era mais sensato apostar que continuariam comprando e vendendo mesmo com o holocausto ecológico que os aguardava.

“Tudo pronto”, anunciou Padovani, sentando-se numa das poltronas fundas. “Só falta cozinhar a *pasta*. Mas você não pode me dar uma idéia do que quer saber para que eu vá pensando enquanto estiver na cozinha?”

Brunetti se sentou no sofá em frente. Tomou mais um gole de vinho e, escolhendo as palavras com cuidado, começou. “Eu tenho

motivos para acreditar que Santomauro está envolvido com um travesti, um michê, que mora e, aparentemente, trabalha em Mestre.”

“Envolvido’ como?”, perguntou o outro, com voz uniforme.

“Sexualmente”, respondeu Brunetti sem rodeios. “Mas ele afirma que é advogado do rapaz.”

“Uma coisa não exclui necessariamente a outra, exclui?”

“Claro que não. Mas, como eu o surpreendi na companhia desse travesti, ele está tentando me impedir de investigá-lo.”

“De investigar quem?”

“O rapaz.”

“Entendo”, disse Padovani, tomando o vinho. “O que mais?”

“O outro nome que eu disse no telefone, Leonardo Mascari, é de um homem que foi encontrado morto num terreno baldio de Mestre segunda-feira.”

“O travesti?”

“Parece que sim.”

“E qual é a conexão entre uma coisa e outra?”

“O rapaz, o tal cliente de Santomauro, nega ter reconhecido Mascari. Mas ele o conhecia.”

“Como você sabe?”

“Acredite em mim, Damiano. Eu sei. Tenho muita experiência nisso. Ele reconheceu a fotografia e depois fingiu que não.”

“Como se chama o rapaz?”

“Isso eu não posso dizer.” Fez-se silêncio.

Enfim, Padovani se inclinou para a frente: “Guido, eu conheço alguns garotos de Mestre. Antigamente, conhecia muitos. Se você quiser que eu sirva de consultor *gay* nesse caso” — disse-o sem ironia nem rancor —, “preciso saber o nome dele. Garanto que não vou contar a ninguém o que você me disser, mas não posso estabelecer nenhuma ligação sem saber o nome dele”. Brunetti continuou calado. “Guido, foi você que me telefonou. Não fui eu que o procurei.” Levantou-se. “Vou pôr a massa para cozinhar. Quinze minutos?”

Enquanto esperava, Brunetti examinou os livros que forravam a parede. Pegou um sobre arqueologia chinesa, levou-o para o sofá e

o folheou até ouvir a porta se abrir e, erguendo os olhos, ver Padovani entrar na sala, dizendo: “A *tavola, tutti a tavola. Mangiamo*”. Fechou o livro, deixou-o no sofá e foi para a mesa. “Você fica aí, à esquerda”, indicou o anfitrião. E, pondo a travessa na mesa, serviu-o sem demora.

Brunetti aguardou que ele se servisse para começar a comer. Tomate, cebola, cubos de *pancetta* e talvez uma pitada de *pepperoncino*, tudo sobre o *penne rigate*, sua massa predileta.

“Que delícia”, disse com franqueza. “Eu adoro *pepperoncino*.”

“Ainda bem. Nunca se sabe se as pessoas vão achar a comida muito apimentada.”

“Nada disso, está perfeita”, elogiou Brunetti e continuou comendo. Quando Padovani estava lhe servindo a segunda porção, ele revelou: “O nome do rapaz é Francesco Crespo”.

“Eu devia ter adivinhado”, disse o outro com um suspiro entediado. A seguir, mostrando-se bem mais interessado, perguntou: “Tem certeza de que não está com muito *pepperoncino*?”.

Brunetti balançou a cabeça e, terminando o segundo prato, cobriu-o com as mãos para que Padovani não lhe servisse o terceiro.

“É melhor comer”, insistiu este. “Não há praticamente mais nada.”

“Não, eu estou satisfeito, Damiano.”

“Tudo bem, mas Paola que não me culpe se você passar fome enquanto ela estiver viajando.” Pegou os dois pratos, colocou-os na travessa e levou tudo para a cozinha.

Reapareceu duas vezes antes que dessem continuidade à conversa. Na primeira, com um pequeno assado de peito de peru envolto em *pancetta* e cercado de batata, a segunda com um prato de pimentão grelhado mergulhado em azeite e uma saladeira grande com verduras mistas. “Isso é tudo”, disse ao se sentar, e Brunetti desconfiou que ele estava se desculpando.

Servindo-se de carne e batata, começou a comer.

Padovani tornou a encher os copos e também se serviu. “Se não me engano, Crespo é de Mântua. Mudou-se para Pádua há uns quatro anos, para estudar farmácia. Mas logo descobriu que a vida

ficaria muito mais interessante se ele cedesse à sua inclinação natural e se dedicasse à prostituição. Também descobriu que o melhor era arranjar um homem mais velho que o sustentasse. O de sempre: apartamento, carro, muito dinheiro para roupa e, em troca disso, a única coisa que ele precisava fazer era estar lá quando o cara que pagava as contas se livrasse do banco ou da reunião do conselho municipal ou da esposa. Na época, acho que Crespo não tinha mais que dezoito anos. E era muito bonito, muito mesmo.” Padovani deteve o garfo no ar. “Aliás, lembrava o Baco de Caravaggio: lindo, mas muito malandro e à beira da corrupção.”

Serviu Brunetti e a si próprio de pimentão. “A última coisa que eu soube dele foi que estava envolvido com um advogado tributarista de Treviso. Mas não conseguia largar a farra, e o tributarista o mandou embora. Parece que lhe deu uma surra e o jogou na rua. Não sei quando ele começou a se travestir; nunca me interessei por esse tipo de coisa. Aliás, eu não entendo isso. Quem quer mulher que pegue uma mulher.”

“Talvez seja uma maneira de enganar a si próprio, fingindo acreditar que está transando com uma mulher”, sugeriu Brunetti, recorrendo à teoria de Paola, mas agora achando que tinha muito sentido.

“Pode ser. Mas que tristeza, não?” Padovani empurrou o prato para o lado e se reclinou na cadeira. “Quer dizer, a gente vive se enganando: se ama alguém, ou porque ama, ou porque finge que ama. Mas acho que cada um devia pelo menos ser sincero consigo quando se trata de saber com quem quer ir para a cama. Pelo menos isso.” Pegou a salada, salgou-a, regou-a generosamente com azeite e acrescentou boa quantidade de vinagre.

Brunetti lhe entregou o prato sujo e aceitou outro. Padovani empurrou a saladeira em sua direção. “Sirva-se. Não há sobremesa. Só frutas.”

“Espero não estar lhe dando muito trabalho.”

“Não, eu tinha tudo isso em casa. Só precisei comprar as frutas.”

Brunetti se serviu de pouquíssima salada. Padovani, de menos ainda.

“O que mais você sabe de Crespo?”

“Ouvi dizer que ele se produzia todo e se apresentava como Francesca. Mas não sabia que tinha acabado na Via Cappuccina. Ou foi nas praças públicas de Mestre?”

“Nos dois lugares. Mas não sei se *acabou* lá. O apartamento em que mora é muito bonito, com o nome dele na porta.”

“Qualquer um pode pôr o nome na porta. Depende de quem paga o aluguel”, disse Padovani, aparentemente mais experiente nessas coisas.

“Tem razão.”

“Eu não sei muita coisa sobre ele. Não é má pessoa, pelo menos não era quando o conheci. Mas é esperto e muito influenciável. Essas coisas não mudam, e então é provável que ele minta se achar que tem alguma vantagem nisso.”

“Como a maioria das pessoas com quem eu lido.”

Padovani sorriu e acrescentou: “Como a maioria das pessoas com quem todo o mundo lida o tempo todo”.

Brunetti achou graça na triste verdade expressa nessas palavras.

“Vou buscar as frutas”, anunciou Padovani, empilhando os pratos e tirando a mesa. Voltou rapidamente, trazendo uma fruteira de cerâmica azul-clara com seis pêssegos perfeitos. Deu-lhe um prato de sobremesa e pôs a fruteira à sua frente. Brunetti pegou um pêssego e começou a descascá-lo com a faca e o garfo.

“O que você me diz de Santomauro?”, perguntou sem tirar os olhos da fruta.

“O presidente, ou sei lá como se chama o cargo, da Lega della Moralità?”, indagou Padovani, carregando na pronúncia das últimas palavras.

“É.”

“Eu o conheço o bastante para garantir que, em certos círculos, a notícia da fundação da Lega e dos seus objetivos foi recebida com o mesmo riso de prazer com que a gente via Rock Hudson atacar a virtude de Doris Day ou com que, atualmente, vê a participação mais beligerante de certos atores vivos nos filmes, tanto nos nossos quanto nos de Hollywood.”

“Está querendo dizer que é de conhecimento público?”

“É e não é. Para a maioria é, mas nós, ao contrário dos políticos, ainda respeitamos as normas do cavalheirismo e não saímos contando aos quatro ventos as coisas que aconteciam na escola. Se contássemos, não sobraria ninguém para dirigir o governo ou mesmo o Vaticano.”

Brunetti gostou de ver ressurgir o verdadeiro Padovani, ou pelo menos o delicioso fofoqueiro que ele tinha sido levado a acreditar que era o verdadeiro Padovani.

“Mas justo com a Lega? Como ele pôde se dar bem com uma coisa assim tão em evidência?”

“Ótima pergunta. Mas, se você examinar a história da Lega, vai descobrir que, nos primeiros tempos, Santomauro não era senão a eminência parda do movimento. Aliás, duvido que, até dois anos atrás, seu nome estivesse associado a ela em termos de uma função oficial; ele só ganhou importância no ano passado, quando foi eleito supervisor ou governante, sei lá que nome dão a isso. Grão-prior? Uma coisa assim, bem pretensiosa.”

“Mas por que ninguém pôs a boca no mundo na ocasião?”

“Deve ser porque a maioria das pessoas prefere tratar a Lega como uma piada. O que é um erro gravíssimo”, respondeu Padovani com um matiz de incharacterística seriedade na voz.

“Por que você diz isso?”

“Porque eu acho que é assim que vai ser a trama política do futuro: grupos como a Lega, grupos que pretendem fragmentar os grupos maiores, rompendo-lhes a unidade em alianças menores. Olhe a Europa Oriental e a Iugoslávia. Veja as nossas próprias *lege* políticas querendo tornar a dividir a Itália em muitas unidades menores, independentes.”

“Será que você não está exagerando, Damiano?”

“Pode ser que sim, claro. Talvez a Lega della Moralità seja apenas um punhado de velhotas inofensivas que gostam de se reunir para recordar como tudo era bom antigamente. Mas quem sabe quantos membros eles têm? Qual é o seu verdadeiro objetivo?”

Na Itália, as teorias da conspiração eram sugadas com o leite materno, e nenhum italiano estava livre do impulso de enxergar

conspiração em toda parte. Conseqüentemente, qualquer grupo que, de algum modo, se mostrasse relutante em se revelar, passava imediatamente a ser suspeito de todo tipo de coisa, como acontecera com os jesuítas e acontecia com as testemunhas de Jeová. Como continuava acontecendo com os jesuítas, corrigiu-se Brunetti. A conspiração certamente demandava segredo, mas ele não queria acreditar que a recíproca também era verdadeira, que o segredo implicava conspiração.

“E você?”, provocou Padovani.

“Eu o quê?”

“O que sabe da Lega?”

“Pouca coisa”, admitiu Brunetti. “Mas, se eu desconfiasse deles, não ia examinar seus objetivos; ia examinar suas finanças.” Em vinte anos de trabalho na polícia, havia formado poucos axiomas, mas, sem dúvida, um deles dizia que os grandes princípios e os ideais políticos raramente motivavam tanto as pessoas quanto o desejo de ganhar dinheiro.

“Duvido que Santomauro se interesse por uma coisa tão prosaica como dinheiro.”

“Dami, todo mundo se interessa por dinheiro, e a maioria das pessoas é motivada por ele.”

“Seja qual for o motivo ou o objetivo, de uma coisa você pode ter certeza: se Giancarlo Santomauro está interessado em dirigir a Lega, coisa boa ela não há de ser. Isso é pouco, mas é certo.”

“O que você sabe da vida particular dele?”, indagou Brunetti, pensando que “particular” era uma palavra bem mais sutil do que “sexual”, que estava implícita.

“Só sei o que às vezes insinuam, o que fica subentendido nas observações e comentários. Você sabe como é.” Brunetti confirmou com um gesto. Claro que sabia. “Portanto o que eu sei, repito, eu não *sei* de fato, embora saiba que ele gosta de garotinhos, quanto menores melhor. Se você investigar o seu passado, vai ver que ele ia a Bangcoc pelo menos uma vez por ano. Sem a inefável *signora* Santomauro, convém frisar. Mas ultimamente parou de ir. Não tenho explicação para isso, mas sei que esse tipo de preferência não

muda de uma hora para outra, não some, não se satisfaz com nada que não seja aquilo que eles desejam.”

“É fácil ter, ahn, acesso a isso aqui na Itália?” Por que certas coisas tão fáceis de conversar com Paola eram tão difíceis de falar com as outras pessoas?

“Bastante fácil, embora os verdadeiros centros sejam Roma e Milão.”

Brunetti tinha lido relatórios policiais sobre o assunto. “Filmes?”

“Filmes, é claro, mas também a coisa ‘ao vivo’ para quem está disposto a pagar. Eu ia acrescentar ‘para quem está disposto a correr o risco’, mas hoje em dia praticamente já não se pode falar em risco.”

Brunetti olhou para o prato e viu seu pêsego descascado, mas intacto. Não o queria. “Damiano, esses ‘garotinhos’ de quem você fala... que idade têm?”

Padovani sorriu de súbito. “Sabe, Guido, eu tenho a leve impressão de que você está achando isso tudo terrivelmente constrangedor.” Brunetti não disse nada. “Um garotinho pode ter doze anos, mas também dez.”

“Oh.” Houve uma longa pausa. “Você tem certeza do envolvimento de Santomauro?”

“Eu tenho certeza da reputação dele, e é pouco provável que se trate de um engano. Mas não tenho provas nem testemunhas, ninguém disposto a jurar que é verdade.”

Padovani se levantou e, atravessando a sala, aproximou-se de um aparador com várias garrafas agrupadas a um lado da superfície. “Grapa?”, ofereceu.

“Por favor.”

“Eu tenho uma deliciosa com sabor de pêra. Quer experimentar?”

“Quero.”

Brunetti foi até lá, pegou o copo que o anfitrião lhe oferecia e voltou para o sofá. Levando a garrafa consigo, Padovani se instalou na mesma poltrona.

Brunetti provou a bebida. Pêra não, néctar.

“É muito fraca”, disse.

“A grapa?”, perguntou o dono da casa, genuinamente confuso.

“Não, não, a conexão de Crespo com Santomauro. Já que ele gosta de meninos, é possível que Crespo seja apenas seu cliente e nada mais.”

“Perfeitamente possível”, concordou Padovani com uma voz que dizia o contrário.

“Você conhece alguém que tenha mais informação?”

“Sobre Santomauro e Crespo?”

“É. E também sobre Leonardo Mascari, se é que há ligação entre eles.”

Padovani consultou o relógio. “É muito tarde para telefonar para as pessoas que eu conheço.” Brunetti conferiu e viu que eram só dez e quinze. Seriam freiras?

Notando seu olhar, o outro riu. “Não, Guido, todo mundo já saiu, todo mundo já está na noite. Mas amanhã eu telefono de Roma e vejo o que sabem ou podem descobrir.”

“Eu prefiro que nenhum dos três fique sabendo que andam fazendo perguntas sobre eles.” Brunetti tentou ser educado, mas a frase lhe saiu dura e desajeitada.

“Guido, isso vai ser uma teia de aranha pairando no ar. Qualquer um que conheça Santomauro vai adorar espalhar tudo o que sabe ou ouviu falar dele, e você também pode ter certeza de que nada vai chegar até ele. A mera idéia de Santomauro estar metido com uma coisa sórdida é uma grande fonte de prazer para as pessoas em quem estou pensando.”

“É justamente isso, Damiano. Eu não quero que haja rumores, principalmente dizendo que ele está metido em alguma coisa, sobretudo em uma coisa sórdida.” Brunetti sabia que pareceu rigoroso ao dizer tais palavras, por isso sorriu e ergueu o copo, pedindo mais grapa.

O dândi desapareceu, e o jornalista tomou seu lugar. “Está bem, Guido. Eu não vou brincar com isso e talvez telefone para outras pessoas, mas acho que terei alguma informação terça ou quarta-feira.” Padovani se serviu de grapa e bebeu. “Você devia investigar a Lega, Guido, pelo menos fazer o levantamento dos seus membros.”

“Você está realmente preocupado com ela, não?”

“Eu fico preocupado com qualquer grupo que se pretende superior, seja lá como for, às outras pessoas.”

“A polícia?”, sorriu Brunetti, tentando abrandar o estado de espírito do outro.

“Não, a polícia não, Guido. Ninguém acredita que ela seja superior, e eu desconfio que a maioria dos policiais também não acredita nisso.” Terminou a grapa, mas, em vez de se servir, pôs o copo e a garrafa no chão, ao lado da poltrona. “Eu penso muito em Savonarola”, disse. “Começou querendo melhorar as coisas, mas a única maneira que lhe ocorreu foi destruir tudo quanto ele reprovava. No fim, desconfio que todos os fanáticos são como ele, até os *ecologisti* e as *feministi*. Começam desejando um mundo melhor, mas acabam tentando alcançá-lo pela eliminação de tudo quanto não corresponda à sua idéia de como esse mundo deve ser. E, tal como Savonarola, todos terminam na pira.”

“E depois?”

“Oh, acho que a gente vai chegar lá de um jeito ou de outro.”

Não era uma afirmação propriamente filosófica, mas Brunetti tomou-a como uma nota suficientemente otimista para encerrar a noite. Levantou-se e, tendo dito as coisas de praxe ao anfitrião, voltou para casa e para sua cama solitária.

Outro motivo que levou Brunetti a não ir para as montanhas foi porque aquele era seu domingo de visitar a mãe; ele e Sergio, seu irmão, se revezavam nos fins de semana ou, quando necessário, um substituía o outro. Mas Sergio tinha viajado para a Sardenha com a família, e Brunetti era o único que podia ir. Embora não fizesse a menor diferença quem fosse, um dos dois sempre ia. Como ela estava em Mira, a aproximadamente dez quilômetros de Veneza, era preciso tomar um ônibus e depois seguir de táxi ou fazer uma longa caminhada até a *Casa di Riposo*.

Sabendo o que o aguardava naquele domingo, Brunetti dormiu mal, incomodado pelas lembranças, pelo calor e pelos mosquitos imunes a qualquer inseticida. Acordou às oito horas e teve de tomar a decisão quinzenal: ir antes ou depois do almoço. Tal como a própria visita, o horário não fazia a menor diferença, e aquele dia quem decidiu foi o calor, que seria ainda mais infernal à tarde; por isso, ele resolveu ir imediatamente.

Saindo de casa antes das nove, foi até a Piazzale Roma e teve a sorte de lá chegar poucos minutos antes que o ônibus de Mira partisse. Um dos últimos a embarcar, teve de viajar de pé, à mercê dos solavancos, enquanto o veículo atravessava a ponte e entrava no emaranhado de passagens de nível que levava o tráfego por cima ou ao redor de Mestre.

Alguns passageiros eram conhecidos; às vezes, um deles dividia o táxi com ele ao chegar a Mira ou, quando o

tempo ajudava, fazia a caminhada ao seu lado, raramente conversando sobre outra coisa que não o tempo. Seis pessoas desceram no ponto final, entre elas, duas mulheres que Brunetti conhecia de vista e que concordaram em tomar o mesmo táxi. Como o automóvel não tinha ar-condicionado, foram conversando sobre o calor terrível, todos contentes com essa distração.

Ao chegar à casa de repouso, cada um pagou com uma nota de cinco mil liras. O motorista não ligava o taxímetro, o preço da corrida era combinado.

Brunetti e as duas mulheres entraram juntos e ainda manifestaram a esperança de que o vento mudasse ou de que chovesse um pouco, jurando que nunca tinham visto um verão como aquele e perguntando o que seria dos agricultores se a estiagem se prolongasse.

Como conhecia o caminho, ele se despediu das companheiras no segundo andar, onde ficavam os homens, e subiu ao terceiro. No alto da escada, avistou a *suor'* Immacolata, a freira mais simpática do asilo.

"*Buon giorno, dottore*", sorriu ela, indo ao seu encontro.

"*Buon giorno*, irmã. A senhora está tão bem, tão à vontade, até parece que o calor não a incomoda."

A freira sorriu como sempre fazia quando ele gracejava com isso. "Ah, vocês do Norte não sabem o que é calor. Isto aqui não é nada, apenas um bafo de primavera no ar." A *suor'* Immacolata era das montanhas da Sicília, e sua ordem a havia transferido para Mira dois anos atrás. Em meio à agonia, à demência e ao sofrimento que faziam parte de seus dias, a única coisa que a incomodava era o frio, mas as observações que fazia sobre isso eram sempre irônicas e debochadas, como que a dizer que, convivendo com o sofrimento real, era absurdo discutir o dela. Diante daquele sorriso, Brunetti constatou uma vez mais como a religiosa era bonita: olhos castanhos amendoados, boca suave, nariz pequeno e elegante. Que absurdo. Mundano, convencido de que era um homem da carne, ele não via senão renúncia naquela mulher e não conseguia entender os desejos que a animavam.

"Como ela está?"

“Passou bem a semana, *dottore*.” Para Brunetti, aquilo só podia significar coisas “negativas”: sua mãe não havia atacado ninguém, não destruíra nada, não tinha perpetrado nenhuma violência contra si própria.

“Tem comido?”

“Tem, *dottore*. Aliás, na quarta-feira almoçou com as outras internas.” Ele aguardou para saber dos desastres que havia provocado, mas a freira não disse mais nada.

“Será que eu posso vê-la?”

“Oh, claro que sim, *dottore*. Quer que eu vá junto?” Que linda, a graça das mulheres, como era doce a sua caridade.

“Obrigado, irmã. Talvez ela se sinta melhor se a senhora estiver por perto, pelo menos quando eu entrar.”

“Sim, para que não haja surpresa. Quando ela se acostuma com a pessoa, geralmente fica bem. E, quando perceber que é o senhor, *dottore*, vai ficar muito contente.”

Era mentira. Brunetti sabia, e a *suor* Immacolata também. Sua religião dizia que era pecado mentir, mesmo assim ela mentia toda semana para Brunetti e para seu irmão. Depois, ajoelhada, pedia perdão pelo pecado que não podia deixar de cometer e que sabia que cometeria outra vez. No inverno, depois de orar para dormir, abria a janela do quarto e tirava da cama o único cobertor que lhe permitiam usar. Mas toda semana contava a mesma mentira.

A irmã deu meia-volta e tomou a dianteira no já conhecido caminho do quarto 308. No lado direito do corredor, três mulheres estavam sentadas em cadeiras de roda encostadas na parede. Duas batiam ritmadamente no braço da cadeira, balbuciando coisas sem nexos, e a terceira balançava o corpo para a frente e para trás, para a frente e para trás, um desvairado metrônomo humano. Quando eles passaram, aquela que sempre cheirava a urina agarrou o braço de Brunetti, perguntando: “Você é Giulio? Você é Giulio?”

“Não, *signora* Antonia”, disse a *suor* Immacolata, curvando-se e acariciando o cabelo branco da velhinha. “Giulio esteve aqui agora mesmo, veio visitar a senhora. Não lembra? Trouxe-lhe este bichinho lindo.” E, pegando um surrado urso de pelúcia no colo da mulher, tentou depositá-lo em suas mãos.

A idosa fixou nela os olhos intrigados, eternamente confusos, dos quais só a morte livraria da confusão, e perguntou: "Giulio?"

"Ele mesmo, *signora*. Foi Giulio que lhe deu este *orsetto*. Não é lindo?" Entregou o ursinho à velha, que o pegou e, no mesmo momento, voltando-se para Brunetti, indagou: "Você é Giulio?"

Segurando-lhe o braço, a freira o afastou, dizendo: "A sua mãe comungou esta semana. Parece que lhe fez muito bem".

"Deve ter feito mesmo", concordou Brunetti. Pensando nisso, ocorreu-lhe que, quando ia visitar a mãe na casa de repouso, ele se comportava mais ou menos como uma pessoa prestes a sentir a dor de uma injeção ou da exposição ao frio intenso: retesava os músculos e, excluindo todas as outras sensações, concentrava-se em resistir à dor antecipada. Mas, em vez de contrair os músculos, contraía a alma, caso isso fosse concebível.

Quando eles se detiveram à porta do quarto, as lembranças do passado o assaltaram como as Fúrias: gloriosas ceias repletas de risos e cantos, a voz de soprano de sua mãe alçando-se acima de todas as outras; ela irrompendo em lágrimas furiosas, histéricas, quando ele contou que ia se casar com Paola, e, depois, naquela mesma noite, entrando em seu quarto para lhe dar o bracelete de ouro, único presente que lhe restava do marido, dizendo que era para Paola, pois a jóia sempre se destinava à esposa do filho mais velho.

Com um esforço, Brunetti se livrou das recordações. Viu unicamente a porta e o hábito branco da *suor'* Immacolata. Ela abriu a porta e, ao entrar, tratou de deixá-la aberta.

"*Signora*", disse, "*signora*, seu filho está aqui, veio visitá-la." Aproximou-se da velha alquebrada sentada junto à janela. "Que bom, *signora*, o seu filho chegou."

Brunetti estava à porta. A um sinal da freira, entrou, deixando a porta escancarada, como lhe haviam ensinado.

"Bom dia, *dottore*", disse a *suor'* Immacolata, pronunciando as palavras claramente. "Que bom que o senhor veio visitar sua mãe. Ela não está bonita?"

Ele avançou mais alguns passos e parou, afastando as mãos do corpo. "*Buon di, mamma*", disse. "Eu sou Guido. Vim visitar você."

Como vai, *mamma*?" Sorriu.

Sem tirar os olhos de Brunetti, a mulher agarrou o braço da religiosa, puxou-a, e cochichou-lhe ao ouvido.

"Oh, não, *signora*. Não diga isso. Ele é um homem bom, é seu filho Guido. Veio visitá-la, veio ver se a senhora está bem." Acariciando-lhe a mão, ajoelhou-se para ficar mais perto da velhinha. Ela a encarou e não disse nada, depois olhou para Brunetti, que continuava no mesmo lugar.

"Esse é o homem que matou o meu bebê", gritou de repente. "Eu o conheço, eu o conheço. É o homem que matou o meu bebê." Agitando-se na cadeira, ergueu a voz, pôs-se a gritar: "Socorro, socorro, ele veio matar os meus filhinhos".

A *suor'* Immacolata a abraçou, segurando-a com firmeza, e lhe sussurrou algumas palavras, mas nada pôde conter o medo e a raiva da mulher, que, empurrando-a com muita força, jogou-a no chão.

A freira se colocou rapidamente de joelhos e, voltando-se para Brunetti, balançou a cabeça e apontou para fora. Mantendo as mãos bem visíveis à sua frente, ele recuou devagar, saiu e fechou a porta. Lá dentro, sua mãe passou longos minutos gritando furiosamente, depois foi se acalmando pouco a pouco. Ele ouviu o contraponto da voz meiga e mais grave da jovem religiosa que a tranqüilizava, aflagava-a, vencendo gradualmente o medo que a idosa sentia. Não havia janelas no corredor, de modo que Brunetti ficou do lado de fora, olhando fixamente para a porta fechada.

Cerca de dez minutos depois, a *suor'* Immacolata saiu do quarto. "Lamento, *dottore*. Eu achei que ela tinha melhorado esta semana. Ficou muito mais calma depois de comungar."

"É assim mesmo, irmã. Isso acontece. A senhora se machucou?"

"Oh, não. Coitadinha, ela não sabia o que estava fazendo. Não, não foi nada."

"Ela está precisando de alguma coisa?"

"Não, não, tem tudo de que necessita." Para Brunetti era como se a sua mãe não tivesse nada do que necessitava, mas talvez fosse apenas porque já não existia e nem voltaria a existir nada de que ela necessitasse.

“A senhora é muito boa, irmã.”

“Deus é que é bom, *dottore*. Nós apenas O servimos.”

Brunetti não soube o que dizer. Estendendo a mão, apertou a da freira, segurou-a longos segundos e a envolveu com a outra.

“Obrigado, irmã.”

“Deus o abençoe e lhe dê força, *dottore*.”

Decorrida uma semana, a história de Maria Lucrezia Patta deixou de ser o sol em torno do qual girava a *questura* de Veneza. Mais dois ministros haviam renunciado no fim de semana, ambos vociferaram que a decisão não tinha relação com o fato de seus nomes figurarem nos últimos escândalos de suborno e corrupção. Via de regra, o pessoal da *questura*, assim como o resto da Itália, lia tais declarações com um bocejo e passava logo para o caderno de esportes, mas como um deles era o ministro da Justiça todos se interessaram, ainda que só para especular que outras cabeças ainda iam rolar no Quirinale.

Mesmo sendo um dos maiores escândalos em décadas — e quando houve um escândalo pequeno? —, a opinião pública tinha certeza de que tudo seria *insabbiato*, enterrado na areia, abafado, exatamente como aconteceu nos escândalos anteriores. Quando se punha a falar nisso, o italiano era quase irrefreável e, muitas vezes, desfiava uma lista de casos efetivamente abafados: Ustica, PG2, a morte do papa João Paulo I, Sindona. Apesar do dramalhão que envolveu a sua saída da cidade, Maria Lucrezia Patta não podia ter esperança de rivalizar com tão vertiginosas alturas; dessa forma, a vida voltou ao normal, e a única novidade era que o travesti encontrado em Mestre na semana anterior fora identificado como o diretor do Banco de Verona, e, puxa vida, quem esperava uma coisa dessas, logo um banqueiro?

Naquela manhã, uma das secretárias do setor de passaportes, situado na mesma rua, tinha ouvido dizer no bar que o tal Mascari

era muito conhecido em Mestre, e havia anos que as coisas que ele fazia quando viajava a negócios não eram segredo para ninguém. Além disso, informou-se em outro bar que seu casamento era apenas de fachada porque ele trabalhava em um banco. Ao ouvir isso, alguém interpôs que esperava que a mulher pelo menos vestisse o mesmo manequim; do contrário, para que se casar com ela? Um dos vendedores de frutas da Rialto garantia, com muita autoridade, que Mascari sempre tinha sido assim, desde o tempo de colégio.

No fim da manhã, a opinião pública teve de fazer uma pausa para respirar, mas, à tarde, corria de boca em boca que Mascari não só morrera em consequência das “práticas indecentes” a que se entregava, a despeito dos conselhos dos poucos amigos inteirados do seu vício secreto, como também sua esposa se recusava a reclamar o corpo e a dar-lhe um enterro cristão.

Brunetti tinha uma entrevista com a viúva às onze horas e foi à sua casa sem saber dos rumores que circulavam na cidade. Um telefonema para o Banco de Verona informou-o de que, uma semana antes, a agência de Messina havia recebido a ligação de um homem que se identificou como Mascari, explicando que teria de adiar a visita, talvez para a outra semana, talvez para o outro mês. Não, eles não viram necessidade de confirmar o telefonema, não tinham por que suspeitar da sua autenticidade.

O apartamento da família Mascari ficava no terceiro andar de um prédio próximo da Via Garibaldi, a rua principal de Castello. Ao abrir a porta, a viúva estava com a mesma aparência de dois dias antes, com exceção do *tailleur*, agora preto, e dos sinais de cansaço ao redor dos olhos, desta vez bem mais pronunciados.

“Bom dia, *signora*. Obrigado pela gentileza de me receber.”

“Faça o favor de entrar”, disse ela, afastando-se para lhe dar passagem. Ele pediu licença, e, no instante em que entrou no apartamento, ficou totalmente desorientado com a estranha sensação de já ter estado lá. Só depois de olhar à sua volta compreendeu a origem daquela impressão: o apartamento era quase idêntico ao da velha do Campo San Bartolomeo e tinha o aspecto de um lugar habitado pela mesma família havia gerações.

Um bufê igualmente pesado ficava encostado na parede oposta, e o estofado de veludo das duas poltronas e do sofá era do mesmo verde vagamente estampado. As cortinas também estavam fechadas para o sol ou para os olhares curiosos.

“Quer beber alguma coisa?”, ofereceu ela por pura formalidade.

“Não, nada, muito obrigado, *signora*. Eu vou tomar um pouco do seu tempo. Preciso lhe fazer umas perguntas.”

“Eu sei”, disse a mulher, entrando na sala. Sentou-se numa das poltronas excessivamente estofadas, e Brunetti se instalou na outra. Ela tirou um fiapo do braço da cadeira, enrolou-o com os dedos e o guardou cuidadosamente no bolso do casaco.

“Não sei se a senhora ouviu os boatos a respeito da morte do seu marido.”

“Eu sei que ele foi encontrado vestido de mulher”, confessou ela com voz sumida, sufocada.

“Se sabe disso, há de entender que eu tenho de fazer algumas perguntas.”

Ela balançou a cabeça e ficou olhando para as mãos.

Brunetti podia fazer a pergunta parecer brutal ou desajeitada. Preferiu a segunda alternativa. “A senhora tem ou tinha motivos para acreditar que seu marido estava envolvido com essas práticas?”

“Não sei o que o senhor está querendo dizer”, desconversou a viúva, embora a pergunta fosse claríssima.

“Que seu marido tinha envolvimento com travesti.” Por que não dizer simplesmente a palavra “traveco” e resolver logo a questão?

“Isso é impossível.”

Brunetti permaneceu calado, esperando que ela prosseguisse.

A mulher se limitou a repetir imperturbavelmente: “É impossível”.

“*Signora*, seu marido nunca recebeu cartas ou telefonemas estranhos?”

“Não sei o que o senhor está querendo dizer.”

“Alguém que tenha telefonado e conversado com ele, deixando-o preocupado ou nervoso? Ou quem sabe uma carta? Ele andava preocupado ultimamente?”

“Não, de modo nenhum.”

“Voltando à minha primeira pergunta, *signora*, seu marido nunca deu sinal de que podia ter essa inclinação?”

“Inclinação para homens?”, percebeu ela, erguendo a voz com incredulidade e, seria asco?

“Sim.”

“Não, nenhum sinal. Isso é absurdo. É revoltante. Eu não admito que o senhor diga uma coisa dessas do meu marido. Leonardo era homem.” Brunetti percebeu que ela estava com os punhos firmemente cerrados.

“Por favor, não me leve a mal, *signora*. Só estou tentando entender as coisas, por isso sou obrigado a fazer essas perguntas. Não significa que eu acredite nelas.”

“Então por que pergunta?”, disparou a viúva com truculência na voz.

“Para descobrir a verdade por trás da morte do seu marido, *signora*.”

“Eu não vou responder a nenhuma pergunta sobre isso. É uma indecência.”

Ele teve vontade de lhe dizer que o homicídio também era uma indecência, mas se restringiu a indagar: “Seu marido estava diferente nas últimas semanas?”

Como era de se prever, a viúva Mascari repetiu: “Não sei o que o senhor está querendo dizer”.

“Por exemplo, ele falou alguma coisa sobre a viagem a Messina? Estava ansioso por ir? Preferia não viajar?”

“Não, estava como sempre.”

“E como era esse ‘como sempre’?”

“Ele tinha de ir. Fazia parte do seu trabalho, portanto ia.”

“E disse alguma coisa a respeito disso?”

“Não, só que precisava viajar.”

“Ele não telefonava para a senhora quando viajava?”

“Não.”

“Por que não, *signora*?”

Talvez percebendo que ele não ia desistir da pergunta, a mulher respondeu: “O banco não permitia a Leonardo incluir telefonemas

pessoais na despesa. Às vezes ele ligava para um amigo, no escritório, e lhe pedia que me telefonasse, mas nem sempre”.

“Ah, entendo”, disse Brunetti. Um diretor de banco que não podia pagar um telefonema para a esposa.

“A senhora e seu marido têm filhos?”

“Não”, ela se apressou em responder.

Brunetti passou para outro assunto: “Ele tinha algum amigo especial no banco? A senhora mencionou um para o qual telefonou; pode me dar o nome dele?”

“Por que o senhor quer falar com ele?”

“Talvez seu marido tenha contado alguma coisa no trabalho, ou quem sabe deu uma indicação do que estava sentindo com relação à viagem a Messina. Quero conversar com esse amigo e lhe perguntar se notou algo anormal no comportamento dele.”

“Tenho certeza de que não notou nada.”

“Mesmo assim eu gostaria de conversar com ele, se a senhora fizer o favor de me dizer o nome.”

“Marco Ravello. Mas ele não tem nada para contar. Não havia nada de errado com meu marido.” Ela lhe lançou um olhar hostil e repetiu: “Não havia nada de errado com meu marido”.

“Eu não quero incomodá-la mais, *signora*”, disse ele, levantando-se e avançando alguns passos em direção à porta. “O enterro já foi providenciado?”

“Já, a missa é amanhã. Às dez.” A mulher não disse onde seria celebrada, e Brunetti preferiu não perguntar. Essa informação era fácil de obter, e ele ia comparecer.

Deteve-se à porta. “Muito obrigado pela ajuda, *signora*. Quero reiterar as minhas condolências e garantir que nós vamos fazer o que estiver ao nosso alcance para descobrir o responsável pela morte do seu marido.” Por que será que “morte” sempre soava melhor do que “assassinato”?

“O meu marido não era nada disso. O senhor vai descobrir. Ele era homem.”

Brunetti não lhe apertou a mão, limitou-se a um movimento de cabeça e saiu. Ao descer a escada, recordou a última cena de *A casa de Bernarda Alba*, a mãe no centro do palco, gritando para a

platéia e para o mundo que sua filha tinha morrido virgem, virgem. Para Brunetti, a morte era o único fator que importava; tudo o mais era supérfluo.

Na *questura*, chamou Vianello ao escritório. Como este ficava dois andares acima, havia uma chance de colher a modesta brisa que porventura soprasse. Lá dentro, tendo aberto a janela e tirado o paletó, Brunetti lhe perguntou: “E então, descobriu alguma coisa sobre a Lega?”.

“Nádia quer ser incluída na folha de pagamento por causa disso, *dottore*”, disse Vianello ao se sentar. “Passou mais de duas horas telefonando este fim de semana, conversando com amigas de toda a cidade. Até que essa Lega della Moralità é interessante.”

O sargento ia contar a história à sua maneira, Brunetti sabia, mas, para adoçar o processo, disse: “Amanhã cedo eu compro umas flores para ela em Rialto. Você acha que isso basta?”

“Acho que ela prefere que eu passe o sábado que vem em casa.”

“Você está escalado para quê?”

“Para estar no barco que vai buscar o ministro do Meio Ambiente no aeroporto. Todo o mundo sabe que ele não vem a Veneza, que vai cancelar a viagem na última hora. O senhor acha que o ministro é louco de vir para cá em agosto, com esse fedor de algas na cidade inteira, para falar nos seus grandes projetos ambientais?” Vianello riu com sarcasmo; o interesse pelo novo Partido Verde era mais uma consequência da sua recente experiência médica. “Mas eu preferia não perder a manhã indo até o aeroporto só para chegar lá e descobrir que ele não vem.”

Brunetti achou a argumentação perfeitamente lógica. O ministro, para usar as palavras de Vianello, não seria louco de aparecer em Veneza no mês em que a metade das praias do Adriático ficava interditada para os banhistas devido ao altíssimo nível de poluição, numa cidade que acabava de saber que o peixe, o item principal de sua dieta, continha uma perigosa quantidade de mercúrio e outros metais pesados. “Vou ver o que se pode fazer”, disse.

Satisfeito com a perspectiva de algo bem melhor do que flores, embora soubesse que Brunetti não deixaria de comprá-las, o sargento pegou o caderno de anotações e começou a ler o relatório preparado por sua esposa.

“A Lega foi fundada há mais ou menos oito anos, ninguém sabe por quem nem com que objetivo. Como é considerada uma instituição beneficente que faz coisas como distribuir brinquedos nos orfanatos e levar comida para os velhinhos solitários, sempre teve muito prestígio. Com o tempo, o município e algumas igrejas a deixaram ocupar e administrar alguns apartamentos vagos, que ela usa para oferecer habitação barata, às vezes gratuita, a idosos e, em certos casos, a deficientes físicos.” Vianello fez uma breve pausa antes de acrescentar: “Como todos seus empregados são voluntários, ela foi autorizada a se organizar como instituição caritativa...”

“O que significa”, atalhou Bruentti, “que está isenta de impostos e que o governo estende a ela sua cortesia habitual, e suas finanças não são examinadas com muito rigor, se é que são examinadas.”

“Nós somos dois corações que batem como se fossem um só, *dottore*.” Brunetti sabia que a política de Vianello havia mudado. Mas sua retórica também?

“O mais esquisito, *dottore*, é que Nádia não conseguiu encontrar um único membro da Lega. Nem mesmo a mulher do banco, veja só. Muita gente dizia conhecer fulano ou beltrano que devia ser filiado à Lega, mas, quando Nádia perguntou, ninguém tinha certeza de nada. Ela chegou a falar com duas pessoas que se diziam membros, e descobriu que não eram.”

“E as obras de caridade?”

“Também muito imprecisas. Nádia telefonou para os hospitais, mas nenhum deles teve contato com a Lega. Eu tentei na agência de assistência social que cuida dos idosos, mas eles jamais ouviram falar em alguém da Lega que tenha feito alguma coisa pelos velhos.”

“E os orfanatos?”

“Nádia conversou com a madre superiora da ordem que administra os três maiores. Ela disse que já ouviu falar na Lega,

mas nunca recebeu auxílio dela.”

“E a mulher do banco?”, perguntou Brunetti. “Por que Nádia acredita que ela é membro?”

“Porque mora num apartamento administrado pela Lega. Mas nunca participou de nada e diz que não conhece ninguém que tenha participado. Nádia continua tentando encontrar alguém que seja membro.” Se Nádia resolvesse cobrar também por isso, era provável que Vianello pedisse para ficar um mês de folga.

“E Santomauro?”

“Todo mundo parece saber que ele é o chefe, mas ninguém é capaz de dizer como ele chegou a tanto. E o interessante é que ninguém tem a menor idéia do que significa ser chefe da Lega.”

“Eles não se reúnem?”

“Dizem que sim. Em casas paroquiais ou residências particulares. Mas, para variar, Nádia não conseguiu encontrar ninguém que tenha participado de uma reunião.”

“Você falou com os rapazes da Financeira?”

“Não, pensei que Elettra fosse cuidar disso.” Elettra? Como assim? A informalidade dos convertidos?

“Eu pedi à *signorina* Elettra para procurar informações de Santomauro no computador, mas ainda não falei com ela hoje.”

“Creio que está lá embaixo no arquivo”, informou Vianello.

“E a vida profissional dele?”

“Sucesso, sucesso e mais sucesso. Ele é advogado das duas maiores construtoras da cidade, de dois vereadores e de pelo menos três bancos.”

“Por acaso um deles é o Banco de Verona?”

Vianello consultou o caderno, voltando uma página.

“É. Como o senhor sabia?”

“Eu não sabia. Mas era lá que Mascari trabalhava.”

“Dois mais dois são quatro, não?”

“Ligações políticas?”

“Com dois clientes vereadores?”, retrucou Vianello.

“E a mulher dele?”

“Parece que ninguém sabe quase nada a respeito dela, mas todo mundo acredita que é ela que manda na família.”

“Eles têm filhos?”

“Dois. Um é arquiteto, o outro, médico.”

“A família italiana perfeita”, observou Brunetti. “E Crespo? O que você descobriu?”

“O senhor viu a ficha dele em Mestre?”

“Vi. O de sempre. Drogas. Tentativa de enganar um cliente. Nada violento. Nenhuma surpresa. Você descobriu alguma coisa?”

“Não muito mais do que isso”, respondeu o sargento. “Ele foi espancado duas vezes, mas, nas duas ocasiões, disse que não sabia quem o tinha agredido. Aliás, na segunda...”, começou a folhear o caderno, avançando algumas páginas, “aqui está. Declarou que foi ‘atacado por salteadores’.”

“‘Salteadores’?”

“É o que está no boletim de ocorrência. Eu copiei ao pé da letra.”

“Esse *signor* Crespo deve ler muitos livros.”

“Mais do que devia.”

“O que mais você descobriu? Sabe em nome de quem está o contrato do apartamento no qual ele mora?”

“Não. Isso eu ainda preciso verificar.”

“E veja se a *signorina* Elettra descobre alguma coisa sobre as finanças da Lega, de Santomauro, de Crespo ou de Mascari. Declaração de renda, extratos bancários, empréstimos. Esse tipo de informação deve estar disponível.”

“Ela sabe o que fazer”, disse Vianello, anotando tudo. “Mais alguma coisa?”

“Não. Avise assim que souber de algo novo ou se Nádia achar alguém que seja membro da Lega.”

“Sim, senhor.” O sargento se levantou. “É a melhor coisa que podia ter acontecido.”

“O quê?”

“Nádia se interessar por isso. O senhor sabe como ela era, não gostava quando eu ficava trabalhando até tarde ou nos fins de semana. Mas, quando sentiu o gostinho da coisa, virou um cão policial. E o senhor precisava vê-la telefonar. Conseguia fazer as pessoas contarem tudo. Pena que a gente não contrata frilas.”

Se Brunetti se apressasse, conseguiria chegar ao Banco de Verona antes que fechasse, isto é, caso um escritório escondido no segundo andar, que parecia não ter lugar onde exercer as funções públicas de uma agência bancária, se dignasse a observar horários regulares. Chegou ao meio-dia e vinte e, encontrando a porta do prédio fechada, tocou a campainha ao lado da placa de latão muito simples que ostentava o nome do banco. A porta se abriu automaticamente, e ele entrou no saguão em que estivera com a velha na tarde de sábado.

Ao chegar ao segundo patamar da escada, viu que a porta da sede do banco também estava fechada, por isso tocou mais uma campainha. Pouco depois, ouviu passos que se aproximavam, e quem atendeu foi um homem alto, loiro, bem diferente do que saíra de lá na tarde de sábado.

Ele mostrou as credenciais. "*Buon giorno*, eu sou o *commissario* Guido Brunetti, da *questoria* de Veneza. Quero falar com o *signor* Ravello."

"Um momento, por favor", disse o sujeito e, sem lhe dar tempo para mais nada, fechou a porta. Passou-se pelo menos um minuto antes que voltassem a abri-la, agora um homem nem alto nem loiro, embora tampouco fosse o que ele tinha visto na escada. "Pois não?", perguntou, como se aquele que o precedera fosse uma miragem.

"Eu quero falar com o *signor* Ravello."

"Quem eu devo anunciar?"

“Isso eu já disse ao seu colega. *Commissario* Guido Brunetti.”

“Ah, sim, um instante.” Dessa vez, Brunetti estava prevenido, pronto para bloquear a porta com o pé à primeira menção que o sujeito fizesse de fechá-la, truque aprendido nos romances policiais norte-americanos, mas a que nunca tinha tido oportunidade de recorrer. E tampouco teve naquele momento. O homem a escancarou, dizendo: “Faça o favor de entrar, *commissario*. O *signor* Ravello está no escritório e terá prazer em recebê-lo”. Parecia um exagero, mas ele não ia negar ao sujeito o direito de expressar sua opinião.

A agência bancária parecia ocupar um espaço igual ao do apartamento da velha. O funcionário o conduziu por um cômodo parecido com a sala de estar daquele: as mesmas quatro janelas grandes que davam para o *campo*. Nenhum dos três homens de terno escuro, sentados em escrivaninhas separadas, deu-se ao trabalho de tirar os olhos da tela dos monitores quando Brunetti passou. O sujeito parou diante de uma porta que correspondia à da cozinha da velha. Bateu e entrou sem esperar resposta.

A sala era aproximadamente do tamanho da cozinha, mas no lugar da pia encontravam-se quatro fileiras de armários de arquivo; no espaço correspondente ao da mesa de mármore, havia uma escrivaninha grande de carvalho, e, atrás dela, um homem alto, moreno, de compleição mediana, terno escuro e camisa branca. Não foi preciso que ele desse meia-volta e mostrasse a nuca para que Brunetti o reconhecesse, era precisamente o que lá estava trabalhando na tarde de sábado e que, depois, ele vira no *vaporetto*.

Embora na ocasião estivesse a certa distância e de óculos escuros, tratava-se, sem dúvida, da mesma pessoa. Tinha boca pequena e um nariz comprido. Isso, combinado com os olhinhos puxados e as sobrancelhas grossas e escuras, chamava a atenção para o centro do seu rosto, de modo que o observador tendia, primeiramente, a não fazer caso do cabelo, que era muito denso e crespo.

“*Signor* Ravello, eu sou o *commissario* Guido Brunetti.”

Ravanello se levantou e lhe apertou a mão por cima da escrivania. “Ah, sim, o senhor deve ter vindo por causa do lamentável caso de Mascari.” Voltando-se para o outro homem, disse: “Obrigado, Aldo. Eu vou conversar com o *commissario*”. O sujeito saiu do escritório e fechou a porta.

“Sente-se, por favor”, ofereceu e, contornando a mesa, virou uma das cadeiras de respaldo reto que lá estavam, para que ficasse voltada para a dele. “É terrível, terrível. Eu já conversei com os diretores do banco em Verona. Ninguém sabe o que fazer.”

“Para substituir Mascari? Ele era o diretor daqui, não?”

“Sim, era. Mas, não, o nosso problema não é quem vai substituí-lo. Isso já está resolvido.”

Embora o tivesse dito apenas como um rodeio antes de falar na verdadeira preocupação do banco, Brunetti indagou: “E quem vai substituí-lo?”

Surpreso com a pergunta, Ravanello ergueu os olhos. “Eu, já que era vice-diretor. Mas, como acabo de dizer, não é isso que preocupa o banco.”

Brunetti sabia — e a experiência nunca havia mostrado o contrário — que a única coisa que preocupava um banco era o dinheiro que entrava ou saía. Com um sorriso curioso nos lábios, ele perguntou: “Então, o que o preocupa, *signor* Ravanello?”

“O escândalo. O tremendo escândalo. O senhor sabe que nós, banqueiros, temos de ser muito discretos, muito cautelosos.”

Brunetti sabia que eles arriscavam ser demitidos se fossem vistos num cassino ou emitissem um cheque sem fundo, mas essa não parecia ser uma exigência excessiva para quem, afinal de contas, tinha a missão de cuidar do dinheiro alheio.

“A que escândalo o senhor se refere?”

“Sendo comissário de polícia, o senhor sabe em que circunstâncias o corpo de Leonardo foi encontrado.”

Brunetti confirmou com um gesto.

“Infelizmente, isso já é de conhecimento geral aqui e em Verona. Nós recebemos vários telefonemas de clientes, de gente que passou anos tratando com Leonardo. Três já decidiram encerrar a

conta. Dois deles significam uma perda substancial para o banco. E hoje ainda é o primeiro dia.”

“E o senhor acredita que essas decisões resultam das circunstâncias em que o corpo do *signor* Mascari foi encontrado?”

“É óbvio. Imaginei que isso fosse evidente”, disse Ravello, parecendo mais preocupado do que irritado.

“O senhor acha que outros clientes vão encerrar a conta por causa disso?”

“Talvez sim. Talvez não. Nesses casos, as perdas reais podem ser atribuídas diretamente à morte de Leonardo. Mas nós estamos muito mais preocupados com o prejuízo incomensurável do banco.”

“Qual seria?”

“As pessoas que preferirem não investir conosco. As que ouvirem ou lerem o que aconteceu e, em consequência, optarem por confiar seu capital a outro banco.”

Brunetti passou um momento refletindo sobre isso e também pensando no empenho dos banqueiros em evitar a palavra “dinheiro”, na vasta panóplia de termos que eles inventaram para substituir a palavra mais crassa: capital, fundos, finanças, investimentos, liquidez, ativos. As pessoas costumavam empregar o eufemismo em coisas mais grosseiras, como a morte e as funções físicas. Por acaso isso significava que o dinheiro tinha um componente fundamentalmente sórdido e que a linguagem dos banqueiros procurava dissimular ou negar esse fato? Voltou a concentrar a atenção em Ravello.

“O senhor tem idéia do tamanho desse prejuízo?”

“Não”, respondeu o banqueiro. “É impossível calcular.”

“E essas que o senhor chama de perdas reais, foram muito elevadas?”

O olhar de Ravello ficou mais cauteloso. “O senhor pode me explicar por que quer essa informação, *commissario*?”

“Não é que eu queira essa informação, *signor* Ravello, não especificamente. Nós ainda estamos na fase inicial da investigação, por isso precisamos obter o máximo de informações possível, do máximo de fontes possível. Não sei qual delas será mais

importante, mas isso nós só poderemos determinar depois de reunir todas as informações possíveis sobre o *signor* Mascari.”

“Entendo, entendo”, disse Ravello ao mesmo tempo em que arrastava uma pasta em sua direção. “Tenho estas cifras, *commissario*. Eu as estava examinando agorinha.” Abriu a pasta e correu o dedo pela lista de nomes e números impressos. “O valor total dos ativos liquidados, só dos dois correntistas que eu mencionei — o terceiro não é tão importante assim —, chega a aproximadamente oito bilhões de liras.”

“Só porque ele estava de vestido?”, perguntou Brunetti, exagerando intencionalmente a sua reação.

Ravello mal pôde disfarçar a irritação com tamanha vulgaridade. “Não, *commissario*, não porque ele estava de vestido. Mas porque esse tipo de comportamento pressupõe uma grande falta de responsabilidade, e os nossos investidores temem, talvez com razão, que essa falta de responsabilidade tenha caracterizado não só a sua vida pessoal como também a profissional.”

“Quer dizer que os clientes estão tratando de dar o fora antes que se descubra que ele levou o banco à falência, gastando dinheiro em meias de seda e calcinhas rendadas?”

“Por que tratar isso como uma piada, *commissario*?”, indagou Ravello com uma voz que teria levado incontáveis correntistas a caírem de joelhos.

“Eu só estou tentando dizer que essa reação à morte do homem me parece exagerada.”

“Mas a morte dele foi muito comprometedora.”

“Comprometedora para quem?”

“Para o banco, é claro. Só que muito mais para o próprio Leonardo.”

“*Signor* Ravello, por mais comprometedora que seja a morte do *signor* Mascari, nós não temos fatos concretos relativos às circunstâncias dessa morte.”

“O senhor está querendo dizer que ele não foi encontrado vestido de mulher?”

“*Signor* Ravello, mesmo que eu o fantasie de macaco, isso está longe de significar que o senhor é um macaco.”

“O que o senhor está querendo dizer?”, perguntou o banqueiro, já sem tentar dissimular a raiva.

“Estou querendo dizer exatamente o que eu disse: o fato de o *signor* Mascari estar vestido de mulher no momento em que morreu não nos leva à conclusão de que ele era travesti. Aliás, também não nos leva à conclusão de que havia alguma irregularidade em sua vida.”

“Acho difícil de acreditar.”

“É, e parece que seus correntistas também acham.”

“Mas eu acho difícil de acreditar por outros motivos, *commissario*”, disse Ravanello e, olhando para a pasta, fechou-a e a colocou de um lado da escrivaninha.

“Que motivos?”

“É muito difícil falar nisso”, admitiu ele, passando a pasta para o outro lado da escrivaninha.

E como ele não dissesse mais nada, Brunetti o instigou com voz mansa: “Prossiga, *signor* Ravanello”.

“Eu era amigo de Leonardo. Talvez o único amigo íntimo dele.” Olhou para Brunetti, mas logo baixou os olhos. “Sabia da vida dele”, declarou em voz baixa.

“Sabia o quê, *signor* Ravanello?”

“Da roupa de mulher. E dos garotos.” Ele corou ao dizer isso, mas não ergueu os olhos.

“Como o senhor ficou sabendo disso?”

“Leonardo me contou.” O banqueiro se calou, respirou fundo. “Nós trabalhamos dez anos juntos. As nossas famílias se conheciam. Leonardo era padrinho do meu filho. Duvido que tivesse outro amigo tão íntimo.” Parou de falar, como se aquilo fosse tudo o que podia dizer.

Brunetti aguardou um momento antes de perguntar: “Como ele lhe contou isso? E, afinal, contou o quê?”.

“Nós estávamos trabalhando aqui num domingo, só nós dois. A rede de computadores tinha caído na sexta e no sábado, e só conseguimos voltar a trabalhar no domingo. Estávamos nos terminais do escritório central, e ele simplesmente virou para mim e contou.”

“O quê?”

“Foi muito esquisito, *commissario*. Ele olhou para mim. Eu vi que tinha parado de trabalhar, pensei que quisesse me contar alguma coisa ou fazer uma pergunta sobre a transação que estava registrando, por isso também parei e olhei para ele.” Ravello se interrompeu, evocando a cena. “Ele disse: ‘Sabe, Marco, eu gosto de garotos’. Então voltou a olhar para o monitor e continuou trabalhando, como se apenas me tivesse dado o número de uma transação ou o preço de uma ação. Foi esquisitíssimo.” Brunetti ficou algum tempo em silêncio, depois perguntou: “E ele nunca deu uma explicação para isso, nunca voltou a tocar no assunto?”

“Voltou. Naquela tarde, quando nós terminamos o trabalho, eu lhe perguntei o que significava aquilo, e ele se abriu.”

“Disse o quê?”

“Que gostava de garotos, não de mulheres.”

“De garotos ou de homens?”

“De *raggazzi*. Garotos.”

“E falou alguma coisa sobre se travestir?”

“Não nesse dia. Mas falou nisso cerca de um mês depois. Nós estávamos no trem, indo para a agência central em Verona, e vimos um grupo de travestis na plataforma da estação de Pádua. Foi quando ele me contou.”

“Como o senhor reagiu a isso?”

“Fiquei chocado, é claro. Nunca desconfiei que Leonardo fosse assim.”

“O senhor o alertou?”

“Do quê?”

“Do perigo para a sua posição no banco?”

“Claro que sim. Disse que, se alguém ficasse sabendo, a carreira dele estava liquidada.”

“Por quê? Tenho certeza de que muitos homossexuais trabalham em bancos.”

“Não, não era isso. Era o fato de ele se vestir de mulher. E de andar com michês.”

“Mascari falou nisso?”

“Falou. Contou que os usava e que, às vezes, fazia a mesma coisa.”

“Como assim, a mesma coisa?”

“Não sei que nome dar a isso — prostituir-se? Ele cobrava dos homens. Eu avisei que isso podia destruí-lo.” Ravello fez uma breve pausa e acrescentou: “E acabou destruindo mesmo”.

“*Signor* Ravello, por que o senhor não contou nada disso à polícia?”

“Eu estou lhe contando, *commissario*. Contando tudo.”

“Sim, mas eu tive de vir aqui perguntar. O senhor não tomou a iniciativa de entrar em contato conosco.”

“Não queria destruir a reputação dele.”

“Pelo que o senhor me contou dos seus clientes, parece que não resta muito a ser destruído.”

“Achei que isso não tinha importância.” Vendo o olhar de Brunetti, ele disse: “Quer dizer, todo mundo parecia acreditar nisso. Portanto não vi nenhum motivo para trair sua confiança.”

“Eu desconfio que o senhor está escondendo alguma coisa de mim, *signor* Ravello.”

O banqueiro o encarou, mas logo desviou o olhar. “Eu também queria proteger o banco. Queria ver se Leonardo tinha dado um... se ele tinha cometido alguma imprudência.”

“Na linguagem dos banqueiros, isso quer dizer ‘desfalque’?”

Uma vez mais, os lábios de Ravello expressaram sua repulsa pelos termos empregados por Brunetti. “Eu queria ter certeza de que o banco não tinha sido afetado de nenhuma forma pelas suas imprudências.”

“Como assim?”

“Muito bem, *commissario*”, disse o banqueiro, inclinando-se e falando com irritação. “Eu queria ver se as suas contas estavam em ordem, se não faltava nada nas dos clientes ou instituições cujos fundos nós administramos.”

“Então o senhor deve ter tido um trabalhão naquela manhã.”

“Não, eu deixei para fazer isso no fim de semana. Passei a maior parte do sábado e do domingo diante do computador, conferindo os

arquivos, recuando três anos. Foi a única coisa que precisei verificar.”

“E o que descobriu?”

“Absolutamente nada. Está tudo exatamente como deveria estar. Embora a vida particular de Leonardo fosse desregrada, a profissional estava perfeitamente em ordem.”

“E se não fosse assim?”

“Nesse caso, eu teria telefonado para o senhor.”

“Entendo. O senhor pode nos fornecer uma cópia desses documentos?”

“Claro”, aquiesceu o banqueiro com uma presteza surpreendente. Brunetti sabia, por experiência, que os bancos eram ainda mais relutantes em dar informações do que em dar dinheiro. Normalmente, só as forneciam mediante ordem judicial. Quanta gentileza a do sr. Ravanello.

“Obrigado, *signore*. Um funcionário do núcleo de finanças vem buscá-la amanhã.”

“A cópia estará pronta.”

“Também lhe peço que tente recordar qualquer outra coisa que o *signor* Mascari porventura tenha lhe contado sobre sua outra vida, a secreta.”

“Claro. Mas acho que já lhe contei tudo.”

“Bem, é possível que a emoção do momento o impeça de se lembrar de outras coisas, coisas menos importantes. Eu ficarei agradecido se o senhor anotar o que lhe ocorrer. Volto a entrar em contato amanhã ou depois.”

“Claro”, repetiu o banqueiro, agora com disposição mais amigável, talvez por sentir que a entrevista estava chegando ao fim.

“Por ora é só”, disse Brunetti, levantando-se. “Obrigado pelo seu tempo e por sua gentileza, *signor* Ravanello. Sei que a ocasião é muito difícil para o senhor. Perdeu não só um colega como também um amigo.”

“Sim, é verdade”, concordou o outro, balançando a cabeça.

Brunetti lhe apertou a mão: “Uma vez mais, obrigado pelo seu tempo e por sua gentileza.” Calou-se um momento e acrescentou:

“E pela sua franqueza”.

Ao ouvir essas palavras, Ravello olhou intensamente para ele, mas se limitou a dizer: “De nada, *commissario*”, e contornou a escrivaninha para acompanhá-lo. Saindo com ele, conduziu-o até a porta do escritório central. Depois de apertar uma vez mais a mão do banqueiro, Brunetti desceu a mesma escada na qual o havia seguido no sábado anterior.

Como estava nas imediações de Rialto, Brunetti podia facilmente ir almoçar em casa, mas não sentia a menor disposição para cozinhar e muito menos para arriscar a *insalata di calamari*, agora já com quatro dias e, portanto, mais do que suspeita. Por isso, foi até a Corte dei Milion e almoçou maravilhosamente bem na pequena *trattoria* da esquina do também pequeno *campo*.

De volta ao escritório às três horas, achou conveniente descer para conversar com Patta antes que ele mandasse chamá-lo. Na minúscula ante-sala, deu com a *signorina* Elettra junto à mesinha perto da parede, um frasco de plástico na mão, pondo água num enorme vaso de cristal com seis altos copos-de-leite. Nem mesmo as flores eram tão brancas quanto a blusa de algodão que ela estava usando com a saia do *tailleur* vermelho. Ao vê-lo, sorriu e disse: "É impressionante como eles bebem água".

Sem saber que resposta dar, Brunetti se limitou a retribuir o sorriso e a perguntar: "Ele está?".

"Está. Acaba de voltar do almoço. Tem um compromisso às quatro e meia, portanto, se o senhor quiser falar com ele, é melhor ir agora."

"A senhora sabe que compromisso é esse?"

"*Commissario*, o senhor não quer que eu revele um segredo da vida íntima do *vice-questore*, quer?", indagou a moça, fingindo-se escandalizada, mas logo prosseguiu: "Acontece que ele tem um encontro com o advogado e eu não estou autorizada a contar isso a ninguém".

“Ah, sim”, disse Brunetti, olhando para os sapatos de-la, que eram exatamente da cor da saia. Fazia pouco mais de uma semana que a srta. Elettra trabalhava para Patta. “Neste caso, eu vou conversar com ele agora.” Deslocando-se um pouco para o lado, bateu na porta, aguardou o “*Avanti!*” que o autorizava a abri-la e entrou.

Já que estava sentado à escrivaninha de Patta, o homem lá dentro não podia ser outro que não o *vice-questore* Giuseppe Patta. Mas o que Brunetti viu foi um sujeito tão parecido com o chefe quanto uma fotografia da polícia era parecida com o delinqüente fotografado. Geralmente bronzeado num leve tom de mogno naquela época do ano, ele estava pálido, mas com uma estranha palidez que transparecia sob a camada de pele artificialmente amorenada. O queixo maciço, para o qual Brunetti não podia olhar sem pensar nos retratos de Mussolini dos livros de história, tinha perdido a firmeza, amolecera, como se lhe faltasse apenas uma semana para ficar definitivamente caído. O nó da gravata estava bem-feito, mas a gola do paletó pedia para ser escovada. A falta do alfinete de ouro na gravata, assim como da flor na lapela, dava a estranha impressão de que o *vice-questore* tinha ido trabalhar seminu.

“Ah, Brunetti”, disse ao vê-lo entrar. “Sente-se. Sente-se, por favor.” Nos mais de cinco anos que trabalhavam juntos, aquela, certamente, era a primeira vez que Brunetti o ouvia dizer “por favor”, a não ser que fosse para calcar a expressão entre os dentes cerrados. E, obedecendo, ficou esperando para ver as novas maravilhas que lhe estavam reservadas.

“Eu queria agradecer a sua ajuda”, prosseguiu Patta, olhando mais uma vez para ele, mas logo desviando o olhar, como se estivesse acompanhando o vôo de um pássaro às costas do subordinado. Como Paola estava viajando, não havia nenhum exemplar da *Gente* nem da *Oggi* no apartamento, de modo que ele não sabia se tinham parado de publicar reportagens sobre a sra. Patta e Tito Burrasca, mas não devia ser outro o motivo da gratidão do *vice-questore*. E, se ele fazia tanta questão de creditar o fato às supostas conexões de Brunetti com o mundo jornalístico, e não à

relativa irrelevância do comportamento da sua esposa, não havia por que desiludi-lo.

“De nada, senhor”, foi sua resposta sumamente franca.

Patta balançou a cabeça. “E o caso de Mestre?”

Brunetti fez um breve relato do que sabia até então, concluindo com a visita ao banco naquela manhã e com a afirmação de Ravello de que conhecia as inclinações e preferências de Mascari.

“Então parece que o assassino é um dos seus... como se chamam, um dos seus ‘chamegos’?”, concluiu o *vice-questore*, exibindo sua indefectível tendência para o óbvio.

“Talvez, se o senhor acha que um homem da nossa idade pode atrair outros homens.”

“Não sei o que você está querendo dizer, *commissario*”, disparou Patta, retomando o tom de voz habitual.

“Nós todos estamos partindo do princípio de que Mascari era travesti ou michê e foi assassinado em consequência disso, mas o único indício que temos é o fato de ele ter sido encontrado vestido de mulher e a declaração do homem que ficou com o seu cargo.”

“Mas esse homem é um diretor de banco, Brunetti”, observou o *vice-questore* com sua indefectível reverência por títulos pomposos.

“Função que ele assumiu graças à morte do seu predecessor.”

“Os banqueiros não andam se matando por aí, *commissario*”, asseverou Patta com a pétrea certeza que o caracterizava.

Brunetti percebeu tarde demais o perigo que se apresentava. Para o *vice-questore* era uma vantagem atribuir a morte de Mascari a um episódio violento de sua pervertida vida íntima, isso lhe permitia deixar que a polícia de Mestre se encarregasse de procurar o assassino e lhe daria todo o direito de afastar Brunetti do caso.

“O senhor provavelmente tem razão”, admitiu este, “mas, no momento, não convém correr o risco de que a imprensa comece a dizer que nós não exploramos todas as hipóteses possíveis neste caso.”

Investindo-se de dignidade, Patta declarou: “*Commissario*, não foi isso que eu disse. Se você quer insistir na idéia de um vínculo entre o crime e o banco, fique à vontade, mas não perca de vista

com quem está lidando e trate essa gente com o respeito que a sua posição merece”.

“Claro, senhor.”

“Então fica por sua conta, mas eu não quero que você faça nada que envolva o banco sem antes me consultar.”

“Sim, senhor. Mais alguma coisa?”

“Não.”

Brunetti se levantou, empurrou a cadeira para perto da mesa e saiu sem dizer mais nenhuma palavra. Encontrou a srta. Elettra na ante-sala, folheando uma pasta de arquivo.

“A senhora conseguiu obter aquelas informações financeiras?”, perguntou.

“Qual delas?”, sorriu a moça.

“Ahn?”, fez Brunetti, completamente desnortado.

“Do *avvocato* Santomauro ou do *signor* Burrasca?” Tão preocupado andava ele com o assassinato de Mascari, que tinha esquecido que a srta. Elettra também fora incumbida de descobrir tudo quanto fosse possível a respeito do diretor de cinema pornô.

“Oh, eu me esqueci disso”, confessou. O fato de a secretária ter mencionado Burrasca deixou claro que ela queria falar nele. “O que a senhora descobriu?”

A srta. Elettra colocou a pasta de arquivo na mesa e o fitou como se estivesse surpresa com a pergunta. “Que o apartamento dele em Milão está à venda, que seus três últimos filmes deram prejuízo e que a vila que ele tinha em Mônaco foi executada pelos credores.”

Brunetti balançou a cabeça devagar. Como, diabos, ela conseguira tanta coisa?

“Burrasca está sendo processado criminalmente nos Estados Unidos, porque lá o uso de crianças em filmes pornográficos é proibido por lei. E todas as cópias do seu último filme foram confiscadas pela polícia de Mônaco; eu não consegui descobrir por quê.”

“E os impostos? Isso que a senhora estava examinando é a cópia das declarações dele?”

“Oh, não”, respondeu a srta. Elettra com um tom de censura na voz. “O senhor sabe como é difícil tirar informações do pessoal da

receita." Após uma breve pausa, acrescentou, como ele desconfiava que faria: "A não ser que a gente conheça alguém que trabalhe lá. Só vou recebê-la amanhã".

"E aí vai entregar tudo ao *vice-questore*?"

A moça lhe endereçou um olhar feroz. "Não, *commissario*. Vou esperar pelo menos alguns dias antes disso."

"Sério?"

"Eu não brinco quando se trata do *vice-questore*."

"Por que fazê-lo esperar?"

"Por que não?"

Brunetti se perguntou quantas pequenas injúrias Patta já devia ter acumulado na cabeça daquela moça, em uma semana, para que ela estivesse com ânimo tão vingativo. "E quanto a Santomauro?"

"Ah, o *avvocato* é um caso totalmente diferente. Suas finanças não podiam estar em melhor estado. Ele tem um portfólio de ações e títulos que deve valer mais de meio bilhão de liras. Sua renda anual declarada é de duzentos milhões, o equivalente a, no mínimo, o dobro do que um homem na situação dele normalmente declara."

"E os impostos?"

"Isso é que é estranho. Parece que ele declara tudo. Não há indício de sonegação."

"Mas a senhora parece não acreditar muito nisso."

"Ora, *commissario*", ela pousou nele mais um olhar de censura, se bem que não tão feroz quanto o anterior. "O senhor não é ingênuo a ponto de acreditar que alguém diz a verdade ao fazer a declaração de renda. Por isso é tão esquisito. Se ele declara tudo o que ganha, deve ser porque tem outra fonte de renda que torna a quantia declarada tão insignificante que nem vale a pena fraudar o fisco."

Brunetti refletiu sobre isso por um instante. Tal como era a legislação tributária, não havia outra interpretação plausível. "O seu computador dá alguma indicação da origem desse dinheiro?"

"Não, mas diz que ele é presidente da Lega della Moralità. Portanto, o mais lógico seria procurar lá."

"Vocês podem", perguntou ele, falando no plural e apontando para a tela do monitor diante dela, "ver o que dá para descobrir

sobre a Lega?”

“Oh, eu já comecei a fazer isso, *commissario*. Mas, pelo jeito, a Lega é mais esquiva do que as declarações de renda do *signor Burrasca*.”

“Eu tenho certeza de que a senhora consegue remover todos os obstáculos do seu caminho, *signorina*.”

Ela inclinou a cabeça, aceitando o elogio como justo e merecido.

Brunetti resolveu perguntar. “Por que a senhora tem tanta intimidade com a rede de computadores?”

“Com qual rede?”

“A financeira.”

“Ah, eu trabalhava com ela no meu emprego anterior”, disse a secretária, voltando a olhar para a tela.

“E que emprego era esse, se a senhora me perdoa a curiosidade?”, insistiu Brunetti, pensando em companhias de seguro, talvez num escritório de contabilidade.

“No Banco da Itália”, disse a moça olhando mais para o monitor do que para ele.

Brunetti enrugou a testa. Ela o encarou e, vendo-lhe a expressão, explicou: “Eu era assistente do presidente”.

Não era preciso ser banqueiro nem matemático para calcular a redução de salário que uma troca daquelas significava. Além disso, para a maioria dos italianos, trabalhar num banco representava a segurança absoluta; as pessoas esperavam anos para ser admitidas na equipe de um banco, de qualquer um, e, sem dúvida, o Banco da Itália era o mais cobiçado. E agora a srta. Elettra era secretária na polícia? Mesmo com flores da Fantin duas vezes por semana, era um absurdo. E, considerando que ela não trabalhava simplesmente para a polícia, mas para Patta, aquilo parecia um ato de suprema loucura.

“Entendo”, disse Brunetti, embora não entendesse. “Espero que a senhora goste daqui.”

“Tenho certeza de que vou gostar, *commissario*”, sorriu a moça. “O senhor quer que eu obtenha mais alguma informação?”

“Não, no momento não, obrigado”, respondeu ele e, despedindo-se, voltou para seu escritório. Usando a linha central, discou o

número do hotel de Bolzano e pediu para falar com a sra. Brunetti. Disseram-lhe que ela tinha ido dar uma volta e só regressaria na hora do jantar. Ele não deixou recado, apenas se identificou e desligou.

O telefone tocou quase imediatamente. Era Padovani, em Roma, pedindo desculpas por não ter conseguido nenhuma informação sobre Santomauro. Havia telefonado a vários amigos de Roma e de Veneza, mas todos pareciam ter viajado, e ele não fizera senão deixar uma série de mensagens em secretárias eletrônicas, pedindo-lhes que retornassem a chamada, mas sem explicar por que queria conversar com eles. Brunetti agradeceu e lhe pediu que telefonasse assim que soubesse de alguma coisa.

Depois de desligar, vasculhou os papéis na escrivaninha até encontrar o que queria, o laudo da autópsia de Mascari, e releu-o com atenção. Na quarta página, encontrou o que estava procurando. "Alguns arranhões e cortes nas pernas, nenhum sinal de sangramento epidérmico. Arranhões sem dúvida causados pelas bordas cortantes de...", e aqui o legista fazia um pouco de ostentação, dando o nome latino da erva em meio à qual tinham encontrado o corpo de Mascari.

Os mortos não sangravam, não havia pressão para levar o sangue à superfície. Essa era uma das verdades simples da patologia que Brunetti conhecia. Se aqueles arranhões tinham sido causados pela — e aqui ele repetiu em voz alta as pernósticas sílabas do nome latino —, não podiam ter sangrado, pois Mascari já estava morto quando jogaram seu corpo no matagal. Mas se alguém lhe tivesse raspado as pernas depois de sua morte, os cortes e arranhões tampouco sangrariam.

Brunetti nunca raspava nenhuma parte do corpo, a não ser a barba, mas, anos antes, tinha presenciado o calvário de Paola para passar a gilete na barriga da perna, no tornozelo, no joelho. Perdeu a conta dos palavrões que chegaram do banheiro e, depois, viu-a sair com um pedaço de papel higiênico grudado numa parte da perna. Paola as raspava regularmente desde que ele a conhecia; nem por isso deixava de se cortar. Era pouco provável que um homem de meia-idade tivesse mais sucesso e realizasse a proeza

de raspar as pernas sem se machucar. Brunetti estava tentado a acreditar que, até certo ponto, a maioria dos casais eram muito parecidos. Portanto, se ele, de repente, começasse a raspar as pernas, Paola perceberia imediatamente. Parecia-lhe improvável que Mascari cultivasse esse hábito sem que a esposa soubesse, mesmo que não telefonasse para ela quando viajava.

Brunetti tornou a ler o laudo: "Nenhum indício de sangramento nos cortes das pernas da vítima". Não, apesar do vestido e dos sapatos vermelhos, apesar da maquiagem e da calcinha rendada, o *signor* Mascari não tinha raspado as pernas antes de morrer. E isso, por conseguinte, significava que alguém fizera o trabalho por ele depois de sua morte.

No fim do dia Brunetti estava no escritório, torcendo para que a brisa da tarde o aliviasse um pouco, mas essa esperança resultou tão vã quanto a outra, a de começar a encontrar um sentido entre todos aqueles fatores inopinados. Para ele, era evidente que a história de travestismo não passava de uma farsa póstuma destinada a desviar a atenção do verdadeiro motivo do assassinato de Mascari. Isso significava que Ravello, a única pessoa que dizia ter ouvido sua "confissão", havia mentido e provavelmente sabia alguma coisa sobre o crime. Embora Brunetti não tivesse nenhuma dificuldade para acreditar que os banqueiros eram perfeitamente capazes de matar, custava-lhe conceber que o fizessem apenas para apressar uma promoção.

Ravello não hesitou em admitir que tinha estado no banco naquele fim de semana; aliás, deu a informação espontaneamente. E, como Mascari acabava de ser identificado, o motivo que ele apresentou era bem plausível — o que um bom amigo faria. Ademais, o que um empregado leal não deixaria de fazer.

Mesmo assim, por que não se identificou ao atender o telefone no sábado, por que manteve em segredo, mesmo para o interlocutor desconhecido, que estava no banco naquela tarde?

O telefone tocou; ainda pensativo, ainda atordoado com o calor, Brunetti atendeu dizendo o próprio nome.

"Eu preciso conversar com o senhor", sussurrou uma voz de homem. "Pessoalmente."

"Quem fala?", perguntou ele com calma.

“Prefiro não dizer.”

“Então eu prefiro não conversar com você”, retrucou Brunetti e desligou.

Essa reação deixava os interlocutores tão perplexos que não lhes restava senão voltar a ligar. Minutos depois, o telefone tocou outra vez, e Brunetti atendeu do mesmo modo.

“É muito importante”, insistiu a voz.

“Tanto é que eu até sei com quem estou falando”, disse Brunetti em tom muito distenso.

“Nós conversamos na semana passada.”

“Eu conversei com muita gente na semana passada, *signor* Crespo, mas poucos me telefonaram pedindo para se encontrar comigo.”

Crespo ficou um bom tempo calado, Brunetti chegou a temer que desligasse, mas o rapaz acabou dizendo: “Eu preciso falar com o senhor pessoalmente”.

“Já está falando.”

“Não, eu quero lhe entregar umas coisas, umas fotografias e uns papéis.”

“Que papéis e que fotografias?”

“O senhor vai ver.”

“Do que se trata, *signor* Crespo?”

“De Mascari. A polícia está redondamente enganada a respeito dele.”

Pela voz de Crespo, Brunetti percebeu que estava perdendo a coragem ou qualquer outra emoção que o levara a telefonar. “Onde o senhor quer se encontrar comigo?”

“O senhor conhece bem Mestre?”

“Conheço.” Caso contrário, podia se informar com Gallo ou Vianello.

“Sabe onde fica o estacionamento do outro lado do túnel da estação ferroviária?”

Era um dos poucos lugares, nas imediações de Veneza, em que se podia estacionar de graça. Bastava deixar o carro no terreno ou na rua arborizada que dava no túnel, entrar neste e subir às plataformas dos trens com destino a Veneza. Dez minutos de

viagem, sem pagar o estacionamento e sem esperar na fila para conseguir uma vaga ou pagar por ela em Tronchetto.

“Sei.”

“A gente se encontra lá hoje à noite.”

“A que horas?”

“Tarde. Primeiro eu tenho de fazer uma coisa e não sei quando termino.”

“A que horas?”

“Devo estar chegando por volta de uma da madrugada.”

“Onde?”

“Ao sair do túnel, o senhor entra na primeira rua e vira à esquerda. Eu vou estar num Panda azul-claro estacionado do lado direito.”

“Então por que falou no estacionamento?”

“Por nada. Só queria saber se o senhor conhecia o lugar. Não quero ficar lá. É muito iluminado.”

“Está bem, *signor* Crespo, eu vou.”

“Ótimo”, disse o rapaz e desligou sem lhe dar tempo para mais nada.

Ora essa, indagou Brunetti, o que o teria levado a lhe telefonar? Não acreditou um só instante que Crespo havia ligado por conta própria — um sujeito como ele jamais o faria —, mas isso não diminuiu sua curiosidade por entender o significado daquela chamada. A conclusão mais provável era que alguém estava querendo intimidá-lo ou talvez pretendesse algo pior; havia coisa mais conveniente do que atraí-lo a uma via pública à uma da madrugada?

Ele telefonou para a *questura* de Mestre e pediu para falar com o sargento Gallo, mas foi informado de que ele se encontrava em Milão, onde passaria alguns dias prestando depoimento em um processo judicial. Gostaria de falar com o sargento Buffo, que está substituindo Gallo? Brunetti respondeu que não e se despediu.

Ligou para Vianello e chamou-o ao escritório. Quando ele chegou, Brunetti lhe ofereceu uma cadeira e falou no telefonema de Crespo e no dele para Gallo. “O que você acha?”, perguntou.

“Eu diria, bom, eu diria que estão querendo tirá-lo de Veneza e levá-lo a um campo aberto onde o senhor não conta com nenhuma proteção. Vamos precisar dos nossos rapazes para lhe dar cobertura.”

“Que meios eles podem usar?”

“Bom, pode ser alguém dentro de um veículo, mas eles teriam de saber que nós temos gente lá. Ou talvez um carro ou uma motocicleta que passe para atropelá-lo ou para atirar no senhor.”

“Uma bomba?”, perguntou Brunetti, estremeando ao recordar as fotografias dos escombros deixados pelos explosivos que matavam políticos e juízes.

“Não, o senhor não é um figurão tão importante assim”, respondeu o sargento. Triste consolo, mas não deixava de ser um consolo.

“Obrigado. Acho mais provável alguém passar por lá.”

“E o que o senhor pretende fazer?”

“Quero gente em pelo menos duas casas, uma no começo e outra no fim da rua. E veja se consegue quem se disponha a ficar no banco traseiro de um carro. Vai ser um inferno ficar fechado lá dentro com este calor. Já são três. Acho que não posso convocar mais ninguém.”

“Olhe, eu não quero ficar no banco traseiro e muito menos numa casa, vigiando, mas acho que posso estacionar na esquina, desde que arranje uma mulher para ficar comigo, namorando.”

“Que tal a *signorina* Elettra?”, riu-se Brunetti. “Será que ela se apresenta como voluntária?”

Vianello ficou muito sério. “Eu não estou brincando, *commissario*. Conheço bem aquela rua; a minha tia de Treviso costuma deixar o carro lá quando nos visita, e sou eu que a levo de volta. Sempre há gente namorando nos carros; um a mais, um a menos, não faz a menor diferença.”

Brunetti quase perguntou o que Nádia acharia da idéia, mas preferiu deixar isso de lado e dizer: “Tudo bem, mas a moça que for tem de ser voluntária. Se houver perigo, não me agrada a idéia de uma mulher envolvida”. Antes que o sargento objetasse, acrescentou: “Mesmo que seja da polícia”.

Vianello olhou para o teto ao ouvir isso? Foi o que Brunetti pensou, mas achou melhor não perguntar. "O que mais, sargento?"

"O senhor precisa estar lá à uma?"

"À uma."

"O trem não funciona a essa hora. Vai ter de tomar o ônibus e ir a pé do ponto final, passando pelo túnel."

"E para voltar a Veneza?"

"Depende do que acontecer, imagino."

"É, eu também imagino."

"Vou ver se encontro alguém que tope ficar no banco traseiro do carro", disse Vianello.

"Quem está no plantão noturno esta semana?"

"Riverre e Alvise."

"Oh!", fez Brunetti. A exclamação falou por si só.

"Eles é que vão ser escalados?"

"Acho melhor colocá-los nas casas." Nem um nem outro queria dizer que, se ficassem no banco traseiro do carro, os dois pegariam no sono. Naturalmente, essa possibilidade não era eliminada se eles fossem designados para ficar numa casa, mas talvez a curiosidade dos proprietários os mantivesse despertos.

"E os outros? Você tem certeza de que consegue voluntários?"

"Sem problemas", garantiu o sargento. "Rallo vai querer ir, e eu estou pensando em convocar Maria Nardi. O marido dela está em Milão, num programa de treinamento; acho que ela vai gostar da idéia. Mesmo porque conta como hora extra. Não conta?"

Brunetti confirmou com um gesto e acrescentou: "Vianello, deixe bem claro a todos que pode ser perigoso".

"Perigoso? Em Mestre?", perguntou o outro com uma gargalhada, descartando a idéia, e então acrescentou: "Não é melhor levar um rádio?".

"Não, não precisa. Vocês quatro vão estar por perto."

"Bom, pelo menos dois eu garanto", retificou o sargento, poupando-o de falar mal dos subordinados.

"Já que nós vamos passar a noite em claro por causa disso, acho que podemos ir para casa descansar um pouco", propôs Brunetti, consultando o relógio.

“Então a gente se encontra lá”, disse Vianello, e se levantou.

Como falara o sargento, não havia trem que o transportasse àquela hora, então Brunetti se conformou em tomar o ônibus número um e, ao desembarcar, o único passageiro àquela hora, atravessou a estação ferroviária de Mestre.

Subiu a escada de acesso e então desceu ao túnel que passava por baixo dos trilhos e dava no outro lado da estação. Saiu numa rua tranqüila e arborizada, tendo às suas costas o bem iluminado estacionamento, agora lotado de veículos que lá passariam a noite. Também havia carros estacionados nos dois lados da rua à sua frente; a luz dos postes se filtrava nas copas. Brunetti foi pela calçada do lado direito, onde havia menos árvores e, conseqüentemente, mais luz. Chegando à primeira esquina, parou e olhou à sua volta. A cerca de quatro automóveis mais adiante, do outro lado da pista, viu um casal se beijando voluptuosamente, mas, como a cabeça do homem estava encoberta pela da mulher, não pôde saber se era Vianello ou um marido qualquer em pleno adultério.

Examinou a rua à esquerda, estudando as fileiras de casas dos dois lados. Mais ou menos na metade do quarteirão, a luz cinzenta e baça de um televisor se filtrava pelas janelas mais baixas de duas casas, mas ele preferiu não olhar naquela direção, temendo que tomassem aquilo por um sinal e fossem socorrê-lo.

Entrou na rua, procurando um Panda azul-claro estacionado do lado direito. Foi até o fim do quarteirão e, não vendo nenhum automóvel que correspondesse à descrição, deu meia-volta. Nada. Ao notar um contêiner de lixo na esquina, mudou de calçada, pensando uma vez mais nas fotografias do pouco que restava do carro do juiz Falcone. Um veículo entrou na rua, vindo do cruzamento circular, e diminuiu a velocidade à medida que se aproximava. Brunetti procurou a proteção de dois automóveis estacionados, mas o carro passou e entrou num estacionamento. O motorista saiu, trancou a porta e desapareceu no túnel da estação.

Passados dez minutos, Brunetti voltou pelo mesmo caminho, dessa vez olhando para cada carro estacionado. Em um deles havia um cobertor no assoalho da parte traseira, e, consciente do calor que fazia mesmo ao ar livre, ele sentiu muita simpatia pelo coitado que devia estar suando em bicas lá debaixo.

Depois de meia hora, chegou à conclusão de que Crespo não ia aparecer. Voltando à rua transversal, virou à esquerda e foi para o lugar onde o casal continuava se bolinando no banco da frente. Ele se aproximou e bateu os nós dos dedos no capô; afastando-se rapidamente da coradíssima policial Maria Nardi, Vianello saiu do carro.

“Nada”, disse Brunetti, consultando o relógio. “E já são quase duas horas.”

“Paciência”, resignou-se o sargento sem dissimular a decepção. “Vamos voltar.” Enfiando a cabeça na janela do automóvel, disse à policial feminina: “Chame Riverre e Alvisè e mande-os vir atrás de nós”.

“E o homem no carro?”, quis saber Brunetti.

“Vai voltar com Riverre e Alvisè. Quando saírem das casas, vão se encontrar com ele para irem embora.”

No automóvel, a policial Nardi falou pelo rádio, avisando os colegas que ninguém tinha aparecido e que todos iam para Veneza. Olhou para Vianello. “Pronto, sargento. Eles já vêm vindo.” Em seguida, saiu do carro e abriu a porta traseira.

“Não, fique aí mesmo”, disse Brunetti. “Eu vou atrás.”

“Não, não, *commissario*”, sorriu ela timidamente e acrescentou: “Quero aproveitar para ficar a uma boa distância do sargento”. Entrou e fechou a porta.

Brunetti e Vianello se entreolharam por cima da capota. Este sorriu com malícia. Ambos entraram no veículo. Vianello deu a partida. Assim que o motor começou a funcionar, uma campainha se pôs a tocar com insistência.

“O que é isso?”, perguntou Brunetti. Para ele, assim como para a maior parte dos venezianos, o mundo automotivo era um território desconhecido.

“O alarme do cinto de segurança”, explicou o sargento, atravessando o dele no corpo e prendendo-o perto da alavanca do câmbio.

Brunetti não se mexeu. O alarme continuou tocando.

“Não dá para você desligar essa coisa, Vianello?”

“Ele desliga automaticamente se o senhor puser o cinto.”

Brunetti resmungou que era um absurdo uma máquina dizer o que ele tinha de fazer, mas pôs o cinto e, então, murmurou que aquilo devia fazer parte das manias ecologistas de Vianello. Fingindo não ouvir, este engatou a marcha e arrancou. No fim da rua, aguardaram alguns minutos para que o outro carro se posicionasse atrás deles. O policial Riverre ia ao volante; Alvise, ao seu lado; e, quando se virou para lhes fazer um sinal, Brunetti divisou um terceiro vulto na traseira, a cabeça reclinada no banco.

As ruas estavam desertas àquela hora, e eles não tardaram a entrar na estrada que levava à Ponte della Libertà.

“O que o senhor acha que aconteceu?”, perguntou Vianello.

“Eu pensei que fosse uma armação para me intimidar, mas talvez tenha me enganado. Talvez Crespo quisesse mesmo falar comigo.”

“E o que pretende fazer agora?”

“Vou visitá-lo amanhã e ver o que aconteceu.”

Entraram na ponte e avistaram as luzes da cidade à sua frente. A água escura se espalhava dos dois lados, à esquerda, salpicada de reflexos luminosos que vinham das distantes ilhas de Murano e Burano. O sargento acelerou, ansioso por chegar à garagem e ir para casa. Todos estavam cansados, frustrados. O segundo carro os seguia de perto, mas, de repente, passou para a pista central, e Riverre, aumentando a velocidade, ultrapassou-os; Alvise, debruçado na janela, acenou alegremente para eles.

Ao vê-los a policial Nardi se inclinou para a frente e, segurando o ombro de Vianello, começou a falar. “Sargento...”, mas se interrompeu abruptamente ao ver, pelo espelho retrovisor, um par de faróis altos que acabava de aparecer. Crispando os dedos no ombro do colega, só teve tempo de dizer “Cuidado”, antes que o automóvel atrás deles desviasse para a esquerda, emparelhando-se, e então, ao ultrapassá-los, batesse deliberadamente no seu

pára-lama esquerdo. A força do impacto jogou-os para a direita, de encontro ao *guardrail* e à lateral da ponte.

Vianello girou o volante para a esquerda, mas sua reação foi tardia, e a traseira do veículo bandeou para a esquerda, levando-os para o meio da estrada. Outro automóvel, que vinha de Mestre em altíssima velocidade, desviou para a direita e passou pelo espaço agora livre entre o *guardrail* e o carro da polícia, que, então, bateu a traseira no *guardrail* da esquerda e, traçando outro semicírculo, foi parar no meio da pista, de frente para Mestre.

Estonteado, sem saber se estava machucado ou não, Brunetti olhou pelo pára-brisa estilhaçado, mas só viu a radiante refração dos faróis que se aproximavam. Dois veículos passaram velozes pela direita e, pouco depois, outros dois. Ele se virou para a esquerda e viu o corpo inerte de Vianello preso no cinto de segurança. Tratando de soltar o seu, girou o corpo no banco e agarrou o ombro do sargento. “Lorenzo, você está bem?”

Este abriu os olhos e o encarou. “Acho que sim.” Brunetti estendeu o braço e soltou o outro cinto de segurança; Vianello continuou imóvel.

“Vamos”, disse Brunetti, tratando de abrir a porta. “Saia do carro antes que um maluco nos mate.” Pelo que restava do pára-brisa, apontou para os faróis que continuavam vindo de Mestre.

“Eu vou chamar Riverre”, disse o sargento, inclinando-se para acionar o rádio.

“Não. Já passaram vários carros. Alguém deve ter avisado os carabineiros da Piazzale Roma.” E, como que para sancionar as suas palavras, ele ouviu a primeira sirene na outra extremidade da ponte e viu o piscar da luz azul da radiopatrulha que vinha, na contramão, para resgatá-los.

Brunetti saiu do carro e se inclinou para abrir a outra porta. E deu com a jovem policial Maria Nardi estendida no banco traseiro, o pescoço dobrado num ângulo inatural.

O resultado do incidente foi tão previsível quanto deprimente. Ninguém viu o veículo que os abalroou, nem sequer vislumbrou sua cor ou tamanho, se bem que devia ser pesado para jogá-los com tanta violência no *guardrail*. Não havia nenhum carro próximo a ponto de presenciar a colisão ou, pelo menos, ninguém deu parte na polícia. Era evidente que, depois de bater neles, o veículo simplesmente seguiu rumo à Piazzale Roma e desapareceu no continente antes que alguém avisasse os carabinieri.

Declarada morta no próprio local do acidente, a policial Nardi foi levada ao *ospedale civile* para a autópsia, que não faria senão confirmar o que era claramente visível pelo ângulo em que ficou sua cabeça.

“Maria tinha só vinte e três anos”, lamentou Vianello, evitando o olhar de Brunetti. “Faz seis meses que casou. O marido está viajando, fazendo um curso de informática. Ela não falou em outra coisa no carro, que não agüentava mais esperar a volta de Franco, que estava morrendo de saudade. Nós passamos uma hora lá, cara a cara, e Maria não fez senão falar em Franco. Era uma menina.”

Brunetti não soube o que dizer.

“Se eu a tivesse mandado colocar o cinto de segurança, Maria ainda estaria viva.”

“Pare com isso, Lorenzo”, disse ele com aspereza, mas sem irritação na voz. Estavam na *questura*, no escritório de Vianello, esperando que acabassem de datilografar os boletins de ocorrência para assiná-los e ir para casa. “A gente não vai passar o resto da

noite dizendo disparates. Eu podia não ter ido ao encontro com Crespo. Podia ter percebido que era uma armadilha, podia ter desconfiado quando não apareceu ninguém em Mestre. Só falta dizer que era melhor a gente ter voltado de carro blindado.”

Sentado ao lado da sua escrivaninha, o sargento continuou olhando para o nada. A pele em volta do enorme galo no lado esquerdo da sua testa estava começando a ficar roxa. “Acontece que nós fizemos o que fizemos, ou deixamos de fazer o que deixamos de fazer, e ela continua morta”, disse com voz uniforme.

Brunetti lhe segurou o braço. “Lorenzo, não fomos nós que a matamos. Foi quem estava naquele carro. A única coisa que podemos fazer é tentar encontrar esses caras.”

“E por acaso isso vai trazer Maria de volta?”, murmurou o sargento com amargura.

“Nada neste mundo de Deus pode trazê-la de volta, Lorenzo. Nós dois sabemos disso. Mas eu quero pegar aqueles bandidos e também quero pegar quem os mandou.”

Vianello concordou com um gesto, mas não disse nada a respeito disso. “E o marido dela?”, perguntou.

“O que tem ele?”

“O senhor o avisa?” Não havia só curiosidade em sua voz. “Eu não tenho coragem.”

“Onde ele está?”

“No Hotel Impero, em Milão.”

Brunetti fez que sim. “Eu telefono amanhã cedo. Não tem sentido ligar agora e prolongar ainda mais o seu sofrimento.”

Um policial fardado entrou no escritório com o original dos depoimentos e duas cópias de cada um. Os dois leram pacientemente as folhas datilografadas e, a seguir, assinaram o original e as cópias. Quando o policial saiu com os documentos, Brunetti se levantou e disse: “Acho que está na hora de ir para casa, Lorenzo. Já passa das quatro. Você ligou para Nádia?”

O sargento balançou a cabeça. Tinha telefonado para a esposa uma hora antes, da *questura*. “Foi o único emprego que Maria arrumou. O pai dela era da polícia, e alguém mexeu os pauzinhos

para que conseguisse o emprego. Sabe o que ela queria mesmo fazer, *commissario*?"

"Não quero falar nisso, Lorenzo."

"Sabe o que ela queria fazer?"

"Lorenzo", murmurou Brunetti, tentando dissuadi-lo.

"Queria ser professora no ensino fundamental, mas, como não havia vagas, acabou entrando na polícia."

Os dois desceram devagar a escada e passaram pelo saguão rumo à porta da rua. Ao ver Brunetti, o policial de sentinela bateu continência. Eles saíram; nas árvores do Campo San Lorenzo, do outro lado do canal, o coro quase ensurdecedor dos pássaros saudava o raiar do dia. Já não estava tão escuro, mas a luz ainda não passava de uma sugestão a transformar aquele mundo de densa impenetrabilidade em um mundo de infinitas possibilidades.

Detendo-se à beira do canal, de frente para as árvores, eles mergulharam os olhos naquilo que o ouvido captava. Ambos de mãos nos bolsos, sentindo o súbito frio que precedia o amanhecer.

"Isso não podia ter acontecido", disse Vianello. Então, virando-se para a direita, despediu-se: "*Arrivederci, commissario*", e se foi.

Brunetti tomou o rumo oposto, o de Rialto e das ruas que o levavam para casa. Tinham-na matado como a um inseto, o braço se erguera para esmagá-lo, mas foi Maria Nardi quem perdeu a vida. Num piscar de olhos. Um momento antes, era uma moça prestes a dizer alguma coisa a um amigo, a mão leve, confiante e carinhosamente pousada em seu ombro, a boca pronta para articular uma palavra. O que pretendia contar? Ia fazer um gracejo? Dizer a Vianello que era brincadeira aquela história de preferir viajar no banco traseiro? Ou ia falar uma vez mais em Franco, uma derradeira frase sobre a saudade que estava sentindo? Nunca ninguém saberia. A idéia fugaz tinha morrido com ela.

Brunetti ia telefonar para Franco. Mas não já. O rapaz que dormisse um pouco mais antes de receber a notícia terrível. Sabia que, pelo menos por enquanto, não seria capaz de falar nas últimas horas de Maria no carro com Vianello; não tinha coragem. Isso ficava para mais tarde, para quando ele estivesse em condições de ouvir, só então, depois da grande dor.

Ao chegar a Rialto, olhou para a esquerda e viu um *vaporetto* aproximando-se do embarcadouro, e foi essa casualidade que o precipitou a tomar a decisão. Correndo até lá, embarcou rumo à estação ferroviária e pegou o primeiro trem do dia que atravessava o elevado. Como sabia que Gallo não estava na *questoria*, tomou um táxi na estação de Mestre e deu ao motorista o endereço de Crespo.

Não prestou atenção no raiar do dia, que trazia consigo um calor talvez pior naquela cidade de asfalto e concreto, de avenidas e arranha-céus. Quase sentiu gratidão pelo crescente desconforto da temperatura e da umidade; servia para distraí-lo do que tinha visto naquela noite e do que receava ver no apartamento de Crespo.

Tal como na ocasião anterior, o elevador estava com o ar-condicionado ligado, já necessário mesmo àquela hora. Brunetti apertou o botão e subiu rápida e silenciosamente ao sétimo andar. Tocou a campainha do apartamento, mas dessa vez não ouviu nada lá dentro. Insistiu várias vezes, mantendo o dedo na campainha durante longos segundos. Nenhum passo, nenhuma voz, nenhum sinal de vida.

Tirou da carteira um pequeno pino de metal. Certa vez, Vianello passara uma tarde inteira ensinando-lhe a fazer aquilo e, embora ele não tivesse sido um bom aluno, conseguiu abrir a porta do apartamento em menos de dez segundos. Transpondo o limiar, gritou: “*Signor* Crespo? A sua porta está aberta. O senhor está aí?”. Um pouco de cautela não fazia mal a ninguém.

A sala estava deserta. A cozinha reluzia fastidiosamente limpa. Ele encontrou Crespo no quarto, na cama, de pijama de seda amarela. Com um pedaço de fio de telefone enrolado no pescoço, estava com uma cara horrível, uma inchada paródia da sua antiga beleza.

Brunetti não se deu ao trabalho de olhar à sua volta nem de examinar o quarto; foi ao apartamento vizinho e bateu até que um sujeito colérico abrisse a porta, aos berros. Quando a equipe técnica chegou da *questura* de Mestre, Brunetti já tivera tempo de telefonar para o marido de Maria Nardi, em Milão, contando-lhe o

sucedido. Ao contrário do vizinho de Crespo, Franco Nardi não gritou; e Brunetti não soube dizer se era melhor ou pior assim.

Na *questura* de Mestre, relatou o que se passara ao recém-chegado Gallo e o encarregou do exame do apartamento e do corpo de Crespo, explicando que precisava estar em Veneza naquela manhã. Não contou que era para ir ao enterro de Mascari; já havia muita morte pairando no ar.

Mesmo voltando à cidade de um lugar repleto de morte violenta, mesmo voltando para presenciar as conseqüências de outra dessas mortes, Brunetti não deixou de sentir um aperto no coração ao avistar os campanários e as fachadas de cor pastel que iam surgindo à medida que a radiopatrulha avançava no elevado. Sabia perfeitamente que a beleza nada alterava e que o conforto que ela oferecia talvez não passasse de uma ilusão, mesmo assim, recebeu de bom grado a ilusão.

O enterro foi uma tristeza; palavras vazias ditas por gente que, evidentemente, estava chocada demais com as circunstâncias da morte de Mascari para fingir acreditar no próprio discurso. A viúva suportou tudo com o corpo rijo e os olhos enxutos, e saiu da igreja logo atrás do caixão, calada e solitária.

A imprensa, como era de se esperar, ficou assanhadíssima com o cheiro da morte de Crespo. A primeira notícia foi publicada na edição vespertina de *La Notte*, jornal muito afeito a manchetes sanguinolentas e ao uso do tempo presente. Descrevia Francesco Crespo como “um travesti de programa”. O resumo da sua biografia dava muita

ênfase ao fato de ele ter sido dançarino numa discoteca para *gays* de Vicenza, muito embora sua atuação tivesse durado apenas alguns dias. O autor da reportagem estabeleceu o vínculo inevitável com o assassinato de Leonardo Mascari, ocorrido menos de uma semana antes, sugerindo que a semelhança das vítimas indicava uma pessoa que matava travestis por vingança. O jornalista não achou necessário explicar o motivo dessa hipótese.

Os matutinos adotaram a mesma orientação. O *Gazzettino* mencionou as mais de dez prostitutas assassinadas só na província de Pordenone nos últimos anos, procurando traçar uma linha entre

esses crimes e o assassinato dos dois travestis. *Il Manifesto* dedicou ao homicídio duas colunas na página quatro, e o repórter aproveitou a oportunidade para classificar Crespo de “mais um parasita a habitar o corpo putrefato da sociedade burguesa italiana”.

Em sua escorreita discussão do delito, *Il Corriere della Sera* deixou logo de lado o assassinato de um garoto de programa relativamente insignificante para se concentrar no do famoso banqueiro veneziano. A reportagem se referia a “fontes locais” que davam conta de que a “vida dupla” de Mascari era um item bem conhecido em certos círculos. Por conseguinte, sua morte tinha sido simplesmente o resultado inevitável da “espiral do vício” na qual sua fraqueza lhe transformara a existência.

Atraído pelas tais “fontes locais”, Brunetti entrou em contato com a redação do jornal em Roma, pedindo para falar com o autor da reportagem. Uma vez contatado e informado de que estava conversando com um comissário de polícia interessado em saber com quem ele tinha falado para escrever a matéria, o homem disse que não estava autorizado a revelar sua fonte, que a confiança existente entre o jornalista e quem lhe dá informações ou quem o lê devia ser implícita e absoluta. Além disso, revelar fontes contrariava os elevadíssimos princípios da sua profissão. Brunetti levou no mínimo três minutos para perceber que o sujeito estava falando a sério e acreditava piamente no que dizia.

“Há quanto tempo o senhor trabalha nesse jornal?”

Surpreso por ter sido interrompido em pleno caudal da exposição dos seus princípios, metas e ideais, o repórter calou-se um momento e então respondeu: “Há quatro meses, por quê?”

“O senhor pode transferir a ligação para o PABX, ou eu tenho de discar outra vez?”, perguntou Brunetti.

“Eu posso transferi-la. Mas por quê?”

“Quero falar com seu editor.”

Diante disso, a voz do homem ficou incerta, depois desconfiada, o primeiro sinal real da duplicidade e das escusas tratativas dos poderes do Estado. “*Commissario*, fique sabendo que eu vou denunciar aos leitores qualquer tentativa de suprimir ou questionar

os fatos revelados na minha matéria. Não sei se o senhor percebeu que uma nova era está despontando neste país, que a necessidade de saber das pessoas já não pode continuar..." Brunetti desligou e, ouvindo novamente o ruído de linha, tornou a ligar para o PABX do jornal. Nem mesmo a *questura* tinha de pagar para ouvir semelhante despropósito, e muito menos uma chamada de longa distância.

Quando finalmente entrou em contato com o editor de notícias do jornal, descobriu que se tratava de Giulio Testa, um homem que ele conhecera tempos antes, quando ambos estavam amargando o exílio em Nápoles.

"Giulio, aqui é Guido Brunetti."

"*Ciao*, Guido, eu ouvi dizer que você voltou a Veneza."

"É verdade. Por isso estou telefonando. Hoje um dos seus repórteres...", Brunetti consultou o jornal e leu o nome, "Lino Cavaliere, publicou uma reportagem sobre o travesti assassinado em Mestre."

"Sim, eu li a matéria ontem à noite. Do que se trata?"

"Ele fala em 'fontes locais', dizendo que muita gente aqui sabia que o outro, Mascari, o que apareceu morto na semana passada, levava 'vida dupla'." Depois de uma breve pausa, repetiu as palavras "vida dupla". "Bela expressão, Giulio, 'vida dupla'."

"Ah, minha nossa, ele pôs isso na matéria?"

"Está escrito aqui, Giulio ... 'fontes locais. Vida dupla'."

"Eu corto o saco dele", gritou Testa no telefone, e depois repetiu a frase para si mesmo.

"Quer dizer que não há 'fontes locais'?"

"Não, parece que ele recebeu um telefonema anônimo de um cara que se dizia cliente de Mascari. Cliente, seja isso lá o que for."

"O que mais ele disse?"

"Que conhecia Mascari havia muitos anos, que o preveniu das coisas que ele andava fazendo, dos fregueses que tinha. Disse que o segredo era muito manjado aí em Veneza."

"Giulio, o homem tinha quase cinqüenta anos."

"Eu mato esse cara. Acredite, Guido, eu não estava sabendo de nada. Disse a ele que não era para usar isso. Eu mato esse

merdinha.”

“Como ele pode ter sido tão burro?”, perguntou Brunetti, embora soubesse muito bem por que a burrice humana grassava tanto.

“Porque é um cretino incurável”, respondeu Testa, a voz cansada, como se tivesse lembretes diários desse fato.

“Então por que esse sujeito trabalha aí? Vocês ainda têm a reputação de melhor jornal do país.” Brunetti o disse de maneira magistral; seu cepticismo pessoal era evidente, mas nada tinha de ostensivo.

“Ele é casado com a filha do dono daquela loja de móveis que publica duas páginas de anúncio toda semana. Nós não tínhamos saída. Ele estava no caderno de esportes, mas, um dia, contou que tinha ficado muito surpreso ao descobrir que futebol e futebol americano eram coisas diferentes. Então eu o transferei para cá.” Testa se calou, e os dois refletiram um pouco. Brunetti se sentiu estranhamente consolado por saber que não era o único que andava às voltas com subordinados como Riverre e Alvise. Bem menos consolado, Testa se limitou a dizer: “Eu estou tentando transferi-lo para a editoria de política”.

“Uma escolha perfeita, Giulio. Boa sorte.” E, agradecendo a informação, desligou.

Embora já desconfiasse de coisa mais ou menos parecida, continuou assombrado com tanta estupidez. Só mesmo graças a um extraordinário golpe de sorte a tal “fonte local” teria conseguido achar um jornalista ingênuo a ponto de reproduzir o boato acerca de Mascari sem se dar ao trabalho de checar se tinha algum fundamento. E só uma pessoa muito audaciosa — ou com muito medo — tentaria plantar a notícia, esperando com isso impedir que desmascarassem a fabricada ficção da prostituição de Mascari.

A investigação policial do assassinato de Crespo continuava tão infrutífera quanto a cobertura da imprensa. No prédio, ninguém sabia a profissão do rapaz; uns o supunham garçom num bar, outros achavam que era porteiro noturno num hotel de Veneza. Ninguém tinha visto nada anormal nos dias anteriores ao homicídio e ninguém se lembrava de nenhum acontecimento estranho no edifício. Sim, o *signor* Crespo recebia muita visita, mas era

extrovertido e simpático, portanto não havia nada de anormal em que tivesse numerosos amigos, não é mesmo?

O exame físico do cadáver não deixava dúvidas: morte por estrangulamento, tendo o assassino atacado pelas costas, provavelmente de surpresa. Nenhum sinal de atividade sexual, nada sob as unhas, e eram tantas as impressões digitais no apartamento que os peritos passariam dias ocupados em colhê-las.

Brunetti havia ligado duas vezes para Bolzano, mas, na primeira vez, o telefone estava ocupado e, na segunda, ninguém atendeu. Pegou o aparelho para tentar novamente, mas foi interrompido por uma batida na porta. Gritou "*Avanti!*", e a srta. Elettra entrou com uma pasta na mão e a colocou na mesa.

"*Dottore*, parece que há uma pessoa lá embaixo querendo falar com o senhor." Percebendo a surpresa de Brunetti por ela ter lhe dado esse recado e simplesmente saber que estavam à procura dele, a moça se apressou a explicar. "Fui levar uns papéis para Anita e o ouvi conversando com o guarda."

"Como ele é?"

A secretária sorriu. "Um rapaz jovem. Muito bem vestido." Isso, da boca da srta. Elettra, dentro de um *tailleur* de seda malva que parecia tecida por bichos-da-seda especialmente bem-dotados, era, sem dúvida, um elogio e tanto. "E muito bonito também", acrescentou com um sorriso que parecia lamentar o fato de o moço estar à procura dele, não dela.

"A senhora me faria o favor de ir buscá-lo?", pediu Brunetti, tanto para apressar a oportunidade de conhecer o tão cobiçado galã quanto para que a moça tivesse uma desculpa para conversar com ele.

Compondo um novo sorriso, este aparentemente destinado aos vis mortais, a srta. Elettra não vacilou em obedecer. Minutos depois, voltou a bater na porta, e entrou, anunciando: "*Commissario*, este cavalheiro deseja falar com o senhor".

E se colocou de um lado da sala para dar passagem ao bonito que vinha atrás dela. Brunetti se levantou e estendeu a mão por cima da escrivaninha. O jovem a apertou; tinha mão firme, grossa, robusta.

“Fique à vontade, *signore*”, disse Brunetti. Voltou-se então para a secretária: “Obrigado, *signorina*”.

Ela esboçou um sorriso e fixou no visitante um olhar mais ou menos como o de Persival ao ver o graal desaparecer. “Não há de quê”, disse. “Se precisar de alguma coisa, é só me chamar.” Olhou uma última vez para o rapaz e saiu, fechando a porta sem ruído.

Brunetti se sentou e encarou o recém-chegado. O cabelo curto se encaracolava em sua testa e apenas cobria a parte superior das orelhas. Ele tinha nariz fino e delicado, olhos muito separados, de um castanho quase preto, que contrastavam com a brancura da pele. Trajava um terno cinza-escuro e uma gravata azul com um caprichado nó. Fitou-o um momento e então sorriu, exibindo dentes perfeitos. “Não me reconhece, *dottore*?”

“Não, acho que não.”

“Nós conversamos na semana passada, embora em outras circunstâncias.”

De repente, Brunetti se lembrou da peruca muito vermelha, dos sapatos de salto alto. “*Signor* Canale. Não, eu não o reconheci. Desculpe, por favor.”

Canale voltou a sorrir.

“Pelo contrário, eu acho ótimo que não tenha me reconhecido. Significa que profissionalmente eu sou outra pessoa.”

Não entendendo bem o significado dessas palavras, Brunetti preferiu não responder. Perguntou: “A que devo o prazer, *signor* Canale?”

“Lembra que, quando o senhor me mostrou aquele retrato, eu disse que o rosto me parecia familiar?”

Brunetti fez que sim. Será que aquele rapaz não lia jornal? Havia dias que Mascari tinha sido identificado.

“Quando eu li a notícia no jornal e vi a fotografia, como ele era mesmo, lembrei de onde o conhecia. O desenho que o senhor me mostrou não era muito bom.”

“Não, não era”, reconheceu Brunetti, optando por não falar na extensão do estrago que impediu uma reconstrução precisa da fisionomia de Mascari. “De onde o senhor o conhecia?”

“Ele me abordou uns quinze dias atrás.” Vendo a surpresa de Brunetti, Canale tratou de esclarecer. “Não, não é o que o senhor está pensando, *commissario*. Ele não estava interessado no meu trabalho. Quer dizer, não estava interessado no meu negócio. Mas se interessou por mim.”

“Como assim?”

“Bom, eu estava na rua. Acabava de sair de um carro — de um cliente, o senhor sabe — e ainda não tinha voltado para junto das meninas, quer dizer, dos meninos, e ele se aproximou e perguntou se o meu nome era Roberto Canale e se eu morava na Viale Canova, 35. No começo, cheguei a pensar que fosse um tira, embora não parecesse.” Brunetti achou melhor não perguntar, mas Canale fez questão de explicar. “Sabe, de terno e gravata e com muito medo de que interpretassem mal o que ele estava fazendo. Eu respondi que sim. Ainda pensando que fosse um tira. Aliás, em nenhum momento ele disse o contrário, preferiu que eu continuasse acreditando que era da polícia.”

“O que mais ele queria saber, *signor* Canale?”

“Do meu apartamento.”

“Do seu apartamento?”

“É, queria saber quem pagava o aluguel. Eu disse que era eu mesmo, e então ele perguntou como. Eu respondi que depositava o valor na conta do proprietário, mas ele me mandou parar de mentir, disse que sabia de tudo, e eu fui obrigado a contar.”

“O que significa ‘sabia de tudo’?”

“Como eu pago o aluguel.”

“E como é?”

“Eu me encontro com um cara num bar e lhe entrego o dinheiro.”

“Quanto?”

“Um milhão em meio. Em dinheiro.”

“Quem é ele, esse homem?”

“Foi exatamente o que Mascari me perguntou. Eu disse que era apenas um sujeito com quem eu me encontrava uma vez por mês, no bar. Ele me telefona na última semana de cada mês e me diz onde ir encontrá-lo, e eu vou e lhe dou um milhão e meio. Só isso.”

“Sem recibo?”

Canale achou graça na pergunta. “Claro que é sem recibo. E em dinheiro vivo.” E, conseqüentemente, os dois sabiam, o valor não entrava na declaração de renda. Não era tributado. Tratava-se de um expediente muito comum; provavelmente, um grande número de proprietários de imóveis fazia coisa parecida.

“Mas eu pago outro aluguel”, acrescentou Canale.

“Sim?”

“Cento e dez mil liras.”

“E onde o paga?”

“Esse eu deposito numa conta corrente, mas o recibo que me dão não traz o nome do titular, de modo que não sei quem ele é.”

“Em que banco?”, perguntou Brunetti, embora já soubesse a resposta.

“No Banco de Verona. Fica na...”

“Eu sei onde fica. De que tamanho é o apartamento?”

“Quatro quartos.”

“Um milhão e meio é muito dinheiro.”

“Sim, é, mas inclui outras coisas”, disse Canale, mexendo-se na cadeira.

“Por exemplo?”

“Bom, eu não sou incomodado.”

“Incomodado quando está trabalhando?”, indagou Brunetti.

“Exatamente. E, para nós, é difícil achar onde morar. Quando descobrem quem somos e o que fazemos, as pessoas nos mandam embora. Garantiram que isso não aconteceria comigo enquanto eu estivesse morando lá. E não aconteceu mesmo. Todo mundo no prédio pensa que sou ferroviário; acham que é por isso que trabalho à noite.”

“Por que pensam isso?”

“Sei lá. Praticamente todos os vizinhos já sabiam disso quando eu mudei para lá.”

“Há quanto tempo o senhor mora nesse apartamento?”

“Há dois anos.”

“E sempre pagou o aluguel assim?”

“Sempre, desde o começo.”

“Como arranjou o apartamento?”

“Uma das meninas da rua me indicou.”

Brunetti esboçou um sorriso. “Uma das que o senhor chama de menina ou uma das que eu chamo de menina, *signor* Canale?”

“Uma das que *eu* chamo de menina.”

“Qual é o nome dele?”

“Não adianta dizer. Ele morreu há um ano. *Overdose.*”

“Os seus amigos — colegas — têm o mesmo tipo de ‘contrato’?”

“Alguns, mas os sortudos somos nós.”

Brunetti passou um minuto pensando nesse fato e em suas eventuais conseqüências. “Onde o senhor troca de roupa, *signor* Canale?”

“Como assim?”

“Onde veste a sua...”, Brunetti hesitou, procurando as palavras. “A sua roupa de trabalho. Já que os vizinhos pensam que o senhor trabalha na estrada de ferro.”

“Ah, num carro atrás das moitas. É o tipo da coisa que a gente acaba aprendendo a fazer depressa, em menos de um minuto.”

“O senhor contou tudo isso a Mascari?”

“Bom, em parte sim. Ele estava interessado mesmo era no aluguel. E pediu o endereço de alguns outros.”

“O senhor os deu?”

“Dei, sim. Eu já disse, pensei que fosse um tira e abri o jogo.”

“Ele perguntou mais alguma coisa?”

“Não, só pediu os endereços.” Canale se calou um instante, depois acrescentou: “Ah, sim, perguntou mais uma coisa, mas acho que foi só, sabe, só para mostrar interesse por mim. Como pessoa, entende?”

“O que ele perguntou?”

“Se os meus pais ainda viviam.”

“E o que o senhor respondeu?”

“A verdade. Os dois morreram. Há anos já.”

“Onde?”

“Na Sardenha. Eu sou de lá.”

“Ele quis saber mais alguma coisa?”

“Não, mais nada.”

“Como ele reagiu ao que o senhor lhe contou?”

“Não entendi bem a pergunta”, disse Canale.

“Mascari ficou surpreso com alguma coisa que o senhor lhe contou? Ou irritado? Suas respostas eram as que ele esperava receber?”

Canale pensou um pouco antes de responder. “No começo, ficou um pouco surpreso, mas depois continuou fazendo uma pergunta atrás da outra, como se nem precisasse pensar. Como se já estivesse com a lista pronta.”

“Ele lhe disse alguma coisa?”

“Não, agradeceu as informações que lhe dei. Isso foi esquisito, sabe, porque eu achava que estava falando com um tira, e os tiras geralmente não são muito...”, o rapaz se interrompeu, procurando a expressão adequada. “Eles não nos tratam bem.”

“Quando foi que o senhor lembrou quem ele era?”

“Eu já disse, quando saiu o retrato no jornal. Um banqueiro. Ele era banqueiro. Será que é por isso que estava tão interessado nos aluguéis?”

“É bem possível, *signor* Canale. Sem dúvida, é uma possibilidade que nós vamos averiguar.”

“Ótimo. Tomara que vocês encontrem o sujeito que o matou. Ele não merecia morrer. Era um homem muito bom. Tratou-me bem, com decência. Como o senhor.”

“Obrigado, *signor* Canale. Pena que os meus colegas não fazem o mesmo.”

“Seria bom, não é?”, disse o rapaz com um sorriso inocente.

“O senhor pode me dar a lista de nomes e endereços que deu a ele? E, se possível, com as datas em que seus amigos se mudaram para os apartamentos.”

“Claro que posso”, respondeu Canale, recebendo uma folha de papel e uma caneta. Debruçou-se sobre a lauda e começou a escrever e, enquanto isso, Brunetti se pôs a observar sua mão grande, segurando a caneta como se fosse um objeto estranho. A lista era breve e não tardou a ficar pronta. Então ele pôs a caneta na mesa e se levantou.

Brunetti fez o mesmo, contornando a escrivaninha. Acompanhou-o até a porta, onde lhe perguntou: “E de Crespo, o senhor sabe

alguma coisa?”.

“Não, eu não trabalhava com ele.”

“Tem idéia do que pode ter lhe acontecido?”

“Bom, só se eu fosse louco para achar que o caso dele não tem relação com o assassinato do outro homem, não acha?”

Era tão evidente que Brunetti nem se dignou a concordar.

“Aliás, meu palpite é que o mataram porque ele conversou com o senhor.” Vendo o olhar de Brunetti, Canale explicou. “Não, com o senhor não, *commissario*, mas com a polícia. Acho que ele sabia alguma coisa do outro crime, por isso o eliminaram.”

“E o senhor vem aqui falar comigo mesmo assim?”

“Bom, Mascari me tratou como uma pessoa normal. E o senhor também, não é verdade, *commissario*? Tratou-me como um homem, como se eu fosse qualquer outro homem.” Brunetti confirmou com um gesto, e o rapaz prosseguiu: “Pois bem, eu tinha de lhe contar, não acha?”.

Os dois trocaram um aperto de mão, e Canale saiu. Brunetti o acompanhou com os olhos até que sua cabeça escura desaparecesse na escada. A srta. Elettra tinha razão, um rapaz muito bonito.

Brunetti voltou para o escritório e discou o número da srta. Elettra. “A senhora pode vir aqui, por favor?”, pediu. “E traga o que levantou sobre as pessoas que eu lhe pedi para averiguar esta semana.”

A moça respondeu que teria muito prazer em subir ao escritório; ele não duvidava disso. Mas sabia perfeitamente que ficaria decepcionadíssima ao bater na porta, entrar e constatar que o bonitão já tinha partido.

“O rapaz precisou ir embora”, esclareceu ele em resposta à pergunta muda da moça.

Ela se recompôs imediatamente. “Ah, é?”, disse com voz uniforme e indiferente, ao mesmo tempo em que lhe entregava duas pastas de arquivo. “Esta é a do *avvocato* Santomauro.” Brunetti a pegou, mas, antes que pudesse abri-la, ela adiantou: “Não tem nada que preste. Diploma de direito da Ca’ Foscari; nascido e criado em Veneza. Trabalhou aqui a vida inteira, é membro de todas as entidades de classe, casou-se na igreja de San Zaccaria. Aí estão as declarações de renda, as solicitações de passaporte e até um alvará para reformar o telhado de casa”.

Ele examinou a papelada e achou exatamente o que a secretária acabava de enumerar, nada mais. Voltou a atenção para a outra pasta, que era consideravelmente mais grossa.

“Essa aí é a da Lega della Moralità”, explicou a moça, coisa que o levou a indagar se todo mundo pronunciava aquelas palavras com o mesmo corrosivo sarcasmo ou se aquilo talvez não passasse de

uma indicação do tipo de gente com que ele convivia. “Os dados são bem mais interessantes, mas é melhor o senhor mesmo ver para entender o que eu estou dizendo. Mais alguma coisa?”

“Não, obrigado, *signorina*.”

Quando a secretária saiu, Brunetti abriu a pasta, esparramou os documentos na escrivaninha e começou a lê-los. Fundada nove anos antes, a Lega della Moralità se definia como instituição de caridade. O estatuto proclamava que sua meta era “melhorar a situação material dos menos afortunados, de modo que a mitigação do seu padecimento mundano os inclinasse a voltar mais facilmente o pensamento e os desejos para o plano espiritual”. Tal padecimento seria abrandado na forma de casas e apartamentos subsidiados, os quais, antes propriedades de diversas igrejas de Mestre, Marghera e Veneza, passavam a ser administrados pela Lega. Esta, por sua vez, se encarregava de distribuir as residências, com aluguel baixo, aos paroquianos das mencionadas cidades que preenchessem os requisitos estabelecidos, conjuntamente, pelas ditas igrejas e pela própria Lega. Entre esses requisitos figuravam a freqüência regular à missa, o batismo de todos os filhos, uma carta do respectivo pároco atestando que se tratava de pessoas que observavam os “mais elevados padrões morais”, além da comprovação de baixa renda.

O estatuto outorgava o poder de selecionar os candidatos à diretoria da Lega, cujos membros tinham de ser leigos para evitar a hipótese de favoritismo por parte das autoridades eclesiásticas. Os próprios diretores também deviam ser de moral ilibada e ocupar posições proeminentes na comunidade. Dois dos seis membros da diretoria eram denominados “honorários”. Dos quatro restantes, um morava em Roma e outro em Paris, sendo que o terceiro vivia na ilha monástica de San Francesco del Deserto. Portanto, o único membro ativo residente em Veneza era o advogado Giancarlo Santomauro.

O estatuto inaugural determinava a transferência de cinquenta e dois imóveis à administração da Lega. Passados três anos, o sistema foi considerado tão bem-sucedido, com base nas cartas dos inquilinos e nas declarações dos funcionários e párocos que os

entrevistaram, que seis outras paróquias se dispuseram a participar do programa, transferindo outros quarenta e três apartamentos para a gestão da Lega. O mesmo voltou a ocorrer três anos depois, quando a instituição recebeu mais sessenta e sete apartamentos, a maioria deles situada no centro histórico de Veneza e no núcleo comercial de Mestre.

Como o estatuto que dispunha sobre as operações da Lega, atribuindo-lhe o controle dos imóveis, era renovável trienalmente, Brunetti concluiu que o processo devia se repetir naquele ano. Voltando algumas páginas, leu os dois primeiros relatórios das comissões de avaliação. Examinou as assinaturas em ambos: o advogado Giancarlo Santomauro participara das duas diretorias e havia assinado os dois relatórios, o segundo já na qualidade de diretor. Pouco tempo depois, foi nomeado presidente da Lega della Moralità: um cargo não remunerado e inteiramente honorário.

Junto ao relatório encontrava-se a lista de endereços dos cento e sessenta e dois apartamentos administrados pela entidade, assim como a área total e o número de cômodos de cada um deles. Pegando o papel que Canale lhe havia dado, Brunetti cotejou os endereços. Os quatro figuravam na outra lista. Por mais que se considerasse um homem de visão ampla, relativamente isento de preconceitos, não conseguia creditar “os mais elevados padrões morais” a cinco travestis de programa, ainda que morassem em apartamentos alugados com o propósito explícito de auxiliá-los a “voltar o pensamento e os desejos para o plano espiritual”.

Deixando de lado a lista de endereços, Brunetti continuou estudando o corpo do relatório. Como era de se esperar, todos os inquilinos dos imóveis da Lega depositavam o aluguel, cujo valor era apenas simbólico, numa

conta da agência veneziana do Banco de Verona, que também administrava as contribuições da instituição para o “amparo de viúvas e órfãos”, doações oriundas da renda gerada pelos aluguéis mínimos dos imóveis. Até mesmo Brunetti ficou surpreso com o fato de eles se permitirem semelhante desatino retórico — “o amparo de viúvas e órfãos” —, mas não tardou a ver que a Lega só havia empreendido aquele tipo de obra beneficente depois que o

advogado Santomauro assumiu o seu comando. Voltando algumas folhas, constatou que os cinco homens da lista de Canale também tinham se mudado para os respectivos apartamentos depois que Santomauro passou a ser presidente. Era como se, ao assumir o cargo, o advogado tivesse se sentido livre para fazer o que bem entendesse.

Interrompendo a leitura, Brunetti se levantou e foi para a janela. Fazia quatro meses que haviam retirado os andaimes da igreja de San Lorenzo, mas ela continuava fechada. Olhando para a fachada de tijolo, ele disse a si mesmo que estava cometendo um erro para o qual costumava alertar os outros policiais: presumir a culpa de um suspeito antes mesmo de obter um indício tangível que o ligasse ao crime. Porém, assim como sabia que aquela igreja nunca mais seria reaberta, pelo menos enquanto ele estivesse vivo, sabia que Santomauro era responsável pelas mortes de Mascari, de Crespo e de Maria Nardi. Santomauro e, provavelmente, Ravanello. Cento e sessenta e dois apartamentos. Quantos estavam alugados para gente como Canale e os outros, garotos dispostos a pagar o aluguel em dinheiro, sem fazer perguntas? A metade? Mesmo que fosse apenas um terço, a renda chegava a mais de setenta milhões de liras por mês, quase um bilhão por ano. Pensando nas viúvas e órfãos, ele se perguntou se Santomauro não tinha avançado a ponto de incluir aqueles pobrezinhos no esquema, de modo que até mesmo os parques aluguéis que chegavam aos cofres da Lega fossem desviados em nome de viúvas fantasmas e órfãos inexistentes.

Sentando-se novamente à escrivaninha, folheou o relatório até encontrar a referência aos pagamentos efetuados às pessoas consideradas dignas da caridade da Lega: sim, todos eram feitos por intermédio do Banco de Verona. Brunetti se levantou e, com as duas mãos apoiadas no tampo da mesa, a cabeça inclinada sobre os papéis, disse a si mesmo que certeza não era a mesma coisa que prova material. Mas certeza ele tinha.

Ravanello lhe havia prometido a cópia das contas de Mascari no banco: decerto o registro dos investimentos que ele administrava e dos empréstimos que aprovava. Obviamente, se Ravanello se

mostrava tão disposto a fornecer tais documentos, era porque não tinham o que Brunetti estava procurando. Para quebrar o sigilo do banco e da Lega, era preciso um mandado judicial, e este só seria obtido por um poder superior ao que ele tinha à sua disposição.

Ao ouvir o “*Avanti!*” de Patta do outro lado da porta do gabinete, Brunetti abriu-a e entrou. O *vice-questore* ergueu os olhos, viu quem era e tornou a se concentrar nos papéis à sua frente. Surpreendentemente, parecia muito absorto na leitura dos documentos, não os estava usando para simular dedicação ao trabalho.

“*Buon giorno, vice-questore*”, disse Brunetti ao se aproximar da mesa.

Erguendo os olhos novamente, o chefe lhe ofereceu uma cadeira com um gesto vago. Vendo-o já sentado, tocou a papelada com o dedo indicador: “É a você que eu devo agradecer isto aqui?”.

Brunetti não tinha a menor idéia do que era aquilo, mas, como não queria perder uma vantagem tática confessando sua ignorância, procurou se orientar pelo tom de voz do *vice-questore*. Seu sarcasmo costumava ser ululante, mas ele não detectou o menor sinal de sarcasmo. Como não estava nada habituado à gratidão de Patta, aliás, não podia senão especular acerca da sua existência, mais ou menos como o teólogo concebe os anjos da guarda, Brunetti não tinha como saber se era esse o sentimento implícito no seu tom.

“São os papéis que a *signorina* Elettra lhe entregou?”, arriscou perguntar para ganhar tempo.

“São”, respondeu o outro, acariciando os papéis como quem acariciava um cachorro de estimação.

Foi o suficiente. “A *signorina* Elettra fez todo o trabalho, mas eu sugeri alguns lugares onde procurar”, mentiu Brunetti, baixando os olhos com falsa modéstia, dando a entender que não merecia elogios por ter feito algo tão natural como ser útil ao *vice-questore* Patta.

“Eles vão prendê-lo hoje à noite”, disse este com sádico deleite.

“Eles quem?”

“O pessoal da receita. Burrasca mentiu quando solicitou cidadania monegasca, portanto ela é nula. Quer dizer, ele continua sendo cidadão italiano e faz sete anos que não paga imposto. Vai ser crucificado. Vai ficar pendurado de cabeça para baixo.”

A evasão fiscal a que certos ministros de Estado — do passado e do presente — se entregavam impunemente levou Brunetti a duvidar que o sonho de Patta se realizasse, mas aquele não era o melhor momento para tripudiar. Sem saber como formular a pergunta seguinte, procurou ser o mais sutil possível. “Burrasca vai estar sozinho quando for preso?”

“Esse é o problema”, disse o *vice-questore*, fitando-o. “A diligência é secreta. Eles vão chegar às oito da noite. Eu só sei disso porque um amigo meu, na receita, me contou.” A aflição lhe ensombreceu o rosto. “Se eu telefonar avisando, ela conta para Burrasca, e ele foge de Milão e não vai preso. Mas, se eu não telefonar, ela vai estar lá quando o prenderem.” E então, nem era preciso dizer, não haveria como impedir os jornais de publicarem o nome de madame e, inevitavelmente, o do próprio Patta. Brunetti ficou observando o rosto do chefe, fascinado com as emoções que o desfiguravam, dividido que estava entre a vingança e a vaidade.

Como não podia deixar de ser, venceu a vaidade. “Eu não consigo imaginar um jeito de tirá-la de lá sem preveni-lo.”

“*Vice-questore*, caso o senhor ache uma boa idéia, talvez seja possível mandar o seu advogado telefonar para ela, marcando um encontro em Milão hoje à noite. Isso a tiraria de... ahn, do lugar onde está quando a polícia chegar.”

“Por que eu ia querer que o meu advogado conversasse com ela?”

“Talvez para dizer que está disposto a discutir um acordo. Isso serviria para afastá-la de lá hoje à noite.”

“Ela detesta o meu advogado.”

“E não estaria disposta a conversar com o senhor? Se o senhor for se encontrar com ela em Milão?”

“Ela...”, balbuciou Patta, mas, afastando a cadeira da escrivaninha, levantou-se sem concluir a frase. Foi para a janela e

iniciou a sua própria inspeção da fachada da igreja de San Lorenzo.

Assim ficou um minuto completo, mudo, ensimesmado, e Brunetti se deu conta do perigo que estava correndo. Se o *vice-questore* se virasse para confessar alguma vulnerabilidade emocional, para confessar que amava a esposa e a queria de volta, nunca o perdoaria por estar lá para ouvi-lo. Pior ainda, caso chegasse a deixar transparecer um sinal físico de fraqueza ou carência diante do subordinado, seria inclemente em sua vingança.

Com voz uniforme e séria, como se já tivesse afastado da mente os problemas pessoais do superior, Brunetti disse: "*Dottore*, na verdade eu vim discutir o caso Mascari. Acho que o senhor precisa saber de umas coisas".

Patta respirou fundo, erguendo e baixando os ombros, e então deu meia-volta e retornou ao seu lugar. "O que houve?"

Depressa, com voz imparcial e exclusivamente interessada na questão em pauta, ele lhe falou no dossiê da Lega e nos imóveis sob sua responsabilidade, um dos quais era o apartamento de Crespo, e também mencionou a importância doada mensalmente aos pobres.

"Um milhão e meio por mês?", surpreendeu-se o *vice-questore* quando Brunetti terminou de narrar a visita de Canale. "Quanto a Lega cobra de aluguel?"

"No caso de Canale, cento e dez mil liras por mês. E ninguém na lista paga mais do que duzentos mil, senhor. Quer dizer, os livros da Lega dizem que ela não cobra mais do que isso por um imóvel."

"Como são os apartamentos?"

"O de Crespo tinha quatro cômodos, num prédio moderno. Foi o único que eu vi, mas, a julgar pelos endereços listados, pelo menos os daqui de Veneza, e pelo número de cômodos, eu diria que são ótimos apartamentos, muitos deles."

"Tem idéia de quantos são como o de Canale e cujo inquilino paga o aluguel em dinheiro?"

"Não, senhor, isso eu ainda não sei. Teria de conversar com as pessoas que moram neles e descobrir quantas são as envolvidas. Preciso examinar os extratos bancários da Lega. E preciso da lista

de nomes dos tais órfãos e viúvas que, supostamente, recebem auxílio todo mês.”

“Isso significa um mandado judicial, não?”, perguntou Patta, a sua natural cautela já manifesta no tom de voz. Arremeter contra gente como Canale ou Crespo era perfeitamente aceitável, pouco importava com que métodos. Mas um banco, bem, um banco era coisa completamente diferente.

“Senhor, eu parto do princípio de que isso tem ligação com Santomauro e de que qualquer investigação da morte de Mascari vai acabar nos levando a ele.” Se o *vice-questore* não estivesse tão empenhado em se vingar da mulher de Santomauro, era bem possível que saísse em defesa do próprio advogado.

“É bem possível”, disse, hesitante.

Ao primeiro sinal de que sua argumentação arriscava não surtir efeito, Brunetti, como sempre, lançou mão da falácia. “É provável que os extratos estejam em ordem e que o banco não tenha nada a ver com a história, deve ter sido manipulado por Santomauro. Uma vez eliminada a possibilidade de irregularidade por parte do banco, nós teremos toda liberdade de investir contra o *avvocato*.”

Isso bastou para persuadir Patta. “Tudo bem, eu vou solicitar um mandado ao juiz de instrução para quebrar o sigilo bancário.”

“E também o da Lega”, aventurou-se Brunetti, preferindo não mencionar o nome de Santomauro outra vez.

“Está bem”, assentiu o outro, mas num tom que deixava claro que não faria mais nenhuma concessão.

“Obrigado, senhor.” Brunetti se levantou. “Vou começar imediatamente, mandando alguns homens irem conversar com as pessoas da lista.”

“Ótimo, ótimo”, murmurou Patta, já desinteressado do assunto. Debruçou-se uma vez mais sobre os papéis na escrivaninha e acariciou-lhes meigamente a superfície, depois, erguendo os olhos, pareceu surpreso ao dar com Brunetti ainda à sua frente. “Mais alguma coisa, *commissario*?”

“Não, senhor, não. É tudo”, respondeu ele, já a caminho da porta. Ao sair, viu o *vice-questore* tirar o fone do gancho.

De volta ao escritório, ligou para Bolzano e pediu para falar com sra. Brunetti. Após alguns cliques e pausas, ouviu a voz de Paola. “*Ciao, Guido, come stai?* Segunda-feira à noite eu tentei falar com você em casa. Por que não telefonou?”

“Eu estava ocupado, Paola. Você tem lido jornal?”

“Guido, você sabe que eu estou de férias. Estou lendo os clássicos. *The sacred fount* é uma maravilha. Não acontece *nada*, absolutamente nada.”

“Paola, eu não quero conversar sobre Henry James.”

Ela já tinha ouvido aquelas palavras, mas não naquele tom. “Qual é o problema?”

De repente, ele recordou que Paola nunca lia jornal nas férias e se arrependeu de não lhe ter telefonado antes. “Houve problemas aqui”, disse, procurando minimizar a gravidade do fato.

Imediatamente alarmada, ela perguntou: “A que problemas você se refere?”

“Um acidente.”

Abrandando a voz, Paola pediu: “Conte, Guido”.

“Eu estava voltando de Mestre, e tentaram nos jogar fora da ponte.”

“*Nós?*”

“Eu estava com Vianello. E com Maria Nardi.”

“A mocinha de Canareggio? A nova?”

“É.”

“O que aconteceu?”

“O nosso carro foi abalroado e nós batemos no *guard-rail*. Ela estava sem cinto de segurança e foi jogada contra a porta. Quebrou o pescoço.”

“Ah, meu Deus, coitadinha. Você está bem, Guido?”

“Fiquei com algumas escoriações, Vianello também, mas nada grave.” Procurou falar num tom mais leve. “Nenhum osso quebrado.”

“Eu não estou falando de ossos quebrados”, retrucou ela, a voz ainda muito branda, mas impaciente ou preocupada. “Perguntei se você está bem.”

“Estou, acho que estou. Mas Vianello não, Vianello se sente culpado. Ele é que estava dirigindo.”

“É, ele vai se sentir culpado. Converse com ele, Guido. Não deixe Vianello ficar ocioso.” Ela fez uma pausa e perguntou: “Quer que eu volte?”

“Não, Paola, vocês acabam de chegar. Só queria avisar que estou bem. Caso você tivesse lido no jornal. Ou se alguém tocar no assunto.” Brunetti se ouviu falando, ouviu-se tentando culpá-la por não ter telefonado, por não ter lido o jornal.

“Quer que eu conte para as crianças?”

“Acho melhor, pode ser que eles fiquem sabendo por terceiros ou leiam em algum lugar. Mas atenua a coisa, se puder.”

“Pode deixar, Guido. Quando é o enterro?”

Brunetti demorou um pouco a entender a qual enterro ela estava se referindo — ao de Mascari, ao de Crespo, ao de Maria Nardi? Não, só podia ser ao da jovem. “Acho que é sexta-feira de manhã.”

“Você vai?”

“Todo mundo que não estiver de plantão vai. Ela trabalhou pouco tempo na polícia, mas tinha muitos amigos.”

“Quem foi?”, perguntou Paola, sem necessidade de maiores explicações.

“Não sei. O carro sumiu antes que a gente entendesse o que estava acontecendo. Mas eu tinha ido a Mestre para me encontrar com uma pessoa, um dos travestis, de modo que quem nos atacou sabia perfeitamente onde eu estava. Era fácil nos seguir. Só há um caminho de volta.”

“E o travesti? Você chegou a falar com ele?”

“Não deu tempo. Foi assassinado.”

“A mesma pessoa?”, indagou Paola no estilo telegráfico que eles tinham desenvolvido em duas décadas.

“É. Só pode ser.”

“E o primeiro? O do terreno baldio?”

“É tudo a mesma coisa.”

Brunetti ouviu-a trocar algumas palavras com outra pessoa, mas logo voltar a aproximar a voz do aparelho, dizendo: “Guido, Chiara quer falar com você”.

“Ciao, papà, como vai? Muita saudade de mim?”

“Tudo bem, meu anjo, eu estou morrendo de saudade de você. De vocês todos.”

“Mas não é de mim que você tem mais saudade?”

“Tenho saudade igual dos três.”

“Impossível. Você não pode ter saudade de Raffi porque ele nunca está em casa. E *mamma* não faz outra coisa senão ler o dia inteiro, quem ia ficar com saudade dela? Por isso você tem que estar com mais saudade de mim, não é?”

“Acho que você tem razão, meu anjo.”

“Viu? Eu sabia. Você só precisou pensar um pouco, certo?”

“Certo. Que bom que você me lembrou.”

Ele ouviu ruídos do outro lado, então Chiara disse: “*Papà*, eu tenho de devolvê-lo à *mamma*. Você a manda dar uma volta comigo? Ela fica o dia inteiro lendo aqui no terraço. Que diabo de férias são estas?”. Com essa reclamação, a menina se despediu e foi substituída por Paola.

“Guido, se você quiser que eu volte, tudo bem.”

Brunetti ouviu o veemente protesto de Chiara contra o absurdo da proposta e respondeu: “Não, Paola, não precisa. Palavra. Vou ver se dou um jeito de ir para aí no fim de semana”.

Ela já tinha ouvido muitas promessas iguais, mas não pediu explicações. “Pode me contar mais alguma coisa, Guido?”

“Não, Paola, eu conto quando estivermos juntos.”

“Aqui?”

“Espero que sim. Do contrário, telefone. Olhe, eu telefono de qualquer jeito, dizendo se vou ou não. Está bem?”

“Está bem. Mas, pelo amor de Deus, tenha cuidado.”

“Pode deixar, Paola. Pode deixar. Tenham cuidado vocês também.”

“Cuidado? Cuidado com o quê, em pleno paraíso?”

“Cuidado para que o livro não acabe como aconteceu em Cortina aquela vez.” Os dois riram da lembrança. Paola tinha levado *The golden bowl* mas terminou de lê-lo na primeira semana e ficou sem ter o que fazer, a não ser passear nas montanhas, nadar, tomar sol e conversar com o marido. E detestou cada minuto de inatividade.

“Oh, não tem perigo. Eu estou louca para terminar e começar a relê-lo imediatamente.” Brunetti chegou a avaliar, por alguns instantes, a possibilidade de ainda não ter sido promovido a *vice-questore* pelo fato de todos saberem que ele era casado com uma louca varrida. Não, provavelmente não.

Com mútuas recomendações de muito cuidado, eles se despediram.

Brunetti ligou para a srta. Elettra, mas ninguém atendeu, ela não estava. Discou o número da extensão de Vianello e mandou-o subir ao escritório. Minutos depois, ele entrou: estava com a mesmíssima aparência de dois dias antes ao se despedir dele em frente à *questura*.

“*Buon di, dottore*”, disse, instalando-se na cadeira de sempre, em frente à escrivaninha.

“Bom dia, Vianello.” Para evitar retomar a discussão daquela triste manhã, Brunetti indagou: “Quantos homens estão disponíveis hoje?”.

Depois de pensar um pouco, o sargento respondeu: “Quatro, se incluirmos Riverre e Alvise”.

Brunetti também não queria discutir, de modo que preferiu dizer, ao mesmo tempo em que lhe entregava a primeira lista do dossiê da Lega: “Estas são as pessoas que alugam apartamentos da Lega della Moralità. Vamos separar os endereços aqui de Veneza e dividi-los entre os quatro.”

Passando os olhos pelos nomes escritos, o sargento perguntou: “Para quê, senhor?”.

“Para saber como e a quem eles pagam o aluguel.” Vendo o olhar intrigado do outro, Brunetti expôs o que Canale lhe havia contado sobre o pagamento do aluguel em dinheiro e sobre seus amigos que procediam do mesmo modo. “Quero saber quem, nesta lista, paga o aluguel assim e quanto paga. Mais importante: quero saber

se algum deles conhece a pessoa ou as pessoas a quem entregam o dinheiro.”

“Então é isso!”, exclamou o sargento, compreendendo tudo. Folheou a lista. “Quantos são, senhor? Mais de cem, não?”

“Cento e sessenta e dois.”

Vianello assobiou. “E Canale paga um milhão e meio por mês?”

“Paga.”

Brunetti viu o outro fazer o mesmo cálculo que ele tinha feito ao ver a lista pela primeira vez. “Mesmo que seja só um terço dos imóveis, é bem mais do que meio milhão por ano”, murmurou o sargento, balançando a cabeça, e, uma vez mais, Brunetti não soube dizer se estava estupefato ou admirado com a enormidade da coisa.

“Você reconhece algum nome aí?”, perguntou.

“Um deles parece ser o do dono do bar da esquina perto da casa da minha mãe: o nome é o mesmo, mas não sei se o endereço coincide.”

“Se coincidir, você bem que podia bater um papo com ele, assim, como quem não quer nada.”

“À paisana, o senhor diz?” Vianello esboçou um sorriso um pouco mais parecido com o de costume.

“Ou então mande Nadia”, gracejou Brunetti, mas, ao dizer isso, percebeu que talvez não fosse má idéia. Um policial fardado, fazendo perguntas a gente que, até certo ponto, ocupava ilegalmente um imóvel, decerto afetaria as respostas que dariam. Tinha certeza de que todas as contas estavam em ordem, certeza de que havia como comprovar que os aluguéis eram depositados todo mês na conta bancária competente, certeza de que os recibos eram devidamente emitidos. Sem dúvida, na Itália nunca faltava prova documental, e em grande abundância; ilusória era apenas a realidade que essa prova pretendia refletir.

Percebendo a mesma coisa com a mesma rapidez, Vianello propôs: “Acho que há um modo mais discreto de fazer isso”.

“Perguntar aos vizinhos?”

“Sim, senhor. As pessoas não vão querer contar nada se estiverem envolvidas com uma coisa dessas. Arriscam perder o

apartamento, e qualquer um é capaz de mentir para que isso não aconteça." O sargento não tinha a menor dúvida quanto a isso: ele próprio mentiria para salvar seu apartamento. Depois de refletir, Brunetti chegou à conclusão de que também mentiria em tais circunstâncias, como qualquer outro veneziano.

"Então é melhor indagar no bairro. Mande policiais femininas fazerem isso, Vianello."

O sargento abriu um sorriso de puro prazer.

"E leve isto também. Deve facilitar a tarefa." Brunetti tirou a segunda lista da pasta. "É o pessoal que recebe auxílio mensal da Lega. Veja se descobre quantos moram nos endereços listados e, depois, tente confirmar se eles figuram entre os que costumavam ser classificados como pessoas carentes."

"Se eu gostasse de apostar", disse Vianello, que adorava arriscar a sorte, "apostaria dez mil liras que a maioria deles não mora nos endereços que constam aqui." Calou-se um instante, folheou a lista com a ponta dos dedos e acrescentou: "E aposto outras dez mil que nenhum deles é carente".

"Nada de apostas, sargento."

"Eu sei disso. E Santomauro?"

"Pelo que a *signorina* Elletra conseguiu apurar, está limpo."

"Ninguém está limpo", retrucou Vianello.

"Então é muito cauteloso."

"Isso sim."

"Mais uma coisa. Gallo conversou com o fabricante dos sapatos encontrados com Mascari e conseguiu a lista das lojas, na região, em que seu produto era vendido. Eu quero que você mande alguém a essas lojas para ver se acha quem se lembre de tê-los vendido. São número 41, portanto é possível que quem os vendeu ainda se lembre de quem os comprou."

"E o vestido?"

Brunetti havia recebido o laudo dois dias antes, e o resultado era o que ele temia. "É um vestido ordinário que se pode comprar em qualquer feira livre. Vermelho, de tecido sintético barato. Não deve ter custado mais que quarenta mil liras. A etiqueta foi arrancada, mas Gallo está tentando rastrear a confecção."

Vianello fez um gesto afirmativo. "Mais alguma coisa?"

"Sim. Telefone para a polícia financeira e diga que nós vamos precisar de um dos seus melhores homens, mais do que isso se possível, para dar uma olhada na papelada que eu obtiver no Banco de Verona e na Lega."

Surpreso, o sargento perguntou: "O senhor conseguiu convencer Patta a solicitar um mandado judicial? Para quebrar o sigilo bancário?"

"Conseguí", respondeu ele, esforçando-se para não sorrir nem se vangloriar.

"Essa história deve tê-lo contrariado bem mais do que eu imaginava. Um mandado judicial." Vianello balançou a cabeça, admirado.

"E você pede para a *signorina* Elettra subir aqui?"

"Claro", disse o outro, levantando-se. Observou as listas. "Vou dividir os nomes e pôr todo mundo para trabalhar." Foi até a porta, mas, antes de sair, fez a mesma pergunta que Brunetti passara a manhã fazendo a si mesmo. "Como eles têm coragem de arriscar uma coisa dessas? Basta uma pessoa, um vazamento, e vai tudo por água abaixo."

"Eu não tenho a menor idéia, quer dizer, nenhuma que faça sentido." Consigo, ele refletiu que podia ser mais uma manifestação de uma espécie de loucura coletiva, um frenesi de arriscar que ultrapassara todos os limites da sensatez. Nos últimos anos, o país tinha sido abalado por prisões e condenações por suborno em todos os níveis, desde os industriais e empreiteiros até os ministros de Estado. Bilhões, dezenas de bilhões, centenas de bilhões de liras pagas por baixo do pano, de modo que os italianos passaram a acreditar que a corrupção era uma atividade corriqueira no governo. Por conseguinte, o comportamento da Lega della Moralità e dos homens que a dirigiam podia ser encarado como absolutamente normal num país ensandecido pela venalidade.

Afastando essa especulação, Brunetti ergueu os olhos e constatou que Vianello tinha saído.

Ele foi rapidamente substituído pela srta. Elettra, que entrou pela porta que o sargento deixara aberta. "O senhor quer falar comigo,

commissario?"

"Quero, *signorina*", respondeu ele, indicando uma cadeira ao lado da escrivaninha. "Vianello acaba de descer com as listas que a senhora me deu. Parece que várias pessoas que constam numa delas pagam um aluguel muito superior ao que a Lega declara, por isso eu quero ver se as da segunda lista recebem mesmo o dinheiro que a Lega diz que lhes dá."

Enquanto o ouvia, a moça baixou a cabeça e fez rápidos apontamentos no caderno.

"Eu queria saber se a senhora está muito ocupada com outra coisa. Que trabalho está fazendo lá embaixo no arquivo esta semana?"

"O quê?" A secretária fez menção de se levantar. O caderno caiu no chão, e ela se curvou para apanhá-lo. "Eu não entendi, *commissario*", disse, pondo o caderno aberto no colo. "No arquivo? Eu estava averiguando se havia alguma coisa sobre o *avvocato* Santomauro ou, quem sabe, o *signor* Mascari."

"Encontrou?"

"Infelizmente, não. Eles nunca tiveram problemas com a polícia. Absolutamente nada."

"Ninguém aqui sabe como esse arquivo está organizado, mas eu quero que a senhora tente descobrir alguma coisa sobre as pessoas arroladas."

"Nas duas listas, *dottore?*"

Ela mesma as havia preparado, portanto sabia que continham mais de duzentos nomes. "Talvez seja melhor começar pela segunda, pelas pessoas que recebem auxílio financeiro. A lista traz os nomes e os endereços; assim, a senhora poderá verificar, na prefeitura, quais delas estão registradas aqui como residentes." Embora fosse um resquício do passado, a lei exigia que todos os cidadãos se registrassem oficialmente na cidade em que residiam e informassem as autoridades caso mudassem de endereço, coisa que facilitava muito rastrear os movimentos e os antecedentes de qualquer habitante investigado pela lei.

"Verifique todos os que figuram na lista, descubra se algum deles tem antecedentes criminais aqui ou em outra cidade. Mesmo em

outro país, embora eu não saiba o que a senhora vai descobrir." A srta. Elettra balançava a cabeça ao mesmo tempo em que fazia suas anotações, como se aquilo não passasse de uma brincadeira de criança. "E", prosseguiu ele, "quando Vianello descobrir quem paga aluguel por baixo do pano, eu quero que a senhora pegue esses nomes e faça a mesma coisa." Ela ergueu os olhos alguns segundos quando Brunetti terminou de falar. "Acha que dá para fazer isso, *signorina*? Eu não sei que fim levou o arquivo antigo depois que nós começamos a usar o computador."

"A maioria das fichas antigas continua lá embaixo. Aquilo é uma bagunça, mas ainda é possível encontrar alguma coisa."

"Acha que consegue?" Fazia menos de quinze dias que a srta. Elettra trabalhava lá, e Brunetti já tinha a impressão de que contava com ela havia anos.

"Com certeza. Ainda mais agora que eu tenho todo o tempo do mundo", disse a moça, abrindo espaço para que ele perguntasse o que quisesse.

Cedendo ao impulso, Brunetti perguntou: "O que aconteceu?"

"Hoje os dois vão jantar juntos. Em Milão. À tarde, ele vai de carro para lá."

"No que será que isso vai dar?", continuou Brunetti, embora soubesse que não devia.

"Quando Burrasca for preso, ela vai tomar o primeiro avião. Ou talvez o *vice-questore* lhe ofereça carona até a casa de Burrasca depois do jantar — coisa que ele vai adorar, imagino: levá-la para lá e topor com os carros da polícia financeira. O mais provável é que ela volte para Veneza com ele se os vir."

"Mas por que Patta a quer de volta?"

A srta. Elettra o encarou com ar intrigado. "Ora, *commissario*, porque ele a ama. É claro que o senhor sabe disso."

Geralmente Brunetti perdia o apetite no calor, mas naquela noite descobriu que, pela primeira vez desde o jantar com Padovani, estava morrendo de fome. No caminho de casa, parou perto de Rialto, surpreso por encontrar as bancas de frutas e verduras ainda abertas depois das oito. Comprou um quilo de tomates oblongos tão maduros que o vendedor lhe recomendou levá-los com cuidado e não colocar nada em cima deles. Em outra banca, adquiriu um quilo de figos escuros e recebeu o mesmo aviso. Por sorte, cada conselho veio acompanhado de uma sacola plástica, dessa forma ele chegou em casa com uma em cada mão.

Depois de abrir todas as janelas, vestiu a calça larga de algodão, uma camiseta, e foi para a cozinha. Picou uma cebola, mergulhou os tomates em água fervente, para descascá-los com mais facilidade, e foi ao terraço apanhar algumas folhas frescas de manjeriço. Trabalhando automaticamente, sem dar muita atenção ao que fazia, preparou um molho simples e, a seguir, pôs água no fogo. Quando esta entrou em ebulição, despejou meio pacote de *penne rigate* na panela e o mexeu com a colher de pau.

Enquanto se ocupava disso, pensou nas diversas pessoas envolvidas nos acontecimentos dos últimos dez dias, ainda que sem procurar distinguir o emaranhado de nomes e rostos. Quando a massa ficou pronta, ele a escorreu numa peneira, passou-a para a travessa e cobriu-a com o molho. Misturou tudo com uma colher grande e foi para o terraço, aonde já tinha levado um garfo, um copo e uma garrafa de *cabernet*. Comeu diretamente da travessa. O

terraço era tão alto que seria preciso escalar o campanário da igreja de San Paolo para ver o que Brunetti estava fazendo. Ele comeu toda a massa, raspou o que restava do molho com um pedaço de pão, levou a travessa para dentro e voltou com um prato de figos recém-lavados.

Antes de devorá-los, foi buscar o seu exemplar de *Anais da Roma imperial*, de Tácito. Abriu-o na página em que havia interrompido a leitura anterior, o relato da miríade de horrores do reinado de Tibério, imperador pelo qual o autor parecia ter uma aversão toda especial. Aqueles romanos assassinavam, traíam e perpetravam toda sorte de violência; como eram parecidos conosco, pensou Brunetti. Seguiu lendo, sem encontrar nada que alterasse essa conclusão, mas os mosquitos começaram a atacá-lo, obrigando-o a buscar refúgio no apartamento. Prosseguiu a leitura no sofá até bem depois de meia-noite, sem se deixar perturbar pela consciência de que aquele catálogo de crimes e vilanias, cometidos quase dois mil anos antes, servia-lhe para apartar da mente os praticados ao seu redor. Dormiu um sono profundo, sem sonhos, e despertou descansado, como se estivesse convencido de que a feroz e obstinada moralidade de Tácito ia ajudá-lo no decorrer do dia.

Quando chegou à *questoria*, surpreendeu-se ao descobrir que, antes de viajar a Milão no dia anterior, Patta arranjara tempo para solicitar ao juiz de instrução o mandado que lhes daria acesso aos dados da Lega della Moralità e do Banco de Verona. Como se isso não bastasse, a ordem judicial tinha sido entregue às duas instituições naquela mesma manhã, e os responsáveis se prontificaram a cumpri-la. Ambas alegaram que levariam algum tempo para preparar a documentação e ambas foram imprecisas quanto a essa demora.

Às onze horas, o *vice-questore* ainda não tinha dado sinal de vida. A maioria dos funcionários da *questura* comprou jornal aquele dia, mas nenhum que mencionasse a prisão de Burrasca. Embora não tenha surpreendido ninguém, esse fato contribuiu muito para aumentar a ansiedade, sem falar na especulação, pelo resultado da viagem de Patta a Milão na noite anterior. Distanciando-se de tudo isso, Brunetti se contentou em telefonar para a Guardia di Finanza e

perguntar se seu pedido de empréstimo de um perito para analisar os dados financeiros do banco e da Lega ia ser atendido. Para sua surpresa, comunicaram-lhe que o juiz de instrução Luca Benedetti já havia telefonado ordenando que a polícia financeira examinasse a papelada assim que fosse entregue.

Quando Vianello entrou no escritório, pouco antes da hora do almoço, Brunetti imaginou que fosse para contar que os papéis não tinham chegado ou, mais provavelmente, que tanto o banco quanto a Lega haviam descoberto um repentino obstáculo burocrático, de modo que a entrega dos documentos seria adiada, talvez indefinidamente.

"*Buon giorno, commissario.*"

Ele ergueu os olhos dos documentos em sua mesa. "O que houve, sargento?"

"Há um casal querendo falar com o senhor."

Brunetti pousou a caneta nos papéis. "Quem?"

"O *professore* Luigi Ratti e a esposa", respondeu Vianello sem adiantar nenhuma explicação. "De Milão."

"E você pode me explicar quem são esse *professore* e a esposa?"

"Inquilinos de um dos apartamentos administrados pela Lega, moram lá há pouco mais de dois anos."

"Continue, sargento."

"O apartamento do *professore* estava na lista que me coube, e hoje eu fui conversar com ele. Quando lhe perguntei como tinha conseguido o imóvel, o homem respondeu que as decisões da Lega eram privadas. Eu perguntei qual era o valor do aluguel, e ele contou que deposita, todo mês, duzentos e vinte mil liras na conta da Lega no Banco de Verona. Pedi para ver os recibos, mas ele disse que não costuma guardá-los."

"É mesmo?", espantou-se Brunetti. Como era impossível saber se uma repartição pública ia resolver que determinada conta não tinha sido paga, que determinado imposto não tinha sido recolhido, que determinado documento não tinha sido lavrado, ninguém na Itália jogava fora um documento oficial, muito menos a prova de um pagamento. Aliás, ele mesmo e Paola tinham duas gavetas repletas de contas de serviços públicos que remontavam a uma década, e

pelo menos duas caixas cheias de documentos guardadas no sótão. Quem dissesse que jogava fora os recibos do aluguel só podia estar louco ou então mentindo. “Onde fica o apartamento do tal professor?”

“No Zatterer, com vista para a Giudecca”, informou Vianello, mencionando uma das regiões mais nobres da cidade. E acrescentou: “Eu diria que é um apartamento de seis cômodos, se bem que só cheguei a ver o *hall* de entrada”.

“Duzentas e vinte mil liras?”, perguntou ele, lembrando que isso era o que Raffi tinha pagado por um par de tênis um mês antes.

“Sim, senhor.”

“Por favor, sargento, mande o professor e a mulher entrarem. Aliás, ele é professor do quê?”

“Não tenho a menor idéia, senhor.”

“Entendo”, disse Brunetti, tampando a caneta.

Vianello foi até a porta, abriu-a e então recuou para dar passagem ao casal Ratti.

O homem devia ter cinqüenta e poucos anos, mas fazia o possível para ocultar esse fato. Para tanto, recorria aos cuidados de um barbeiro que lhe cortava o cabelo tão rente que o grisalho mais parecia loiro. O terno Gianni Versace de seda cinza conferia-lhe uma aparência mais juvenil, assim como a camisa de seda vinho aberta no pescoço. Os sapatos sem meia tinham a mesma cor da camisa e, a julgar pelo couro trançado de que eram feitos, só podiam ser da Bottega Veneta. Decerto alguém lhe havia chamado a atenção para sua tendência a desenvolver queixo duplo, pois ele trazia um lenço de seda branca no pescoço e mantinha a cabeça artificialmente empinada, como que a compensar o descuido de um oculista que tivesse colocado as lentes do seu bifocal no lugar errado.

Se o professor empreendia uma ação de contenção da idade, sua esposa havia declarado guerra aberta ao avanço do tempo. A cor do seu cabelo guardava uma esquisita semelhança com a da camisa do marido, e o esticado do rosto só podia se dever à vibração da juventude ou à habilidade de um cirurgião plástico. Magérrima, trajava um conjunto de linho branco, com o casaco aberto para exibir uma blusa verde-esmeralda. Ao vê-los, Brunetti ficou curioso

por saber como conseguiam enfrentar aquele calor e, ao mesmo tempo, manter uma aparência tão fresca e repousada. A parte mais feia deles era o olhar.

“Deseja falar comigo, *professore?*”, perguntou, levantando-se, mas sem fazer menção de lhe apertar a mão.

“Exatamente”, respondeu Ratti, oferecendo à mulher a cadeira em frente à escrivaninha e, a seguir, sem pedir licença, pegando para si a que estava encostada na parede. Quando os dois se instalaram confortavelmente, ele prosseguiu. “Vim dizer que não admito que a polícia invada a privacidade do meu lar. E mais: quero me queixar das insinuações que foram feitas.” Como tantos milaneses, ele suprimia os erres ao falar, sotaque que Brunetti sempre associava a certas atrizes dotadas de curvas voluptuosas.

“Que insinuações, caro *professore?*”, indagou Brunetti, voltando a se sentar e fazendo um sinal para que Vianello permanecesse junto à porta.

“De irregularidades no apartamento do qual sou locatário.”

Brunetti olhou para o sargento, que olhou para o teto. Como se não bastasse o sotaque milanês, um linguajar pernóstico.

“O que o leva a acreditar que insinuaram isso, *professore?*”

“Ora, por que motivo a polícia ia invadir o meu apartamento e exigir que eu mostrasse os recibos?”

“‘Invadir’, *professore?* ‘Exigir?’” Ele se voltou para Vianello. “Sargento, como foi que você teve acesso ao imóvel do qual o professor é...”, fez uma pausa, “...locatário?”

“A empregada me deixou entrar, senhor.”

“E o que você disse para que a empregada o deixasse entrar?”

“Que queria falar com o *professore* Ratti.”

“Compreendo”, disse Brunetti, voltando a atenção para o visitante. “E como foi feita a ‘exigência’, *professore?*”

“O sargento pediu para ver os recibos, como se eu guardasse esse tipo de coisa.”

“O senhor não guarda recibos?”

Ratti fez um gesto de desdém, e sua esposa endereçou a Brunetti um olhar de ensaiada surpresa, como que a sugerir que seria uma enorme perda de tempo guardar recibos de valor tão insignificante.

“E o que o senhor pretende fazer se o proprietário afirmar que o aluguel não foi pago? Como vai provar o contrário?”

Dessa vez, o gesto de Ratti foi de desprezo pela própria possibilidade de tal coisa suceder, ao passo que o olhar da mulher sugeria que não passaria pela cabeça de ninguém questionar a palavra do seu marido.

“O senhor pode me contar como paga o aluguel, *professore?*”

“O que a polícia tem a ver com isso?”, disparou Ratti com beligerância. “Eu não estou acostumado a ser tratado assim.”

“Assim como, *professore?*”, perguntou Brunetti.

“Como um suspeito.”

“Por acaso o senhor já foi tratado como suspeito pela polícia de outro lugar e, por isso, sabe como é?”

Levantando-se parcialmente, Ratti olhou para a esposa.

“Eu não vou tolerar isso. Sou amigo de um vereador.” A um leve gesto da mulher, ele voltou a se sentar lentamente.

“O senhor pode me contar como paga o aluguel, *professore* Ratti?”

O homem o fitou diretamente nos olhos.

“Eu deposito o dinheiro no Banco de Verona.”

“Em San Bartolomeo?”

“É.”

Brunetti balançou a cabeça: “E o apartamento, quantos metros quadrados tem?”

Aqui, a *signora* Ratti interferiu como se já não pudesse aturar tanta idiotice. “Nós não temos a menor idéia da área. É adequada às nossas necessidades.”

Brunetti pegou a lista de apartamentos confiados à Lega, abriu-a na terceira página e correu o dedo no papel até chegar ao nome do professor. “Trezentos e doze metros quadrados, creio. E seis cômodos. Sim, um tamanho adequado às necessidades da maioria das pessoas.”

A sra. Ratti retrucou imediatamente. “E o que o senhor quer dizer com isso?”

Imperturbável, Brunetti a fitou. “Exatamente o que eu disse, *signora*, nada mais. Que seis quartos são muito adequados para

duas pessoas — são só vocês dois, não?”

“E a empregada”, corrigiu a mulher.

“Três, então. Continua sendo um apartamento adequado.” Sem mudar de expressão, Brunetti se voltou para o marido. “Como foi que o senhor conseguiu um imóvel da Lega, *professore*?”

“Muito simples”, disse Ratti, mas Brunetti teve a impressão de que ele estava começando a bufar. “Eu me inscrevi normalmente.”

“Onde se inscreveu?”

“Na Lega della Moralità, é óbvio.”

“E como soube que a Lega tinha apartamentos para alugar?”

“Isso é de conhecimento público, não é, *commissario*?”

“Se ainda não for, *professore*, será em breve.”

Nenhum dos dois disse nada, mas a sra. Ratti olhou de relance para o marido e, a seguir, para Brunetti.

“O senhor lembra quem foi que o informou dos apartamentos?”

Os dois responderam instantaneamente: “Não”.

Brunetti abriu um frio sorriso. “Vocês parecem ter muita certeza disso.” Rabiscou à toa os nomes dos dois na lista. “E passaram por uma entrevista para obter o apartamento?”

“Não”, respondeu Ratti. “Bastou preencher os formulários e enviá-los. Depois nos comunicaram que tínhamos sido selecionados.”

“Receberam uma carta ou, quem sabe, um telefonema?”

“Isso já faz muito tempo, eu não me lembro”, disse o professor. Voltou-se, pedindo a confirmação da mulher, que balançou a cabeça.

“Faz dois anos que vocês moram no apartamento?”

Ratti fez um gesto afirmativo.

“E não guardaram um único recibo do aluguel?”

Dessa vez foi a esposa que se encarregou de balançar a cabeça.

“Diga, *professore*, quanto tempo por ano o senhor passa no apartamento?”

O homem pensou um pouco antes de responder. “A gente costuma vir no carnaval.”

A mulher arrematou a frase com um firme “É claro”.

O marido prosseguiu: “Depois vem em setembro e, às vezes, no Natal”.

Aqui a esposa interferiu, acrescentando: "No resto do ano, a gente vem nos fins de semana, é claro".

"É claro", repetiu Brunetti. "E a empregada?"

"Vem conosco de Milão."

"É claro", concordou Brunetti, acrescentando mais um rabisco ao papel. "*Professore*, o senhor pode me dizer se conhece a finalidade da Lega? O seu objetivo?"

"Eu sei que ela visa ao aprimoramento moral", respondeu Ratti num tom que asseverava que *aquilo* era uma coisa absolutamente indispensável.

"Ah, sim. Mas, fora isso, qual é o sentido de ela alugar imóveis?"

Dessa vez, foi o professor que olhou rapidamente para a mulher. "Acho que o sentido é dar apartamentos a quem os merece."

Brunetti prosseguiu: "Neste caso, o senhor não acha esquisito a Lega, que é uma instituição veneziana, destinar um dos apartamentos que ela controla a uma pessoa de Milão, que, além disso, só o usa alguns meses por ano?". Como Ratti não dissesse nada, ele o instigou: "O senhor sabe como é difícil conseguir apartamento nesta cidade, não?"

A sra. Ratti se apressou a responder. "Nós acreditamos que eles queriam dar um apartamento como esse a quem soubesse apreciá-lo e cuidar dele."

"A senhora está insinuando que vocês são mais capazes de cuidar de um apartamento grande e confortável do que, por exemplo, a família de um carpinteiro de Cannaregio?"

"Isso é evidente."

"E eu posso saber quem paga as reformas do apartamento?"

A mulher sorriu. "Por enquanto, não houve necessidade de nenhuma reforma."

"Sim, mas, com certeza, há uma cláusula no contrato — se é que vocês têm um contrato —, determinando quem é o responsável pelos consertos."

"São eles", disse Ratti.

"A Lega?"

"É."

"Quer dizer que a manutenção não corre por conta do inquilino?"

“Não.”

“E vocês passam...”, Brunetti se interrompeu para consultar o papel à sua frente, como se ali estivesse escrito o número, “passam cerca de dois meses por ano lá?” Ratti permaneceu calado, e ele insistiu: “É isso mesmo, *professore?*”.

A pergunta foi recompensada com um relutante “Sim”.

Num gesto deliberadamente igual ao que fazia o padre que lhe dava aula de catecismo no colégio, Brunetti uniu as mãos diante de si, junto à borda da folha de papel na escrivaninha, e disse: “Acho que chegou hora de escolher, *professore?*”.

“Eu não entendi.”

“Então eu explico. A primeira opção é o senhor repetir todas as respostas que deu às minhas perguntas num gravador ou então eu chamar a taquígrafa para anotá-las. Seja como for, o senhor vai assinar uma cópia do seu depoimento, aliás, os dois vão assiná-la, já que declararam a mesma coisa.” Brunetti fez uma longa pausa para que o casal registrasse bem as suas palavras. “A segunda, que eu considero bem mais sensata, é vocês começarem a dizer a verdade.” Ambos se fingiram surpresos, mas a sra. Ratti chegou a se mostrar ofendida. “Seja como for, o mínimo que vai acontecer é vocês perderem o apartamento, mesmo que demore um pouco. Mas que vão perdê-lo, vão; é pouco, mas é certo.” Ele achou interessante que nenhum dos dois lhe tivesse pedido explicações para o que acabava de dizer. “É claro que muitos desses apartamentos foram alugados ilegalmente e que, há anos, uma pessoa associada à Lega recebe os aluguéis por fora.” Quando o professor Ratti fez menção de objetar, Brunetti ergueu a mão um instante, mas logo tornou a entrelaçar os dedos. “Se fosse um mero caso de fraude, talvez valesse a pena o senhor continuar afirmando que não sabia de nada. Mas, infelizmente, é muito mais do que um caso de fraude.” Calou-se. Sabia que ia arrancar a verdade deles.

“É um caso de quê?”, perguntou Ratti, falando com uma delicadeza que ainda não havia demonstrado desde que entrara no escritório.

“De homicídio. Aliás, *três* homicídios, sendo que uma das vítimas era da polícia. Estou dizendo isso para que o senhor entenda que

nós não vamos brincar em serviço. Uma colega nossa foi assassinada, e nós vamos pegar quem a matou. E a punição será exemplar.” Calou-se um momento para que o casal assimilasse suas palavras. “Se o senhor continuar insistindo nessa história do apartamento, vai acabar envolvido numa investigação de homicídio.”

“Nós não sabemos de homicídio nenhum”, disse a sra. Ratti com hostilidade na voz.

“Agora sabem, *signora*. O responsável pelos três homicídios é quem está por trás desse esquema de aluguel de apartamentos. Se vocês se recusarem a nos ajudar a descobrir quem alugou o seu apartamento e recebe o pagamento todo mês, estarão obstruindo uma investigação de homicídio. A pena para isso, convém recordar, é bem mais rigorosa do que num caso de fraude. E fiquem sabendo que eu, em termos muito pessoais, vou fazer o que estiver ao meu alcance para que vocês cumpram essa pena se continuarem a se recusar a nos ajudar.”

Ratti se levantou. “Eu quero conversar em particular com a minha mulher.”

“Não”, disse Brunetti, erguendo a voz pela primeira vez.

“Eu tenho esse direito”, reivindicou o professor.

“O senhor tem direito de falar com o seu advogado, *signor* Ratti, coisa que eu permito com prazer. Mas o senhor e a sua esposa vão decidir tudo agora, aqui, na minha frente.” Era abuso de autoridade, Brunetti sabia perfeitamente; sua única esperança era que o professor não soubesse disso.

Os dois se entreolharam tão demoradamente que ele chegou a perder a esperança. Mas então a mulher balançou a cabeça cor de vinho, e os dois voltaram a se sentar.

“Está bem”, concordou Ratti, “mas eu quero deixar claro que nós não sabemos nada acerca desse homicídio.”

“Homicídios”, disse Brunetti, vendo que Ratti ficou abalado com a retificação.

“Há três anos, um amigo nosso de Milão contou que conhecia uma pessoa capaz de nos ajudar a encontrar apartamento em Veneza. Fazia uns seis meses que estávamos procurando, mas era

muito difícil arranjar um, principalmente à distância.” Brunetti se perguntou se ia ser obrigado a ouvir um rosário de queixas. Talvez sentindo-lhe a

impaciência, Ratti tratou de prosseguir. “Ele nos deu um número de telefone, um número daqui de Veneza. Nós ligamos e explicamos o que queríamos, e a pessoa que atendeu quis saber o tipo de apartamento em que estávamos pensando e quanto estávamos dispostos a pagar.” Fez uma pausa, ou será que havia terminado?

“E então?”, instigou-o Brunetti, a voz igualzinha à do padre quando os meninos tinham uma dúvida sobre o catecismo.

“Então eu expliquei o que queria, e ele ficou de me telefonar dali a alguns dias. E telefonou, dizendo que estava com três apartamentos para mostrar e pedindo-nos para vir a Veneza no fim de semana. Nós viemos, e ele nos mostrou esse apartamento e outros dois.”

“Era o mesmo que tinha atendido quando vocês ligaram?”

“Não sei. Mas, sem dúvida, era o mesmo que retornou o nosso telefonema.”

“Vocês sabem quem era esse homem? Ou quem é?”

“É para ele que nós pagamos o aluguel, mas eu não sei como se chama.”

“E como vocês pagam?”

“Ele telefona na última semana do mês e marca um encontro. Geralmente num bar, se bem que, às vezes, no verão, é ao ar livre.”

“Onde, em Veneza ou em Milão?”

A mulher interveio. “Ele parece saber onde nós estamos. Quando estamos aqui, ele telefona em Veneza, quando estamos em Milão, liga para lá.”

“E o que vocês fazem?”

Ratti tomou a palavra. “Nós nos encontramos com ele e lhe entregamos o dinheiro.”

“Quanto?”

“Dois milhões e meio de liras.”

“Por mês?”

“É, mas às vezes eu pago alguns meses adiantados.”

“Vocês não sabem quem é esse homem?”, perguntou Brunetti.

“Não, mas já o vimos na rua algumas vezes. Aqui em Veneza.”

Percebendo que, mais tarde, convinha pedir uma descrição, Brunetti seguiu adiante. “E a Lega? Qual é o envolvimento dela nisso tudo?”

“Quando nós dissemos que estávamos interessados no apartamento, esse homem deu um preço, mas nós pechinchamos e conseguimos uma redução de meio milhão”, explicou Ratti com mal disfarçado orgulho.

“E a Lega?”

“Ele nos disse que íamos receber uns formulários da Lega e que devíamos devolvê-los preenchidos, que podíamos mudar para o apartamento dali a quinze dias.”

A sra. Ratti voltou a falar. “Também pediu que não contássemos a ninguém como havíamos conseguido o apartamento.”

“Alguém quis saber?”

“Alguns amigos de Milão quiseram, mas nós dissemos que foi através de uma imobiliária.”

“E a pessoa que lhes deu o número do telefone?”

Ratti se adiantou. “Nós lhe dissemos a mesma coisa, que usamos uma imobiliária.”

“Vocês sabem como ele conseguiu o número?”

“Ele disse que lhe haviam dado em uma festa.”

“Lembram o mês e o ano em que telefonaram pela primeira vez?”

“Por quê?”, indagou o professor com desconfiança.

“Eu quero ter uma idéia mais clara de quando isso começou”, mentiu Brunetti, pensando em fazer um levantamento dos telefonemas do casal para Veneza na época.

Ainda que com notório cepticismo na expressão e na voz, Ratti respondeu: “Foi em março, há dois anos. Quase no fim do mês. Tomamos posse do apartamento no começo de maio”.

“Entendo. E, depois disso, vocês tiveram algum contato com a Lega?”

“Não, nenhum.”

“E os recibos?”

Ratti se moveu desconfortavelmente na cadeira. "O banco emite um boleto todo mês."

"Em que valor?"

"Duzentos e vinte mil."

"Por que vocês não quiseram mostrá-los ao sargento Vianello?"

A mulher voltou a interferir. "Nós não queríamos nos envolver com nada."

"Mascari?", disse Brunetti de supetão.

O nervosismo de Ratti pareceu aumentar. "Como assim?"

"Vocês não estranharam quando o diretor do banco que emite os recibos foi assassinado?"

"Estranhar por quê?", disparou Ratti, imprimindo ódio à voz. "Eu li no jornal como ele morreu. Achei que tinha sido assassinado por um dos seus, como é que se diz?, por um dos seus 'chamegos'." Brunetti tinha certeza de que agora todo mundo sabia como aquela gente era chamada, mas preferiu não responder à pergunta.

"Alguém entrou em contato com vocês, recentemente, para falar no apartamento?"

"Não, ninguém."

"Se vocês receberem um telefonema ou uma visita do homem a quem pagam o aluguel, quero que nos avisem imediatamente."

"Sim, claro, *commissario*", concordou Ratti, já restaurado em seu papel de homem de bem.

Repentinamente farto deles, de sua afetação, de sua roupa de grife, Brunetti disse: "Podem descer com o sargento Vianello. Façam o favor de lhe dar a descrição mais detalhada possível do homem a quem vocês pagam o aluguel". Dirigindo-se a Vianello, continuou: "Se for parecido com alguém que conhecemos, mostre as fotografias".

O sargento fez que sim e abriu a porta. O casal se levantou, mas nenhum dos dois se dispôs a apertar a mão de Brunetti. O professor tomou a esposa pelo braço para o breve percurso até a porta, então parou para lhe dar passagem. Vianello olhou para Brunetti e, esboçando um sorriso quase invisível, fechou a porta e os conduziu ao escritório central.

Naquela noite, a conversa com Paola foi breve. Ela queria saber as novidades e se ofereceu mais uma vez para ficar uns dias com o marido; achava que podia deixar os filhos sozinhos no hotel, mas Brunetti lhe disse que, com aquele calor, era loucura pensar em voltar a Veneza.

Ele passou o resto da noite em companhia do imperador Nero, que Tácito descrevia como "corrupto em todas as cobiças, nas naturais e nas aberrantes". Só foi dormir depois de ler a descrição do incêndio de Roma, que o autor parecia atribuir ao fato de Nero ter participado de uma cerimônia de casamento com um homem, durante a qual chocou até os membros mais dissolutos da corte ao "pôr a grinalda de noiva". Travestis em toda parte.

Na manhã seguinte, ignorando que o *Corriere* acabava de publicar a notícia da prisão de Burrasca, ainda que sem fazer a menor alusão ao nome da sra. Patta, Brunetti foi ao enterro de Maria Nardi. A Chiesa dei Gesuiti estava lotada, muitos amigos e parentes e também a maior parte da polícia da cidade. O policial Scarpa, de Mestre, compareceu explicando que o sargento Gallo continuava às voltas com o julgamento em Milão, onde ia ficar pelo menos mais três dias. Até mesmo o *vice-questore* Patta estava presente, de ar sombrio e terno azul-marinho. Embora soubesse que era uma visão sentimental e, sem dúvida, politicamente incorreta, Brunetti não conseguia se desembaraçar da idéia de que era pior uma mulher morrer no cumprimento do dever do que um homem. Terminada a missa,

ele se postou na escadaria da igreja enquanto seis policiais fardados carregavam o caixão. Quando o marido de Maria Nardi saiu, chorando muito e alquebrado de dor, ele desviou a vista e ficou olhando para as águas da *laguna*, na direção de Murano. Ainda estava assim quando Vianello se aproximou e lhe tocou o braço.

“*Commissario?*”

Brunetti voltou a si. “Olá, sargento.”

“Aquele casal me passou uma provável identificação.”

“Quando? Por que você não me contou?”

“Só fiquei sabendo hoje cedo. Ontem à tarde, eles examinaram algumas fotografias, mas disseram que não tinham certeza. Acho que tinham, sim, mas preferiram consultar o advogado antes. Em todo caso, voltaram hoje, às nove horas, e identificaram Pietro Malfatti.”

Brunetti assobiou baixinho. Malfatti tinha várias passagens pela polícia, fazia anos; seu prontuário de crimes violentos incluía estupro e tentativa de homicídio, mas as acusações pareciam sempre se dissipar antes que ele fosse julgado; as testemunhas mudavam de idéia ou declaravam que haviam se enganado ao identificá-lo. Fora preso duas vezes, uma por viver à custa de uma prostituta e outra por tentar extorquir dinheiro de proteção do proprietário de um bar. Quando Malfatti estava cumprindo pena de dois anos, o estabelecimento pegou fogo.

“Eles o identificaram?”

“Os dois garantiram que sim.”

“Nós temos o endereço dele?”

“O último que tivemos era de um apartamento em Mestre, mas faz mais de um ano que ele não mora lá.”

“Amigos? Mulheres?”

“Estamos verificando.”

“E os parentes?”

“Eu não pensei nisso. Devem constar na ficha.”

“Dê uma olhada. Se ele tiver parente próximo, mãe ou irmão, ponha alguém de campana num apartamento das imediações. Não”,

disse Brunetti, lembrando que sabia muito pouco da história de Malfatti, “ponha dois.”

“Sim, senhor. Mais alguma coisa?”

“E os papéis do banco e da Lega?”

“Os dois ficaram de entregá-los hoje.”

“Preciso deles. Nem que você tenha de ir lá buscá-los. Quero todos os extratos que tenham a ver com o pagamento do aluguel desses apartamentos e quero que vocês entrevistem todos os funcionários do banco para ver se Mascari lhes contou alguma coisa sobre a Lega. O mais depressa possível. Se você tiver de pedir ao juiz que o acompanhe para pegá-los, peça.”

“Sim, senhor.”

“Quando for ao banco, veja se descobre quem era o encarregado de acompanhar as contas da Lega.”

“Ravanello?”, perguntou o sargento.

“Provavelmente.”

“Vou ver o que consigo descobrir. E quanto a Santomauro, senhor?”

“Hoje vou conversar com ele.”

“É...”, Vianello se interrompeu e, em vez de questionar a sensatez daquele propósito, preferiu perguntar: “É possível sem agendar entrevista?”

“Eu acho que o *avvocato* Santomauro está interessadíssimo em conversar comigo, sargento.”

E estava mesmo. Seu escritório ficava em Campo San Luca, no segundo andar de um prédio a vinte metros de três bancos diferentes. Nada mais adequado do que tanta proximidade, pensou Brunetti no momento em que a secretária o conduziu à sala do advogado, poucos minutos depois da sua chegada.

Santomauro estava sentado à escrivaninha; às suas costas, uma ampla janela com vista para o *campo*. Ampla, mas hermeticamente fechada; e o escritório estava refrigerado a um grau quase desagradável, principalmente diante do que se via lá embaixo: ombros, pernas, costas e braços nus a atravessarem o *campo*, e no entanto lá dentro fazia um frio que justificava terno e gravata.

Ele ergueu os olhos quando Brunetti entrou, mas não se deu ao trabalho de sorrir nem de se levantar. Vestia um discreto terno cinzento, uma gravata escura e uma camisa branquíssima. Seus olhos azuis, muito separados, contemplavam o mundo com candura. Estava pálido como se fosse pleno inverno: nada de férias para os que labutavam nas vinhas da lei.

“Sente-se, *commissario*”, disse. “Sobre o que o senhor quer conversar comigo?” Deslocou ligeiramente uma fotografia com moldura de prata, como que para ter uma visão clara de Brunetti e para que este tivesse uma visão clara da fotografia. Nela apareciam uma mulher mais ou menos da idade de Santomauro e dois rapazes bem parecidos com ele.

“Sobre várias coisas, *avvocato*”, respondeu Brunetti, acomodando-se à sua frente, “mas vamos começar pela Lega della Moralità.”

“Sobre isso, eu acho melhor o senhor se informar com a minha secretária, *commissario*. O meu envolvimento é inteiramente protocolar.”

“Não sei se compreendi o que o senhor disse, *avvocato*.”

“A Lega sempre precisa de uma figura ornamental, de uma pessoa que sirva de presidente. Mas, como eu tenho certeza de que o senhor já averiguou, nós, membros da diretoria, não interferimos no dia-a-dia da gestão dos negócios da instituição. O trabalho real é feito pelo diretor do banco que administra as contas.”

“Então qual é a sua função?”

“Como eu acabo de explicar”, disse Santomauro, esboçando um sorriso mínimo, “sou uma figura decorativa. Tenho certa... certa, como dizer, tenho certa estatura na comunidade, por isso me pediram para ocupar a presidência, um cargo puramente figurativo.”

“Quem pediu?”

“As autoridades do banco que cuida das contas da Lega.”

“Se quem administra os negócios da Lega é o diretor do banco, qual é a sua função, *avvocato*?”

“Eu falo em nome da Lega quando a imprensa nos faz uma pergunta ou quando querem saber a opinião da instituição sobre uma questão qualquer.”

“Entendo. O que mais?”

“Duas vezes por ano, eu me reúno com o funcionário do banco encarregado da conta para discutir a situação financeira.”

“E qual é a situação financeira da Lega, se o senhor me permite perguntar?”

Santomauro espalmou as mãos no tampo da mesa. “Como o senhor sabe, nós somos uma instituição sem fins lucrativos, de modo que nos basta conseguir ficar com a cabeça fora da água. No aspecto financeiro.”

“E o que significa isso? No aspecto financeiro.”

Santomauro falou com voz ainda mais calma, com uma paciência ainda mais audível. “Que nós conseguimos arrecadar dinheiro suficiente para continuar destinando a nossa obra caritativa a quem foi selecionado para recebê-la.”

“E quem decide quem a recebe?”

“O funcionário do banco, é claro.”

“E os apartamentos que a Lega controla, quem decide a quem entregá-los?”

“A mesma pessoa”, respondeu o advogado, permitindo-se um leve sorriso e então acrescentando: “A diretoria normalmente aprova as suas sugestões”.

“E o senhor, na qualidade de presidente, tem participação nisso? Algum poder de decisão?”

“Se eu quisesse exercê-lo, creio que teria. Mas, como já disse, *commissario*, o meu cargo é inteiramente honorário.”

“O que significa isso, *avvocato*?”

Antes de responder, Santomauro pôs a ponta do dedo na escrivaninha e recolheu uma manchinha de pó. Afastando a mão para o lado, sacudiu-a, livrando-se da sujeira. “Como eu disse, o meu cargo é totalmente *pro forma*. Não sinto que seria correto, conhecendo tanta gente na cidade como conheço, tentar selecionar quem há de se beneficiar da caridade da Lega. Tenho certeza de que tampouco os meus colegas na diretoria, se eu posso tomar a liberdade de falar por eles.”

“Compreendo”, disse Brunetti, sem dissimular o cepticismo.

“Acha difícil de acreditar, *commissario*?”

“Não seria prudente da minha parte dizer o que eu acho difícil de acreditar, *avvocato*. E o *signor* Crespo? O senhor administra o seu patrimônio?”

Fazia anos que Brunetti não via um homem comprimir os lábios, mas foi exatamente isso que fez Santomauro antes de responder. “Eu sou o advogado do *signor* Crespo, naturalmente, administro o seu patrimônio.”

“E esse patrimônio é grande?”

“Isso é informação confidencial, *commissario*, como o senhor deve saber, já que também é formado em direito.”

“Ah, sim, e imagino que a natureza dos negócios que o senhor porventura tenha tido com o *signor* Crespo seja igualmente confidencial.”

“Vejo que o senhor não esqueceu a lei”, sorriu o outro.

“O senhor pode me informar se a documentação da Lega, os dados financeiros, já foi entregue à polícia?”

“O senhor fala nisso como se não fosse da polícia, *commissario*.”

“A documentação, *signor* Santomauro. Onde está?”

“Ora, nas mãos dos seus colegas. Eu mandei a minha secretária tirar cópia esta manhã.”

“Nós queremos o original.”

“Claro que nós entregamos o original, *commissario*”, afirmou Santomauro, abrindo mais um sorriso. “Tomei a liberdade de tirar cópia para mim, caso alguma coisa se extravie enquanto estiver com vocês.”

“Quanta cautela, *avvocato*”, disse Brunetti sem sorrir. “Mas eu não quero roubar mais o seu tempo. Imagino o quanto esse tempo é valioso para uma pessoa com sua posição na comunidade. Vou fazer só mais uma pergunta. O senhor pode me dizer quem é o funcionário do banco que administra as contas da Lega? Quero falar com ele.”

Santomauro arreganhou ainda mais o sorriso. “Acho que não vai ser possível, *commissario*. As contas da Lega sempre foram administradas pelo falecido Leonardo Mascari.”

Brunetti voltou à *questura* impressionado com a astúcia com que Santomauro insinuara a culpa de Mascari. Tudo se apoiava em premissas precárias: que Mascari era o responsável pelas contas; que o pessoal do banco não sabia ou podia ser induzido a não recordar se outra pessoa também cuidava dos negócios da Lega; que nada se descobriria sobre o assassinato de Mascari ou de Crespo.

No escritório, informaram-no de que tanto os papéis do Banco de Verona quanto os da Lega tinham sido entregues à polícia, que os fora buscar, e que três homens da Guardia de Finanza já os estavam examinando em busca de algo que indicasse quem supervisionava as contas em que os aluguéis eram depositados e quais cheques eram emitidos em nome das obras beneficentes da Lega.

Mesmo sabendo que era inútil descer e lá ficar enquanto eles trabalhavam, Brunetti não sabia se resistiria à vontade de pelo menos passar pela sala em que estavam instalados. Por isso, tratou de ir almoçar, escolhendo deliberadamente um restaurante no Ghetto, ainda que isso lhe impusesse uma longa caminhada de ida e volta no período mais quente do dia. Ao regressar, depois das três, estava com o paletó ensopado, e os sapatos pareciam fundidos em seus pés.

Vianello entrou no escritório poucos minutos depois da sua chegada. E disse sem preâmbulos: “Eu verifiquei a lista dos que recebem dinheiro da Lega”.

Brunetti reconheceu o seu estado de espírito. “E o que descobriu?”

“Que a mãe de Malfatti voltou a se casar e adotou o nome do novo marido.”

“E?”

“E recebe dinheiro nesse nome e no antigo. E mais, o marido atual também recebe um cheque, assim como dois primos dele, mas parece que cada um recebe o dinheiro em dois nomes separados.”

“Quanto a família Malfatti ganha no total?”

“Todos os depósitos são de cerca de quinhentos mil por mês, de modo que eles devem ganhar perto de três milhões.” Involuntariamente, Vianello deixou escapar a pergunta: “Será que essa gente imaginava que nunca seria descoberta?”

Achando a resposta excessivamente óbvia, Brunetti preferiu perguntar: “E os sapatos?”

“Não descobrimos nada aqui. O senhor falou com Gallo?”

“Ele ainda está em Milão, mas tenho certeza de que Scarpa teria me telefonado se tivessem descoberto alguma coisa. O que os caras da Financeira estão fazendo?”

Vianello deu de ombros. “Passaram a manhã toda lá embaixo.”

“Eles sabem o que procurar?”, indagou Brunetti, incapaz de disfarçar a impaciência na voz.

“Um indício de quem era o responsável pelas contas, imagino.”

“Vá até lá e pergunte se eles acharam alguma coisa. Se Ravanello estiver envolvido, quero cuidar dele o mais depressa possível.”

“Sim, senhor”, disse o sargento, e saiu.

Enquanto aguardava o regresso de Vianello, Brunetti arregaçou as mangas da camisa, mais para ocupar as mãos do que para se refrescar.

O sargento entrou com a resposta escrita na testa. “Eu acabo de falar com o chefe deles. Disse que, até agora, parece que o encarregado era mesmo Mascari.”

“O que significa isso?”

“Foi o que me disseram”, respondeu o sargento, devagar, com voz uniforme, e então acrescentou, “*commissario*”. Os dois ficaram um momento calados. “Pode ser que, se o senhor falar diretamente com eles, consiga uma explicação mais clara do que isso significa.”

Brunetti desviou o olhar e desarregaçou as mangas. “Vamos descer juntos, Vianello.” Era a coisa mais próxima de um pedido de desculpas que ele podia fazer, e o sargento pareceu aceitá-lo. Mesmo porque, com o calor que fazia no escritório, provavelmente era o máximo que ia obter.

Lá embaixo, Brunetti entrou no escritório em que estavam trabalhando os três homens com a farda cinzenta da Guardia di Finanza. Sentados a uma mesa longa, coberta de pastas de arquivo e papéis, dois deles tinham calculadoras de bolso diante de si; o terceiro, um *laptop*. Devido ao calor, estavam em mangas de camisa, mas conservavam as gravatas.

O sujeito do computador ergueu a vista quando Brunetti entrou, olhou por cima dos óculos, mas seguiu digitando novos dados. Examinou a tela, consultou um dos papéis junto ao teclado, digitou mais um pouco e voltou a estudar a tela. Pegando uma folha de papel na pilha à direita do *laptop*, passou-a para a da esquerda, virando-a para baixo, e começou a ler as cifras da folha seguinte.

“Qual de vocês está no comando?”

Um ruivo baixinho, com uma das calculadoras, olhou para ele e disse: “Sou eu. O senhor é o *commissario* Brunetti?”

“Sou”, respondeu ele, aproximando-se e estendendo a mão.

“Eu sou o capitão De Luca.” A seguir, apertando-lhe a mão, acrescentou com mais intimidade, “Beniamino”, e apontou para a papelada. “O senhor queria saber quem cuidava disso no banco?”

“Queria.”

“Até agora, parece que era um sujeito chamado Mascari. Suas senhas foram digitadas em todas as transações, e suas iniciais aparecem em muitos documentos.”

“Não pode ser falsificação?”

“Como assim, *commissario*?”

“Não é possível que alguém tenha alterado esses documentos para dar a impressão de que era Mascari quem cuidava deles?”

De Luca pensou demoradamente antes de responder. "Possível, é. Se a pessoa tiver tido um ou dois dias para adulterar os arquivos, acho que pode ter feito isso." Refletiu mais um pouco, como se estivesse decifrando mentalmente uma fórmula algébrica. "Sim, qualquer um que conhecesse as senhas podia fazer isso."

"Num banco, até que ponto essas senhas de acesso são privadas?"

"Duvido que sejam privadas. Os funcionários vivem consultando as contas uns dos outros e precisam saber as senhas dos colegas para acessar os dados. Não seria difícil."

"E as iniciais nos recibos?"

"Nada mais fácil do que forjar uma assinatura."

"É possível provar que outra pessoa tenha feito isso?"

Uma vez mais, De Luca passou um bom tempo pensando na pergunta. "Não, pelas inserções no computador, não. Talvez a gente constate que as iniciais são falsas, mas a maioria das pessoas simplesmente as rabisca rapidamente em papéis como estes; geralmente, é difícil distingui-las ou até mesmo reconhecer a própria rubrica."

"Dá para acusá-los por terem alterado os arquivos?"

De Luca respondeu com firmeza. "*Commissario*, pode acusá-los disso se quiser, mas não num tribunal."

"Quer dizer então que o responsável era mesmo Mascari?"

Dessa vez, De Luca vacilou. "Não, isso eu não diria. Parece que sim, mas é perfeitamente possível que os documentos tenham sido adulterados para dar essa impressão."

"E o resto? O processo de seleção dos inquilinos?"

"Oh, é evidente que foram escolhidos por critérios que nada tinham a ver com a necessidade e, no caso dos que recebiam dinheiro, a pobreza não era requisito em muitas doações."

"Como o senhor sabe disso?"

"No primeiro caso, as solicitações estão todas aqui, divididas em dois grupos: o das que receberam apartamento e o das que foram rejeitadas." De Luca se calou um instante. "Não, eu estou exagerando. Alguns apartamentos, um grande número aliás, foram destinados a pessoas que pareciam ter mesmo necessidade, mas as

solicitações de quase um quarto dos interessados vieram de gente que nem morava em Veneza.”

“O pessoal que foi aceito?”

“Sim. E seus rapazes ainda nem terminaram de examinar a lista completa de inquilinos.”

Brunetti olhou para Vianello, que explicou: “O nosso pessoal está mais ou menos na metade da lista, e parece que muitos apartamentos foram alugados para gente jovem, que mora sozinha. E que trabalha na noite”.

Brunetti balançou a cabeça. “Sargento, quando vocês tiverem um relatório completo de todos, nas duas listas, avise.”

“Vai demorar pelo menos mais dois dias, senhor.”

“Nós já não temos pressa, infelizmente.” Brunetti agradeceu a ajuda de De Luca e voltou para o escritório.

Era perfeito, pensou, mais do que se podia esperar. Ravanello tinha passado o fim de semana trabalhando a toque de caixa, e agora a documentação mostrava que Mascari era o responsável pelas contas da Lega. Acaso havia melhor maneira de explicar os incontáveis milhões desfalcados da Lega do que culpando Mascari e seus travestis? Quem ia saber o que ele não era capaz de fazer quando viajava pelo banco, a que orgias não se entregava, que fortunas não esbanjava, aquele homem frugal que nem fazia chamadas a longa distância para a esposa? Brunetti tinha certeza de que Malfatti estava longe de Veneza e não ia dar as caras tão cedo. Sem dúvida, seria reconhecido como o homem que recebia os aluguéis e havia arranjado para que uma porcentagem dos cheques caritativos lhe fosse repassada como condição para que os candidatos a inquilino recebessem os apartamentos. E Ravanello? Ia se apresentar como o amigo íntimo que, por equivocada lealdade, não revelara o pecaminoso segredo de Mascari, longe de imaginar as atrocidades fiscais de que o amigo era capaz para financiar suas abomináveis perversões? E Santomauro? Por certo, seria ridicularizado no começo, quando descobrissem que tinha bancado o otário para o amigo banqueiro, mas, cedo ou tarde, a opinião pública acabaria encarando-o como o cidadão abnegado cuja retidão fora traída pela duplicidade a que Mascari conduzira

sua aberração sexual. Perfeito, absolutamente perfeito, e sem a menor fissura pela qual Brunetti pudesse introduzir a verdade.

Aquela noite, o moralismo de Tácito não serviu de consolo a Brunetti, que não podia vislumbrar o triunfo da justiça no destino violento de Messalina e Agripina. Mesmo depois de ter lido o relato sombrio da merecida morte das duas megeras, não conseguiu se livrar da certeza de que o mal por elas gerado continuava a grassar no mundo. Enfim, bem depois das duas horas, interrompeu a leitura a contragosto e passou o resto da noite imerso num sono agitado, assediado pela lembrança de Mascari, aquele homem justo que sofrera uma morte prematura e bem mais sórdida que a de Messalina e Agripina. Também ali o mal estava fadado a sobreviver aos mortos.

O dia amanheceu abafado como uma maldição sobre aquela cidade condenada a um ar estagnado e a um calor escaldante, como se a brisa a tivesse abandonado à própria sorte para ir soprar em outras paragens. A caminho do trabalho, ao passar pela feira de Rialto, Brunetti reparou nos muitos comerciantes ausentes; interrompidas por freqüentes vazios, as tão ordenadas filas de bancas lembravam o sorriso banguela dos bêbados. Inútil tentar vender verduras durante o Ferragosto; os habitantes fugiam da cidade, e os turistas só queriam saber de *panini* e *acqua minerale*.

Ele chegou cedo à *questura* — não valia a pena atravessar a cidade depois das nove, quando o calor aumentava e as ruas ficavam ainda mais cheias de turistas. Preferiu não pensar neles, pelo menos naquele dia.

Nada o satisfazia, nem mesmo a idéia de que agora os negócios ilegais da Lega iam chegar ao fim, e tampouco a possibilidade de De Luca e seus homens ainda acharem um indício que os levasse a Santomauro e Ravanello. Também perdera a esperança de rastrear o vestido e os sapatos que Mascari estava usando; já havia passado muito tempo.

Brunetti estava perdido em pensamentos sombrios quando Vianello irrompeu no escritório sem bater na porta, gritando: "Nós achamos Malfatti!".

"Onde?", perguntou Brunetti, levantando-se, animado, e indo ao encontro do sargento.

"Na casa da namorada, uma tal Luciana Vespa, em San Barnaba."

"Como?"

"O primo dele telefonou para cá. Está na lista, recebeu cheques da Lega no ano passado."

"Vocês negociaram?", quis saber Brunetti, sem dar a mínima para a ilegalidade de semelhante hipótese.

"Não, ele não teve peito de propor um acordo. Disse que vai colaborar." O rosnado de Vianello denunciou o quanto ele acreditava nisso.

"O que ele contou?"

"Faz três dias que Malfatti está aqui."

"A mulher consta na lista?"

Vianello balançou a cabeça. "Só a esposa. Nós deixamos uma pessoa dois dias no apartamento vizinho do dela, mas ele não deu as caras." Os dois já estavam descendo a escada rumo ao escritório da polícia fardada.

"Você pediu uma lancha?", perguntou Brunetti.

"Está esperando lá embaixo. Quantos homens o senhor quer levar?"

Brunetti não participara diretamente de nenhuma das muitas prisões de Malfatti, mas havia lido os relatórios. "Três. Armados. E com colete à prova de bala."

Dez minutos depois, ele, Vianello e três policiais, estes inflados e já suando dentro dos grossos coletes por cima da farda, subiram a bordo da lancha azul e branca da polícia que, de motor ligado, os

aguardava em frente à *questura*. Os três policiais foram para a cabine, deixando-os no deque para aproveitar a escassa brisa criada pelo movimento da embarcação. O piloto foi pelo *bacino* de San Marco, virou à direita e aprofundou-se à entrada do Gran Canal. O esplendor da arquitetura veneziana ia passando dos dois lados enquanto Brunetti e Vianello, as cabeças unidas, tentavam conversar apesar do vento e do barulho do motor. Decidiram que Brunetti iria ao apartamento tentar entrar em contato com Malfatti. Como nada sabiam sobre a mulher, não tinham idéia de qual era seu envolvimento com ele, por isso precisavam zelar pela sua segurança.

Ao pensar nisso, Brunetti se arrependeu de haver trazido reforço. Se os transeuntes vissem os quatro policiais perto do prédio, três deles armados até os dentes, era inevitável que uma multidão se aglomerasse nas imediações, o que chamaria a atenção dos que estavam no apartamento.

A lancha atracou na parada de *vaporetto* de Ca' Rezzonico, e os cinco homens desembarcaram, surpreendendo e despertando a curiosidade das pessoas que estavam à espera do barco número um. Em fila indiana, foram pelo *calle* estreito que dava no Campo de San Barnaba e entraram na praça. Embora o sol ainda não tivesse chegado ao zênite, o calor subia das pedras do calçamento, crestando-os de baixo para cima.

O prédio visado ficava na esquina oposta, à direita do *campo*, a porta bem em frente a dois enormes barcos de frutas e verduras à beira do canal que cortava a lateral do *campo*. À sua direita, havia um restaurante ainda fechado e, mais adiante, uma livraria. "Vocês três", disse Brunetti, consciente dos olhares e comentários que a polícia e suas metralhadoras suscitavam nas pessoas em volta, "entram na livraria. Vianello, você fica esperando do lado de fora."

Desajeitadamente, parecendo grandes demais para passar pela porta, os três policiais entraram na livraria. O proprietário pôs a cabeça para fora, viu Brunetti e Vianello e, sem dizer uma palavra, voltou a se enfiar na loja.

O nome "Vespa" estava escrito num pedaço de papel colado à direita de uma das campainhas. Brunetti preferiu tocar a de cima.

Um momento depois, ouviu uma voz de mulher no interfone. “*Si?*”

“*Posta, signora.* Carta registrada. A senhora precisa assinar o recibo.”

Quando a porta automática se abriu com um clique, ele se virou para Vianello. “Vou ver o que consigo descobrir. Fique aqui e não os deixe sair à rua.” Ao ver as três senhoras que agora os cercavam, cada qual com seu carrinho de compras, arrependeu-se ainda mais de ter trazido os policiais.

Abriu a porta e entrou no saguão, onde foi recebido pelo bate-estaca de um rock altíssimo que vinha de um dos andares superiores. Se as campainhas lá fora correspondessem à localização dos apartamentos, a srta. Vespa devia morar no primeiro andar, e a mulher que o deixara entrar, no segundo. Ele subiu a escada apressadamente e passou pela porta do apartamento de Vespa, de onde vinha a música.

No andar seguinte, à porta de um dos apartamentos, deu com uma moça que trazia um bebê equilibrado no quadril. Ao vê-lo, recuou, desconfiada. “Um momento, *signora*”, disse Brunetti, detendo-se na escada para não assustá-la. “Eu sou da polícia.”

O olhar da moça, passando por ele e descendo até o lugar de onde se espalhava a música, deu a entender que ela não estava surpresa com sua chegada. “É por causa dele, não é?”, perguntou ela, apontando o queixo na direção da pesada percussão que continuava fazendo o prédio vibrar.

“O namorado da *signorina* Vespa?”

“*Si.* Ele”, disse a moça, cuspidando as sílabas com um nojo que o levou a se perguntar o que mais Malfatti tinha feito desde que se mudara para lá.

“Há quanto tempo ele está aqui?”

“Não sei”, disse ela, recuando mais um passo no interior do apartamento. “A música está tocando desde cedo. Eu não posso descer para reclamar.”

“Por quê?”

A moça apertou o bebê com mais força, como que para lembrar o homem à sua frente que ela era mãe. “Da última vez que eu reclamei, ele me disse coisas terríveis.”

“E a senhora não pode falar com a *signorina* Vespa?”

Com um dar de ombros, a mulher denotou que era inútil conversar com a srta. Vespa.

“Ela não está lá com ele?”

“Eu não sei quem está com ele. Nem quero saber. Só quero que parem com essa música para que o meu filho possa dormir.” A essas palavras, o bebê, que dormia profundamente em seu colo, abriu os olhos, babou e voltou a pegar no sono.

Aquela música infernal deu uma idéia a Brunetti, a música e o fato de a mulher já ter se queixado a Malfatti.

“Entre, *signora*. Eu vou descer para falar com ele. É melhor a senhora ficar aí dentro. Vá para os fundos e não saia enquanto os meus homens não vierem avisá-la que está tudo bem.”

A moça assentiu com um gesto e entrou. Inclinando-se para a frente, Brunetti segurou na maçaneta e puxou a porta com toda força, batendo-a com um estrondo que reverberou na escadaria feito um disparo.

Voltando-se, pisou firme nos degraus e armou uma gritaria que chegou a encobrir momentaneamente o rock. “*Basta con quella musica*”, berrou com voz irritada: um homem que perdera a paciência. “Parem com esse barulho”, repetiu. Chegando ao primeiro andar, pôs-se a esmurrar a porta do apartamento da srta. Vespa, exigindo: “Abaixem essa droga de som. O meu filho quer dormir. Desliguem isso, senão eu chamo a polícia”. Depois de arrematar cada frase com uma pancada, desferiu um chute na porta.

Passou-se pelo menos um minuto completo antes que baixassem, subitamente, o volume, mas não tanto para que a música não continuasse a ser ouvida do lado de fora. Brunetti aumentou o tom de voz, agora gritando como se tivesse perdido totalmente o controle de si: “Desliguem essa droga. Desliguem, do contrário eu entro aí e desligo”.

Ouvindo passos que se aproximavam, ele se preparou. A porta se abriu bruscamente, e um sujeito corpulento ocupou quase todo o vão; trazia uma barra de ferro na mão. Brunetti teve apenas um

instante, mas foi o suficiente para reconhecer Malfatti pelas fotografias da polícia.

Empunhando a barra junto ao corpo, Malfatti avançou um passo. “Que diabo você pensa...”, começou a dizer, mas calou-se quando Brunetti arremeteu contra ele e o agarrou, uma mão em seu antebraço direito, a outra no peito de sua camisa. Girando o corpo, projetou o quadril e puxou-o com violência. Pego de surpresa, Malfatti foi jogado para a frente e perdeu o equilíbrio. Ficou um instante oscilando no alto da escada, tentando inutilmente deslocar o peso do corpo e recuar, mas acabou se desequilibrando de vez e rolando escada abaixo. Ao cair, largou a barra de ferro e procurou proteger a cabeça com os braços, transformando-se numa bola acrobática que foi saltando degrau por degrau.

Brunetti desceu correndo atrás dele, gritando o nome de Vianello o mais alto que podia. Na pressa, pisou na barra de ferro e escorregou para o lado, chocando-se contra a parede da escada. Quando ergueu novamente os olhos, viu o sargento empurrando a pesada porta da rua. Mas, nesse momento, Malfatti acabava de se levantar e estava bem atrás dela. Antes que Brunetti tivesse tempo de alertar o colega, Malfatti chutou a porta, fazendo com que ela batesse no rosto de Vianello, arrebatando-lhe a arma da mão e jogando-o no *calle* estreito. Malfatti abriu-a de novo e saiu à rua banhada de sol.

Brunetti se ergueu e desceu a escada correndo, sacando a pistola, mas quando chegou à rua, Malfatti tinha desaparecido. Vianello jazia perto da mureta do canal, o nariz sangrando muito, a camisa branca da farda já toda manchada. No momento em que Brunetti se agachou para socorrê-lo, os outros três policiais saíram precipitadamente da livraria com metralhadoras em punho, mas não acharam para quem apontá-las.

A pancada não chegou a quebrar o nariz de Vianello, mas deixou-o atordoado. Com a ajuda de Brunetti, ele se levantou e oscilou um momento, instável, esfregando o nariz e as mãos.

As pessoas se aglomeraram ao seu redor, velhas querendo saber o que tinha acontecido, vendedores de frutas já empenhados em contar o que viram aos fregueses recém-chegados. Brunetti se afastou e quase tropeçou num carrinho de supermercado repleto de verduras. Irritado, empurrou-o com o pé e se dirigiu aos dois homens que trabalhavam no barco mais próximo. Estavam ancorados bem em frente à porta do prédio e deviam ter presenciado tudo.

“Para onde ele foi?”

Ambos indicaram o *campo*, mas um deles apontou para a direita, na direção da ponte da Accademia, e o outro, para a esquerda, rumo à de Rialto.

Brunetti fez sinal para que um dos policiais o ajudasse a levar Vianello para o barco. Exasperado, este se livrou dos dois, garantindo que podia se locomover sem auxílio. No deque da lancha, Brunetti entrou em contato por rádio com a *questura*, dando uma descrição de Malfatti, mandando distribuírem cópias da fotografia dele a toda a polícia da cidade e transmitirem sua descrição a todos os patrulheiros.

Quando os policiais subiram a bordo, o piloto retornou na direção do Gran Canal, depois virou e tomou o caminho da *questura*. Vianello desceu à cabine e se sentou com a cabeça inclinada para

trás para conter a hemorragia. Brunetti o acompanhou. “Quer ir para o hospital?”

“É só um sangramento”, disse o sargento. “Já vai parar.” Cobriu o nariz com o lenço. “O que aconteceu afinal?”

“Eu bati na porta do apartamento dele, reclamando da música alta, e ele a abriu. Então eu o puxei para fora e o joguei escada abaixo.” Vianello se mostrou surpreso. “Foi a única coisa que me ocorreu fazer”, explicou Brunetti. “Mas tão cedo ele não se recupera do tombo.”

“E agora? O que o senhor acha que ele vai fazer?”

“Tentar entrar em contato com Ravello e Santomauro, creio eu.”

“O senhor pretende avisá-los?”

“Não”, Brunetti respondeu sem pestanejar. “Mas quero saber onde eles estão e o que vão fazer. Quero que fiquem de olho nos dois.” A lancha entrou no canal da *questura*, e Brunetti voltou a subir ao deque. Quando atracaram no pequeno cais, saltou a terra e ficou aguardando Vianello. Ao vê-los entrar, as sentinelas olharam com espanto para a camisa ensangüentada do sargento, mas não disseram nada. Quando os outros policiais desembarcaram, as sentinelas os cercaram em busca de explicações.

No segundo andar, Vianello foi para o banheiro, no fim do corredor, e Brunetti subiu para o escritório. Telefonou para o Banco de Verona e, dando um nome falso, pediu para falar com o sr. Ravello. Quando a pessoa que atendeu perguntou do que se tratava, ele explicou que era o orçamento de um computador novo solicitado pelo banqueiro. Foi informado de que Ravello não iria ao banco naquela manhã, mas devia estar em casa. Depois de obter o número da casa de Ravello, Brunetti ligou imediatamente, mas o telefone estava ocupado.

Ligou então para o escritório de Santomauro e, identificando-se com o mesmo nome falso, pediu para falar com o advogado. A secretária explicou que ele estava atendendo outro cliente e não podia ser interrompido. Brunetti prometeu telefonar mais tarde e desligou.

Discou novamente o número de Ravanello, mas continuava ocupado. Tirou a lista telefônica da última gaveta e procurou o nome do banqueiro para saber o seu endereço. Pela localização na lista, concluiu que devia ser nas imediações do Campo San Stefano, não longe do escritório de Santomauro. Pensou em como Malfatti iria para lá; a resposta mais óbvia era o *traghetto*, a gôndola pública que trafegava entre Ca' Rezzonico e o Campo de San Samuele, do outro lado do Gran Canal. Dali, eram poucos minutos até o Campo San Stefano.

Tentou mais uma vez, mas a linha ainda estava ocupada. Ligou para a telefonista e mandou-a verificar o número; em menos de um minuto, foi informado de que, embora a linha se encontrasse aberta, não estava em contato com nenhum outro número, o que significava aparelho com defeito ou fone fora do gancho. Antes mesmo de desligar, ele já estava visualizando a melhor maneira de chegar ao apartamento de Ravanello: de lancha. Desceu e foi para o escritório de Vianello. Este, já de camisa limpa, encarou-o ao vê-lo entrar.

“O telefone de Ravanello está fora do gancho.”

O sargento se levantou e foi para a porta antes que Brunetti dissesse qualquer outra coisa.

Juntos desceram ao térreo e saíram ao calor sufocante. O piloto estava lavando o deque da lancha, mas, ao vê-los saírem correndo da *questoria*, jogou a mangueira na calçada e, saltando a bordo, postou-se diante do leme.

“Campo San Stefano”, gritou Brunetti. “E ligue a sirene.”

Com a sirene espalhando suas duas notas estridentes, a embarcação se afastou do atracadouro e entrou de novo no *bacino*. Os barcos e *vaporetti* abriram caminho para a lancha em alta velocidade; em compensação, as elegantes gôndolas pretas não se importaram com ela; por lei, todas as embarcações tinham de dar preferência à vagarosa passagem da gôndola.

Nenhum dos dois falou. Descendo à cabine, Brunetti consultou o guia da cidade para localizar o endereço. Tinha razão: o apartamento ficava bem em frente à entrada da igreja que emprestava o nome ao *campo*.

Quando a lancha estava se aproximando da ponte da Accademia, ele foi ao deque e mandou o piloto desligar a sirene. Não tinha idéia do que ia encontrar em San Stefano, mas preferia chegar o mais discretamente possível. O piloto obedeceu e, entrando com a embarcação no Rio del Orso, parou no embarcadouro à esquerda. Brunetti e Vianello saltaram à margem e entraram apressadamente no campo aberto. Às mesas dos cafés, casais letárgicos saciavam a sede com drinques coloridos; todos os transeuntes pareciam levar nas costas o palpável fardo do calor.

Eles não tardaram a achar a porta, entre um restaurante e uma loja de papel veneziano estampado. A campainha de Ravello estava no alto, à direita das duas fileiras de nomes. Brunetti tocou a de baixo e, como ninguém atendesse, experimentou a que ficava abaixo desta. Quando uma voz perguntou quem era, ele declarou, “*Polizia*”, e a porta se abriu imediatamente com um estalo.

Os dois entraram no prédio e, lá de cima, uma voz estridente e queixosa gritou: “Como vocês conseguiram chegar tão depressa?”.

Brunetti começou a subir a escada, Vianello o seguiu de perto. No primeiro andar, uma mulher grisalha, um pouco mais alta do que o corrimão em que estava apoiada, gritou novamente: “Como vocês conseguiram chegar tão depressa?”.

Sem se dar ao trabalho de responder, Brunetti perguntou: “Qual é o problema, *signora*?”.

Afastando-se do corrimão, ela apontou para cima. “Lá. Eu ouvi o *signor* Ravello gritar e, depois, vi um homem descer correndo. Fiquei com medo de subir.”

Brunetti e Vianello se afastaram rapidamente, subindo os degraus de dois em dois, de pistola em punho. Lá em cima, o amplo corredor estava banhado da luz que saía pela porta escancarada do apartamento. Agachando-se, Brunetti passou para o outro lado da porta, mas esse movimento foi tão rápido que ele não chegou a ver nada lá dentro. Olhou para Vianello, que fez um gesto afirmativo. Juntos, os dois irromperam no apartamento, ambos de corpo curvado. Assim que passaram pela porta, cada um foi para um lado da sala, transformando-se em dois alvos separados.

Mas Ravello não ia atirar em ninguém: bastava vê-lo de relance para saber. Seu corpo estava estendido em uma cadeira baixa que havia tombado na luta que devia ter ocorrido naquela sala. Estava de lado, o rosto voltado para a porta, o olhar parado e ausente, eternamente apartado da curiosidade por aqueles homens que, sem ser convidados, entraram tão repentinamente em seu apartamento.

Brunetti não suspeitou um só instante que ele estivesse vivo; o peso marmóreo de seu corpo tornava isso impossível. Havia pouco sangue; essa foi a primeira coisa que notou. Ravello parecia ter sido esfaqueado duas vezes, pois apresentava duas grossas manchas vermelhas no paletó, e um pouco de sangue havia escorrido no chão, sob seu braço, mas não a ponto de sugerir que aquela hemorragia lhe tivesse tirado a vida.

“*Oh, Dio*”, Brunetti ouviu a velha murmurar às suas costas e, virando-se, deu com ela à porta, o punho cerrado diante da boca, os olhos fitos no cadáver. Com dois passos à direita, ele entrou no campo visual da mulher. Ela lhe endereçou um olhar feroz. Acaso estava zangada porque ele lhe encobria a visão do morto?

“Como ele era, *signora*?”

A velha se inclinou para a esquerda, mas não conseguiu ver o que queria.

“Como ele era, *signora*?”

Brunetti ouviu os passos de Vianello às suas costas, indo para outro cômodo; pouco depois, o ruído do telefone sendo discado e a voz baixa e calma do sargento comunicando à *questura* o que havia acontecido e solicitando o envio do pessoal necessário.

Ele avançou diretamente para a mulher, que, naturalmente, retrocedeu para o corredor. “A senhora pode me contar exatamente o que viu?”

“Um homem não muito alto desceu correndo. Estava de camisa branca. De mangas curtas.”

“A senhora o reconheceria se voltasse a vê-lo?”

“Sim.” Brunetti também o reconheceria.

Vianello saiu do apartamento, deixando a porta aberta. “Eles já vêm vindo.”

“Fique aqui”, disse Brunetti. E foi para a escada.

“Santomauro?”, perguntou o sargento.

Ele respondeu com um breve aceno e desceu correndo. Ao sair, virou à esquerda e se dirigiu, apressadamente, ao Campo San Angelo e, a seguir, ao Campo San Luca, onde ficava o escritório do advogado.

Abrir caminho na multidão do fim da manhã, todos contemplando apalermadamente as vitrines, ou parando para conversar, ou aproveitando o alívio efêmero da brisa que escapava de alguma loja com ar-condicionado, foi como subir um rio contra a correnteza. Entrando no estreito Calle della Mandorla, Brunetti avançou às pressas, usando os cotovelos e a voz, indiferente aos olhares raivosos e às observações sarcásticas que sua passagem suscitava.

No espaço aberto do Campo Manin, começou a correr, embora cada passo lhe cobrisse o corpo de suor. Contornando a margem, entrou no Campo San Luca, agora povoado de gente interessada em tomar um aperitivo antes do almoço.

A porta do prédio do escritório de Santomauro estava entreaberta; ele entrou e subiu a escada de dois em dois degraus. A do escritório estava fechada, por baixo dela, a luz do seu interior se escoava no corredor escuro. Já de arma em punho, Brunetti a abriu e, deslocando-se rapidamente para o lado, agachou-se com cautela, como fizera ao entrar no apartamento de Ravanello.

A secretária soltou um grito. Feito uma personagem de gibí, cobriu a boca com as duas mãos e, voltando a gritar, recuou tão bruscamente que caiu da cadeira.

Segundos depois, a porta da sala se abriu e Santomauro saiu correndo. Bastou-lhe um relance para abarcar tudo: a secretária de quatro, batendo os ombros no tampo da escrivaninha enquanto tentava, inutilmente, enfiar-se debaixo dela, e Brunetti se levantando e guardando a pistola.

“Tudo bem, Louisa”, disse o advogado, aproximando-se da secretária e ajoelhando-se ao seu lado. “Tudo bem, não é nada.”

Incapaz de falar, pensar ou compreender, a moça deixou escapar um soluço, virou-se e estendeu as mãos para o patrão. Este a abraçou, e ela comprimiu o rosto em seu peito. Ainda chorando,

tentou tomar fôlego. Dando-lhe palmadinhas nas costas, Santomauro lhe disse palavras meigas. Pouco a pouco, a secretária se acalmou e, logo depois, afastou-se dele. “*Scusi, avvocato*”, disse com tanta formalidade, com tanta reverência, que a calma se restabeleceu integralmente na sala.

Agora calado, Santomauro ajudou-a a se levantar e a conduziu a uma porta no fundo do escritório. Quando a secretária desapareceu no outro cômodo, ele se voltou para Brunetti. “Muito bem?”, disse com voz serena, mas não menos letal por causa disso.

“Ravanello foi assassinado. E eu acho que o senhor é o próximo. Por isso vim tentar impedir que aconteça.”

Caso estivesse surpreso com a notícia, Santomauro não o demonstrou. “Por quê?”, perguntou. Como não obtivesse resposta, repetiu: “Por que eu havia de ser o próximo?”

Brunetti continuou calado.

“Eu fiz uma pergunta, *commissario*. Por que eu havia de ser o próximo? Aliás, por que eu havia de estar em perigo?” Diante do prolongado silêncio de Brunetti, Santomauro prosseguiu. “O senhor acha que eu tenho algum envolvimento com isso tudo? É por isso que resolveu bancar o caubói e assustar a minha secretária?”

“Eu tinha motivos para acreditar que ele viria para cá.”

“Quem?”, indagou o advogado.

“Isso eu não estou autorizado a lhe contar.”

Santomauro se curvou para pegar a cadeira da secretária. Ergueu-a e a colocou no lugar, atrás da escrivaninha. Olhando novamente para Brunetti, disse: “Saia. Saia já daqui. Eu vou apresentar uma queixa formal ao ministro do Interior. E vou mandar uma cópia para o seu superior. Não admito ser tratado como delinqüente e não admito que aterrorizem a minha secretária com técnicas da Gestapo”.

Brunetti já tinha visto muito ódio na vida e na carreira para saber que o homem não estava blefando. Sem dizer nada, saiu do escritório e desceu ao Campo San Luca. As pessoas passavam apressadas para ir almoçar em casa.

Para Brunetti, a decisão de voltar à *questura* foi um exercício da força de vontade contra os desejos da carne. Estava muito mais perto de casa do que da *questura*, e só queria tomar um banho, descansar e pensar em qualquer outra coisa que não as inescapáveis conseqüências do que acabava de acontecer. Sem ser chamado, ele invadira o escritório de um dos homens mais poderosos da cidade, aterrorizara a secretária dele e deixara claro, com a explicação que deu para seu comportamento, que tinha certeza do envolvimento ilícito de Santomauro com Malfatti e da manipulação das contas da Lega. Toda a boa vontade que havia despertado em Patta nas semanas anteriores, conquanto espuriamente, não significaria nada diante do protesto de um homem da importância do advogado.

E agora, com a morte de Ravanello, esfumava-se de vez a esperança de indiciar Santomauro, pois a única pessoa capaz de comprometê-lo era Malfatti; sua culpa pelo assassinato de Ravanello invalidaria qualquer acusação que ele fizesse contra Santomauro. Tratava-se de escolher entre a palavra de um delinqüente e a do ilustre advogado; não era preciso ser gênio nem adivinho para saber qual das duas triunfaria.

Ao chegar, Brunetti encontrou um grande tumulto na *questura*. No saguão, três policiais falavam sem parar em meio à multidão que abandonara a comprida fila do Ufficio Stranieri para se aglomerar ao redor deles, rumorejando nas mais diversas línguas. “Eles o trouxeram para cá, senhor”, disse um dos guardas ao vê-lo.

“Quem?”, perguntou Brunetti sem alimentar a menor esperança.

“Malfatti.”

“Como o pegaram?”

“Foram os homens que estavam vigiando a casa da mãe dele. Malfatti apareceu há meia hora e foi preso antes que ela tivesse tempo de abrir a porta.”

“Houve algum problema?”

“Um dos homens que estava lá disse que ele chegou a tentar fugir, mas, vendo que eram quatro, achou melhor se entregar.”

“Quatro?”

“Sim, senhor. Vianello ligou e nos mandou enviar reforço. Eles estavam chegando quando Malfatti apareceu. Nem tiveram tempo de entrar, assim que chegaram deram com ele à porta.”

“Onde ele está?”

“Vianello o trancou numa cela.”

“Vou dar uma olhada.”

Quando Brunetti entrou na cela, Malfatti reconheceu imediatamente o homem que o tinha jogado escada abaixo, mas cumprimentou-o sem muita hostilidade.

Brunetti pegou a cadeira junto à parede e se sentou diante do catre em que o preso estava deitado, as costas apoiadas na parede. Era baixo, atarracado, tinha cabelo castanho muito denso e traços tão regulares que qualquer um os esqueceria imediatamente. Parecia um contador, não um assassino.

“E então?”

“Então o quê?”, Malfatti falou com voz absolutamente tranqüila.

“Você quer o caminho mais fácil ou o mais difícil?”, perguntou Brunetti sem se alterar, como faziam os policiais da televisão.

“Qual é o caminho mais difícil?”

“Você dizer que não sabe de nada.”

“Sobre o quê?”

Brunetti comprimiu os lábios, olhou para a janela, voltou a encarar o preso.

“Qual é o caminho mais fácil?”, quis saber Malfatti depois de algum tempo.

“Contar tudo o que aconteceu.” Antes que o outro dissesse uma palavra, ele explicou: “Não estou me referindo aos aluguéis, isso não tem mais importância agora e, cedo ou tarde, vai acabar sendo esclarecido. Sobre os homicídios. Todos eles. Os quatro”.

Malfatti se moveu ligeiramente no colchão, dando a impressão de que ia contestar aquele número, mas não o fez.

“Ele é um homem respeitado”, prosseguiu Brunetti, sem dizer de quem estava falando. “Vai ser a palavra dele contra a sua, a não ser que você tenha provas de que ele está vinculado a você e aos assassinatos.” Calou-se um instante, mas o outro não disse nada. “Você tem muitos antecedentes criminais. Tentativa de homicídio e agora homicídio.” Antes que o preso dissesse uma palavra, ele continuou em tom muito prosaico. “Não é difícil provar que você matou Ravello.” Ante o olhar surpreso de Malfatti, Brunetti explicou: “A velha viu você”. O homem desviou o olhar.

“E os juízes detestam gente que mata policiais, principalmente policiais femininas. Dessa forma, eu não vejo alternativa senão a reclusão. Com certeza, os juízes vão pedir a minha opinião”, disse, fazendo uma pausa para prender a atenção do bandido. “E, quando a pedirem, eu vou propor Porto Azzurro.”

Todos os criminosos conheciam o nome daquela prisão, a pior da Itália, da qual ninguém tinha conseguido fugir; por caejado que fosse, Malfatti foi incapaz de dissimular o choque. Brunetti esperou um instante, mas, como ele continuasse calado, acrescentou: “Dizem que lá ninguém sabe o que é maior, os gatos ou os ratos”. Silêncio outra vez.

“E se eu der o serviço?”

“Aí eu peço para os juízes levarem isso em consideração.”

“Só?”

“Só.” Brunetti também detestava gente que matava policiais.

Malfatti não tardou a decidir. “*Va bene*”, disse, “mas eu quero que fique registrado que eu confessei. Quero que escrevam que, assim que vocês me prenderam, eu me dispus a contar tudo.”

Brunetti se levantou. “Vou chamar o secretário”, disse, aproximando-se da porta. Fez sinal para um rapaz que estava

sentado a uma escrivaninha no fundo do corredor; pouco depois, este entrou com um gravador e um bloco.

Quando tudo ficou pronto, Brunetti pediu: "Por favor, dê seu nome, sua data de nascimento e seu endereço atual".

"Malfatti, Pietro. Vinte e oito de setembro de 1962. Castello, 2316."

O depoimento durou uma hora. Em nenhuma ocasião a voz do preso manifestou mais emoção do que ao responder a essa primeira pergunta, muito embora seu relato fosse cada vez mais assustador.

A idéia podia ter sido de Ravello ou de Santomauro, Malfatti não teve a curiosidade de perguntar. Haviam chegado ao nome dele por intermédio dos rapazes da Via Cappuccina, e entraram em contato para lhe propor que cobrasse os aluguéis para eles, uma vez por mês, em troca de uma porcentagem do lucro. Malfatti não hesitou em aceitar a oferta, só teve dúvidas quanto à porcentagem a receber. Estabeleceram doze por cento, embora lhe tivesse custado mais de uma hora de barganha para chegar a esse valor.

Para aumentar os ganhos, Malfatti propôs que uma parte da renda legítima da Lega fosse paga em cheques a pessoas indicadas por ele. Brunetti interrompeu o orgulho grotesco que ele demonstrava pelo esquema, perguntando-lhe: "Quando foi que Mascari descobriu tudo?"

"Há uns vinte dias. Ele procurou Ravello para dizer que havia uma irregularidade nas contas. Não sabia que Ravello estava envolvido, pensou que fosse coisa de Santomauro. Idiota", rosnou Malfatti com desprezo. "Se ele quisesse, podia ter arrancado um terço deles, seria fácil." Olhou para os dois, como que esperando que eles participassem da sua aversão.

"E depois?", indagou Brunetti, guardando para si sua própria aversão.

"Santomauro e Ravello foram à minha casa mais ou menos uma semana antes que acontecesse. Queriam que eu me livrasse de Mascari, mas, como eu sabia muito bem com quem estava lidando, disse que só o faria se eles ajudassem. Eu não sou bobo." Uma vez mais, olhou para os dois em busca de aprovação. "Vocês

sabem como essa gente é. Você faz um serviço desse tipo e nunca mais se livra deles. O único jeito é obrigá-los a também sujarem as mãos.”

“Você lhes disse isso?”

“De certo modo, sim. Disse que fazia o serviço, mas que eles tinham de me ajudar a prepará-lo.”

“Ajudar como?”

“Os dois mandaram Crespo telefonar para Mascari e dizer que tinha ouvido falar que ele estava atrás de informações sobre os apartamentos alugados pela Lega e que morava num deles. Mascari tinha a lista, de modo que podia verificar. Quando ele contou que ia viajar à Sicília naquela noite — nós sabíamos disso —, Crespo disse que tinha outra informação para dar e o convidou a passar por lá quando estivesse indo para o aeroporto.”

“E?”

“Mascari topou.”

“Crespo estava lá?”

“Oh, não”, disse Malfatti com ar de desprezo. “Aquela bicha era muito delicada. Não quis se meter. Tirou o time de campo — com certeza foi girar a bolsinha mais cedo. E nós ficamos esperando Mascari. Ele chegou lá pelas sete.”

“O que aconteceu?”

“Eu o fiz entrar. Ele pensou que eu fosse Crespo, não tinha por que não pensar. Eu o mandei sentar e lhe ofereci uma bebida, mas ele disse que ia pegar o avião e estava com pressa. Voltei a lhe oferecer um trago, e, quando ele recusou, eu disse que queria beber e fui até a mesa atrás dele, onde estavam as garrafas. Então fiz o serviço.”

“Fez o quê?”

“Dei uma pancada nele.”

“Com o quê?”

“Com uma barra de ferro. A que estava comigo hoje. É muito boa.”

“Quantas vezes você bateu nele?”

“Só uma. Não queria emporcalhar a mobília de Crespo com o sangue. E também não queria matá-lo. Queria que eles se

encarregassem disso.”

“E eles?”

“Não sei. Quer dizer, não sei qual dos dois terminou o trabalho. Eles estavam no quarto. Eu os chamei para me ajudarem a levar Mascari até o banheiro. Ainda estava vivo; eu o ouvi gemer.”

“Por que ao banheiro?”

A julgar pelo seu olhar, Malfatti estava começando a desconfiar que tinha superestimado a inteligência daquele comissário. “Por causa do sangue.” Fez-se uma prolongada pausa e, como Brunetti não dissesse nada, ele prosseguiu: “Nós o pusemos no chão e então eu fui buscar a barra de ferro. Santomauro não parava de dizer que a gente precisava destruir a cara dele — nós planejamos tudo, aquilo ia ser uma espécie de quebra-cabeça, Mascari tinha de ficar irreconhecível para que eles tivessem tempo de alterar as contas no banco. Enfim, como Santomauro não parava de dizer que era preciso deformar a cara do sujeito, eu lhe entreguei a barra de ferro e mandei ele mesmo se encarregar disso. Então fui para a sala fumar um cigarro. Quando voltei, já tinham terminado”.

“Mascari estava morto?”

Malfatti deu de ombros.

“Ravanello e Santomauro o mataram?”

“Eu já tinha feito a minha parte.”

“E daí?”

“Daí nós o despimos e raspamos as pernas dele. Rapaz, deu um trabalhão.”

“É, eu imagino”, murmurou Brunetti. “E depois?”

“Nós o maquiámos.” Malfatti se calou um instante para pensar. “Não, está errado. Os dois o maquiaram antes de deformar a cara dele. Achavam que seria mais fácil. Depois nós o vestimos de novo e o levamos para fora, como se fosse um bêbado. Mas não houve problema; ninguém viu. Ravanello e eu o enfiámos no carro de Santomauro e o levamos até o terreno baldio. Eu sabia o que rolava por lá e achei que era um bom lugar para desová-lo.”

“E a roupa? Onde foi que vocês a trocaram?”

“Quando nós chegamos a Marghera. Tiramos o cara do banco traseiro e o despimos. Depois pusemos aquela roupa, o vestido

vermelho e tudo, e eu o levei para o outro lado do terreno e o joguei no chão, escondido no mato para que demorassem a encontrá-lo.” Malfatti se calou um instante, forçando a memória. “Um sapato caiu, e Ravello o enfiou no meu bolso. Eu o joguei ao lado do corpo. Acho que foi idéia de Ravello, a dos sapatos.”

“O que vocês fizeram com a roupa dele?”

“Quando estávamos voltando para o apartamento de Crespo, eu parei e joguei tudo numa lata de lixo. Isso foi tranqüilo, não havia sangue nenhum. Nós tomamos muito cuidado. Enfiamos a cabeça dele num saco plástico.”

O jovem policial tossiu, mas virou a cabeça para que o ruído não ficasse gravado.

“E depois?”, perguntou Brunetti.

“A gente voltou para o apartamento. Santomauro já o tinha limpado. Foi a última vez que eu os vi até a noite em que o senhor apareceu lá em Mestre.”

“De quem foi a idéia?”

“Minha não foi. Ravello me telefonou explicando. Deve ter pensado que a investigação ia parar se a gente conseguisse se livrar do senhor.” Malfatti suspirou. “Eu tentei explicar que isso não é assim, que matar o senhor não faria diferença nenhuma, mas ele não quis me ouvir. Insistiu para que eu os ajudasse.”

“E você concordou?”

O bandido fez que sim.

“Responda, Malfatti”, disse Brunetti com frieza, “para que fique gravado.”

“Sim, senhor, eu concordei.”

“Por que mudou de idéia e concordou?”

“Eles pagavam bem.”

Como o jovem policial estava presente, Brunetti preferiu não perguntar quanto valia a vida dele. Isso seria revelado com o tempo.

“Era você que estava dirigindo o carro que tentou nos jogar fora da estrada?”

“Era.” Malfatti ficou um bom tempo calado, depois acrescentou: “O senhor sabe, acho que eu não teria feito isso se soubesse que

havia uma mulher no carro com vocês. Matar mulher dá azar. Ela foi a primeira que eu matei". Pensou um pouco e ergueu os olhos. "E está vendo como deu azar?"

"Provavelmente mais para a mulher do que para você, Malfatti", observou Brunetti, mas antes que o outro respondesse, perguntou: "E Crespo? Você o matou?"

"Não, eu não tive nada a ver com isso. Estava no carro com Ravanello. Deixamos Santomauro com Crespo. Quando nós voltamos, já tinha acontecido."

"O que Santomauro disse?"

"Nada. Sobre isso, nada. Só contou que tinha acontecido e, então, mandou eu sumir, sair de Veneza se possível. Era o que eu ia fazer, mas agora parece que vai ser difícil."

"E Ravanello?"

"Eu estive lá hoje de manhã, depois que o senhor apareceu lá em casa." Malfatti se calou, e Brunetti se perguntou que mentira ele estava preparando.

"O que aconteceu?"

"Eu contei que a polícia estava me procurando. Disse que precisava de dinheiro para sair da cidade e me esconder. Mas ele se apavorou. Começou a gritar que eu tinha estragado tudo. E ainda puxou uma faca."

Brunetti tinha visto a faca. Era difícil imaginar um banqueiro com uma sevilhana no bolso, mas preferiu não dizer nada.

"Ele avançou com a faca na mão. Estava completamente louco. Nós lutamos, e eu acho que ele caiu em cima dela." Sim, observou Brunetti consigo. Caiu duas vezes. Com o peito em cima dela.

"E aí?"

"Aí eu fui para a casa da minha mãe. Foi onde vocês me encontraram." Malfatti parou de falar, e a única coisa que se ouviu na sala foi o leve ronronar do gravador.

"E o dinheiro?"

"O quê?", surpreendeu-se o delinqüente com a súbita mudança de assunto.

"O dinheiro. A renda dos aluguéis."

“O meu eu gastava. Gastava-o todo mês. Mas era mixaria em comparação com o que eles ganhavam.”

“Quanto você ganhava?”

“Entre nove e dez milhões.”

“Sabe o que eles faziam com a parte deles?”

Malfatti ficou algum tempo calado, como se nunca tivesse lhe ocorrido fazer essa pergunta. “Acho que Santomauro gastava quase toda a parte dele com os garotos. Ravanello, eu não sei. Parecia ser um desses caras que investem a grana.” Seu tom de voz transformou a idéia numa obscenidade.

“Você tem mais alguma coisa a dizer sobre isso ou sobre o seu envolvimento com esses homens?”

“Só que a idéia de matar Mascari foi deles, não minha. Eu ajudei, mas a idéia foi deles. Eu não tinha muito a perder se descobrissem o esquema dos aluguéis, por isso não tinha motivo para matá-lo.” Era evidente que, se achasse que tinha algo a perder, Malfatti não hesitaria em matar o banqueiro, mas Brunetti não disse nada. “É isso.”

Brunetti levantou-se e fez sinal para que o policial o acompanhasse. “Eu vou mandar datilografar isto para você assinar.”

“Não precisa ter pressa”, riu-se o bandido. “Eu vou ficar por aqui mesmo.”

Uma hora depois, Brunetti levou três cópias datilografadas do depoimento à cela de Malfatti, que as assinou sem se dar ao trabalho de lê-las. “Você não quer saber o que está assinando?”, perguntou ele.

“Tanto faz”, respondeu o preso, ainda estendido no catre. Apontou para os papéis com a caneta que lhe haviam dado. “Ninguém vai acreditar nisso mesmo.”

Brunetti preferiu ficar calado: a mesma idéia tinha lhe passado pela cabeça.

“E agora?”, quis saber Malfatti.

“Vai haver uma audiência nos próximos dias, e o juiz decidirá se lhe dará uma chance de pagar fiança.”

“Vai pedir sua opinião?”

“Provavelmente.”

“E?”

“Eu vou ser contra.”

O delinqüente acariciou o corpo da caneta e, a seguir, virando-a, devolveu-a a Brunetti.

“Vão avisar a minha mãe?”, perguntou.

“Eu peço que telefonem para ela.”

Malfatti respondeu com um dar de ombros, acomodou-se no travesseiro e fechou os olhos.

Brunetti saiu da cela e subiu para o minúsculo escritório da srta. Elettra, que naquele dia estava trajando um tom de vermelho que raramente se via fora dos limites do Vaticano, um encarnado que

Ihe pareceu berrante e em desarmonia com seu estado de espírito. A moça sorriu, e seu estado de espírito melhorou um pouco.

“Ele está aí?”

“Faz mais ou menos uma hora que chegou”, respondeu a secretária, “mas está telefonando e disse que não quer ser interrompido.”

Brunetti achou melhor assim, não queria estar presente quando Patta lesse a confissão de Malfatti. Deixando uma cópia na escrivaninha da srta. Elettra, pediu: “A senhora lhe entrega isto assim que ele terminar o telefonema?”

“Malfatti?”, perguntou a moça, examinando o papel com notória curiosidade.

“É.”

“Onde o senhor vai estar?”

Ao ouvir a pergunta, Brunetti se deu conta de que estava totalmente perdido, e que não tinha idéia da hora. Consultando o relógio, viu que eram cinco, mas isso nada significava para ele. Não estava com fome, só com sede e terrivelmente cansado. Começou a pensar em como Patta reagiria; coisa que intensificou sua sede.

“Vou beber alguma coisa e, depois, estarei no meu escritório.”

Deu meia-volta e saiu; pouco lhe importava que a srta. Elettra lesse ou não a confissão, aliás, nada lhe importava a não ser a sede e o calor e a textura ligeiramente áspera de sua pele, onde o sal se depositara o dia todo. Levou o dorso da mão à boca e o lambeu, quase saboreando o gosto amargo.

Uma hora depois, foi ao gabinete do *vice-questore*, atendendo a seu chamado, e lá encontrou o velho Patta de sempre: parecia cinco anos mais moço e cinco quilos mais gordo.

“Sente-se, *commissario*.” Ele pegou as seis páginas da confissão e, batendo-as no tampo da escrivaninha, alinhou-as perfeitamente. “Acabo de ler isto.” Fitou-o e deitou as folhas na mesa. “Eu acredito nele.”

Brunetti se esforçou para não demonstrar a menor emoção. A mulher de Patta tinha envolvimento com a Lega. Santomauro era uma figura com certa importância política na cidade em que Patta

aspirava a subir ao poder. Ele percebeu que a justiça e a lei não iam ter o menor papel na conversa que se anunciava. E não disse nada.

“Mas duvido que alguém mais acredite”, acrescentou o *vice-questore*, começando a conduzir seu comissário à iluminação. Mas, vendo que este ia permanecer calado, prosseguiu: “Recebi alguns telefonemas hoje”.

Seria burrice perguntar se um deles era de Santomauro, por isso Brunetti não perguntou nada.

“Não só o *avvocato* Santomauro me telefonou como eu também tive longas conversas com dois membros do conselho municipal, ambos amigos e aliados políticos do *avvocato*.” Patta se encostou na cadeira e cruzou as pernas. Brunetti viu o bico reluzente de um sapato e uma nesga de meia azul muito fina. Encarou o *vice-questore*. “Como eu disse, ninguém vai acreditar nesse homem.”

“Mesmo que ele esteja dizendo a verdade?”

“Principalmente se ele estiver dizendo a verdade. Ninguém nesta cidade acredita que Santomauro seja capaz de fazer o que esse sujeito o acusa de ter feito.”

“Para o senhor, *vice-questore*, parece que não foi difícil acreditar.”

“Eu não posso ser considerado uma testemunha imparcial quando se trata do *signor* Santomauro”, disse Patta, expondo, com a mesma naturalidade com que pusera os papéis na escrivania, o primeiro fragmento de autoconhecimento que ele já havia demonstrado na vida.

“O que Santomauro lhe disse?”, perguntou Brunetti, embora já o imaginasse.

“Eu tenho certeza de que você sabe”, respondeu Patta, surpreendendo-o novamente. “Que Malfatti está simplesmente tentando dividir a culpa e minimizar sua responsabilidade. Que um exame atento da papelada do banco certamente vai mostrar que foi tudo obra de Ravanello. Que não há o menor indício de que ele, Santomauro, esteja envolvido com os aluguéis dobrados ou com a morte de Mascari.”

“Ele chegou a falar nas outras mortes?”

“De Crespo?”

“Sim. E na de Maria Nardi.”

“Não, nenhuma palavra. E não há nada que o vincule à de Ravello.”

“Uma mulher viu Malfatti descer correndo a escada do prédio de Ravello.”

“Entendo”, disse Patta, descruzando as pernas e debruçando-se na escrivaninha. Pousou a mão direita na confissão de Malfatti. “É inútil”, disse enfim, exatamente como Brunetti sabia que ia dizer. “Ele pode tentar usar isso no julgamento, mas duvido que um juiz acredite. Mais vale ele se apresentar como um instrumento inocente de Ravello.” Sim, era bem possível. Não existia um juiz capaz de ver Malfatti como a pessoa por trás de tudo aquilo. E era impossível imaginar um juiz que acreditasse na participação de Santomauro no esquema.

“Quer dizer que o senhor não vai tomar nenhuma atitude?”, perguntou Brunetti, apontando com o queixo para os papéis na mesa.

“Não, a não ser que você tenha uma idéia do que fazer”, respondeu o *vice-questore*, e Brunetti tentou em vão detectar sarcasmo em sua voz.

“Não, eu não tenho.”

“Ele é intocável”, prosseguiu Patta. “Eu o conheço. É cuidadoso demais para ter sido visto uma única vez com as pessoas envolvidas.”

“Nem mesmo com os garotos da Via Cappuccina?”

O *vice-questore* comprimiu os lábios com repulsa. “Seu envolvimento com essa gente é inteiramente circunstancial. Nenhum juiz vai dar atenção a uma prova referente a isso. Por mais detestável que seja seu comportamento, é sua vida particular.”

Brunetti começou a avaliar as possibilidades: se fosse possível encontrar um bom número de michês, dos que alugavam apartamentos da Lega, dispostos a declarar que Santomauro havia solicitado os seus serviços; se fosse possível localizar o homem que estava no apartamento de Crespo no dia da sua primeira visita; se fosse possível provar que Santomauro havia entrevistado algum dos inquilinos que pagavam o aluguel duas vezes.

Patta interrompeu esses devaneios. “Não há provas, *commissario*. Tudo se apóia na palavra desse homicida confesso.” Tamborilou nos papéis. “Ele fala nesses crimes como quem conta que foi comprar um maço de cigarros. Ninguém vai acreditar na sua acusação contra Santomauro, ninguém.”

Brunetti se sentiu repentinamente vencido pela exaustão. Seus olhos ficaram turvos, e ele teve dificuldade para mantê-los abertos. Levando a mão ao olho direito, fez como se estivesse tirando um cisco, fechou ambos por alguns segundos e então os esfregou. Quando os abriu novamente, viu que Patta o estava olhando de forma estranha. “Acho melhor você ir para casa, *commissario*. Não há mais nada a fazer.”

Brunetti se levantou, despediu-se com um movimento da cabeça e saiu. Foi diretamente para casa, sem passar pelo seu escritório. Chegando ao apartamento, tirou o plugue do telefone da parede, tomou um prolongado banho de chuveiro quente, comeu um quilo de pêssegos e se meteu na cama.

Brunetti dormiu doze horas seguidas, um sono profundo e sem sonhos que o deixou descansado e alerta ao despertar. Os lençóis estavam úmidos, embora ele não tivesse sentido o suor durante a noite. Na cozinha, quando estava colocando o pó na cafeteira, notou que os três pêsegos que ficaram na fruteira, na noite anterior, estavam cobertos de uma leve camada de bolor esverdeado. Jogou-os no lixo, debaixo da pia, lavou as mãos e pôs a cafeteira no fogo.

Toda vez que se surpreendia pensando em Santomauro ou na confissão de Malfatti, tratava de afastar a idéia e de imaginar o fim de semana que se aproximava, jurando encontrar Paola nas montanhas. Estranhou que ela não tivesse telefonado na noite anterior, lembrança que lhe provocou uma ponta de autocomiseração: ele a derreter naquele calor fétido enquanto ela exultava nas montanhas como a pateta da *Noviça rebelde*. Mas então lembrou que havia desligado o telefone e ficou com vergonha. Tinha saudade dela. Saudade de todos eles. Ia para lá assim que pudesse.

De espírito aliviado com essa decisão, foi para a *questura*, onde passou um bom tempo lendo os jornais. Todos os relatos da prisão de Malfatti mencionavam o *vice-questore* Giuseppe Patta como a principal fonte de informação, o *vice-questore* que “comandou a captura do meliante” e “obteve sua confissão”. Os jornais atribuíam a culpa do escândalo do Banco de Verona ao seu último diretor, Ravanello, deixando claro para os leitores que ele era o responsável

pelo assassinato do seu predecessor, mas acabou sendo vítima do maldoso cúmplice Malfatti. Santomauro só era citado no *Corriere della Sera*, manifestando grande indignação e tristeza em face do abuso de que foram objeto a egrégia finalidade e os elevados princípios da organização que ele tinha a honra de servir.

Brunetti telefonou para Paola e, mesmo sabendo que a resposta seria negativa, perguntou-lhe se tinha lido o jornal. Quando ela quis saber do que se tratava, limitou-se a dizer que o caso estava encerrado e que ele lhe contaria tudo quando chegasse. Como era de se esperar, Paola pediu mais detalhes, mas Brunetti disse que isso podia esperar. Quando ela então mudou de assunto, ele sentiu raiva da falta de perseverança da mulher; afinal, aquele caso quase tinha lhe custado a vida!

Passou o resto da manhã preparando uma declaração de cinco páginas, na qual reiterava a convicção de que Malfatti dizia a verdade em sua confissão; prosseguiu apresentando o relato exaustivamente minucioso e densamente fundamentado de tudo quanto havia acontecido desde o dia em que encontraram o corpo de Mascari até o momento da prisão de Malfatti. Depois do almoço, releu-o duas vezes e foi obrigado a reconhecer que tudo se apoiava unicamente em suas suspeitas: não havia um grão de prova material ligando Santomauro a um dos crimes, tampouco era provável que alguém acreditasse que um homem como ele, que contemplava o mundo das empíreas alturas morais da Lega, estivesse envolvido com coisas sórdidas como a ambição, a luxúria ou a violência. Mesmo assim, datilografou tudo na máquina Olivetti na mesinha do canto do escritório. Examinando as páginas concluídas, as retificações feitas com corretor branco, indagou-se se não convinha solicitar um computador. E assim ficou, imaginando onde instalá-lo, pensando se podia obter uma impressora só sua ou se tudo quanto digitasse teria de ser impresso lá embaixo, no escritório das secretárias, idéia que não lhe agradava.

Ainda estava às voltas com essas cogitações quando Vianello bateu na porta e entrou, acompanhado de um homem baixo, muito bronzeado, com um amarrotado terno de algodão. “*Commissario*”, disse o sargento no tom formal que costumava adotar quando se

dirigia a ele na presença de gente de fora. “Quero lhe apresentar Luciano Gravi.”

Brunetti se aproximou do recém-chegado e lhe apertou a mão. “Prazer em conhecê-lo, *signor* Gravi. Em que posso servi-lo?” Conduziu-o à escrivaninha e lhe ofereceu uma cadeira. Gravi olhou à sua volta e se sentou. Vianello se instalou ao seu lado, aguardou um momento e, como Gravi não dissesse nada, começou a explicar.

“*Commissario*, o *signor* Gravi é o proprietário da sapataria de Chioggia.”

Brunetti olhou para o homem com mais interesse. Uma sapataria.

Vianello se voltou para o visitante e, com um gesto, instou-o a falar. “Eu acabo de voltar das férias”, disse-lhe Gravi, mas, vendo o sargento virar o rosto para Brunetti, dirigiu-se a ele. “Passei quinze dias na Puglia. Não tem sentido manter a loja aberta no Ferragosto. Ninguém sai de casa para comprar sapatos. Faz muito calor. Por isso, todo ano nós fechamos durante três semanas, e minha mulher e eu viajamos.”

“E o senhor acaba de voltar?”

“Bom, eu voltei há dois dias, mas só ontem fui à loja. E encontrei o cartão-postal.”

“Que cartão-postal, *signor* Gravi?”, perguntou Brunetti.

“Da moça que trabalha na minha loja. Ela está de férias na Noruega, com o noivo. Parece que ele trabalha com o senhor, Giorgio Miotti.” Brunetti confirmou com um gesto; conhecia Miotti. “Pois é, eles estão na Noruega, e ela me escreveu contando que a polícia andava querendo saber de um par de sapatos vermelhos.” Voltou-se para Vianello. “Não sei por que eles acham isso, mas ela escreveu no rodapé do cartão que, segundo Giorgio, vocês estavam à procura da pessoa que comprou um par de sapatos femininos de cetim vermelho, tamanho grande.”

Brunetti percebeu que estava prendendo a respiração e se esforçou para relaxar e esvaziar os pulmões. “E foi o senhor que vendeu esses sapatos, *signor* Gravi?”

“Fui. Eu vendi um par assim há mais ou menos um mês. A um homem.” Ele se calou, aguardando que os policiais comentassem como era esquisito um homem comprar semelhantes calçados.

“A um homem?”, repetiu Brunetti com indulgência.

“Sim, disse que os queria para o carnaval. Mas o carnaval é só no ano que vem. Eu achei estranho na ocasião, mas queria vender os sapatos porque o cetim tinha se soltado do salto de um deles. Do esquerdo, acho. Enfim, estavam em oferta e o sujeito os comprou. De cento e vinte mil liras por cinqüenta e nove mil. Um bom desconto.”

Brunetti se dirigiu a Vianello: “Sargento, você faz o favor de ir buscar os sapatos no laboratório para mim? Quero que o *signor* Gravi dê uma olhada neles”.

Vianello fez que sim e saiu. Na sua ausência, Gravi falou nas férias que acabava de tirar, na limpidez da água do extremo sul do Adriático. Brunetti o ouviu, sorrindo quando lhe parecia necessário, evitando pedir-lhe que descrevesse o homem que havia comprado os sapatos antes que Gravi os tivesse identificado.

Minutos depois, Vianello voltou com os calçados num saco plástico. Entregou-o a Gravi, que não tentou abri-lo. Virou os sapatos dentro do saco e examinou as solas. Aproximou-os dos olhos, sorriu e os entregou a Brunetti. “Está vendo? Aqui embaixo. É o preço já com desconto. Eu o escrevi a lápis para que quem os comprasse pudesse apagá-lo se quisesse. Mas ainda está bem visível, olhe.” Apontou para uma leve marca de grafite na sola.

Enfim Brunetti pôde fazer a pergunta. “O senhor pode descrever o homem que os comprou, *signor* Gravi?”

O comerciante calou-se um momento e então perguntou com todo respeito: “*Commissario*, o senhor pode me contar por que está tão interessado nesse homem?”.

“Nós acreditamos que ele pode nos fornecer informações importantes para uma investigação em andamento”, respondeu Brunetti sem lhe contar nada.

“Sim, eu entendo”, disse Gravi. Como todo italiano, estava acostumado a não compreender o que lhe diziam as autoridades. “Mais moço que o senhor, eu diria, mas não muito. Cabelo escuro. Sem bigode.” Talvez suas próprias palavras o tenham feito perceber que sua descrição era extremamente vaga. “Eu diria que ele era uma pessoa comum, um sujeito de terno. Nem alto nem baixo.”

“O senhor está disposto a examinar algumas fotografias, *signor* Gravi?”, propôs Brunetti. “Talvez isso o ajude a reconhecê-lo.”

O homem abriu um largo sorriso por achar aquilo muito parecido com a televisão. “Claro que sim.”

Brunetti fez um sinal para Vianello, que desceu e voltou logo depois com pastas de fotografias da polícia, entre as quais estava a de Malfatti.

Gravi pegou a primeira pasta e a abriu na escrivaninha. Examinou as fotografias uma a uma, colocando-as viradas para baixo, numa pilha separada, depois de vê-las. Os dois observaram quando ele acrescentou também a de Malfatti às outras e prosseguiu até chegar ao fim. Ergueu os olhos. “Ele não está aqui, ninguém nem vagamente parecido.”

“Talvez o senhor possa nos dar uma idéia mais clara da sua aparência, *signore*.”

“Eu já disse, *commissario*, um sujeito de terno e gravata. Todos eles”, disse o comerciante, apontando para a pilha de fotografias à sua frente, “bem, todos eles têm cara de bandido.” Vianello olhou rapidamente para Brunetti. Havia três fotos de policiais misturadas com as outras, uma delas de Alvisé. “Eu disse, ele estava de terno”, repetiu Gravi. “Parecia um de nós. Sabe, uma pessoa que trabalha todo dia. Num escritório. E falava como gente educada, não como bandido.”

A ingenuidade política dessa observação levou Brunetti a se perguntar, por um momento, se aquele homem era mesmo italiano. Fez um sinal para Vianello, que pegou a segunda pasta e a entregou a Gravi.

Os dois ficaram observando-o examinar a pilha menor de fotografias. Ao chegar à de Ravanello, parou e olhou para Brunetti. “Este aqui é o banqueiro que foi assassinado ontem, não?”, perguntou, apontando para a foto.

“Foi ele que comprou os sapatos, *signor* Gravi?”

“Não, claro que não”, respondeu o comerciante. “Se fosse, eu teria contado logo que cheguei.” Olhou novamente para a foto, um retrato de estúdio tirado para uma publicação com as fotografias de todos os funcionários do banco. “Não é ele, mas é o mesmo tipo.”

“O mesmo tipo?”

“Sabe, terno e gravata, sapatos lustrosos. Camisa branca limpa, cabelo bem cortado. Um verdadeiro banqueiro.”

Por um instante, Brunetti voltou a ser o menino de sete anos ajoelhado ao lado da mãe ante o altar-mor da Santa Maria Formosa, sua igreja matriz. A mãe olhou para o altar, benzeu-se e disse com voz palpitante de súplica e fé: “Maria, Mãe de Deus, pelo amor do seu Filho que morreu por nós, pecadores, atendei este meu pedido; eu prometo que, enquanto viver, nunca mais vos pedirei uma graça especial numa oração”. Promessa que ele ainda ia ouvir muitas e muitas vezes na infância, pois, como todas as venezianas, a sra. Brunetti sempre confiava na influência dos amigos que ocupavam posições elevadas. Não pela primeira vez na vida, Brunetti lamentou a sua falta de fé, mas nem por isso deixou de rogar que Gravi reconhecesse o homem que comprou os sapatos se o visse.

Voltou-se para o comerciante. “Infelizmente, eu não tenho a fotografia do outro homem que os pode ter comprado, mas, se o senhor me acompanhar, talvez o veja no seu local de trabalho.”

“Quer dizer que eu vou participar literalmente de uma investigação?”, entusiasmou-se Gravi.

“Sim, se o senhor estiver disposto.”

“Claro que estou, *commissario*. Quero ajudá-lo como puder.”

Brunetti se levantou, e o homem saltou da cadeira. A caminho do centro da cidade, Brunetti lhe explicou como agir. Ele não fez perguntas, limitou-se a obedecer: um cidadão exemplar auxiliando a polícia na investigação de um crime gravíssimo.

Quando chegaram ao Campo San Luca, Brunetti apontou para a entrada do prédio do escritório de Santomauro e propôs ao sr. Gravi que fosse tomar um aperitivo no Rosa Salva e aguardasse uns cinco minutos.

A seguir, subiu a escada agora já conhecida e bateu na porta do escritório. “*Avanti!*”, gritou a secretária, e ele entrou.

Quando tirou os olhos do computador e viu quem era, a moça mal resistiu ao impulso de se levantar de um salto. “Desculpe, *signorina*”, sorriu Brunetti, erguendo as duas mãos num gesto de

desarmada inocência. “Eu queria falar com o *avvocato* Santomauro. Assunto oficial da polícia.”

Aparentemente sem ouvi-lo, a moça ficou olhando para ele, boquiaberta de surpresa ou medo: era impossível saber qual sentimento predominava. Muito lentamente, estendeu o braço e apertou um botão na escrivaninha, mantendo o dedo nele e erguendo-se, mas tomando o cuidado de continuar entrincheirada atrás da mesa. E assim ficou, o dedo no botão, calada, olhando fixamente para Brunetti.

Segundos depois, a porta do escritório se abriu e Santomauro saiu. Reparou na secretária, mais silenciosa e imóvel do que a mulher de Ló, então viu Brunetti à porta.

Sua cólera foi imediata e fulminante. “O que o senhor está fazendo aqui? Eu telefonei para o *vice-questore* e o mandei mantê-lo longe de mim. Saia do meu escritório.” Ao ouvir-lhe a voz, a secretária recuou e grudou na parede. “Fora daqui”, repetiu o advogado quase aos berros. “Não vou me sujeitar a esse tipo de perseguição. Vou mandar o senhor...” Interrompeu-se ao ver outro homem entrar no escritório e se colocar atrás de Brunetti, um homem que ele não conhecia, um baixinho com um terno de algodão ordinário.

“Os dois, voltem para a *questura* de onde vieram”, gritou Santomauro.

“O senhor reconhece esse homem, *signor* Gravi?”

“Foi ele que comprou os sapatos.”

Brunetti se voltou e encarou o advogado, do outro lado da sala, que agora parecia ter reconhecido o homenzinho do terno ordinário.

“Que sapatos, *signor* Gravi?”

“Um par de sapatos vermelhos de mulher. Tamanho 41.”

Santomauro ficou transtornado. Brunetti tinha observado muitas vezes esse fenômeno, por isso sabia o que estava acontecendo. A chegada de Gravi, quando o advogado estava convencido de haver superado todos os riscos, já que a polícia não levava em conta as acusações contidas na confissão de Malfatti, foi tão surpreendente, um verdadeiro banho de água fria, que Santomauro não teve tempo nem presença de espírito para inventar uma história capaz de explicar a compra dos sapatos.

Primeiro, gritou com Gravi, expulsando-o do escritório, mas, como o homenzinho insistisse em dizer que o conhecia, que era ele que havia comprado os sapatos, Santomauro chegou a cambalear, esbarrando na mesa da secretária, e escudou o peito com os braços, como se isso o pudesse proteger do olhar silencioso de Brunetti e do ar intrigado dos outros dois.

“É ele mesmo, *commissario*. Eu tenho certeza.”

“E então, *avvocato* Santomauro?”, perguntou Brunetti ao mesmo tempo em que fazia um sinal para calar o comerciante.

“Foi Ravello”, disse o advogado com a voz esganiçada, tensa, quase chorosa. “A idéia foi dele, tudo dele. Os apartamentos, os aluguéis. Ravello teve a idéia. Eu não queria participar, mas ele me ameaçou. Sabia dos garotos. Disse que ia contar à minha mulher e aos meus filhos. E depois Mascari acabou descobrindo o esquema dos aluguéis.”

“Como?”

“Eu não sei. Pelos registros no banco. Alguma coisa no computador. Ravello me contou. Foi ele que teve a idéia de eliminar Mascari.” Nada disso tinha sentido para as outras duas pessoas presentes, mas nenhuma delas se atreveu a falar, fascinadas que estavam com o pavor do advogado.

“Eu não queria fazer nada. Mas Ravello disse que eu não tinha escolha. Era preciso matá-lo.” Foi baixando a voz enquanto falava, e então se calou e olhou para Brunetti.

“O que o senhor teve de fazer, *signor Santomauro*?”

O advogado o encarou, depois balançou a cabeça como que para se livrar do atordoamento de uma forte pancada. Tornou a balançá-la, mas dessa vez num claro gesto negativo. Brunetti também conhecia esses sinais. “O senhor está preso, *signor Santomauro*, pelo assassinato de Leonardo Mascari.”

Ao ouvir esse nome, tanto Gravi quanto a moça olharam para o advogado como se o estivessem vendo pela primeira vez. Brunetti se aproximou da escrivania e, usando o telefone da secretária, ligou para a *questura* e mandou enviarem três homens ao Campo San Luca para deter um suspeito e levá-lo à *questura*.

Brunetti e Vianello passaram duas horas interrogando Santomauro, e a história foi saindo pouco a pouco. Era provável que ele tivesse sido sincero ao dar os detalhes do esquema de explorar os apartamentos da Lega; mas era improvável que o tivesse sido quando atribuiu a autoria da idéia a Ravello. Continuou afirmando que aquilo era obra de Ravello, que este o abordou com todos os pormenores já elaborados, que foi ele quem incluiu Malfatti no esquema. Todas as idéias, aliás, eram de Ravello: o plano inicial, a decisão de liquidar o honrado Mascari, de jogar o carro de Brunetti na *laguna*. Tudo partira de Ravello, tudo era produto de sua ambição devastadora.

E Santomauro? Ele se apresentou como um homem fraco, um prisioneiro dos terríveis desígnios do banqueiro, que tinha o poder de lhe arruinar a reputação, a família, a existência. Reiterou que não havia participado do assassinato de Mascari, não sabia o que ia acontecer na noite fatal no apartamento de Crespo. Quanto aos sapatos, disse primeiro que os havia comprado para usá-los no

carnaval, mas, quando lhe contaram que eles tinham sido identificados como os calçados encontrados no corpo de Mascari, alterou a história: comprara-os por ordem de Ravello, mas não tinha a menor idéia do uso que este pretendia fazer dos sapatos.

Sim, ele recebia uma parte do aluguel dos apartamentos da Lega, mas não porque estivesse interessado no dinheiro; seu único interesse era proteger seu nome. Sim, esteve no apartamento de Crespo na noite do assassinato de Mascari, mas quem o matou foi Malfatti; então ele e Ravello não tiveram escolha senão ajudar a sumir com o cadáver. O plano? Era de Ravello. De Malfatti. Quanto à morte de Crespo, ele não sabia nada e achava que o assassino só podia ser algum cliente perigoso que o rapaz tinha levado ao apartamento.

Insistiu em se apresentar como um homem igual a muitos outros, desencaminhado por suas inclinações libidinosas e depois dominado pelo medo. Quem não sentiria simpatia ou compaixão por uma pessoa assim?

E dessa forma decorreram as duas horas, Santomauro teimando na sua inocente cumplicidade com esses crimes, repetindo que sua única motivação era a preocupação com a família, o desejo de poupá-la da vergonha e do escândalo da sua vida secreta. Enquanto o escutava, Brunetti percebeu que o advogado foi ficando cada vez mais convencido da verdade das próprias palavras. E interrompeu o interrogatório, enojado com aquele homem e com sua atitude.

À noite, Santomauro recebeu a visita do seu advogado e, na manhã seguinte, foi posto em liberdade sob fiança, embora Malfatti, o assassino confesso, tenha ficado na cadeia. Naquele mesmo dia, renunciou à presidência da Lega della Moralità, e os outros membros da diretoria solicitaram uma auditoria completa da sua má gestão e má conduta. As coisas eram assim em certos círculos sociais, pensou Brunetti: sodomia era considerada má conduta; homicídio, má gestão.

Naquela tarde, foi à Via Garibaldi e tocou a campainha da residência de Mascari. A viúva perguntou quem era, e ele se identificou.

O apartamento estava como da outra vez. As venezianas impediam a entrada do sol, mas pareciam prender o calor do lado de dentro. A sra. Mascari parecia mais magra, mais reservada.

“Obrigado por me receber, *signora*”, disse Brunetti ao se sentar de frente para ela. “Eu vim lhe contar que todas as suspeitas lançadas sobre seu marido foram eliminadas. Ele não estava envolvido com nenhum ato ilícito; foi a vítima inocente de um crime asqueroso.”

“Eu sabia disso, *commissario*. Desde o começo.”

“Lamento que tenha sido preciso suspeitar do seu marido, ainda que por um minuto.”

“A culpa não foi sua, *commissario*. E eu nunca tive nenhuma suspeita.”

“Mesmo assim, eu lamento. Mas os responsáveis pela morte dele já foram encontrados.”

“É, eu sei. Li no jornal”, disse ela e, depois de uma pausa, acrescentou: “Mas isso não faz a menor diferença”.

“Eles vão ser punidos, *signora*. Eu prometo.”

“Não adianta. Nem para mim, nem para Leonardo.” Quando Brunetti tentou objetar, ela o interrompeu, dizendo: “*Commissario*, por mais que a imprensa publique o que realmente aconteceu, todo mundo sempre vai se lembrar de Leonardo pela reportagem divulgada quando encontraram seu corpo, ele vestido de mulher e confundido com um travesti. Um prostituto”.

“Mas vai ficar claro que isso não era verdade, *signora*.”

“Quando a lama é jogada, *commissario*, é impossível limpá-la completamente. As pessoas gostam de pensar mal das outras; o pior é que isso as deixa felizes. Daqui a muitos anos, quando ouvirem o nome de Leonardo, vão continuar se lembrando do vestido e tendo os pensamentos imundos que quiserem.”

Brunetti sabia que ela tinha razão. “Eu sinto muito, *signora*.” Não havia mais o que dizer.

A mulher se inclinou e lhe tocou o dorso da mão. “É a natureza humana, *commissario*. Mas eu agradeço sua solidariedade.” Afastou a mão. “Mais alguma coisa?”

Ouvindo essas palavras, Brunetti compreendeu que a conversa estava encerrada e se despediu ali mesmo, deixando a mulher na escuridão do apartamento.

Naquela noite, um temporal desabou na cidade, destelhando casas, derrubando vasos de gerânio e tombando árvores nos parques. Choveu por três horas sem parar, inundando as calhas e arrastando sacos de lixo para os canais. Quando a chuva passou, veio uma súbita friagem, infiltrando-se nos quartos e obrigando quem dormia a se encolher de frio. Brunetti, sozinho, teve de se levantar às quatro da madrugada para ir buscar uma coberta no armário. Dormiu até quase nove horas e, decidindo só ir à *questura* depois do almoço, tratou de ficar na cama mais um pouco. Levantou-se bem depois das dez, fez café e tomou um demorado banho, deliciando-se com a água quente pela primeira vez em meses. Estava no terraço, vestido, o cabelo ainda molhado, com o segundo café na mão, quando ouviu barulho no apartamento. Virando-se, a xícara nos lábios, viu Paola, que acabava de entrar. E, atrás dela, Chiara e Raffaele.

“*Ciao, papà*”, gritou alegremente a menina, correndo ao seu encontro.

“O que aconteceu?”, perguntou ele, abraçando-a, mas sem tirar os olhos da esposa.

Chiara se afastou um pouco e sorriu: “Olhe só a minha cara, *papà*”.

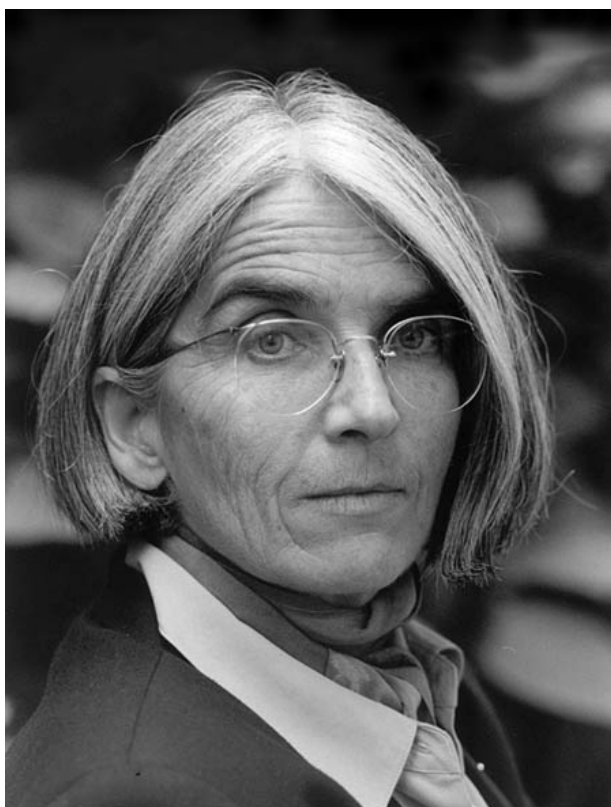
Ele olhou e se convenceu de que nunca tinha visto carinha mais linda. Notou que ela estava bronzeada.

“Oh, *papà*, você não está vendo?”

“Vendo o quê, meu amor?”

“Eu peguei sarampo, e eles nos mandaram embora.”

Ainda que o frio do início do outono continuasse a vigorar na cidade, naquela noite Brunetti não precisou de cobertor.



MIRIAM BERKLEY

DONNA LEON (Nova Jersey, 1942) estabeleceu-se em Veneza em 1981, como professora de literatura inglesa e norte-americana na extensão local da Universidade de Maryland. Dela, a Companhia das Letras publicou *Morte no teatro La Fenice* (2000; prêmio Suntory de melhor romance policial de 1992) e *Morte em terra estrangeira* (2004).

Copyright © 1994 by Donna Leon e 1997 by Diogenes Verlag AG Zürich
Todos os direitos reservados.

Título original:
Dressed for death

Projeto gráfico da capa:
João Baptista da Costa Aguiar

Foto da capa:
Edu Marin Kessedjian

Preparação:
Mariana Varela

Revisão:
Marise Simões Leal
Carmen S. da Costa

ISBN 978-85-438-0013-4

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhidasletras.com.br

Sumário

Capa	
Rosto	
1	
2	
3	
4	
5	
6	
7	
8	
9	
10	
11	
12	
13	
14	
15	
16	
17	
18	
19	
20	
21	
22	
23	
24	
25	
26	
27	
28	
29	
30	
31	
Sobre a autora	
Créditos	